

O

PODER DA VONTADE

OU

CARACTER, COMPORTAMENTO E PERSEVERANÇA.

RIO DE JANEIRO. — TYP. FRANCO-AMERICANA

Rua da Ajuda 18.

O
PODER DA VONTADE

OU

CARACTER, COMPORTAMENTO E PERSEVERANÇA.

POR

A. J FERNANDES DOS REIS



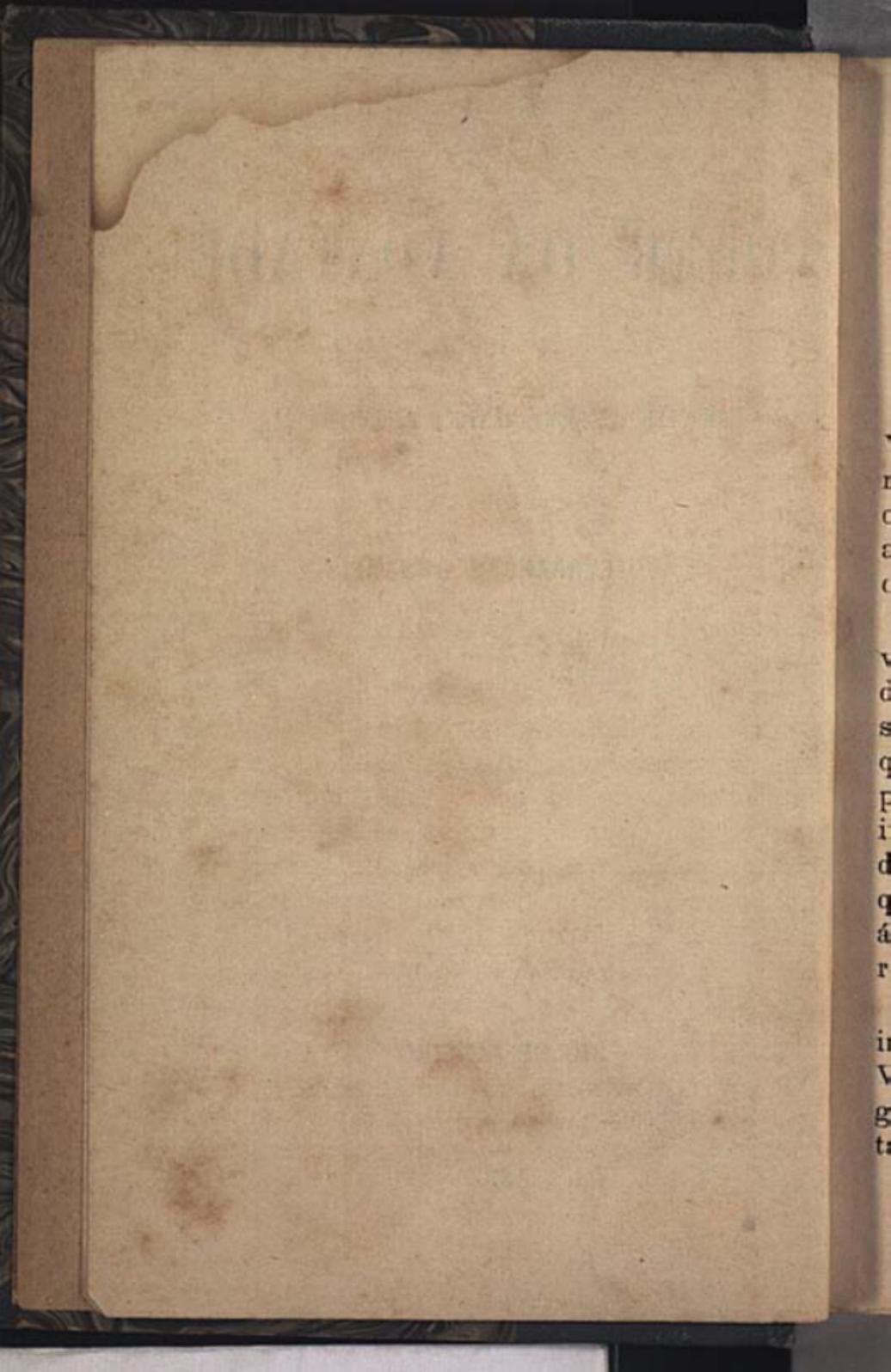
L1140

RIO DE JANEIRO

E. L. GARNIER, LIVREIRO EDITOR

69 — RUA DO OUVIDOR — 69

—
1870



v
r
c
a
c

v
d
s
q
E
i
d
q
á
r

in
V
g
ta

Illm. Sr. B. L. Garnier.

Agradeço-lhe as primeiras folhas impressas que V. S. enviou-me da traducção da obra de Mr. Samuel Smiles, intitulada *Self help*. E' obsequio que devo á sua muita bondade, e que V. S. quiz attribuir o ter-lhe eu suggerido a idéa de publical-a em portuguez.

Poucos livros tenho lido que me causassem tão viva e intima satisfação e cuja vulgarisação tanto desejo. Ao lado da mais sã doutrina faz o autor sobressahir os exemplos illustres de tantos homens que, começando nas mais humildes e obscuras profissões, desajudados da fortuna e lutando com innumeradas contrariedades, elevárão-se pela força da vontade e deverão altas posições sociaes, riqueza e renome unicamente ao amor do trabalho, á coragem e persistencia com que se dedicárão á realisacão de seus planos.

A formaçãõ do caracter individual é ponto tão importante na educaçãõ, que considero prestar V. S. verdadeiro serviço, pondo ao alcance de grande numero de leitores um livro que para elles tanto pôde concorrer, por despertar os mais nobres

estimulos e fortalecer os mais elevados sentimentos do homem.

Sou com devido apreço de V. S. attencioso venerador e criado,

PAULINO JOSÉ SOARES DE SOUZA.

Rio de Janeiro, 29 de Outubro de 1870.

AO LEITOR

A obra que ora publicamos não é traduzida do inglez. Tendo lido a traducção do Snr. Alfredo Talandier, e resolvido fazer verter para o portuguez o original de M. Samuel Smiles, *Self-Help*, dirigimo-nos a este senhor, afim de impetrar d'elle a devida licença. S. S. nos respondeu, accedendo com toda a obsequiosidade ao nosso pedido, mas aconselhou-nos, ou antes nos pediu por seu turno que, para a traducção que iamos emprehender, preferissemos, não o original inglez, mas sim o trabalho do Snr. Talandier. Seguimos de tanta melhor vontade o conselho do digno Snr. Smiles, quanto, comparando o original com a traducção franceza, conforme nos recommendára S. S., reconhecemos conter esta maior somma de exemplos biographicos, do que a obra primitiva: o original é um tanto exclusivo nos exemplos que adduz em apoio de suas valiosissimas maximas; a versão franceza, não só mais comprehensiva, foi outrosim feita segundo um novo plano ministrado pelo proprio autor.

Quanto ao merecimento intrinseco da obra que hoje damos a lume, o publico indubitavelmente o reconhecerá, como nós o reconhecemos, e de

certo confessará que é impossível offerecer-se, não só á mocidade, senão mesmo aos adultos, um livro mais eminentemente moral e moralizador, e no qual se reflectão com maior attractivo as elevadas e puras intenções de um *homem de bem*.

Terminando esta succinta exposição, só nos resta agradecer cordialmente, como aqui agradecemos, ao Illm. Snr. Antonio José Fernandes dos Reis, a boa vontade com que S. S. nos auxiliou na nossa empreza.

O EDITOR.

Rio de Janeiro, 29 de Novembro de 1870.

Amigo Reis

Comecei a tua bella traducção e só a deixei depois de tê-la lido toda. Não ha ali uma só palavra que se deva desperdiçar, um só capitulo, um só trecho que se possa pular ou simplesmente correr com os olhos.

Não ; toda essa obra rescende a tal perfume de honestidade, toda ella contém principios tão valiosos para quem busca nos livros entretenimento util e não esteril passatempo, apresenta uma serie tão completa de exemplos do quanto pôde fazer o homem sob a inspiração de sentimentos nobres e dignos, que quem a lê medita o bem e habilita-se para pratical-o.

Ha uma maxima religiosa do Alcorão que é subliime, porque a um tempo reúne os dois elementos com que Deus proporcionou ao homem meios de elevar-se até Elle : *Quem trabalha, reza.*

Ampliaremos a maxima de Mahomet, incluindo n'esse trabalho, que vale as mais ardentes e puras orações, a leitura de um livro são, recheiado de práticas sinceras e que predispõe a alma para tudo quanto levanta a humanidade acima da contingencia material.

N'este caso está o *Poder da Vontade.*

Entretanto não é necessario o exercicio d'esta preciosa faculdade, que tantos prodigios faz, como bem demonstra o autor, para lêr essa obra e lê-la com attenção.

Na verdade o estylo é tão facil, tão simples, tão despido de pretenciosas sentenças ou de theorias ócas e diffusas, que o leitor sem cansaço percorre todas as gradações que o autor estabeleceu no desenvolvimento de seu precioso thema.

Os factos historicos abundão e, a cada passo, vêm roborar um principio estabelecido e que se quer provar por meio de uma cabal applicação.

D'esta arte a intelligencia recebe proveitosa illustração, ao passo que

o moral vigora-se ante tão variadas e continuas provas de que as idéas grandiosas não devem perecer, ao nascer, porém sim receber de toda a nossa actividade e iniciativa o aperfeiçoamento de que ellas são susceptíveis.

Como dissémos, quem lê esse livro está em vespéras de fazer uma boa acção.

Quem o traduzio e quem o imprimiu já o fez.

O Sr. Garnier assim pensou e pensou bem.

O que direi a teu respeito ?

Que és um homem bom, cultor modesto, mas incansavel e laborioso, das letras, tenaz e abalador nas lides da vida, que mereces da sorte a protecção que não tens tido, que desde muito te inspiras nas verdades d'este livro, que tua traducção está excellente, teu portuguez açacalado e sem eiva ?

Muitos já sabem d'isso; muitos outros sabel-o-hão em parte depois de manusearem o *Poder da Vontade*.

Teu amigo

A. D'E. TAUNAY.

Rio, 28 de setembro de 1870.

de
os
por
vir
um
fur

O
PODER DA VONTADE

OU

CARACTER, COMPORTAMENTO E PERSEVERANÇA.



CAPITULO QUE SERVE DE PREFACIO.

Se bem reflectirmos, reconheceremos que a valia de um Estado provém da valia dos individuos que o compõem.

(JOÃO STEART MILL.)

A vida não é um prazer, nem uma dor, mas um negocio grave de que estamos encarregados e que devemos tratar e terminar de modo honroso para nós.

(ALEIXO DE TOCQUEVILLE.)

I.

Faze da tua parte, que Deos te ajudará é uma maxima de valor provado, a qual encerra em mui limitado quadro os resultados da mais larga experiencia. O espirito de espontaneidade individual é a origem de todo o desenvolvimento normal no individuo, e quando se manifesta em um grande numero de homens, constitue o verdadeiro fundamento da força e da energia nacional. O apoio que

nos vem do exterior é de ordinario tão enervador em seus effeitos, quão invariavelmente fortalecedor é o que nos vem do intimo de nós mesmos. Tudo quanto é feito por outrem em proveito nosso nos exime da necessidade e até nos tira o desejo de o fazermos com esforço nosso proprio; e onde quer que o individuo se achar submettido a um excesso de protecção e de governo, a tendencia inevitavel de um tal systema será para reduzil-o a um estado de fraqueza relativa.

As melhores instituições não garantem ao homem um auxilio effectivo. O mais que podem fazer por elle, é deixar-lhe a liberdade de desenvolver-se e de melhorar a seu modo a sua condição individual. Mas os homens sempre se teem mostrado dispostos a pensar que o seu bemestar e a sua felicidade podem ser mais bem resguardados por instituições, do que pelo seu proprio procedimento; e é assim que elles hão chegado a dar tão exagerada importancia á obra da legislação e a consideral-a como o mais poderoso motor do progresso humano. Todavia o facto de cada um contribuir pela millionesima parte para a consituição da legislatura, elegendo de tres em tres ou de cinco em cinco annos um ou dous deputados, apenas póde exercer, por mui conscienciosamente que este dever seja cumprido, uma influencia insignificante na vida e no character do homem. Além disso, torna-se cada dia mais manifesto que a funcção do governo é antes negativa e restrictiva do que positiva e activa, e que esta funcção se reduz em grande parte a um simples systema de protecção, protecção da vida, da liberdade, da propriedade. Não ha poder legal que possa dar actividade ao preguiçoso, previdencia ao prodigo, sobriedade ao ébrio: só ao proprio individuo incumbe adquirir alguma destas virtudes ou todas ellas a um tempo, e adquiril-as pelo exercicio das faculdades activas e da força de abnegação

cujo livre uso lhe é privativo. Na verdade, toda a experiencia do mundo tende a provar que a valia e a força de um Estado dependem antes do caracter dos individuos que o compõem, do que da forma das suas instituições. Uma nação nada mais é na realidade do que o complexo das condições particulares, e a propria civilização cifra-se em uma questão de melhoramento individual.

II.

O progresso nacional é a somma das actividades, das energias, das virtudes de todos, do mesmo modo que a decadencia nacional é a somma das fraquezas, dos egoismos e dos vicios de todos. Se bem considerarmos, reconheceremos que o que nos temos habituado a denunciar como grandes chagas sociaes nada mais é no maior numero de casos do que um desenvolvimento monstruoso dos vicios de que nós mesmos somos presas, e que em vão tentariamos remover estas excrescencias e extirpal-as por meio da lei, porque ellas reapparecerão sempre, variando de aspecto, e com dobrada exuberancia, enquanto as condições do nosso desenvolvimento pessoal não estiverem radicalmente melhoradas. Se isto é com effeito assim, segue-se que o mais elevado patriotismo e a mais generosa philanthropia não consistem tanto em reformar as leis e em modificar as instituições, como em ajudar os nossos concidadãos a elevarem-se e a aperfeiçoarem-se pela livre e independente acção de sua propria vontade.

O governo de uma nação nada mais é de ordinario do que a imagem e o reflexo dos individuos que a compõem. Todo governo que quizer caminhar tomando a dianteira

ao povo será inevitavelmente forçado a retrogradar; todo governo que pretender deixar-se ficar atraz será inevitavelmente compellido a avançar. Assim como a agua acha o seu nivel, assim tambem qualquer nação achará infallivelmente em suas leis e em seu governo as disposições que convêm ao seu character. Isto está na ordem da natureza. Um povo nobre será sempre nobremente governado; um povo ignorante e corrompido sel-o-ha sempre ignobilmente. A liberdade não é sómente o effeito de um engrandecimento politico; é sobretudo o resultado de um engrandecimento moral, o fructo da energia, da independencia, da liberdade de acção individuaes.

A maneira por que um homem *é governado* póde não ter immensa importancia, ao passo que tudo depende da maneira por que elle se governa a si mesmo. Com effeito, o mais miseravel escravo não é o que se acha sujeito aos caprichos de um despota, comquanto seja isto um grande mal, mas sim o que é dominado pelos seus proprios vicios, pelo seu egoismo, pela sua ignorancia. A emancipação das nações em cujo coração reinar desta sorte a escravidão jamais será o resultado de uma simples mudança de senhores ou de instituições; e emquanto prevalecer a illusão fatal de que a liberdade depende da fórma do governo, estas revoluções, sejam quaes forem os sacrificios com que ellas se effectuem, terão tão pouco valor e produzirão resultados tão pouco duraveis como uma simples mudança de vista em uma fantasmagoria. A liberdade só póde ter solidos alicerces na força dos characteres individuaes; e é tambem nesta força dos characteres que se acha a mais firme garantia da segurança publica e do progresso nacional.

João Stuart Mill pondera, com muita razão, que « o despotismo jamais produzirá seus mais perniciosos effeitos emquanto não conseguir quebrantar a força dos

caracteres individuaes; e que tudo quanto tende ao conculcamento da individualidade é *despotismo*, seja qual fôr o nome com que a cousa se disfarce e a autoridade que ella pretenda fazer prevalecer, a autoridade de Deos ou a dos homens. »

III

Os trabalhos physicos e intellectuaes das gerações successivas fizeram das nações da terra o que ellas hoje são. Trabalhadores pacientes e perseverantes de todas as classes e condições, cultivadores do solo e excavadores de minas, inventores e exploradores, operarios e manufactureiros, artistas e poetas, politicos e philosophos, todos contribuirão para tão transcendente resultado, e, vindo edificar com os seus contemporaneos sobre os trabalhos das gerações precedentes, levárão a construcção geral ao ponto de grandeza em que hoje a vemos. Graças a estas series successivas de nobres trabalhadores, artistas da civilisação, a ordem, com o andar do tempo, sahio do chãos na industria, na sciencia e na arte. A geração actual é a herdeira do grande e formoso dominio creado, por assim dizer, pela habilidade e pela industria de toda a nossa raça; dominio que nos foi deixado para o cultivarmos por nossa vez e transmittil-o aos nossos successores não só intacto, senão tambem melhorado.

Entre os grandes trabalhadores do passado, sempre se ha notado, elevando-se acima das turbas, uma phalange de homens que, incomparavelmente superiores aos mais, merecêrão as justas homenagens do genero humano. Mas os nossos progressos são devidos tambem a uma infinidade de homens que, comquanto menos il-

lustres e conhecidos, talvez não tivessem tido menor merecimento; e cumpre lembrar que, não obstante a historia só consignar os nomes dos generaes que se hão distinguido nas grandes campanhas, nem por isso deixa de ser certo que o valor individual e o heroismo dos simples soldados contribuirão, em grande parte, para a consecução das victorias. Quantos homens não teem existido, cuja vida nunca foi escripta, e que não obstante cooperarão tão efficaçamente para a civilisação e o progresso como os mais afortunados d'entre os grandes personagens cujos nomes hão sido enregistrados pela biographia! Não ha pessoa alguma, por mui humilde que seja, que não exerça influencia actual e duravel no bem estar de seu paiz, uma vez que dê aos seus semelhantes constantes exemplos de assiduidade no trabalho, de temperança, de honradez e de firmeza de proposito; porquanto sua vida e seu character veem finalmente a communicar-se aos mais sem que elles o sintão, e a propagar o bom exemplo em todos os tempos por vir. Reconheça-se, pois, que a energia do individualismo é que produz os mais efficaçes effeitos na vida e nas acções alheias, e que ella constitue realmente, por sua acção, a melhor educação prática. A' vista disto, o que vem a ser o ensino elementar que recebemos nos collegios, nas escolas, nas academias? A educação verdadeiramente importante, verdadeiramente essencial, é a que recebemos em nossos lares, na cidade, nos campos, nas officinas, nas repartições publicas, nos armazens, nos bancos, nas fabricas, e em todos os centros de trabalho onde se agita o formigueiro humano. Esta ultima educação que a sociedade dá aos seus membros, e que consiste em exemplos de acção, de procedimento, de esforço espontaneo, de aperfeiçoamento e de vigilancia de cada um sobre suas proprias acções, em uma palavra, em tudo quanto tende a disciplinar as

mais altas faculdades do homem e a tornal-o apto para o desempenho dos deveres e para o trato dos negocios da vida, é o que Schiller chamava a *educação do genero humano*. Ora, esta educação não é bebida nos livros, e não ha instrucção alguma puramente litteraria que nol-a possa dar. Bacon, com a força de expressão que lhe é peculiar, pondera que « os estudos não ensinão a maneira de nos servirmos do que aprendemos; » que « esta sabedoria está fóra e acima delles, e só póde ser adquirida por meio da observação. » Este juizo se applica igualmente bem á vida pratica e á cultura da propria intelligencia; porquanto a experiencia sempre nos ha-de provar, e provar com milhares de exemplos, que o homem se aperfeiçõa infinitamente mais por meio do trabalho, do que por meio da leitura; e que o que tende perpetuamente a renovar a humanidade é antes a vida do que a litteratura, antes a acção do que o estudo, antes a influencia do character do que a biographia.

IV.

As biographias dos grandes homens, e mais especialmente as dos que se illustrárão pela sua dedicação, são, não obstante, mui instructivas e utilissimas, como annu- cios, guias e incentivos. Entre as melhores, algumas ha que, em relação ás normas de bem viver, de bem pensar, de trabalhar cada um energicamente em seu proprio proveito e em pró dos seus semelhantes, teem quasi tanto valor como os Evangelhos. Os preciosos exemplos que ellas offerecem de caracteres nobres e viris lentamente formados pela efficacia do esforço pessoal, da firmeza de proposito, da assiduidade no trabalho,

da constancia na integridade, ensinão, em uma lingua-gem que não póde deixar de ser comprehendida, tudo quanto é dado a qualquer homem realizar por si mesmo, e fazem eloquentemente evidenciar-se até que ponto o respeito de nós mesmos e a confiança no nosso proprio esforço contribuem, não obstante a humildade da nossa condição, para que nos tornemos capazes de adquirir honrosa abastança e solida reputação.

Os grandes sabios, os grandes litteratos, os grandes artistas, os que se dedicação ao apostolado das mais sublimes verdades e teem toda a sua nobreza na indomavel energia do proprio coração, nunca pertencerão exclusivamente a tal ou tal classe, a tal ou tal degráo da escala social. Sahirão indifferentemente de todas as classes, de todos os postos, da officina e da herdade, da choupana e do castello. Alguns dos maiores apostolos da Divindade surgirão das infimas camadas do povo. Os mais pobres subirão algumas vezes ás mais elevadas posições; e não houve difficuldades, embora invenciveis na apparencia, que pudessem detel-os em sua marcha. Essas mesmas difficuldades, em muitos casos, até parecem ter sido o seu melhor adjutorio; pois que os forçãrão a mostrar de quanto erão capazes em relação ao trabalho e á paciencia, e vivificárão faculdades que, se outras tivessem sido as circumstancias, talvez houvessem permanecido inactivas para sempre. Os exemplos de obstaculos assim superados e de triumphos assim obtidos são tão numerosos que, salvas as naturaes excepções, bem podem justificar este proverbio: *quem porfia tudo alcança.*

V

Muitos dos que mais se distinguirão nas sciencias nascerão em posições sociaes onde ninguem contaria achar uma preeminencia qualquer, e muito menos preeminencia scientifica. E' assim que entre os que dêrão maior impulso á sublime sciencia da astronomia, vemos Copernico, filho de um padeiro polaco; Kepler, filho de um taverneiro allemão, e por sua vez caixeiro de taverna; Alembert, engeitado, encontrado em uma noite de inverno no adro da igreja de S. João (*), em Pariz, e criado pela mulher de um vidreiro; Newton e Laplace, filhos, aquelle, de um modesto proprietario de Grantham em Inglaterra, e este, de um pobre camponez de Beaumont-en-Auge perto de Honfleur. A despeito das circumstancias desfavoraveis com que tiverão de lutar logo ao entrar na vida, estes homens eminentes grangearão, unicamente pelo exercicio das suas faculdades, uma reputação tão solida quão duradoura e que nem todas as riquezas do mundo houverão podido pagar. Talvez mesmo a riqueza lhes tivesse sido mais prejudicial do que a pobreza em cujo seio havião nascido. O pai de Lagrange, outro astronomo e mathematico eminente, era thesoureiro da guerra em Turim. Diversas especulações infelizes o arruinarão, e sua familia achou-se reduzida a uma pobreza relativa. Ora, era justamente a esta circumstancia que Lagrange costumava attribuir não só a sua felicidade, senão tambem a sua reputação. « Se eu tivesse nascido rico » dizia elle, « provavelmente nunca seria mathematico. »

(*) Saint-Jean le Rond.

O abbade de Hautefeuille, outro physico e mathematico distincto, era filho de um padeiro d'Orléans. O pai de Gassendi era um pobre camponez de Champtercier (Baixos-Alpes); e Hauy, o mineralogista, era filho de um tecelão de Saint-Just (Oise). O chimico Vauquelin teve por pai um camponez de Santo André d'Hébertot (Calvados). Se, na escola que frequentou em sua infancia, não se tornava elle notavel pelo luxo do trajo, brilhava ao menos por uma extraordinaria vivacidade de intelligencia; e o mestre que o ensinava a ler e a escrever, elogiava-o a miudo, repetindo: « Trabalha, estuda, rapaz, e um dia andarás tão bem vestido como o thesoureiro da parochia. » Um boticario do campo, vindo visitar a escola, admirou os robustos braços do menino e offereceu-se para o receber como servente no seu laboratorio, proposta esta que Vauquelin aceitou, esperando que seu amo lhe serviria ao mesmo tempo de mestre. Mas o boticario não estava disposto a consentir que Vauquelin consagrasse a menor parte do seu tempo ao estudo; e o rapazinho, afinal desenganado, tomou a resolução de refirar-se. Partio e se encaminhou para Pariz, levando apenas um sacco ás costas e dois escudos na algibeira. Tendo chegado a Pariz, tratou de ver se obtinha emprego em alguma botica, mas todas as suas passadas forão inuteis. Exhausto de fadiga, inquieto e desgostoso, adoeceu, e neste estado, foi levado para o Hôtel-Dieu (*), onde esteve em risco de morrer. Mas *o que tem de ser tem muita força*; e ao misero Vauquelin sorrirão depois dias melhores. Assim que se restabeleceu, tratou elle de buscar emprego, e foi afinal admittido em uma botica. Passado algum tempo, travou conhecimento com o celebre chi-

(*) Grande hospital de Pariz.

nico Fourcroy que, sympathisando extraordinariamente com elle, o tomou para seu secretario; e por morte deste grande philosopho, a qual só teve lugar muitos annos depois, Vauquelin lhe succedeu na cadeira de chimica da faculdade de medicina. Emfim, em 1829, o departamento de Calvados o elegeu deputado, e elle voltou triumphante á aldêa de onde sahira tão pobre e obscuro.

VI.

Bem como o cirurgião inglez João Hunter, os grandes cirurgiões francezes Ambrosio Paré e Dupuytren nascêrão em posições sociaes mui humildes. Na idade de tres annos, Dupuytren foi tomado a seus pais por uma illustre dama que desejava adoptal-o. Mas, apezar da sua grande pobreza, não quizerão elles separar-se do filho, que, por conseguinte, lhes foi restituído. Chegado á adolescencia, Dupuytren, graças aos attractivos de sua pessoa e de suas maneiras, graças á sua obsequiosidade e ao seu bom comportamento, adquiriu numerosos amigos, e um destes teve a bondade de lhe proporcionar os meios de ir a Pariz estudar medicina. Ora, Dupuytren tinha a grande virtude de, concebida uma empreza, trabalhar indefessa e porfiosamente para a levar ao cabo, a despeito de todos os obstaculos que se lhe oppuzessem. Conta-se que na época em que elle estudava no collegio de la Marche, occupava, com um camarada de escola, um quarto cuja mobilia consistia em uma mesa, tres cadeiras, e uma especie de cama em que os dous moços dormião revezando-se. Os recursos de ambos erão tão diminutos, que muitas vezes se virão elles obrigados a passar a pão e

agua. Mas isto não impedia que Dupuytren perseverasse nos seus estudos com a melhor boa vontade, entregando-se sempre ao trabalho desde as quatro horas da madrugada. Nada diremos a respeito do gráo de eminencia a que elle se elevou: ninguem ignora que nos ultimos annos de sua vida todos o reconheciam como o primeiro cirurgião do seu tempo.

VII.

Entre os homens illustres que, por assim dizer, revestirão a pobreza de uma aureola de gloria, podemos citar José Fourier, filho de um alfaiate de Auxerre; Durant, professor de architectura na Escola polytechnica, filho de um sapateiro de Pariz; Conrado Gesner, o naturalista, filho de um cortidor de couros de Zurich. Este ultimo, logo no principio da sua carreira, teve de lutar com todos os obstaculos provenientes da pobreza, da doença, do infortunio domestico; mas nada lhe abateu o animo nem lhe atalhou os progressos. Sua vida foi realmente uma prova da verdade desta maxima que *a quem tem boa vontade, por muito sobrecarregado que se ache de trabalhos, nunca falta o tempo*. Pedro Ramus nos mostra um character da mesma tempera. Filho de uma familia pobre da Picardia, viu-se elle obrigado, na sua infancia, a ser pastor de ovelhas. Mas não achando de modo algum do seu gosto esta occupação, Ramus fugiu para Pariz, onde, depois de haver soffrido muita miseria, conseguiu ser admittido como criado no collegio de Navarra. Este emprego, tão humilde como era, abriu-lhe a senda do saber, e dentro em pouco tempo tornou-se elle um dos homens mais sabios da sua época.

Poderíamos citar um numero infinito de exemplos deste genero. Em todos os ramos da actividade humana, bellas-artes, litteratura, negocios, são elles realmente tão numerosos, que na verdade nos vemos embaraçado com tamanha cópia de riquezas, e até é difficilimo fazer, entre o immenso numero de homens que devêrão a illustração á sua perseverança no trabalho e aos seus pacientes esforços, uma escolha que não exceda os limites de um livro ordinario. Basta, por exemplo, lançar a vista pelo dominio da geographia, para logo notarmos, entre os autores de grandes descobertas, Christovão Colombo, filho de um cardador de lã de Genova; Cook, que foi caixeiro de um mercieiro do York-shire; e Livingstone, que trabalhou em uma fabrica de fiar algodão, perto de Glasgow. Entre os artistas, vemos Claudio, filho de um pasteleiro; Geefs, de um pedreiro; e Leopoldo Roberto, de um relojoeiro; ao passo que, por outro lado, vemos que Inigo Jones foi a principio carpinteiro; Haydn, fabricante de carros; e Daguerre, pintor scenographo do theatro da Opera. Entre os papas, Gregorio VII teve por pai um carpinteiro; Sixto-Quinto, um pastor; e Adriano VI, um pobre canoeiro. Em sua mocidade, Adriano, tão pobre que nem sequer podia comprar uma vela de sebo, costumava estudar as suas lições á luz dos lampeões que alumiavão as ruas e os adros das igrejas, dando assim prova de admiravel paciencia e de incomparavel amor ao trabalho, seguros presagios de sua futura grandeza.

VIII.

A maxima que mostra « a carreira franca aos talentos » teve, durante a revolução franceza de 1792, numerosas e mui notaveis confirmações. Hoche, Humbert, Pichegru, e muitos outros, estreárão na carreira das armas como simples soldados. Humbert, em sua mocidade, tinha sido um rapazinho turbulento, incorrigivel, e aos dezeseis annos fugira da casa paterna. Foi primeiro criado de um negociante em Nancy, depois operario em Lyon, e por fim vendedor de pelles de coelho. Em 1792, alistou-se como voluntario, e ao cabo de um anno era nomeado general de brigada. Kléber, Lefèvre, Suchet, Victor, Lannes, Soult, Masséna, Saint-Cyr, Erlon, Murat, Augereau, Bessières, Ney, sahirão todos das fileiras. A promoção de uns foi rapida, a de outras lenta. Saint-Cyr, filho de um pobre cortidor de couros de Toul, exerceu primeiro a profissão de actor, depois assentou praça em um regimento de caçadores, e foi nesse mesmo anno promovido a capitão. Victor, que mais tarde teve o titulo de duque de Bellune, assentou praça em 1781 no 4º regimento de artilharia. Durante os acontecimentos da Revolução foi licenciado; mas assim que rebentou a guerra assentou praça de novo, e, ao cabo de alguns mezes, graças á sua intrepidez e habilidade, obteve os postos de major-ajudante e de commandante de batalhão. Murat, o *gentil acutilador*, era filho de um estalajadeiro da aldeia do Périgord, e, na sua mocidade, cuidava dos cavallos na estalagem de seu pai. Serviu primeiro em um regimento de caçadores, do qual foi expulso por insubordinação; mas tendo assentado de novo praça, quando começaram as guerras do Revolução, obteve bem depressa o

post
em
de p
mer
ajud
vint
qua
pora
min
que
mer
extr
mei
reir.
ante
no r
pro
ral
pos
tára

S
exe
não
ven
sea
mo
dos
dera
um

posto de coronel. Ney assentou praça aos dezoito annos em um regimento de *hussards*, e, pouco a pouco, subiu de posto em posto. Kléber, que para logo notára o seu merecimento, chamava-o o *infatiguel*, e o promoveu a ajudante-general, não obstante ter elle então apenas vinte e cinco annos. Por outro lado, vemos que Soult quasi nenhuma educação recebeu em sua mocidade, porquanto até teve de aprender a geographia quando foi ministro dos negocios estrangeiros de França. E' verdade que, apenas começou a estudar, este ramo dos conhecimentos humanos tornou-se para elle uma fonte de prazer extremo. Serviu Soult seis annos na infantaria real, primeiro que fosse promovido a sargento. Mas a sua carreira foi rapida se a compararmos com a de Masséna, que antes de ser promovido a sargento, serviu quatorze annos no regimento real-italiano; e, bem que depois subisse, de promoção em promoção, aos postos de coronel, de general de divisão e de marechal, sustentou sempre que o posto de sargento fôra de entre todos o que mais lhe custára a obter.

IX.

Se passarmos a outra ordem de talentos, a poesia, por exemplo, que tambem tem tido entre os filhos do pobre não poucos cultores dedicados e afamados pelo seu éstro, vemos que Marmontel, Metastasio, João Baptista Rousseau, Molière, forão todos de bem humilde origem. No momento em que escrevemos estas linhas, o numero dos poetas pertencentes ás classes laboriosas é tão consideravel, que daria de sobejo para encher as paginas de um volumoso livro. Ao passo que os antigos poetas

francezes erão quasi todos homens illustres pelo nascimento, taes como Henrique IV (autor da poesia *Mimosa Gabriella*); Theobaldo, conde de Champanha; Lusignan, conde de la Marche; Raul, Blondel, e Basselin, cujas canções inspiravão tanta alegria como o succo de suas vinhas (*); alguns dos poetas de nosso tempo são, pelo contrario, homens nascidos em bem humildes condições sociaes: é assim que entre muitos outros, empregados em diversos officios, vemos Hiblay, official de alfaiate, de Pariz; Gonzalle, sapateiro, de Reims; Durand, marceneiro, de Fontainebleau; Marchand, official de uma fabrica de rendas, de Saumur; Voilleau, official de uma fabrica de velas de navio, de Brest; Magu, tecelão; Orit e Lebreton, impressores; Poncy, pedreiro, e Germiguy, tanqueiro. Béranger foi typographo, Reboul padeiro, e Jasmin cabelleireiro. Béranger, tão celebre pelas suas inimitaveis canções, foi educado por seu avô, pobre alfaiate, a cuja memoria pagou elle em termos affectuosos, o devido tributo na canção « O Alfaiate e a Fada. » Béranger não se envergonhava da sua origem; pelo contrario, cantava altivamente: « Sou plebeu e bem plebeu. » Elle poderia dizer como Michelet, que, em sua mocidade, tambem fôra official typographo: « Nasci, como uma herva sem sol, entre duas pedras das calçadas de Pariz. » Béranger amava estremecidamente a liberdade. Filho do povo, escrevia para o povo, e era do intimo do coração que lhe vinhão as idéas. « As minhas canções, » dizia elle, « são eu mesmo; » ou, como o poeta escossez Nicoll costumava dizer dos seus proprios cantos: « E' o meu coração que aqui está. »

Reboul e Jasmin nos offerecem typos igualmente

(*) Basselin possuia extensos vinhedos no valle de Vire, e os seus vinhos erão tão afamados como as suas canções.

notaveis de homens que, com seus bellos e elevados pensamentos, ennobrecêrão a pobreza. « O Anjo e o Menino, » mimosissima poesia que devemos á penna do primeiro, é conhecida em toda a França, e, graças ás traducções que della se fizerão, vulgarizou-se em toda a Europa. Apezar das honras recebidas durante sua vida, Reboul nunca esqueceu nem desprezou a digna posição que occupava como trabalhador, e, consagrando as horas vagas á poesia, continuou a exercer o seu officio de padeiro. Foi a dôr que o fez poeta, — uma grande dôr, causada pela perda de sua mulher e filhos, — e é sem duvida a esta origem que deve ser attribuido o character grave e meditativo de suas poesias.

Pelo contrario, Jasmin, o cabelleireiro poeta d'Agen, parece ser somente inspirado pela alegria do proprio coração e pela necessidade de entoar os seus cantos como os passarinhos. E não obstante, desde a infancia, fôra-lhe a sorte summamente rigorosa. Seu pai era corcunda e sua mãi côxa. Uma de suas mais remotas recordações era a de haver acompanhado o avô, ao ser este levado pelas ruas, já moribundo, na unica poltrona que a familia possuia. « Aonde ides, meu avô ? » perguntou-lhe o menino. « Vou para o hospital, meu filho, » respondeu o velho ; « é lá que morrem os Jasmins. » Com esta recordação e outras não menos tocantes que se prendem aos dias de sua infancia, compoz Jasmin, sob o titulo de *Minhas Recordações*, um bellissimo fragmento de auto-biographia, cujos quadrosinhos são grupados com perfeita arte. Todavia, sempre houve meio de mandar o menino á escola, onde elle deu provas de applicação e ganhou premios. Foi depois posto em casa de um cabelleireiro, e allí, trabalhando de dia para aprender o officio, consagrava as horas vagas á leitura dos poucos livros que conseguia obter por emprestimo. Passados annos, chegou a estabelecer-se

por sua propria conta, e, sem se descuidar das suas occupações de *cabelleireiro dos moços*, deu-se á composição de canções e poesias a que não faltarão editores nem os suffragios do publico. Emfim, os favores da fortuna affluirão em tanta cópia á loja do joven cabelleireiro, que elle pôde quebrar, em um transporte de furor poetico, a poltrona hereditaria em que tantos Jasmins havião sido carregados, quando ião morrer no hospital. Sua mulher oppuzera-se a principio a que elle escrevesse, e até levava a opposição ao ponto de lhe esconder pennas e papel; mas quando vio que es versos se vendião, mudou completamente de opinião, e foi a primeira a lhe offerecer affectuosamente papel e pennas, dizendo-lhe: « Animo, « animo! cada verso é uma telha que preparas para aca-
« barmos de cobrir a casa. » E as cousas com effeito correrão tão bem, que pouco tempo depois Jasmin pôde comprar a casa onde vivia, com telhas e tudo.

XI.

A Inglaterra tambem tem tido seus trabalhadores poetas: Burns, o servente de charrua; Clare, o camponez; Bloomfield, o servente de herdade; Tannahill, o tecelão; Cooper, o sapateiro; e Critchley Prince, o operario de fabrica. Mas acima, muito acima de todos elles, eleva-se Shakespeare, que tambem nasceu em humilde condição social. Seu pai era carniceiro e criador de gado, e o proprio Shakespeare, segundo alguns biographos, foi em sua mocidade cardador de lã; outros dizem que primeiro fôra chefe de escriptorio e depois praticante de tabellião. O que é factó é que Shakespeare parece ter sido não somente um homem, senão tambem um epitome da huma-

nidade. A exactidão do seu vocabulario naval é tal, que um escriptor pertencente á marinha acha impossivel que elle não tivesse sido marinheiro ; ao passo que um ecclesiastico descobre em suas obras provas intrinsecas de elle haver sido sachristão ; e um juiz distincto das boas qualidades e dos defeitos da raça equina sustenta, com igual autoridade, que elle devera ter sido por algum tempo traficante de cavallos. O que é certo, é que Shakespeare, antes de ser actor, exerceu mais de um officio, e adquiriu, no vasto campo de experiencia e de observação que lhe foi assim aberto, incriveis thesouros de saber. De resto, ha um ponto em que todos estão de accordo a seu respeito, e vem a ser que elle estudou com uma força de attenção maravilhosa, e trabalhou com ardor incomparavel.

XII.

Todos estes homens, comquanto sejam mui desiguaes entre si sob o ponto de vista do merecimento e da distincção, offerecem preciosos exemplos de diligencia e industria, e sua vida é da maior utilidade para mostrar o caminho aos que aspirão á preeminencia, seja em que especialidade fôr. Animados de um salutar espirito de iniciativa individual, todos elles, sem excepção, forão infatigaveis trabalhadores ; e, — releva compenetrarmos bem desta verdade, — as distincções verdadeiramente honrosas só se obteem mediante os maiores esforços individuaes : a excellencia não é do dominio da preguiça. E' unicamente pela actividade do cerebro e da mão que augmentaremos os nossos conhecimentos e a nossa sabedoria e veremos os nossos negocios prosperar. Até mesmo

para os que nascêrão no seio da fortuna e das grandezas, não ha reputação solida que possa ser adquirida sem energicos esforços de applicação: os pais podem deixar aos filhos propriedades; mas em caso nenhum lhes poderião legar sciencia e sabedoria.

E' facil ao rico fazer que os mais o dispensem de trabalhar para si, pagando-lhes um preço convencionado; mas é-lhe impossivel fazer que outrem pense por elle: a educação que cada homem deve dar a si mesmo não se vende em nenhum mercado. Na verdade, a doutrina que affirma que ninguem pode tornar-se preeminente, seja no que fôr, sem uma applicação laboriosa, é tão incontrovertida para o rico como para Gifford, por exemplo, que veio a ser redactor em chefe da *Quarterly Review*, tendo tido por unica escola a lojinha de um sapateiro, ou para Hugh Miller, o geologo, que não consta sahisse alguma vez da sua pedreira de Cromarty para ir estudar em collegios.

E' só pelo livre exercicio de suas faculdades que o homem pode adquirir o saber e a experiencia, de cuja união provém a sabedoria; é tão estolido pretender-se obter estes bens sem trabalho nem fadiga, quanto o seria contar com uma colheita onde não se tivesse semeado grão algum. Grosteste, antigo bispo de Lincoln e, no seu tempo, poderoso personagem, tinha um irmão summamente estúpido e indolente; disse-lhe este um dia: « Meu irmão « porque não fazeis de mim um grande homem? » O prelado replicou: « Meu irmão, se o teu arado alguma « vez se quebrar, posso mandar concertal-o, e se perde- « res um dos teus bois, posso comprar outro para o sub- « stituir; mas é-me impossivel fazer de ti um grande ho- « mem: lavrador te achei, e, ainda mal! vejo-me força- « do a deixar-te lavrador. »

Seria maximo absurdo suppôr-se que as riquezas e o bemestar são indispensaveis ao desenvolvimento das

mais elevadas faculdades da natureza humana : se assim fosse, então o mundo não deveria desde as mais remotas épocas tantas obrigações aos que hão sahido das regiões inferiores da sociedade. Uma existencia commoda e sumptuosa prepara mal os homens para as lutas porfiosas com as difficuldades, e deixa adormecida nelles aquella consciencia da propria força, sem a qual a actividade humana acha-se destituida de toda a energia e efficacia. Na verdade, em vez de ser um mal, a pobreza, para quem tem por si a energia da espontaneidade individual, póde vir a ser um grande bem : faz ella o homem reconhecer a necessidade da luta com o mundo, luta em que, a despeito das quédas dos que se aviltão para obter o bemestar, o homem justo e resolutos ganha força, confiança e triumphos. « Os homens » diz Bacon, « parecem avaliar erroneamente tanto as suas riquezas, como as suas proprias forças ; áquellas, dão immensa importancia ; a estas, mui pouco apreço. Entretanto, a confiança em si mesmo e a moderação nos desejos podem habilitar qualquer homem a beber no seu proprio copo, a achar bom seu proprio pão, a considerar-se feliz por ganhar a vida trabalhando, e a fazer o melhor uso possivel dos bens cujo deposito lhe foi confiado. »

XIII.

As riquezas rodeão de tamanhas tentações os homens, todos já mais ou menos propensos a entregarem-se ao bemestar e aos prazeres, que muito maior se torna a gloria dos que, favorecidos ao nascer com os dons da fortuna, nem por isso deixão de tomar parte activa nos trabalhos dos seus contemporaneos, desdenhando os pra-

zezes para levarem uma vida laboriosa. Mais particularmente, porém, devemos admirar aquelles que, inspirados pela fé e só curando do bem do proximo, renunciárão voluntariamente os prazeres, o poder e as honras que lhes competião, e descerão de sua alta posição para se misturarem com a turba e consagrarem-se ao serviço dos pobres e desamparados. Taes forão Francisco Xavier e Francisco de Salles, homens igualmente illustres pelo nascimento, os quaes provárão pela sua vida que ha no mundo cousas mais bellas do que uma posição eminente, e aspirações mais nobres do que a de amontoar riquezas. A carreira cheia de fadigas, de soffrimentos e de todas as privações da pobreza a que Francisco Xavier se dedicou, teve por digno fim o martyrio; mas esse mesmo martyrio, em vez de ser uma desgraça, foi um triumpho esplendido.

Entre os homens que por serem de condição nobre nem por isso deixárão de levar uma vida laboriosa, podemos citar de passagem Fénélon, Châteaubriand, Montaigne e Buffon. Tinha este uma actividade prodigiosa, era um desses homens a quem os Romanos houverão applicado estas palavras, tão frequentemente empregadas pelos seus autores: *incredibile industriâ, diligentia singulari* (*). Considerava elle o tempo como um thesouro limitado que, uma vez perdido, não se póde recuperar, e o economisava tanto quanto lhe era possivel. Sempre que não sentia necessidade de descansar ou de distrahir-se, entregava-se ao trabalho. Apezar da grande illustração que Buffon obteve no estudo da Historia Natural, sabe-se que este portentoso escriptor, em sua mocidade, não se distinguira extraordinariamente pelos seus ta-

(*). De incrível industria, de singular actividade (homem).

lentos. Seu espirito formára-se lentamente e lentamente externava os conhecimentos adquiridos. Era elle tambem — isto parecerá incrível, — constitucionalmente indolente. O habito de deixar-se ficar na cama de manhã o fez perder muito tempo durante a primeira parte de sua vida. Combateu elle energicamente este máo habito, e, ajudado pelo seu criado grave, José, conseguiu corrigir-se. Tendo ordenado a José que sempre o acordasse cedo, prometteu dar-lhe um escudo todas as vezes que elle conseguisse fazel-o levantar-se antes das seis horas. Nos primeiros dias, Buffon recusou levantar-se, protestou que estava doente, fingia irar se contra o famulo audaz que se atrevia a perturbar-lhe o repouso; e o resultado de tudo isto foi que o pobre José, em vez da promettida recompensa, só recebeu reprehensões por ter deixado seu amo ficar na cama, não obstante a ordem expressa que lhe fôra por elle dada. A final, o criado tomou seriamente a resolução de ganhar o escudo promettido, e não poucas vezes forçou Buffon a levantar-se, sem attender ás suas supplicas, aos seus ralhos e ás ameaças de despedil-o. Até uma manhã, tendo-se Buffon mostrado mais obstinado que de ordinario, José, reconhecendo a necessidade de recorrer aos grandes meios, não hesitou em lhe derramar sobre os peitos uma bacia cheia de agua fria. Foi pelo uso prolongado de taes meios que Buffon se vio finalmente livre do seu máo habito; e por isso, muito tempo depois, ainda elle costumava dizer: « Devo a José tres ou quatro tomos da *Historia Natural*. »

Por espaço de quarenta annos, Buffon nunca deixou de trabalhar todas as manhãs desde as nove até as duas horas, e de tarde, desde as cinco até as nove. Sua applicação ao trabalho era tão constante e regular, que se tornou o habito de toda a sua vida.

« O trabalho » diz o seu biographo, « tornara-se uma necessidade para elle; seus estudos erão o deleite de sua vida, e chegado ao termo de sua gloriosa carreira, repetia muitas vezes que contava poder ainda consagrar-lhes tres ou quatro annos. » Trabalhador nimiamente consciencioso, esforçava-se elle sempre por communicar aos leitores os seus melhores pensamentos expressos nos melhores termos. Nunca se causava de polir e repolir as suas composições; de maneira que se pôde dizer que o seu estylo se approxima tanto quanto é possível da perfeição. Escreveu não menos de onze vezes as *Épocas da Natureza*, primeiro que se dêsse por satisfeito; e não obstante, levára quasi cincoenta annos a meditar na composição desta obra. Era outrosim mui entendido nos negocios, amigo da ordem em todas as cousas, e costumava dizer que sem ordem o genio perdê tres quartas partes do seu poder. A grande fama que elle ganhou como escriptor foi principalmente devida á sua laboriosa actividade e constante applicação. « O Sr. de Buffon », diz Mme. Necker, « sempre convencido de que o genio é o fructo de uma profunda attenção concentrada no mesmo objecto, diz que se aborrecia ao compôr os seus primeiros escriptos, quando tinha de fazer esforço sobre si mesmo afim de meditar de novo no mesmo objecto, comquanto acreditasse ter já conseguido uma certa perfeição; mas depois achava prazer nesta longa correcção. »

Cumpre tambem accrescentar que Buffon, ao passo que escrevia e publicava suas importantissimas obras, soffria uma das mais crueis doencas a que pôde estar sujeita a natureza humana.

XIV.

Aleixo de Tocqueville, nobre como Buffon, foi tão illustre como este grande homem, mas por trabalhos de outro genero. Sua origem tinha sido dobradamente conspicua; porquanto seu pai, o conde de Tocqueville, era par de França, e sua mãe, neta de Malesherbes. Desde a sua mocidade, não obstante poder contar com a influencia da posição, da familia, das amizades, determinou-se o joven Tocqueville a *dever sómente a si mesmo os seus augmentos*. Nomeado, aos vinte e um annos de idade, juiz auditor de Versailles, renunciou bem depressa a esperanza de se elevar na magistratura, afim de executar o projecto que concebera de uma viagem aos Estados-Unidos, viagem de que resultou a publicação da sua bella obra sobre *A democracia na America*. Seu amigo Gustavo de Beaumont nos deu uma descripção da sua infatigavel actividade durante essa viagem. « O ocio, » diz elle, « era antipathico á sua natureza; e, quer o seu corpo se achasse em movimento, quer immovel, sua intelligencia estava sempre a trabalhar... Para Aleixo, a conversa mais agradavel nenhum valor tinha se não era util. Os dias aziagos erão os que elle perdia ou havião sido mal empregados. A menor perda de tempo o contrariava. »

O proprio Tocqueville disse: « Este mundo pertence á energia...: não ha época alguma na vida em que nos possamos entregar ao descanso; o esforço no exterior de nós mesmos, e muito mais ainda no interior, é tão necessario e até mesmo muito mais necessario á medida que envelhecemos do que na mocidade. Comparo o homem neste mundo a um viajante que se encaminha

incessantemente para uma região cada vez mais fria, e que se vê obrigado a agitar-se mais e mais á medida que se vai internando. A grande doença da alma é o frio. E para combatermos este mal terrível, devemos entreter o movimento vivo de nosso espirito não só por meio do trabalho, senão também pelo contacto de nossos semelhantes e dos negocios deste mundo. (*) »

Não obstante a sua força de caracter e a sua independencia, o Sr. de Tocqueville sabia reconhecer melhor do que ninguem, o valor do auxilio e da animação que todos os homens recebem uns dos outros. O caracter humano é modificado em sua formação por mil influencias subteis: pelo exemplo e pelos preceitos, pela vida de cada dia e pela litteratura, pelos parentes e pelos amigos, em summa, pelo proprio espirito de nossos maiores que se eternisa na tradição dos altos feitos e das nobres doutrinas que elles nos legarão. Posto que o sabio tenha em si mesmo o seu melhor apoio, deve elle também muito a outros espiritos, a outros mestres, aos vivos e aos mortos. Por isso Tocqueville nunca deixou de se mostrar grato aos seus amigos Kergorlay e Stofells, dos quaes o primeiro, parece, lhe prestára um certo auxilio intellectual, e o segundo, um apoio todo moral e sympathico. Em uma palavra, o caracter de Tocqueville confirma de um modo admiravel esta maxima do poeta inglez Wordsworth: « estas duas cousas, comquanto aparentemente contradictorias, devem andar sempre associadas..., *uma digna dependencia e uma nobre independencia, uma nobre confiança em outrem e uma digna confiança em nós mesmos.* »

Tocqueville confessava também de bom grado o muito

(*) *Obras e correspondencia ineditas de Aleixo de Tocqueville,* por Gustavo de Beaumont.

que contribuíra para o character e a disposição de espirito a que elle devia o haver podido perseverar nos seus estudos, a nobre e para companheira de sua vida, sua esposa Maria, uma destas mulheres de quem se póde dizer, com um autor inglez, que só pelo simples facto de amal-as recebemos uma educação liberal. Ha um proverbio mui commum que diz que « aquelle que quizer prosperar deve primeiro consultar sua mulher ; » e é incontestavel que a influencia que a mulher exerce no aperfeiçoamento moral do homem é infinitamente maior do que a que os proprios homens se mostram dispostos a reconhecer. Com effeito, fôra difficil approximarmos-nos tanto da verdade como Rousseau, quando disse que *os homens serão sempre o que as mulheres quizerem que elles sejam*. « Tenho visto « muitas vezes no correr de meus dias, » diz Tocqueville, « homens fracos mostrarem verdadeiras virtudes publicas, por terem tido felizmente a seu lado uma mulher « que os ajudára a proseguir nesta senda, não por meio « de conselhos sobre taes ou taes actos em particular, « massim exercendo fortalecedora influencia na maneira « por que elles devião considerar em geral o dever ou « mesmo a ambição. Em muito maior numero de casos, « porém, cumpre confessal-o, hei visto homens que a natureza fizera generosos, desinteressados e grandes, mudarem-se, pela perversão de suas proprias faculdades e « por mil influencias domesticas, em uns ambiciosos « fracos, vulgares e egoistas que, nos negocios de se- « paiz, já afinal não querião attender senão aos meios de « tornarem a sua condição particular commoda e folgada. (*) »

(*) *Obras e correspondancia, II, 349.*

XV

Julgamos não dever concluir este capitulo sem darmos succinta noticia de um dos trabalhadores mais conspicuos e conscienciosos que a França tem produzido nos dominios da historia: queremos fallar de Agostinho Thierry, em quem se ostentárão, admiravelmente combinados, os mais raros e sublimes dotes do espirito. Era elle um grande artista, na mais elevada accepção da palavra, e tanto mais sublime artista, quanto possuia em eminente gráo o talento de esconder a sua arte. Eloquente e pittoresco, tornava, por assim dizer, visiveis os priscos vultos da historia, fazia reviver homens e acontecimentos das mais remotas eras. As *Narrativas dos tempos merovingianos* e a *Historia da conquista de Inglaterra pelos Normandos* ficarão sendo eternos monumentos de sua infatigavel actividade e de seu magnifico genio. Sua vida é uma lição não só para os homens de letras, senão para todos os homens, e uma grande, eloquente e tocante lição. Mostranos ella como uma bella intelligencia póde triumphar dos males da vida, quando é fortalecida por nobres designios. O estudo da historia foi a sua paixão, e o prazer que elle achou neste estudo, a sua mais preciosa recompensa. Toda sua vida offerece um admiravel exemplo de perseverança, de actividade, de cultivo do proprio engenho, e de constante dedicação á sciencia. Justamente quando se achava mais atarefado com os seus trabalhos, perdeu elle a vista, e depois a saude; mas nunca perdeu o amor da verdade. Reduzido a tal estado de fraqueza que até era obrigado a andar carregado dentro de casa, qual debil criancinha, nem por isso se lhe afrouxou em caso algum a indefectivel energia; cego, exausto de forças como

se achava, ainda assim concluir a sua carreira litteraria com estas nobres palavras : « Se, como me é grato crel-o, « o interesse da sciencia está comprehendido no numero « dos grandes interesses nacionaes, dei a minha patria « o que lhe dá o soldado mutilado no campo de batalha. « Seja qual fôr o destino dos meus trabalhos, este exem- « plo, eu o espero, não será baldado. Quizera que elle « servisse para combater a especie de prostração moral « que é o mal da geração nova; que podesse chamar ao « caminho direito da vida alguma dessas almas enerva- « das que se queixão de falta de fé, e, sem saberem a que « ater-se, andão buscando em toda a parte, mas sempre « de balde, um objecto de culto e de dedicação. Porque « se ha-de dizer com tanta amargura que, no mundo cons- « tituido como elle é, não ha ar para todos os pulmões, « emprego para todas as intelligencias ? Pois não está « ahi o estudo ? e não ha nelle um refugio, uma espe- « rança, uma carreira ao alcance de cada um de nós ? « Com elle, passamos os dias aziagos sem lhes sentir o « peso ; somos os autores do nosso proprio destino ; gas- « tamos nobremente a vida. Eis o que eu fiz e o que faria « de novo se tivesse de recommear a minha peregrinação ; « seguiria o caminho que me conduziu ao ponto em que « me acho. Cego e soffrendo sem esperança e quasi de « continuo, posso attestal-o, e este testemunho da minha « parte não será suspeito : *ha no mundo uma cousa que « vale muito mais do que os gozos materiaes, muito mais do « que a fortuna, muito mais do que a propria saude, é a de- « dicação á sciencia* (*). »

(*) *Dez annos de estudos historicos* (Prefacio).

nã
lar
nac
jnd
for
cul
fab
livr
este
vita
rest
faz
imp
hun
D
font
dos

CAPITULO SEGUNDO.

FUNDADORES DE INDUSTRIAS.

O trabalho e a sciencia são de ora
em diante os senhores do mundo.

(SALVANDY.)

I

Entre as grandes nações do mundo, nenhuma ha que não deva a sua prosperidade á industria das classes populares; nenhuma ha cujo engrandecimento e força nationaes não hajão sido o resultadado da livre energia dos individuos e do numero de cabeças e de braços que, conforme as épocas, se achárão activamente empregados na cultura do solo, na producção de objectos de utilidade, no fabrico de instrumentos e de machinas, na publicação de livros e de jornaes, na creação de artefactos. Ainda mais, este mesmo espirito de actividade creadora, principio vital da grandeza das nações, é tambem o seu principio restaurador; e é nelle que as nações, quando assim se faz preciso, achão o meio efficaz de reagir contra os erros e imperfeições que são inherentes ás leis e instituições humanas.

Demais, a prática da industria não é somente uma fonte fecunda de prosperidade nacional: é tambem um dos mais poderosos meios de educação. A Providencia

quiz que ella fosse uua das condições indispensaveis da felicidade. *Os deuses*, diz o poeta, *collocarão o trabalho e a fadiga no caminho que vai ter aos campos Elyseos*. O que é certo é que não ha para o homem pão mais saboroso do que o que elle deve ao seu proprio trabalho, physico ou intellectual. E assim tambem é igualmente certo que não ha bem algum, pequeno ou grande, que não se possa obter por meio do trabalho, nem gozo que o trabalho não possa dar. O homem não lhe deve sómente o haver podido livrar-se dos horrores da vida selvagem : deve-lhe todos os progressos, todos os beneficios da civilisação.

Napoleão, — isto é característico, — quando examinava alguma obra prima da arte mechanica, nunca se retirava sem se approximar do autor, mechanicó ou engenheiro, para lhe fazer um respeitoso cumprimento, descobrindo-se. Um dia, em Santa Helena, andando elle a passear com a Sra. Balcombe, alguns criados que ião carregando pesados fardos não se quizerão dar ao incommodo de parar para o deixarem passar; vendo isto, a ama, com tom de enfado, ordenou-lhes que se afastassem do caminho. Mas Napoleão interveio, dizendo : « Respeitai a sua « carga, minha senhora. »

E' certo que, por muito grosseiro que seja, o trabalho do mais humilde operario contribue de um modo ou de outro para o augmento geral do bemestar. E bem digna de louvor é a sabedoria com que aquelle imperador chim dizia que *por cada homem que não trabalhava, e por cada mulher que se entregava á preguiça, havia alguém no imperio que soffria os rigores da fome e do frio*.

O trabalho, nunca nos cansaremos de o repetir, é uma das condições da felicidade. O preguiçoso póde considerá-lo como um castigo ; mas o homem sensato sempre o considerará como uma benção. Na verdade, a lei do trabalho se acha escripta em todas as partes do organismo

do homem, na carne e nos musculos de seus membros, no mechanismo da mão, nas fibras dos nervos, nos lóbos do cerebro; e é á harmoniosa actividade de todas estas partes que elle deve os maiores gozos que é dado ao ente humano fruir. O trabalho é tambem uma excelente escola, eminentemente favoravel á aquisição da sabedoria prática, e até mesmo em uma vida de assiduo labor manual, não impede de maneira alguma o mais alto cultivo intellectual.

Hugh Miller, que foi canteiro em sua mocidade, e escreveu, além de outras obras de geologia, um livro sobre o grés vermelho antigo (*The Old Red Sandstone*), livro que goza de toda a autoridade; Hugh Miller, dizemos, affirma ser resultado positivo de sua propria experiencia a convicção de que o trabalho, por mais ingrato que seja, é uma fonte fecunda de prazer e d'instrucção. Um labor honesto é na sua opinião o melhor dos mestres, e a escola do trabalho a mais nobre das escolas (exceptuada a de Jesus Christo); porquanto é sobretudo n'esta escola que o homem, ao passo que aprende a tornar-se util, adquire o espirito de independencia e o habito dos perseverantes esforços. Miller é até de parecer que a disciplina do trabalho, graças ao exercicio que dá ás faculdades de observação do operario, graças á necessidade em que o constitue de occupar-se quotidianamente em cousas actuaes e práticas, e graças finalmente á experiencia da vida intima que ella obriga o homem a adquirir, torna-o verdadeiramente mais capaz de progredir no mundo, e parece por conseguinte mais propria para fazer d'elle um homem, na accepção mais elevada d'esta palavra, do que todos os systemas de educação que possam ser offerecidos pelas outras condições sociaes.

II.

O grande numero de nomes illustres que já citámos de corrida, nomes de homens sahidos do seio das classes laboriosas e que se tornárão celebres na sciencia, no commercio, na litteratura, nas bellas-artes, em uma palavra nas diversas carreiras abertas á actividade humana, mostra que em todo caso as difficuldades que se encontrão na senda do trabalho e da pobreza não são insuperaveis. Até mesmo em relação ao estabelecimento da maior parte das industrias que são para as nações da Europa a origem de tamanho poder e riqueza, é incontestavel que as devemos a homens da mais humilde classe. Se se abstrahir o que elles fizerão n'este ramo da actividade geral, reconhecer-se-ha que bem pouco devemos ás outras classes. Consultemos, por exemplo, a historia do fabrico da louça na Europa, e veremos que provas admiraveis não nos offerece ella do poder do genio e industria do homem.

Bemque a maior parte das nações antigas houvessem sabido a arte de fabricar toscos vasos de barro, a do fabrico da louça vidrada foi sempre infinitamente menos commum. Comtudo, entre os antigos, os Etruscos cultivárão esta arte, e ainda vemos nos gabinetes de curiosidades amostras notaveis da sua industria. Mas esta arte perdeu-se, e só foi restaurada em uma epoca comparativamente recente.

A louça etrusca teve grande valor entre os antigos: um vaso, no tempo de Augusto, vendia-se a peso de ouro ou de prata. Os Arabes, ao que parece, conservárão o conhecimento d'esta arte; porquanto os Pisanos a achárão em pleno florescimento em Malhorca, quando se apoderárão

d'esta ilha em 1115 ; e entre os despojos que elles colhe-
rão havia um grande numero de productos da arte mou-
risca, os quaes forão incrustados, em signal de triumpho,
nas paredes de muitas das antigas igrejas de Pisa, onde
podem ser vistos ainda hoje. Quasi dous seculos depois,
os proprios Italianos começárão a fabricar uma especie
de imitação d'esta louça esmaltada, a que dérão nome de
Majolica, evidentemente derivado do da ilha onde os
Mouros hayião precedentemente estabelecido a sua ma-
nufactura.

O restaurador ou reinventor da arte de vidrar, na Ita-
lia, foi Luca della Robbia, esculptor florentino. Vasari o
descreve como um homem de infatigavel perseverança,
que manejava o cinzel todo o dia, o lapis a maior parte
da noite, applicando-se ao desenho com tamanho afinco,
que, para preservar os pés do entorpecimento do frio,
quando trabalhava a deshoras, costumava munir-se de
um cesto de trapos, dentro do qual os abafava. Era assim
que elle conseguia conserval-os quentes e podia continuar
o seu trabalho. « Isto, » diz Vasari, « não me admira ;
« porque ninguem consegue distinguir-se em qualquer
« arte, sem se ter com cedo acostumado a supportar o
« calor, o frio, a fome, a sêde e todos os incommodos ; e
« enganão-se muito os que julgão poder alcançar uma
« honrosa distincção, curando ao mesmo tempo dos seus
« commodos e prazeres. Não é dormindo, senão velan-
« do, meditando e trabalhando indefessamente, que se
« obtém a perfeição e a celebridade. »

Todavia Luca, apesar da sua perseverança, não conse-
guiu, como esculptor, ganhar dinheiro bastante para vi-
ver, e eis a razão por que lhe occorreu a idéa de buscar
para os seus trabalhos alguma materia mais commoda e
menos cara que o marmore. Foi elle assim induzido a
se servir do barro e a emprehender uma serie de expe-

riencias afim de descobrir o meio de esmaltar e cozer os seus modelos de maneira que se tornassem duraveis. Depois de muitas tentativas, logrou inventar certa composição chimica que, applicada ao barro e exposta ao calor intenso de um fôrno, se convertia em esmalte quasi indestructivel; e passado algum tempo, completou esta descoberta com a de um methodo de colorir que augmentava infinitamente a belleza do esmalte.

III

A fama dos trabalhos de Luca divulgou-se bem depressa em toda a Europa, e os productos da sua arte fôrão logo procurados, sobretudo pela França e pela Hespanha, para onde se exportárão em grande quantidade. A França só possuia n'essa epoca, em materia de louça, bilhas de barro e panellas de pó de pedra, cujo material e fórma erão igualmente tóscos. E este estado de cousas, que alguns melhoramentos insignificantes não puderão modificar, durou até apparecer um homem que, com um heroismo cuja grandeza reveste de certo attractivo romancesco os acontecimentos de uma existencia aliás infortunada, lutou com difficuldades verdadeiramente prodigiosas, e conseguiu abrir em França nova carreira á arte de fabricar louça: este homem era Bernardo Pallissy.

Nasceu elle, segundo dizem, pela volta do anno de 1510, na Chapelle-Biron, aldeola situada entre o Lot e o Dordonha. Seu pai era sem duvida official de vidreiro, porquanto foi este o officio que Bernardo aprendeu desde criança. Sua familia era muito pobre, tão pobre que até nem pôde mandar dar-lhe a menor educação escolar. « O

unico livro que tive, » diz elle, « foi o céo e a terra, que é dado a todos os homens conhecer e ler. »

Todavia, aprendeu a pintar em vidro, a desenhar, e, posteriormente, a ler e a escrever. Aos dezoito annos, vendo que a fabrica de vidros nada rendia, Palissy, de sacco ás costas, deixou a casa paterna, e começou a viajar, em busca de um lugarzinho ao sol. Dirigiu-se primeiro á Gasconha, exercendo o seu officio quando achava obra, e empregando ás vezes parte dos seus dias em empreitadas de agrimensura. Emcaminhoou-se depois para o norte e residiu por mais ou menos tempo em diversos lugares, ora em França, ora em Flandres, ora na Baixa-Allemanha.

Passarão-se assim dez annos, e por fim Palissy casouse. Abandonando então a vida errante, estabeleceram-se, como pintor em vidro e agrimensor, na cidadezinha de Saintes, hoje cabeça de districto no departamento do Charente-Inferior. Nascerão-lhe alli alguns filhos, e elle viu crescerem a um tempo a sua responsabilidade e as suas despezas, ao passo que, a despeito de todos os esforços, sua renda persistia em não augmentar na mesma proporção. E pois, tinha Palissy grande necessidade de trabalho. Por outro lado, sentia-se provavelmente capaz de cousa melhor do que vegetar em um officio tão mesquinho como era então o de pintor em vidro, e foi sem duvida isto que o determinou a voltar a sua attenção para uma arte semelhante á que elle exercia, a de pintar e esmaltar a louça de barro. Todavia, cumpre confessal-o, grande era a sua ignorancia n'este particular. Palissy, antes de começar as suas experiencias, nunca vira cozer louça. Tinha pois de aprender tudo, e de aprender sem mestre, sem auxilio, sósinho. Verdade seja que elle era dotado de uma perseverança sem limites, avido de saber e sempre fortalecido pela esperanza.

A vista de uma linda taça de louça italiana, mui provavelmente obra de Luca della Robbia, foi o que lhe suggeriu a primeira idéa da nova arte que elle pretendia cultivar. Tão insignificante circumstancia não houvera sem duvida produzido effeito algum em um espirito ordinario, nem mesmo, em qualquer outra occasião, no proprio espirito de Palissy; mas na disposição em que se achava o artista, que pensava justamente em mudar de profissão, a vista d'aquella taça foi como um raio de luz que lhe illuminou a intelligencia e inspirou-lhe o ardente e irresistivel desejo de imitar o objecto de sua enthusiastica admiração. Operou-se para logo completa revolução em sua vida, e desde aquelle dia a resolução de descobrir o esmalte de que a linda taça estava revestida dominou-o como uma paixão. Se fosse solteiro, Palissy teria partido para a Italia, em busca do segredo ambicionado: preso pelos laços da familia, laços tão gratos quão fortes, conservou-se junto de sua mulher e de seus filhos, e resignou-se a buscar ás apalpadellas, no meio das trevas que o rodeavão, o processo de cuja descoberta dependia a satisfação dos seus mais ardentes votos.

A principio, apenas pôde Palissy conjecturar quaes fossem as materias que entravão na composição do esmalte, e teve de fazer uma infinidade de experiencias para se certificar do que ellas erão na realidade. Tendo reunido em casa todas as substancias que julgava poder empregar para obter a mysteriosa composição, comprou algumas panellas de barro ordinario, quebrou-as, e depois de haver untado todos os fragmentos com os diversos emboços que preparára, submetteu-os ao calor de um fôrno, construido por elle mesmo para tal fim. Não foi bem succedido em sua tentativa; e o unico resultado que alcançou consistiu em uma grande quantidade de panellas quebradas, e n'uma perda consideravel de lenha, de substancias chemicas, de tempo e de trabalho.

As mulheres, em geral, não se interessão muito por experiencias em que se consomme inutilmente o dinheiro de que ellas carecem para o sustento e roupa de seus filhos; e a de Palissy, por muito submissa que fosse, só a custo podia se conformar com a idéa de ver seu marido gastar dinheiro com a compra de panellas que parecião unicamente destinadas a serem despedaçadas. Todavia, a pobre mulher teve de resignar-se; porquanto Palissy achava-se sob o imperio de uma resolução de que em balde o tentarião demover, — a de descobrir o segredo do esmalte. Durante mezes, durante annos inteiros, continuou as suas experiencias. Descontente do primeiro fôrno, construiu outro, fóra de casa. N'elle esperdiçou de novo lenha, de novo estragou drogas e panellas, e perdeu tanto tempo e dinheiro, que a final veio a achar-se, juntamente com sua familia, a braços com a miseria. Nos intervallos das suas diversas experiencias, exercia elle, é certo, quando podia, sua primeira profissão: pintava vidros, desenhava retratos, media terras; mas todos estes trabalhos mui pouco lhe rendião. Afinal viu-se reduzido a não poder continuar as experiencias no seu proprio fôrno, em razão do gravissimo sacrificio a que tinha de sujeitar-se para obter a lenha indispensavel. Mas nem por isso cessou de comprar panellas velhas e de quebral-as, como d'antes, em trezentos ou quatrocentos pedaços, aos quaes applicava diversas composições chemicas. Não podendo, porém, cozel-os em casa, tomou a resolução de leval-os a uma fabrica situada a legua e meia de Saintes, afim de alli os cozer em um fôrno ordinario. Teve o cuidado de ir vigiar o resultado da operação, na qual, com grande afflicção sua, foi outra vez mal succedido. Contrariado, mas invencivel, decidiu-se immediatamente a *recomeçar tudo*. Eis, na realidade, a indomita perseverança por que se distinguem os heroes!

N'estes entrementes, alguns trabalhos de agrimensura viérão arrancar-o, durante parte da primavera, á prosecução das suas experiencias. Um edicto de reforma da gabella ordenára que se levantasse a planta das lagôas salgadas dos arredores de Saintes; e Palissy foi incumbido d'esse trabalho. Essa tarefa, pela qual recebeu elle sem duvida bem boa paga, teve-o por algum tempo bastante occupado; mas apenas a concluiu, deu-se pressá em recommear, com maior ardor que nunca, as suas pesquisas para a descoberta da composição do esmalte. Principiou por quebrar tres duzias de panellas de barro novas, cobriu todos os fragmentos com diversas soluções chemicas e os foi cozer em uma fabrica de vidros da vizinhança. O resultado d'esta operação deu-lhe um vislumbre de esperança: o calor mais intenso do fôrno da fabrica derretêra e encorporára ao barro alguns dos emboços. Mas em vão buscou Palissy descobrir o menor indicio de esmalte branco; sua expectativa foi baldada.

Empregou elle mais dous annos em tentamens e pesquisas sem resultado visivel; e, tendo ao cabo d'este tempo gastado tudo quanto ganhára com a planta das lagôas salgadas, ficou de novo reduzido á pobreza. Decidiu-se então a fazer um ultimo e supremo esforço, e começou naturalmente por quebrar mais panellas que nunca. Tendo applicado as suas diversas preparações a uns trezentos pedaços de barro, mandou-os para a fabrica de vidros, onde logo depois elle proprio se apresentou afim de certificar-se do resultado da cozedura. Levou alli quatro horas, sem cessar de vigiar a operação. Por fim abriu-se o fôrno. O emboço se derretêra sobre *um unico* dos trezentos pedaços de barro. Expuzerão-o ao ar para esfriar. Depois de frio e endurecido, tornou-se branco... branco e polido! Aquelle caco de panella estava realmente coberto de um esmalte que Palissy descreve como «singul-

larmente lindo »! E bem lindo lhe devia parecer, com effeito, depois de tão longa e penosa expectativa. Tornou logo para casa o heroico trabalhador, munido do caco esmaltado afim de o mostrar a sua mulher, sentindo-se, como elle mesmo diz, « um novo homem ». Suas angustias, porém, ainda não haviam findado; porquanto o bom exito parcial do que se lhe afigurava ser um ultimo esforço só deu em resultado, pelo menos logo em seguida, de terminal-o a emprehender novas experiencias, que forão todas mal succedidas.

Resolvido a applicar-se livre e secretamente ao aperfeiçoamento da sua invenção, Palissy, que já julgava dever chegar mui breve a um resultado pratico, determinou-se a construir exclusivamente para si, perto de casa, um forno de cozer vidro; e, com as suas proprias mãos, deu logo principio á obra. Ia em pessoa á olaria buscar os tijolos de que precisava, dispunha-os convenientemente na construcção; em summa, trabalhava a um tempo como pedreiro, como servente, e tudo mais. Ao cabo de sete ou oito mezes passados d'esta maneira, achou-se o forno construido e prompto para receber a louça que Palissy havia preparado; porquanto, ao passo que trabalhava como pedreiro, moldára elle um certo numero de vasos de pó de pedra, aos quaes só faltava o esmalte. Depois de uma ligeira cozedura preparatoria, applicou-lhes a composição que havia inventado e os introduzio de novo no forno para submettel-os á grande e definitiva prova. N'aquelles ultimos tempos, não obstante acharem-se quasi completamente exhaustos os seus recursos, não se descuidára elle de amontoar em casa uma consideravel porção de lenha; e pois, acreditava tel-a em quantidade sufficiente para o supremo esforço que ia tentar.

Acceso, portanto, o fogo, começou a operação. Palissy

vigiava attentamente o fôrno. Passou-se assim todo o dia, depois toda a noite: Palissy continuava a vigiar a operação e a alimentar o fogo. Todavia o esmalte não se derretia. O sol veio allumiá-lo segunda vez o trabalho do porfioso artista; sua mulher trouxe-lhe a parte que lhe tocava do parco almoço da familia, — nada seria capaz de fazel-o arredar-se de junto do fôrno, no qual não cessava de metter lenha de espaço a espaço, — mas passou-se o segundo dia sem se ter derretido o esmalte. Recolheu-se o sol; Palissy, porém, nem pensou em se ir deitar. Pallido, atordoado, com a barba crescida, desesperado, mas sem se dar por vencido, conservava-se junto do fôrno, esperando a todo o instante ver derreter-se o esmalte. Passou-se o terceiro dia e a terceira noite, e o quarto, e o quinto, e o sexto... sim, durante seis longos dias e seis mortaes noites o invencível Palissy, a despeito da perda de todas as suas esperanças, velou e trabalhou... mas o esmalte não se derreteu.

Occorreu-lhe então que o mallôgro dos seus esforços talvez fosse devido á má qualidade das materias empregadas; que provavelmente a mistura não fôra completa; e eil-o de novo a triturar e a misturar materias frescas, no intuito de fazer outra experiencia. Passarão-se assim mais duas ou tres semanas; mas onde iria elle buscar o dinheiro preciso para a compra das panellas a que devia ser applicado o novo esmalte? Os vasos que Palissy preparára e empregára na precedente experiencia, tinham ficado tão completamente estragados com a longa cozedura, que já não servião para nada. Erão precisos outros; e Palissy não tinha dinheiro. Restava-lhe um meio: obter um emprestimo. Posto que sua mulher e os vizinhos o accusassem de desperdiçar loucamente os seus recursos em experiencias futeis, gozava elle de boa reputação. Achou pois facilmente

quem lhe emprestasse a somma de que carecia para a compra de panellas e de lenha, e tudo ficou bem depressa prompto para uma nova tentativa. Revestidas préviamente do emboço, forão as panellas mettidas no fôrno com todo o cuidado, e accendeu-se mais uma vez o fogo.

Esta tentativa era decididamente a ultima: era a tentativa do desespero. Palissy atulhou pois de lenha o fôrno; mas, a despeito do intensissimo calôr, o esmalte não se derreteu. A lenha já se ia acabando. Como havia de entreter-se até ao fim aquelle fogo infernal? Palissy olha em redor de si, e seus olhos fitão-se na cerca da horta, lenha secca, e que arderia admiravelmente. O que era um tal sacrificio em comparação da grande experiencia cujo bom exito dependia talvez d'aquella porção de taboas velhas? Eil-as, pois, arrancadas e mettidas no fogo. Baldado sacrificio! O esmalte não se derrete ainda. Talvez seja preciso conserval-o exposto ao mesmo gráo de calôr por mais dez minutos! Mas é forçoso que haja lenha, ainda mais lenha, lenha a todo custo! Palissy se decide a queimar os seus trastes..... sim, antes queimal-os, do que ver falhar aquella ultima experiencia! Ouve-se uma bulha horrivel dentro de casa, e, ao som dos gritos da familia, a qual, desta vez, receia que o seu chefe haja effectivamente endoudecido, chega elle carregado de pedaços de cadeiras e de mezas, que mette dentro do fôrno. O esmalte, porém, ainda não se derrete. Só restão as taboas do soalho. Pois vão tambem para o fogo! Ouve-se de novo dentro de casa bulha de martelladas, de taboas que se despedação, e logo depois começão ellas a ser consummadas pelo fogo, como já o havião sido os trastes. A mulher e os filhos sahem então precipitadamente para a rua, e, desesperados, vão gritando por toda a cidade que o pobre Palissy en-

doudeceu e está queimando casa para cozer a sua louça.

Entretanto Palissy, que havia um mez não mudára de roupa, estava absolutamente exausto de forças pela fadiga, pela anciedade, pelos jejuns e as vigílias. Endividado de mais a mais, não era natural acreditar-se que elle havia descido ao ultimo gráo da ruina? Pois bem, dava-se justamente o contrario: o segredo fôra descoberto; a ultima exalação de calôr fizera derreter-se o esmalte. As toscas panellas de pó de pedra, tiradas do fôrno e postas a esfriar, se mudarão em linda louça branca. D'alli em diante Palissy podia soffrer pacientemente toda a sorte de exprobrações, de insultos e desdens. O homem de genio, graças á tenacidade da sua inspiração, ganhára a victoria; arrancára á natureza um de seus segredos, e afinal tornara-se-lhe licito esperar que dias melhores lhe proporcionassem a occasião de tirar proveito da sua descoberta.

A primeira conisa que Palissy fez, depois do acontecimento que acabamos de referir, foi contratar um official louceiro, a quem deu os modelos dos trabalhos em que se devia empregar, ao passo que elle proprio fazia medalhões de barro para serem opportunamente vendidos. Mas como havia de viver, como viveria sua familia, enquanto a louça não se achasse em estado de ser vendida? Felizmente, havia ainda em Saintes um homem que cria na honradez, senão no bom senso de Palissy. Este homem, que era estalajadeiro, se obrigou a alojar e a dar comida a Palissy durante os seis mezes necessarios para a conclusão dos trabalhos começados. Mas o official de oleiro quereria continuar a trabalhar? pois Palissy não levára muito a reconhecer a impossibilidade em que estava de lhe pagar o salario ajustado. Tendo já despido a casa, só restava a Palissy despir-se

por seu turno, e foi o que elle fez. Graças a alguma roupa que deu ao official, continuou este a prestar-lhe de boamente os seus serviços.

Palissy construiu então um fôrno aperfeiçoado; mas teve a infelicidade de empregar em parte da construcção pedra siliciosa, a qual, quando o calor chegou a certo gráo de intensidade, estalou e partiu-se toda, cobrindo de fragmentozinhos de silex a louça que estava a cozer dentro do fôrno. Todavia o esmalte formou-se perfeitamente; mas Palissy nem por isso deixou de ficar com uma fornada totalmente estragada e com seis mezes de trabalho perdidos. E' certo que não faltaria quem lhe comprasse a louça assim mesmo defeituosa como estava; mas elle não a quiz vender, porquanto teve o bom senso de reconhecer que, expondo á venda por preço modico productos imperfeitos, se « desacreditaria e comprometteria sua honra. » Quebrou pois em mil pedaços toda a fornada. Com esta nova contrariedade, ficou elle muito desanimado e em risco de succumbir á melancolia e ao desespero. A familia exprobrava-lhe sua negligencia, e os vizinhos censuravão acerbamente sua louca obstinação. Elle, porém, estafado, magro como um esqueleto, e coberto apenas de andrajos, ainda não havia perdido de todo a esperança. Todavia teve de interromper por algum tempo as suas experiencias, e, para ganhar o pão de seus filhos, recomeçou a exercer sua antiga profissão.

Depois de ter trabalhado assiduamente durante um anno, no intuito de melhorar o estado da familia e de restaurar o seu credito e a sua reputação entre os vizinhos, voltou á sua empresa predilecta. Havia elle na verdade triumphado das maiores contrariedades e exaurido o vaso das mais crueis mortificações; mas, não obstante ter já passado oito annos de sua vida a lutar com as difficuldades que de continuo se lhe suscitavão, só ao cabo de

outros oito annos de porfioso trabalho conseguiu aperfeiçoar a sua invenção! Graças a repetidas e bem estudadas experiencias, Palissy pôde trabalhar afinal com dextreza e confiança em si mesmo; e os seus conhecimentos práticos só forão devidos aos seus numerosos mallôgros. Com effeito, cada nova decepção lhe ensinava alguma cousa acerca da natureza dos esmaltes, da malleabilidade das terras e da arte de aquecer os fórnos. Emfim, ao cabo de quasi dezeseis annos, durante os quaes teve de adquirir successivamente todos os conhecimentos da sua nova arte á custa de seus proprios esforços, Palissy achou-se sufficientemente habilitado para se declarar fabricante de louça; e, começando desde então a vendel-a sem escrupulo, viu finalmente sua famillia viver na abastança. Pela sua parte, porém, nunca quiz descançar, nunca pôde crer que já havia trabalhado bastante. Caminhou, passo a passo, de progresso em progresso, tendo sempre em vista a maior perfeição possível. Buscou os seus modelos na natureza, e os imitou com tanta perfeição, que Buffon, fallando a respeito d'elle, diz que *só a natureza podia produzir tão notavel artista.*

Sua louça de ornato merece hoje tanto apreço como as mais preciosas obras de arte e vende se por preços fabulosos (*). Notão-se na maior parte d'esses artefactos representações ao natural, e maravilhosamente exactas, de animaes agrestes, de lagartos e de plantas que o artista estudára nos campos em redor de Saintes, e empregára com extremo bom gosto, como enfeites, na feitura dos seus pratos e vasos. Quando Palissy adquiriu finalmente a certeza de

(*) Em uma venda de objectos curiosos que ha annos teve lugar em Londres, um prato de Palissy, de doze pollegadas de diametro, com um lagarto no centro, obteve 4,050 francos, ou 1:620\$ (calculando o franco a 400 reis, moeda brasileira.)

haver attingido a perfeição em sua arte, intitulou-se *Fabricante de Louça e Inventor das Rusticas Figulinas*. Sua obra estava acabada; a invenção do esmalte nada mais deixava a desejar; o sublime *fabricante de louça*, depois de vinte annos de inspirado labor, enriquecera a industria franceza com uma arte tão preciosa, quão nova.

Aqui concluiríamos, se não nos restasse dizer algumas palavras a respeito dos novos martyrios que Palissy teve de soffrer. Professando em materia de religião opiniões contrarias ás da maioria, e exprimindo-as sem reboço, foi elle em breve considerado como inimigo da religião, da familia e da propriedade. N'aquelle seculo de violencia e intolerancia, a liberdade de opiniões era desconhecida. Palissy foi denunciado, e os agentes da justiça lhe invadirão a casa e entregárão sua fabrica á discricão da turba ignorante e fanatica que despedaçou e roubou os seus preciosos productos, ao passo que o proprio artista era preso e levado para Bordeaux, onde foi lançado em uma prisão, afim de esperar que chegasse a sua vez de subir á fogueira ou ao cadafalso.

Felizmente, um poderoso senhor, o condestavel de Montmorency, interveio para lhe salvar a vida. Não foi, porém, por sympathisar com as opiniões de Palissy, senão por ser admirador da louça que elle fabricava. Com effeito, Palissy era o unico artista que podia preparar os tijólos vidrados com que o condestavel queria ladrilhar as salas do magnifico castello que então estava construindo em Écouen. Esta consideração foi na realidade a unica que o determinou a interessar-se pelo misero preso. Servindo-se efficaamente da sua influencia, obteve elle um decreto, em virtude do qual Palissy foi nomeado, na qualidade de *Inventor das Rusticas Figulinas*, empregado da casa real e da do proprio condestavel. Este decreto teve por effeito immediato isentar o artista da jurisdicção

do parlamento de Bordeaux. Foi elle por conseguinte posto em liberdade, e voltou a Saintes, onde só achou um lar deserto e devastado, sua officina destelhada e sua fabrica arruinada. Sacudindo então dos pés a poeira de Saintes, sahiu para todo sempre d'essa cidade. Tomou logo o caminho de Pariz, onde devia executar os trabalhos que a rainha-mãe e o condestavel lhe havião encommendado, e, durante todo o tempo que consagrou a esses trabalhos, esteve alojado nas Tulherias.

Palissy não se limitou a proseguir no fabrico da louça, ajudado por seus dous filhos: escreveu tambem e publicou, nos ultimos annos de sua vida, diversas obras sobre a arte de que fôra inventor, obras destinadas a instruir os seus compatriotas e a premunil-os contra os erros de que elle proprio não se pulera eximir. Escreveu igualmente sobre agricultura, sobre fortificações, sobre historia natural, e até fez algumas prelecções sobre este ultimo assumpto, perante um escolhido auditorio. Mas a guerra sem treguas que elle declarara aos adeptos da astrologia, da alchimia, da feiticaria e de outros embustes, suscitou-lhe numerosos inimigos, que de novo o denunciãrão como herege. Foi o triste outra vez preso, e esteve cinco annos encarcerado na Bastilha, onde morreu, em 1589, aos oitenta annos de idade. Eis o fim e a recompensa que teve o misero *Fabricante de louça vidrada e inventor das Rusticas Figulinas*.

IV.

A descoberta da porcellana forte, cuja importancia industrial, pelo valor dos productos e numero dos respectivos operarios, foi muito maior para a França do que a da louça vidrada commum, teve por autor um Allemão,

chamado Böttgher, cuja tragica historia parece um capitulo de novella. Nasceu elle em 1685, em Schleiz, no Voightland, e, aos doze annos de idade, entrou para uma botica de Berlim, na qualidade de aprendiz. Parece que Böttgher, desde a infancia, mostrou extraordinario gosto pela chimica e que empregava grande parte das suas horas vagas em experiencias, as quaes, quasi todas, tendião a um unico fim, — a arte de converter os metaes communs em ouro. Ao cabo de alguns annos, o joven aprendiz de boticario affirmou achar-se no caso de fazer ouro nas quantidades que bem quizesse, porquanto descobrira o fluido ou a tintura que os alchimistas, a despeito de tantos e tão perseverantes esforços, nunca havião logrado inventar. Chegou até a exhibir, na presença de seu amo, pharmaceutico Zörn, o seu supposto poder e, empregando uma habil fraude, conseguiu fazel-o crer, juntamente com muitas outras testemunhas, que elle mudára realmente um pedaço de cobre em ouro.

Divulgou-se logo a noticia da descoberta do *grande segredo* pelo aprendiz de boticario, e bem depressa entrárão a affluir ao laboratorio chusmas e chusmas de curiosos que querião contemplar, ainda que fosse uma unica vez, o joven e prodigioso *cozinheiro de ouro!* O proprio Frederico I manifestou o desejo de vê-lo e de lhe fallar; e, tendo-lhe Böttgher offerecido um pedacinho de ouro que, segundo elle asseverava, fôra feito de cobre, o rei ficou tão encantado com a idéa de ver os seus cofres cheios do precioso metal, de que a Prussia sentia então extraordinaria falta, que resolveu utilizar-se exclusivamente dos serviços de Böttgher, empregando-o na fabricação do ouro. Para maior segurança, teve o cuidado de o mandar trabalhar dentro da fortaleza de Spandau. O joven boticario, porém, fugiu a toda a pressa e logrou transpôr a fronteira da Saxonia.

Em vão prometteu o rei uma recompensa de mil *thalers* a quem o captarasse. Böttgher chegou a Wittenberg e buscou logo a protecção do eleitor da Saxonia, Frederico Augusto I. rei da Polonia, cognominado o *Forte*. Frederico, que achava-se, n'aquella época, tão necessitado de dinheiro como o rei da Prussia, ficou encantado com a perspectiva de obtel-o, à discrição, por intermedio do joven alchimista. Chamou-o pois secretamente a Dresda, e elle para alli seguiu no meio de uma escolta de soldados do seu regio protector.

Mal acabava Böttgher de sahir de Wittenberg, quando um batalhão prussiano se apresentou nas portas da cidade, exigindo a sua extradição. Mas era tarde: Böttgher já estava em Dresda, hospedado na *Casa Dourada*, onde era tratado com as maiores atenções, bemque rigorosamente guardado e vigiado.

O Eelitor, obrigado a partir para o seu reino da Polonia, que então se achava em estado de profunda perturbação, teve de deixar Böttgher trabalhar sosinho por algum tempo. Mas tamanha era a sua impaciencia de obter ouro, que escreveu a Böttgher, de Varsovia, instando com elle para que lhe revelasse o segredo, afim de sua real pessoa poder tambem applicar-se á arte da transmutação dos metaes. O joven *cozinheiro de ouro*, para se livrar da entalação, mandou a Frederico um frasquinho contendo certo liquido avermelhado que, dizia elle, derramado sobre qualquer metal em fusão, mudava-o em ouro. O precioso frasquinho foi confiado ao principe Fürst von Fürstenburg, e este deu-se pressa em partir para Varsovia, escoltado por um regimento da guarda real. Assim que elle alli chegou, decidiu-se que a experiencia seria feita immediatamente. O rei e o principe encerrárão-se em uma camara secreta do palacio, revestirão-se do avental de couro, e, como verdadei-

ros *cozinheiros de ouro*, puzerão-se a trabalhar. Fundirão cobre em um cadinho e derramarão sobre o metal em ebulição o liquido de Böttgher; mas o resultado da experiencia não correspondeu de maneira alguma á sua expectativa por mais que elles fizessem, o cobre obstinava em ficar sendo o que era. Todavia, relendo as instrucções do alchimista, viu o rei que era indispensavel condição de bom exito achar-se o experimentador em *estado de graça*, quando se servisse do liquido; e como Sua Magestade tinha consciencia de haver passado a tarde em pessima companhia, attribuiu a esta causa o máo resultado da operação. Mas a segunda tentativa foi tão mal succedida como a primeira, e o rei ficou então furiosissimo; porquanto confessara-se e recebera a absolvição antes de começar aquella segunda experiencia.

Frederico Augusto, não sabendo como livrar-se dos apuros pecuniarios que o urgião por todos os lados, resolveu empregar a força, afim de arrancar a Böttgher o seu segredo. Informado das intenções do rei, o alchimista tratou logo de fugir, para se forrar ao perigo imminente. Tendo logrado frustrar a vigilancia dos seus guardas, sahiu de Dresda, e, ao cabo de alguns dias de marcha, chegou a Ens, na Austria, onde lhe pareceu se acharia em segurança. Mas os agentes do Eleitor da Saxonia o procuravão por toda a parte. Tendo descoberto que elle estava alojado na hospedaria do *Veado de Ouro*, em Ens, cercárão e invadirão de noite a casa, arrancárão Böttgher da cama, e, a despeito da sua resistencia e dos gritos com que invocava a protecção das autoridades austriacas, levarão-o á força para Dresda. Esteve alli algum tempo, vigiado com dobrado rigor, e depois foi transferido para a fortaleza de Königstein, onde lhe fizerão saber que os cofres do rei estavam vazios; que Sua Magestade contava com o ouro que elle

devia fabricar, para pagar o soldo atrazado de dez regimentos de Polacos, já dispostos a debandarem-se; e accrescentarão que Böttgher seria *enforcado*, se não puzesse immediatamente mãos á obra.

Passarão-se annos sem se ter conseguido produzir a menor parcella de ouro. Todavia Böttgher não foi enforcado. Estava elle destinado a ser o inventor de uma arte muito mais importante do que a da transmutação do cobre em ouro: a da transformação da argila em porcellana. Algumas raras amostras deste producto industrial havião sido trazidas da China pelos Portuguezes, e erão vendidas por preços equivalentes, e até ás vezes superiores, ao seu peso em ouro. A attenção de Böttgher foi chamada para este objecto por Walter von Tschirnhaus, fabricante de instrumentos de optica, e alchimista como elle. Tschirnhaus era um homem bem educado e distincto, e gozava da estima do principe de Fürstenburg e do Eleitor. Disse elle com muita razão a Böttgher, que ainda não havia perdido o medo de ser enforcado: « Se não podeis fazer ouro, tentai fazer outra cousa, louça, por exemplo. »

O alchimista cedeu de bom grado a este conselho: começou immediatamente a fazer experiencias, e com tal ardor, que n'ellas empregava noites e dias inteiros. Não obstante esta extraordinaria applicação ao trabalho, suas investigações, por muito tempo, só forão coroadas de mediocres resultados. Todavia, ao cabo de longos e porfiosos esforços, uma certa argila vermelha, que elle costumava empregar nos seus cadinhos, attrahio a sua attenção e lhe mostrou a verdadeira senda a trilhar. Notou Böttgher que aquella argila, submettida a uma alta temperatura, vitrificava-se e conservava a fórma que se lhe havia dado, e que, á excepção da côr e da opacidade, a contextura dos seus granulos assemelhava-

se á da porcellana. Com effeito, havia elle descoberto por acaso a porcellana vermelha, e logo começou a fabrical-a e a vendel-a como verdadeira porcellana.

Böttgher, porém, não ignorava que a côr branca era uma propriedade essencial da verdadeira porcellana, e continuou as suas experiencias, com a esperança de descobrir afinal o desejado segredo. Todavia, passados alguns annos, durante os quaes viu elle constantemente baldados os seus esforços, veio o acaso de novo auxiliá-lo á medida dos seus desejos, fazendo-o descobrir o segredo da porcellana branca. Um dia, era em 1707, Böttgher, achando a sua cabelleira mais pezada que de ordinario, perguntou ao criado qual era a razão daquelle singular phenomeno. Respondeu-lhe o criado que aquillo era devido aos pós com que fôra apolvilhada a cabelleira, e que não erão outra cousa mais do que uma especie de terra que muitas pessoas empregavão então como polvilho. A viva imaginação de Böttgher excitou-se, logo que elle ouviu a explicação daquelle facto: « Quem sabe, disse comsigo mesmo, se esta terra tão fina e branca não é a mesma que busco? Em todo o caso, vale bem a pena averiguar o que devo pensar a este respeito; » e poz mãos á obra. Sua vigilancia e seus trabalhos forão bem recompensados; porquanto, tendo elle feito as necessarias experiencias, descobrio que o principal ingrediente daquelles pós era o kaolim ou terra de porcellana, cuja ausencia em todos os anteriores tentamens fôra a causa insuperavel de tão repetidos mallôgros.

Esta descoberta, nas mãos de um homem tão intelligente como Böttgher, não podia deixar de ir aperfeiçoando-se cada vez mais, e com o andar do tempo reconheceu-se ser ella infinitamente mais preciosa do que o houvera sido a da *pedra philosophal*. No mez de outubro de 1707, apresentou o inventor a primeira amostra da sua porcel-

lana ao soberano, e este a achou tão boa, que logo se decidiu a proporcionar o Böttgher os meios de aperfeiçoar a sua invenção. Tendo mandado vir de Delft um perito louceiro, começou Böttgher a fabricar porcellana, e sempre com feliz exito. D'aquella epoca em diante, abandonou elle definitivamente a alchimia, e, para perpetuar a memoria de tão grato acontecimento, escreveu na sua porta o disticho seguinte:

*Deos todo poderoso, artifice sublime,
D'un ruim fazedor de ouro fez um optimo louceiro (*)*

Todavia, Böttgher continuava a estar sob a vigilancia da policia do Eleitor, o qual receiva que elle fugisse e fosse divulgar nos outros paizes o seu segredo. As novas officinas e os fornos de cozer porcellana que acabavão de ser construidos erão noite e dia vigiados e guardados por um corpo de tropas, e seis officiaes superiores respondião solidariamente pela segurança pessoal de Böttgher.

Tendo sido coroadas de bom exito as experiencias que se fizerão com os novos fornos, e havendo a porcellana desde então fabricada obtido prompta sahida e preços bastante altos, resolveu-se que fosse estabelecida uma fabrica real de porcellana. Era sabido de todos que as fabricas de louça de Delft haviam enriquecido a Hollanda: por que razão a fabrica de porcellana não seria igualmente uma fonte de riquezas para o Eleitor? Promulgou-se, pois, a 23 de janeiro de 1710, um decreto, em virtude do qual *uma grande fabrica de porcellana* devia ser estabelecida no castello d'Albrechtzburg, em Meissen. N'esse decreto, que foi traduzido em latim, francez e hollandez,

(*) *Es machte Gott. der grosse Schöpfer
Aus einem Goldmacher einen Töpfer.*

e distribuido pelos embaixadores do Eleitor e rei em todas as côrtes da Europa, Frederico Augusto declarava que para fomentar a prosperidade da Saxonia, ainda profundamente resentida da invasão sueca, havia « feito convergir a sua attenção para as riquezas subterraneas » do paiz, e que tendo confiado este estudo a pessoas mui competentes, conseguira-se fabricar « uma especie de « louça vermelha muito superior á da India (*) » e bem assim « pratos e outras peças de louça de côr que são « lavrados, torneados e polidos, e iguaes a todos os res- « peitos aos que veem da India; » enfim « que já se « conseguira fazer algumas peças de porcellana branca « e que tudo induzia a esperar que brevemente se pode- « ria empregar este fabrico em grande escala. » O decreto real concluia convidando « os artistas e operarios « estrangeiros » a virem para a Saxonia e a prestarem á nova fabrica seus valiosos serviços, mediante bons salarios e sob a protecção especial do rei. Nada pôde dar mais cabal ideia do estado em que se achava n'essa epocha a invenção de Böttgher do que o decreto que acabamos de citar.

Tem-se affirmado, em certos escriptos allemães, que Böttgher, em recompensa dos relevantes serviços prestados ao Eleitor e á Saxonia, fôra nomeado director da fabrica real e agraciado com o titulo de barão. Elle merecia incontestavelmente esta honra; mas não a obteve: pelo contrario, tratarão-o de uma maneira sordida, barbara, inhumana. Dous empregados superiores do

(*) O nome da *porcellana da India* era igualmente dado outr'ora á da China e á do Japão: isto provinha sem duvida do facto de as primeiras amostras conhecidas na Europa terem sido trazidas da India pelos Portuguezes, depois de haver Vasco da Gama descoberto a passagem pelo cabo de Boa Esperança.

governo, chamados Matheus e Nehmitz, forão nomeados *directores da fabrica*, ao passo que o proprio inventor teve de ficar na posição de mero contra-mestre dos porcellaneiros, sendo apenas considerado pelo governo como um « prisioneiro do rei. » Quando se estava construindo a fabrica, reconheceu-se serem indispensaveis a presença e os conselhos de Böttgher; mas era sempre escoltado por soldados que elle ia de Dresda a Meissen e voltava d'esta para aquella cidade; e, concluidos as obras, até levárão a precaução ao ponto de trancar-o de noite no seu quarto. Tudo isto fel-o cahir em uma negra melancholia, e elle recorreu reiteradas vezes ao rei supplicando-lhe algum lenitivo á sua sorte. Muitas das suas cartas são realmente tocantes. « Eu me votarei em corpo e alma, » exclama o misero, « á arte de fabricar porcellana. Farei mais do que hajão feito até hoje todos os inventores; mas, por quem sois, restitui-me minha liberdade, minha liberdade! »

O rei foi inexoravelmente surdo áquellas supplicas. Dinheiro e graças, se Böttgher os quizesse, sim; mas a liberdade, não. Elle considerava evidentemente Böttgher como seu escravo. Sob o imperio de tão intoleravel oppressão, o infeliz Böttgher ainda continuou a trabalhar por algum tempo; mas ao cabo de um ou dous annos tornou-se negligente. Desgostoso do mundo e de si mesmo, deu-se á embriaguez; e tamanha é a força do exemplo, que tão depressa se soube que Böttgher se entregava áquelle vicio, logo a maior parte dos operarios da fabrica de Meissen começaram tambem a embriagar-se. A consequencia disto forão incessantes desordens e espancamentos, que muitas vezes obrigárão a tropa de linha a intervir para manter a paz entre os *porcellaneiros*, como então os chamavão. Ao

cabo de algum tempo, as rixas e os tumultos assumirão proporções taes, que todos os operarios, em numero de mais de trezentos, forão encerrados na cidadella d'Albrechtsburg e tratados como reos de Estado.

Böttgher afinal adoeceu gravemente, e no mez de maio de 1713 já ninguém esperava que elle pudesse escapar. Consternado com a ideia de perder tão precioso escravo, foi só então que o rei o deixou dar alguns passeios de carro, vigiado por uma escolta; e, tendo-se manifestado certas melhoras no seu estado, permittirão-lhe que fosse de quando em quando a Dresda. No mez de agosto, o proprio rei lhe escreveu e prometteu-lhe plena e inteira liberdade; mas era tarde. Quebrantados o corpo e a alma, ora trabalhando e ora embriagando-se, não tendo já senão raros vislumbres de intenções mais nobres, e soffrendo constantemente da doença contrahida durante a sua reclusão forçada, Böttgher arastou ainda por alguns annos uma existencia miseravel, de que a morte o livrou a 13 de março de 1719: tinha apenas trinta e cinco annos. E enterrarão-o no cemiterio de S. João, em Meissen, mas *de noite*, como um cão morto que é lançado no esterquilinio. Tal foi a injustiça que soffreu, tal foi o lastimoso fim que teve um dos maiores bemfeitores da Saxonia.

O fabrico da porcellana tornou-se desde então uma fonte importante de renda, e enriqueceu de tal sorte o Eleitor de Saxonia, que a maior parte dos soberanos da Europa se decidirão a seguir o seu exemplo. Posto que já se tivesse fabricado porcellana fraca em Saint-Cloud quatorze annos antes da descoberta de Böttgher, a superioridade da porcellana forte foi bem de pressa geralmente reconhecida. Começou-se a fabrical-a em Sèvres em 1770, e desde então deixou-se de alli fabricar da outra. E' este hoje um dos ramos

mais importantes e florescentes da industria franceza, bemque se recomende antes pela qualidade do que pela quantidade dos seus productos.

V.

A carreira de Josiah Wedgwood, a quem a Inglaterra deve o estabelecimento das fabricas de louça do Staffordshire, offerece um notavel exemplo da importancia que todo o paiz deve dar á posse de homens capazes de se applicarem com energia ao cultivo das artes. A Inglaterra, no meiado do seculo passado, ainda se achava menos adiantada do que as outras nações europeas de primeira ordem, em relação á habilidade industrial. Sua posição geographica a excluia, por assim dizer, de toda participação regular nos grandes movimentos que então se effectuavão na Italia, em França e na Allemanha. Os dous primeiros fabricantes de louça que se estabelecerão em Inglaterra forão dous exilados hollandezes que, fugindo á perseguição religiosa, da qual, durante o seculo XVI, resultarão tantas calamidades para os Paizes-Baixos, forão domiciliar-se em Norwich, onde entrão a fabricar tijólos de ladrilhar, e potes para unguento. Algum tempo depois, em 1688, dous irmãos, chamados Elers, vierão de Nuremberg e se estabelecerão no Stafforshire, onde se entregárão aos seus trabalhos com o maior segredo. Mudárão posteriormente o seu estabelecimento para Chelsea, perto de Londres, e se limitárão quasi exclusivamente ao fabrico de louça de ornato. Quanto ao da louça usual, quasi se pode dizer que não existia então em Inglaterra. Era ella importada em grandes

quantidades dos paizes estrangeiros, principalmente de Delft na Hollanda. Mas quanto á porcellana, vinha ella principalmente da China, e o seu preço era naturalmente altissimo. Nenhuma especie de porcellana forte fôra ainda feita em Inglaterra. A louça que se fabricava no Staffordshire era em extremo tosca. Os proprios fabricantes, suas mulheres e seus filhos a vendião pelas ruas, e tambem fazia ella parte do commercio dos mercadores ambulantes que viajavão com a sua casa de negocio ás costas.

Josiah Wedgwood reformou tudo isto, e, graças á sua applicação, á sua habilidade, e á abnegação de uma vida inteira consagrada a esta obra, conseguiu assentar sobre solidos alicerces a arte ceramica em Inglaterra. Wedgwood era um d'estes trabalhadores infatigaveis que de tempos em tempos sahem das infimas regiões da sociedade e, pela energia de seu character, não só conseguem infundir na classe operaria habitos industriosos, como tambem, com exemplos de assiduidade e de perseverança, exercem a todos os respeitos uma influencia consideravel na actividade publica, e contribuem poderosamente para dar ao character nacional o seu cunho distinctivo.

Era elle o ultimo-genito de uma familia de treze filhos. Seu avô e seu tio-avô erão ambos louceiros, e tambem louceiro fôra seu pae, que morrera deixando Josiah em tenra idade. Aos onze annos, começou elle a trabalhar em uma fabrica que era dirigida por seu irmão mais velho. Talvez houvesse Josiah exercido por toda sua vida o officio de torneiro de louça, se não tivesse sido arrancado ao torno por um violento ataque de bexigas, de que escapou a muito custo. Tendo-se-lhe inflammado a perna direita, foi-lhe forçoso submeter-se á amputação. Durante a doença, en-

tregou-se elle á leitura e á meditação, e cogitou incessantemente nas differentes maneiras de ganhar a vida como lonceiro, porquanto a falta do uma perna o impossibilitara de trabalhar ao torno. Recobra a saude, poz-se Josiah a fabricar, com barro que era depois cozido, uma infinidade de objectos de capricho, cabos de faca, bocetas, e outros curiosos objectezinhos de uso domestico. Associou-se successivamente com diversos operarios, mas não fez comparativamente notaveis progressos, senão depois que se estabeleceu, por sua propria conta, em 1759, n'uma cabanazinha, em Burslem. Alli, fabricou seus cabos de faca, seus pratos de gômos ornados de folhas verdes, e outros objectos miudos, tratando ao mesmo tempo, nas horas vagas, de adquirir alguns conhecimentos praticos de chimica, afim de poder melhorar os seus productos, em relação à côr, ao polido e á solidez.

O bom exito lhe coroou os esforços, e seus negocios prosperarão pouco a pouco. Investigador minucioso e observador exacto, notou Wedgwood que um certo barro que continha silica e era escuro antes de ser calcinado, tornava-se branco quando exposto ao calor do fôrno. Esta observação e as reflexões que se lhe seguirão suggerirão a Josiah a ideia de misturar silica com o barro vermelho empregado no fabrico de louça, e o levirão assim a descobrir que esta mistura se torna branca depois de calcinada; de maneira que, cobrindo a sua louça com uma vitrificação de esmalte transparente, tornou-se-lhe facil obter um dos mais importantes productos da arte fctil, o mesmo que com o nome de faiança ingleza devia em breve adquirir o mais alto valor no commercio e vir a ser um objecto de uso universal.

Wedgwood se achou bem depressa em estado de

alargar as suas operações, de contractar obreiros habéis, e de alugar casas para montar novas officinas, onde entrou a fabricar em vasta escala, primeiro, louça branca, e depois certa louça côr de café com leite que adquiriu grande celebridade. O aperfeiçoamento da arte ceramica tornou-se a sua paixão, e elle trabalhou sempre para tal fim com um zelo que nunca se arrefeceu. Demais, em tudo quanto emprehendia empenhava-se com todas as suas forças e com a firme resolução de attingir a excellencia. Augmentando-se os seus recursos, Wedgwood pôde em breve mostrar-se tão pouco avaro do seu dinheiro, quanto o era de seu descanso, sempre que se tratava da prosecução dos aperfeiçoamentos por elle ideados. Obteve o obsequioso auxilio de pessoas altamente collocadas e influentes; e devia obtel-o: pois que o espirito verdadeiramente desinteressado com que elle se dava aos seus trabalhos não podia deixar de conciliar-lhe a protecção de todos os amigos do progresso. Josiah fez para a rainha Carolina o primeiro apparelho de meza real que haja sahido das fabricas inglezas, e tal é a origem do nome de *faiança da rainha* (*Queen's ware*) que depois foi dado a este genero de louça. Por essa occasião, recebeu elle a patente de *Louceiro da casa real*, patente a que sempre deu mais apreço do que houvera dado ao titulo de barão. Preciosos apparelhos de porcellana lhe forão entregues em confiança para que os imitasse, e estes seus trabalhos tiverão admiravel bom exito. Sir William Hamilton emprestou-lhe alguns productos da arte antiga, tirados das ruinas de Herculanium, dos quaes os seus operarios fizeram copias tão lindas como os originaes. Tendo a duqueza de Portland, em um leilão, obtido por maior lanço (1,800 libras esterlinas) o celebre vaso de Barberini que Wedgwood tambem pretendia comprar, quando soube

que elle o quizera obter para copial-o, emprestou-lh'o generosamente. Josiah fez cincoenta copias, que lhe custarão 2,500 libras, e cuja venda não cobriu as despesas. Mas isto pouco lhe importava; conseguira elle o seu fim, que era provar que, por muito perfectos que fossem os productos da industria estrangeira, a habilitude e a energia inglezas tinham o poder e a vontade de obter productos não menos excellentes.

Wedgwood teve de socorrer-se do cadinho do chimico, do saber do antiquario e do talento do artista. Foi elle quem descobriu Flaxman, o esculptor, então rapazinho, e quem cultivando ao mesmo tempo livremente o seu proprio genio, obteve daquelle illustre artista um numero consideravel de desenhos magnificos, os quaes, convertidos em suas fabricas em obras de arte que se prestavão igualmente a todos os usos domesticos, o ajudarão a diffundir entre o povo o gosto do bello. A' força de estudos e de experiencias delicadas, conseguiu Josiah descobrir de novo a arte de pintar sobre louça ou sobre porcellana á maneira dos antigos Etruscos, arte que havia desaparecido desde o tempo de Plinio. Cingindo-se sempre na pratica da sua industria aos principios mais elevados, não hesitou em declarar « que deixaria de fabricar todo e qualquer objecto de que não pudesse obter copias perfectas. »

O autor allemão Novalis, nos seus *Fragments de esthetica e litteratura*, chega a comparar Wedgwood com Goethe. « Este, « diz elle, » mostra-se em suas obras o que é o inglez nos seus productos, simples e ao mesmo tempo elegante, commodo e ao mesmo tempo duravel. Este, em uma palavra, fez no mundo da litteratura allemã o que Wedgwood fez no mundo da arte ingleza. »

Mas Wedgwood não era sómente manufactureiro; distinguio-se tambem por trabalhos scientificos, e seu

nome está ainda hoje identificado com o do *pyrometro* que elle inventou. Era um fautor infatigavel de todas as medidas de utilidade publica; e a construcção do canal que une o Trent ao Mersey, e que completou a via navegavel entre as costas oriental e occidental da Inglaterra, é devida tanto á energia dos seus esforços pelo bem publico, como á habilidade do engenheiro Brindley. Achando-se as vias de communicacção do seu districto em pessimo estado, Wedgwood projectou e executou através das Olarias uma grande estrada de dez milhas de extensão. Emfim, adquirio tamanha reputacção que a sua fabrica de Burslem, e, posteriormente, a que estabelecera em Etruria, villa fundada por elle e cujas casas tambem por elle havião sido construidas, se tornarão um centro de attracção para os viajantes distinctos de todas as partes da Europa.

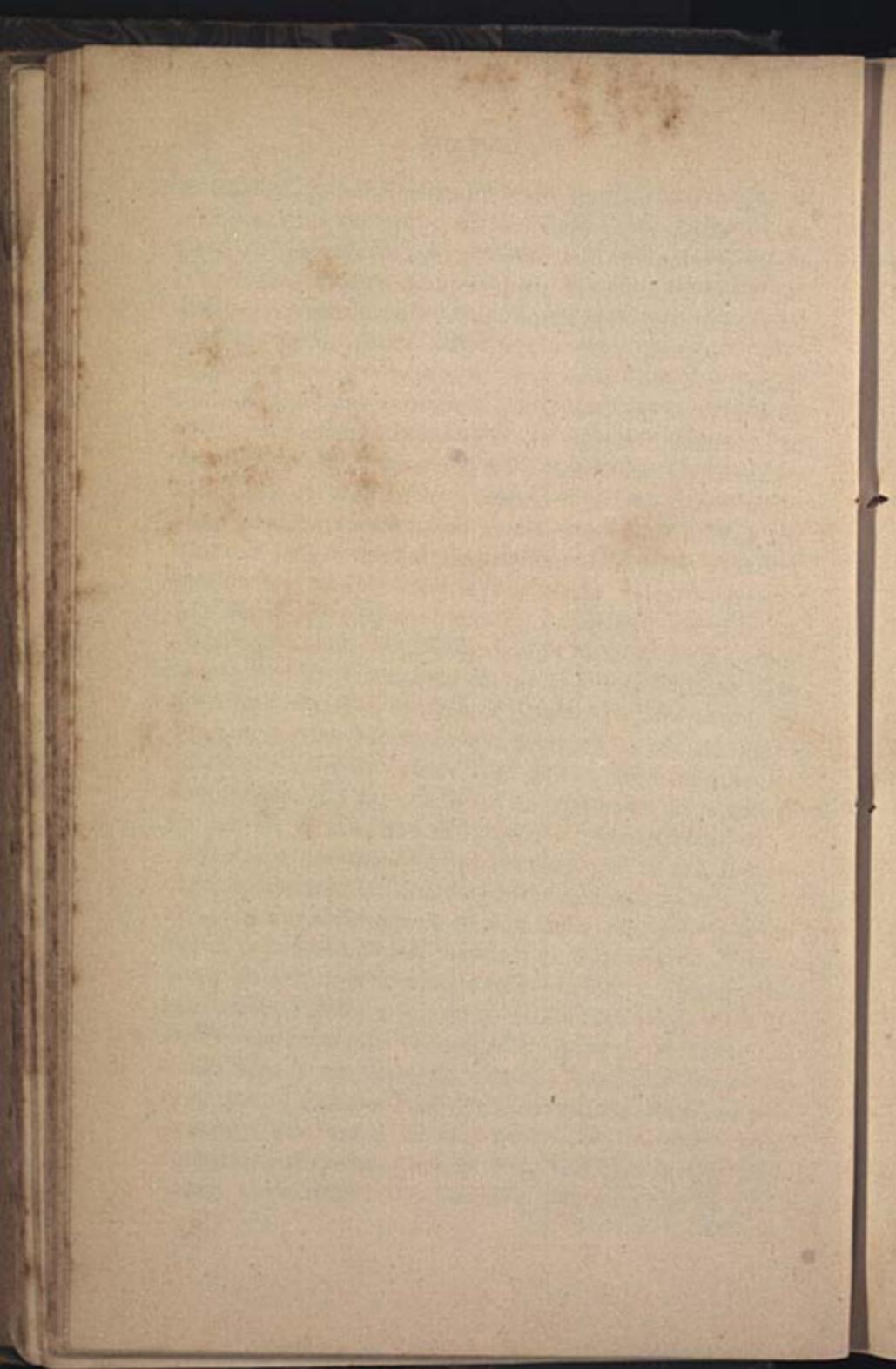
Graças aos trabalhos de Wedgwood, o fabrico da louça, que até então se conservára em miserabilissima condição, veio a ser uma das mais importantes industrias da Inglaterra. Dessa época em diante, em vez de importar do estrangeiro a louça de que carecia para seu proprio uso, começou a Inglaterra a exportal-a em grandes quantidades, e isto a despeito dos direitos prohibitivos que pesavão sobre os productos das fabricas inglezas. Em 1785, isto é passado apenas um periodo de trinta annos, contados da época em que começara os seus trabalhos, Wedgwood foi chamado a dar informacções, perante uma commissão do parlamento, a respeito da importancia das suas fabricas; e graças a essas informacções, reconheceu-se que a fabricacção da louça que, antes de Wedgwood, apenas garantia precario trabalho a um numero limitado de operarios inhabeis e mal retribuidos, fizera tamanhos progressos que já dava directa e regularmente occupacção a perto de vinte mil pessoas, além do numero sempre

crescente das que ella trazia indirectamente empregadas nas minas de carvão, nos transportes por agua e por terra, etc., e sem fallar outrosim no estímulo por elle offerecido, de diversas maneiras, á actividade geral em muitos pontos do paiz. Mas comquanto fossem muito importantes os progressos feitos no seu tempo, Wedgwood asseverava que aquelle genero de industria estava ainda na infancia, e que os progressos effeitoados bem pouco valião comparados com os que a sua arte devia ainda effeituvar, graças não só á influencia da tradição industrial e á intelligencia crescente dos manufactureiros, como tambem aos recursos naturaes e ás instituições politicas da Grã-Bretanha. É quasi escusado dizer que esta opinião foi completamente justificada pelos progressos que depois se realisárão em tão importante ramo da industria nacional. Em 1852, oitenta milhões pelo menos de objectos de louça, sem contar o que se fabricou para o mercado interior, sahirão de Inglaterra para paizes estrangeiros. Mas não se deve considerar sómente a quantidade e o valor dos productos; releva tambem apreciar o melhoramento das condições de existencia do immenso numero de pessoas que se empregão n'estes trabalhos.

Na época em que Wedgwood começou as suas operações, o districto do Staffordshire achava-se ainda mui atrazado em civilisação. A população era pobre, ignorante, pouco numerosa. Assim que a fabrica de Wedgwood se achou solidamente estabelecida, o numero dos seus operarios foi triplicado, recebendo todos elles salarios relativamente elevados; e os progressos moraes desde logo acompanharão passo a passo os progressos materiaes. Quando João Wesley visitou Burslem pela primeira vez, em 1760, foi muito mal recebido pelos louceiros, os quaes, quando elle lhes quiz dirigir a palavra, o escarnecerão, derão-lhe vaias, e lhe lançarão

pedras e lama. Vinte annos depois, Wesley foi visitar de novo aquelle districto, e eis o que elle diz a respeito do que vio: « Voltei a Burslem. A transformação que se operou nesta terra enche-me realmente de pasmo! Os habitantes para aqui affluirão de toda a parte, e o deserto esteril se mudou em campo fertil. Casas, villas, cidades, surgirão do solo; e os aperfeiçoamentos que se notão no aspecto geral do districto são tão admiraveis como os que se operarão nos costumes da população. »

Aquella transformação fôra devida a Wedgwood. Taes homens têm de certo incontestavel direito a um lugar entre os heróes industriaes do mundo civilizado e os bemfeitores do genero humano.



CAPITULO TERCEIRO

INVENTORES E PRODUCTORES.

Em geral, não é das universidades, mas sim das pocilgas da miseria, que sahem os inventores para revolucionarem a industria; não trajão elles de ordinario sedas, senão grosseiro burel, e apresentão-se no maior numero de casos sujos de poeira e de fumaça, que não ornados de condecorações e splendidas.

(ISAAC TAYLOR.)

Pois a invenção não é a poesia da sciencia?... Todas as grandes descobertas apresentão o vestigio indelevel de um pensamento poetico. Só ao poeta é dado crear.

(E. M. BATAILLE.)

I.

Forão os inventores que dérão impulso a todas as grandes industrias do mundo; a elles deve a sociedade não só o necessario, senão tambem o confortavel e o superfluo; graças aos seus trabalhos e ao seu genio, a vida de cada dia se nos torna de continuo e a todos os respeitos mais facil e agradavel. Nossa comida, nossa habitação, os trastes de nossas casas, o vidro que fecha nossos aposentos ao frio e os abre ao mesmo tempo á luz,

o gaz que faz a noite rivalisar com o dia, os carros e os navios que percorrem a terra e as aguas, os relógios com que medimos o tempo na sua rapida carreira, os diversos instrumentos empregados no fabrico de tantos objectos de luxo ou de primeira necessidade, tudo isto é o resultado do engenhoso e paciente labor da phalange de homens singulares que chamamos inventores; e a humanidade é tanto mais feliz, quanto as invenções de todos elles nas artes e nas sciencias se multiplicão cada vez mais, e os fructos do seu trabalho veem em maior numero augmentar a somma do bemestar individual e do contentamento publico.

A geração presente é a herdeira de tudo quanto produzirão a industria e a habilidade das gerações passadas; e a civilisação de que gozamos nada mais é em ultima analyse do que a somma dos effeitos uteis do trabalho accumulados por espaço de seculos. Philarète Chasles affirma pois, com toda a razão, que « o verdadeiro inventor é o genero humano. » Dir-se-hia que a Intelligencia Suprema, no intuito de ligar umas ás outras todas as gerações e de mostrar que a força do homem só póde provir da associação, decretou que cada inventor apenas resolveria parte do problema submittido ao seu estudo, e que toda grande idéa seria o resumo do passado, assim como é o germen do futuro. Por isso de raro acontece ser devida a uma unica pessoa qualquer invenção de alguma importancia. Vemos, pelo contrario, virem uns após outros os inventores, tomarem successivamente os fios da invenção, fazerem, muitas vezes sem resultado visivel, algum progresso na senda trilhada por seus predecessores, e as cousas continuarem assim, — muitas vezes por espaço de seculos, — até apparecer finalmente um homem, talvez de maior merecimento que os primeiros, o qual buscando satisfazer as necessidades da sua época, reúne

os fios que até então se tinham conservado espalhados, fórma um thesouro com o acervo de noções parciaes devidas aos acertos e aos mallogros passados, e fortalecido com todos os resultados anteriormente adquiridos, logra afinal atingir o alvo glorioso de tantos esforços diversos. Assim descobriu Newton as leis da gravitação; assim inventou James Watt a machina de vapor; assim foi pouco a pouco ideada e aperfeiçoada a locomotiva, a respeito da qual disse Stephenson: « Isto não é invenção de um unico homem, senão de uma raça inteira de engenheiros mechanicos. » Outro inventor, José Bramah, no prefacio da descripção que acompanha a segunda patente por elle obtida para o fabrico exclusivo das suas fechaduras de segredo, pondera o seguinte: « Entre as invenções que teem obtido privilegio, poucas ha comparativamente que possam ser consideradas como verdadeiramente originaes: de maneira que em muitos casos é difficil dizer-se onde acaba uma e onde começa a outra. »

II.

As artes, cumpre reconhecê-lo, só progridem lentamente, e lord Bacon com muita razão pondera que « ha em nós demasiada disposição para não levar em conta as altas que se tiverão de fazer, e para attribuir ao que chega por ultimo todo o merito da descoberta. » De facto, o que tantas e tantas vezes saudamos com o nome de invenção original nada mais é do que o resultado de uma longa e progressiva serie de trabalhos e experiencia, nos quaes deveriamos antes reconhecer uma successão constante de altos feitos do espirito humano do que uma conquista realizada por um unico individuo.

Nem isto póde deixar de ser assim; porquanto ás vezes teem sido gastos seculos em experiencias afim de se chegar ao conhecimento exacto do valor de um unico facto considerado sob os seus differentes pontos de vista. Em sua infancia, a experiencia é, como o proprio homem, fraca e vacillante, e só adquire força e madureza com a idade. Ainda mais, a experiencia não morre como nós: accumula-se, pelo contrario, e proporciona á nossa raça um inapreciavel thesouro de força e riqueza. Sobrevive ella ás gerações que passam e cresce de continuo, mostrando assim a um tempo a fraqueza e a força, a pequenez e a grandeza de nossa commum humanidade. E nós, que vivemos hoje, não só somos os legatarios de todos os resultados obtidos pelos trabalhos de nossos predecessores, — obras scientificas e artisticas, invenções e descobertas, instrumentos e machinas, vias publicas, pontes, canaes, estradas de ferro; — senão tambem os herdeiros das aptidões innatas que nos forão transmittidas com o nosso sangue e o nosso cerebro, desta *educabilidade*, em uma palavra, que, pouco a pouco conquistada e desenvolvida pelos labores de todas as gerações precedentes, constitue verdadeiramente hoje a melhor parte da nossa herança natural.

Jazem sepultados no olvido os nomes de uma infinidade de inventores de merito. Só se ha eternizado a memoria dos mais distinctos, dos que fizerão época na historia de alguma invenção, taes como os homens illustres, por exemplo, cuja gloria se prende ao desenvolvimento da força gigantesca que chamamos *machina de vapor*. Não obstante, centenas de obreiros sem nome, mas não sem genio, realizárão de tempos em tempos aperfeiçoamentos substanciaes na construcção desta machina maravilhosa, e contribuirão largamente para lhe augmentar a força e multiplicar-lhe as applicações prá-

ticas. Ha tambem uma infinidade de invenções de segunda ordem, cada qual mais importante,— o relógio que trazemos no bolso, por exemplo,— cuja historia perdeu-se em grande parte para nós; de maneira que, comquanto nos achemos de posse dos thesouros que nos forão legados pelos nossos bemfeitores, vemos-nos condemnados a ignorar o nome da maior parte desses benemeritos da humanidade.

A origem do maior numero das invenções esconde-se na escuridão dos seculos. A primeira idéa, concebida a principio no cerebro de um desconhecido, passa bem depressa a aninhar-se em muitas outras cabeças, e sahe finalmente á luz, robusta e válida, depois de uma gestação que ás vezes chega a durar centenas e centenas de annos. Um emittio a idéa, outro a desenvolveu, e assim successivamente; de sorte que afinal lá vem o dia em que ella se acha completamente elaborada e posta em prática. Mas, se fosse possível dar exactamente a cada um a parte que lhe compete, o primeiro não teria menos direito do que o ultimo a um quinhão na gloria do invento. Ás vezes um espirito portentoso e original descobre uma nova fonte de força occulta, e dá ás faculdades inventivas do homem um impulso cuja força é sentida por espaço de seculos. Mais frequentemente, porém, as invenções, mui longe de serem inteiramente novas, consistem apenas em modificações de methodos já conhecidos de um limitado numero de pessoas, mas cujo uso não está ainda comprehendido nos habitos geraes. Se lançarmos uma vista de olhos retrospectiva pela historia da mechanica, veremos que ás vezes uma invenção, nascida com apparencias de vitalidade, desaparece de subito, e que por espaço de seculos ninguem torna a fallar nella. Depois, lá vem finalmente um dia em que é ella revocada por algum inventor que, esti-

mulado pelas necessidades da sua época, e seguindo as pegadas de seus predecessores, descobre os vestígios dos trabalhos de todos elles, continúa a obra começando do ponto em que a havião deixado, e tem a felicidade de leval-a ao cabo.

Ha tambem o que se pode chamar invenções nascidas antes de tempo. Este phenomeno provém de os espiritos arrojados de uma geração formarem projectos que se tornão inexequiveis, por falta de meios adequados. Mas, com o andar do tempo, os recursos mechanicos chegão a emparelhar com a idéa que, afinal, vem a ser executada. Tal é a razão por que os inventores modernos logrão levar ao cabo tantos projectos que os seus predecessores em vão tentárão realizar. Conforme disse Luiz Napoleão: « As invenções que veem a lume antes do tempo pro-
« prio devem forçosamente conservar-se inuteis até que
« a intelligencia geral se torne apta para lhes dar o devido
« apreço. » E eis a razão por que aos inventores vindos antes de tempo cabe muitas vezes por sorte o infortunio, rosto que a gloria e o proveito possão ornar a carreira de seus successores. Demais, o dom sublime da invenção redunda mui frequentemente em crueis tribulações. A maior parte dos grandes inventores só achárão nos seus contemporaneos desprezo e ingratição, e morrerão antes de se ter podido reconhecer e apreciar o seu merito. Ainda quando seião bem succedidos, não raro lhes acontece contarem tantos inimigos, quantas são as pessoas interessadas na conservação dos methodos que elles pretendem reformar. A inveja, a perversidade, a calumnia, sob todas as fórmãs, os perseguem encarniçadamente; importunão-os os ricos pouco escrupulosos que se mancommunão no intuit o de ficarem-se com os lucros de suas descobertas; e, para que seja completo o infortunio, muitos até vêm desprezados os seus titulos á originalidade, sendo-lhes assacada a pecha de copistas e plagiarios.

III.

Posto que a invenção da machina de vapor,—a rainha das machinas,— pertença, comparativamente fallando, á nossa época, sua ideia primordial foi concebida em tempos bem remotos. Como todas as outras descobertas, esta invenção effectuou-se lentamente: cada inventor transmittiu o resultado de seus trabalhos, na apparencia inutil para o tempo em que elle vivia, a seus successores que, estudando-o por seu turno, communicarão-lhe novo impulso; e as sentinellas da grande idéa forão respondendo assim umas ás outras no decurso de muitas gerações successivas.

Heron de Alexandria parece ter bem comprehendido a força do vapor. É isto pelo menos o que se deve concluir á vista do seu curioso *Tratado de pneumatica*, cuja publicação, depois da invenção da imprensa, teve por effecto fazer que a attenção dos sabios convergisse de novo para este assumpto. O ardor das pesquisas reavivou-se primeiro na Italia, onde em um só seculo apparecerão não menos de oito traducções e edições differentes do livro de Heron. Entre os primeiros investigadores se tornárão notaveis Giambattista della Porta, Branca e Salomão de Caus. Caus nascera na Normandia, mas estudara a sua profissão de engenheiro-architecto na Italia, onde, mui provavelmente, lhe forão reveladas as maravilhas do vapor, taes como se achão descriptas no livro de Heron. Depois de haver voltado para França, passou-se á Inglaterra, onde o principe de Galles o encarregou de desenhar grutas, chafarizes e outros ornatos hydraulicos destinados ao aformoseamento do jardim do palacio de Richmond. Foi tambem mestre de desenho da princeza Isabel,

e, quando esta se casou com o Eleitor Palatino, seguiu em sua companhia para a Allemanha, onde o nomearão conservador do palacio e do jardim d'Heidelberg. ¶ Alli escreveu elle a obra intitulada *as Razões das forças motrizes*, obra que foi publicada em Francfort, em 1615. O systema proposto por Caus para levantar a agua por meio do fogo era em parte baseado nas idéas de Heron ; mas differia d'ellas em um ponto, que era substituir como meio de usar do vapor a pressão sobre um liquido á reacção sobre um tubo.

A idéa de Heron, de Branca, de Salomão de Caus, não se perdeu. Outros espiritos a cultivarão, e ella fructificou. Um preso illustre, o marquez de Worcester, tendo sido encerrado na torre de Londres, sob pretexto de uma supposta traição, dedicou-se a pesquisas sobre a força do vapor, que elle estudou longa e pacientemente; e quando foi restituído á liberdade, inventou e construiu uma machina de vapor de alta pressão, a qual servio por algum tempo para com ella tirar-se agua do Tamisa. Essa machina foi abandonada, em razão de alguns defeitos que tinha ; mas trinta annos depois Thomaz Savery revocou a idéa, e inventou a primeira machina de condensação, machina cujo modelo foi submettido ao juizo da Sociedade Real de Londres, no anno de 1698. A *bomba de fogo*, como chamavão então esta machina, tinha sido desde alguns annos assumpto de discussão na Sociedade Real, e um illustre exilado protestante francez, o Dr. Diniz Papin, procurador da Sociedade, demonstrára perante essa corporação a força do vapor, por meio de numerosos escriptos e de experiencias não menos numerosas.

IV.

Diniz Papin nascera em Blois, no meado do seculo XVII, e fôra educado para a profissão medica. Depois de haver exercido por algum tempo distinctamente a medicina em Pariz, dedicou-se ao estudo da physica e da mechanica, o qual lhe absorveu bem depressa toda a attenção, e tendo por professor o celebre Huyghens, fez rapidos progressos. A incapacidade legal a que os protestantes de França se vião então condemnados, determinou-o, em 1681, a dizer adeus á sua patria, e a refugiar-se em Inglaterra, para onde tambem emigrarão milhares de conterraneos seus. Foi elle admiravelmente recebido pelos sabios inglezes, especialmente por Boyle, sob cujo patrocínio veio a ser membro da Sociedade Real e nomeado seu procurador retribuido. Esta posição o obrigava a apresentar alguma experiencia nova em cada reunião da Sociedade, e foi nessas reuniões que elle explicou muitas de suas importantes invenções, entre outras o seu celebre *digestor*, que excitou o mais vivo interesse. Deu mesmo certa noite aos membros da sociedade uma ceia preparada no seu *digestor*, ceia de que lord Evelyn fez no seu diario uma descripção mui divertida. Papin leu tambem, sobre a mechanica, a pneumatica e a hydrostatica, preciosas memorias que se conservão nos annaes de experiencias da Sociedade.

Divulgando-se na Allemanha a fama dos talentos de Papin, foi-lhe offerecida, em 1687, a cadeira de mathematicas da Universidade de Marbourg, e elle a aceitou. Continuou alli as suas experiencias, publicando successivamente os resultados dellas nos jornaes inglezes e allemães daquella época. Em uma memoria sobre as

differentes applicações da polvora, que elle remetteu á Sociedade Real, em 1687, propôz formalmente, para o esgôto da água das minas e para outros fins, o emprego do vapor como força motriz. No seu *digestor*, applicava elle á machina de vapor o embolo da bomba aspirante ordinaria, e a fazia mover-se dentro de um cylindro, servindo-se do vapor para levantá-lo. A enorme força exigida pelos seus *digestores* e os meios que elle teve de engeñar para lhes conservar bem seguras as tampas, sem duvida lhe revelárão com cedo a força do agente de que se servia: e isto foi por certo o que o determinou a continuar as suas investigações, tendo sempre em vista a applicação prática daquelle agente como força motriz.

Durante a sua estada em Inglaterra, fôra elle testemunha de uma experiencia bem satisfactoria feita no Tamisa com um barco construido segando o risco do principe palatino Roberto, barco que corria sobre a agua por meio de rodas semelhantes ás dos moinhos hydraulicos e movidas por cavallos. Em uma viagem que fez a Londres, onze annos depois, isto é em 1698, Papin tambem presenciou outra experiencia feita no Tamisa com o barco de rodas de Savery, rodas igualmente semelhantes ás dos moinhos de agua e movidas por homens. Emfim, n'essa mesma epocha (1698), assistiu á sessão da sociedade Real em que Savery, pela primeira vez, explicou o modelo da sua machina de vapor. Papin concebeu a ideia de combinar os dous systemas, empregando o vapor para virar as rodas, e dando por este meio aos navios um movimento independente dos ventos e das marés. Estabelecido em Marbourg como professor de mathematicas, cuidára elle activamente de dar um corpo ás suas ideias, isto é de construir uma machina; e uma longa correspondencia, preciosamente conservada até hoje na bibliotheca real de Hanover, travou-se sobre este assumpto

entre o sabio francez e Leibnitz. Lendo-se essa correspondencia, vê-se que Papin, para resolver o problema em questão, entregou-se a longos e laboriosos estudos, durante os quaes teve de lutar com innumeradas difficuldades e viu não poucas vezes baldados os seus esforços.

Ao cabo de quasi quinze annos de aturada applicação, Papin conseguiu finalmente construir e adaptar a um barco uma machina modelo (*) que funcionava satisfactoriamente e que elle desejava muito mandar para Londres, afim de ser alli experimentada. « E' importante, » diz elle escrevendo a Leibnitz (a 7 de julho de 1707), « é importante que a minha nova construcção de barco seja experimentada em um porto como o de Londres, onde sempre se achará fundo sufficiente para elle navegar carregado com a nova invenção, que, por meio do fogo, tornará um ou dois homens capazes de produzirem mais effeito do que muitas centenas de re-meiros. » Papin achou alguma difficuldade em obter das autoridades licença para o seu barco passar do Fulda ao Weser em Munden; mas quando o barco chegou a Munden, os bateleiros o tomarão e destruirão-o. Todavia, o modelo da machina foi salvo e mandado para Cassel; mas infelizmente não escapou á destruição durante a occupação d'aquella cidade pelos Francezes, em 1806 (**). Diz-se, porém, que os desenhos originaes ainda estão na bibliotheca real em Hanover; mas até hoje ninguem os tem examinado.

(*) Ella é assim descripta: *Uma machinazinha de barco de rodas.* Provavelmente, era apenas um modelo ou molde em ponto pequeno, pelo qual se podião construir outros navios.

(**) Só se salvou o cylindro da machina. Acha-se elle hoje em poder dos Srs. Henschell de Cassel.

Um anno depois da destruição do seu barco, em Munden, Papin escreveu aos seus bons amigos da sociedade Real de Londres, pedindo lhe emprestassem o dinheiro necessario para a construcção de outra machina, mas esta de força tal, que podia servir para « mover navios. » A sociedade, porém, provavelmente em razão da importancia da somma precisa, deixou de prestar a Papin o auxilio que elle pedira. Dous annos depois, consumido de anxiedade, o illustre exilado morreu, deixando a outros mais felizes do que elle o cuidado da realisação e da applicação das grandes ideias que havia concebido a respeito da locomoção a vapor. Todavia, releva ponderar que Papin, não obstante ser tão fertil em concepções, teve de lutar com a séria desvantagem de não saber executar por si mesmo as obras de que carecia. Todo aquelle que, para realisar as suas invenções, se vê obrigado a servir-se dos olhos e das mãos de outrem, acha-se forçosamente condemnado a fazer mediocre progresso na prática. E' bem raro que operarios, que só trabalham para ganhar o seu salario, possam ser com bom exito encarregados da construcção de machinas de feiúo novo e complicado. Os olhos e as mãos são quasi inuteis em taes casos, se os não inspira a intelligencia. As probabilidades de bom exito se tornão infinitamente maiores quando o espirito, os olhos e as mãos são empregados a um tempo por quem se interessa pela consummação da obra. Eis a razão por que, como era facil prever-se, a machina de vapor só teve grande valor na prática quando sahiu do estado de heoria scientifica, e da sua execução se encarregarão artesanos de genio, homens illustres como Newcomen, o ferreiro, Brindley, o ensaiador, e muito principalmente como Walt, o fabricante de instrumentos de mathematica.

V.

Watt era um dos homens mais industriosos que teem existido. Qualquer que fosse o assumpto de que elle viesse a ter conhecimento no decurso dos seus trabalhos, fazia logo d'esse assumpto o objecto de um estudo particular; e a historia de sua vida prova, — o que aliás a experiencia ha confirmado em todos os tempos, — que não são os homens mais notaveis pelo vigor da intelligencia e pela extensão das aptidões naturaes os que obteem maiores resultados, mas sim aquelles que, no emprego das suas faculdades, usão da mais constante assiduidade, e sobretudo d'essa habilidade methodica que só se adquire á força de trabalho, de applicação e de experiencia. No tempo de Watt, havia incontestavelmente pessoas que se lhe avantajavão em conhecimentos; mas nenhuma trabalhava tão assiduamente como elle em engenhar meios de accommodar a usos praticos o que sabia. Watt distinguia-se sobretudo pelo seu ardor perseverante em pesquisar e penetrar os factos; e uinguem cultivou mais do que elle este habito de intelligente attenção, do qual, como o reconhecem todos os homens sensatos, dependem as mais altas qualidades do espirito. Edgworth até sustenta que a maior parte das grandes differenças de intelligencia que existem entre os homens proveem antes do cuidado com que se cultivou na mocidade este *habito de attenção*, do que de uma grande desigualdade natural entre as faculdades de um individuo e as de outro.

Watt, logo em criança, achou a sciencia associada aos seus brincos. Os quadrantes que via na officina de carpinteiro de seu pai suggerirão-lhe a idéa de estudar optica e astronomia; o estado precario de sua saude o induziu

a investigar os segredos da physiologia; e os seus passeios solitarios no campo lhe inspirarão o desejo de aprender a botanica, a historia e a archeologia. Quando já era fabricante de instrumentos de mathematica, encommendarão-lhe um dia a construcção de um orgão; e posto que elle não tivesse bom ouvido para a musica, decidiu-se a estudar harmonia, e logrou construir o instrumento. Da mesma sorte, quando lhe dêrão para concertar o modelo da machina de vapor de Newcomen, modelo que pertencia á Universidade de Glasgow, poz-se elle logo a estudar tudo quanto então se sabia ácerca do calor, da evaporação e da condensação; e, tendo, á força de muito trabalho, se occupado a um tempo com este estudo e com o da mechanica e o da construcção, chegou finalmente a consummar o invento admiravel da machina de vapor de condensação.

Mas não basta inventar. Conforme bem o disse Sir Marcos Brunel, « inventar não é o mesmo que pôr em prática a invenção. » E pois quando Watt, ao cabo de longos e pacientes estudos, completou a sua machina, viu-se em luta com uma difficuldade que já havia baldado os esforços de muitos outros inventores, que não poucas vezes tornára momentaneamente impossivel a applicação das suas descobertas, e até em alguns casos os obrigára a adiar a introduccão d'ellas na prática ou a desistir completamente d'este intento. Consistia a difficuldade em a machina projectada exceder de tal modo os recursos mechanicos d'aquella época, que só a muito custo podia ser soffrivelmente construida. Quantas vezes, quando trabalhava na sua invenção em Glasgow, não se viu Watt embarçado e, por assim dizer, desacoroçoado, em razão do desazo e da impericia dos seus obreiros! « Perguntais-me, » escreve elle ao Dr. Roebuck, « qual é o principal obstaculo que encontra a construcção das

« machinas?— é a mão de obra, unicamente a mão de obra. » Seu primeiro cylindro foi feito por um ferreiro com laminas de ferro batido soldadas umas ás outras; mas tendo o ferreiro empregado azougue, para tornar o cylindro impermeavel ao ar, despregarão-se e cahirão no interior da peça fragmentos daquelle metal que « fizerão o diabo a quatro com a solda. » Todavia, apezar de ser o seu ferreiro um desazado, Watt não podia passar sem elle; e eis a razão por que o vemos tomar um tom tão lamentoso quando escreve ao Dr. Roebuck: « O meu ferreiro morreu! » Bem se reconhece que no espirito de Watt, aquella perda era quasi irreparavel. O cylindro que elle empregou depois foi um cylindro fundido e brocado em Carron, mas tão desigual sahira, que só com muito trabalho podia ser empregado. Em vão se guardava o embolo de papel, de cortiça, de mastique, de papelão, de feltro velho, nunca foi possivel tornal-o impermeavel ao vapor. Mesmo depois de Watt se achar residindo em Birmingham, onde podia contar com o auxilio dos melhores operarios de Boulton, Smeaton, ao ver funcionar a machina, exprimiu a opinião de que aquella invento, a despeito da sua excellencia, jamais viria a ser de uso geral, em razão da difficuldade que sempre se acharia em adaptar as suas diversas partes com a necessaria justeza. Durante muito tempo, vemos Watt, em suas cartas, queixar-se aos seus socios, e dizer-lhes que se as machinas não sahem boas, é por ser a mão de obra horrivelmente ruim. Houve até casos de os cylindros, depois de fundidos, ficarem em uma extremidade um oitavo de pollegada mais largos do que na outra. Como poderião taes machinas funcionar satisfactoriamente? Era, porém, impossivel obter-se cousa melhor. Não havia então operarios mechanicos de primeira ordem: a sua educação mal principiava; ainda não estava

completa. Forçoso era pois recorrer ao trabalho manual ; e os instrumentos empregados erão, por cumulo de infelicidade, summamente inferiores. Alguns tornos mechanicos, muito mal assentados, algumas toscas machinas de furar e de brocar, constituíão as principaes peças de uma officina. Tendo Brunel inventado as suas *poterias*, só muito tempo depois apparecerão operarios capazes de as construir, e quando ellas se achárão finalmente construidas, não menos difficil foi achar operarios capazes de dirigil-as.

Watt levou dez annos a fazer combinações e experiencias, comquanto tivesse poucos motivos para esperar ser bem succedido, poucos amigos que o animassem, e antes lutasse de continuo com mil diversas difficuldades, ganhando apenas o stricto necessario para a sua subsistencia, apezar de trabalhar muito. Mesmo depois que conseguiu ter uma machina capaz de funcionar regularmente, viu-se elle tão longe de attingir a meta dos seus desejos, como a principio ; porquanto não pôde achar capitalista que quizesse ser seu socio e adiantar-lhe as sommas necessarias para a realisação de tão timportante empreza. Continuou pois, para ganhar o pão de sua familia, a fazer quadrantes, a vender e a concertar rabecas, flautas e toda a sorte de instrumentos de musica, a medir obras de alvenaria, a inspeccionar estradas, a dirigir construcções de canaes, em summa, a fazer tudo em que lhe parecia haver probabilidade de colher-se honrosamente algum lucro. Todavia, ao cabo de muito tempo, Walt achou um associado digno de si em outro eminente chefe de industria, de quem tornaremos a fallar daqui a pouco, Matheus Boulton, de Birmingham, homem energico, habil, previdente, o qual, com a tenacidade que costumava empregar em tudo, emprehendeu introduzir na pratica geral o uso da machina de vapor de condensa-

ção. O bom exito dos dous associados é hoje do dominio da historia.

VI.

D'essa época em diante, apparecerão successivamente muitos obreiros eminentes, os quaes, por seu turno, tantos aperfeiçoamentos realisarão na machina de vapor, que a accommodarão a toda a sorte de usos industriaes: foi assim que ella começou bem depressa a servir para moer outras machinas, para dar impulso aos navios, para moer grãos, imprimir livros, cunhar moedas, bater, aplainar e tornear ferro, em uma palavra, para executar todos os trabalhos mechanicos que exigem uma força consideravel. A mais util de todas essas modificações foi a imaginada por outro operario, o mineiro de Cornouailles Trevithick; porquanto, aperfeiçoada posteriormente pelo mechanico Jorge Stephenson, veio a ser a machina admiravel,— a locomotiva de estrada de ferro,— graças á qual se effectuão actualmente mudanças sociaes de incalculavel importancia, mudanças que, por sua influencia nos progressos da civilisação, excedem de todo ponto tudo quanto se podia esperar da machina de condensação de Watt.

Um dos maiores resultados da invenção de Watt foi o estabelecimento das manufacturas de algodão; graças a esta nova applicação do portentoso invento, um manancial de força quasi illimitada ficou desde logo á disposição das classes que se dedicão á industria. O inventor cujo nome se identifica mais intimamente com a fundação desse grande ramo de industria é incontestavelmente Sir Ricardo Arkwright, homem mais notavel talvez pela

energia e sagacidade com que se houve na pratica dos negocios, do que pelas suas faculdades inventivas. Sua originalidade como inventor foi contestada, da mesma maneira que a de Watt e a de Stephenson. Arkwright se achou provavelmente, em relação á machina de fiar, na mesma posição em que se achara Watt em relação á machina de vapor e Stephenson em relação á locomotiva ; isto é, reunio os fios esparsos da invenção e fez com elles um tecido que, em suas mãos e segundo os seus desenhos, se tornou em um modelo tão novo quão original. Postoque Paulo Lewis, filho de um protestante francez refugiado em Londres, houvesse obtido privilegio, trinta annos antes de Arkwright, para a fiação por meio de cylindros, as machinas que elle conseguira construir erão tão imperfeitas em suas diversas peças que não se podia empregal-as utilmente ; e pois a invenção naufragou de todo na pratica. Outro obreiro obscuro, um fabricante de pentes estabelecido em Leigh, e chamado Thomaz Highs, inventou, segundo se diz, um tear hydraulico e uma *mull-jenny* ; mas o mesmo motivo impossibilitou o bom exito destas invenções.

O facto de a mesma ideia surgir a um tempo em muitos espiritos tem principalmente lugar quando a industria, para satisfazer as exigencias do publico, invoca o auxilio dos inventores : isto plenamente se comprova com a historia da machina de vapor, com a do candieiro de segurança, com a do telegrapho electrico e as de muitas outras descobertas. Demais, parece que as intelligencias engenhosas, de tão absorvidas que ficão na invenção, se tornão de todo inhabeis para a dar á luz. Carecem do auxilio de um espirito superior, de um homem não só dotado de sciencia, senão tambem de experiencia, o qual emfim se apresenta, toma sobre si a ideia que ellas andão ruminando, tira-a á luz, e dá-lhe realidade, vida

e segurança de prospero desenvolvimento. Então, entre os inventores desbancados, levanta-se grande clamor, e é assim que vemos homens como Watt, Stephenson e Arkwright, serem obrigados a defender a sua reputação e os seus direitos contra concurrentes que consideravão os seus triumphos como culpas imperdoaveis.

VII.

Ricardo Arkwright, como a maior parte dos grandes mechanicos, sahira das infimas regiões da sociedade. Nasceria elle em Preston, no Lancashire, em 1732. Seus pais, que vivião na miseria, tinhão tido treze filhos, dos quaes era Ricardo o mais moço. Ricardo nunca frequentou escola alguma; a unica educação que teve foi a que pôde obter á custa dos seus proprios esforços; e até ao ultimo dia de sua vida, foi-lhe sempre impossivel escrever com desembaraço. Em rapazinho, aprendeu o officio de barbeiro, e tendo-se estabelecido por sua conta, em 1760, em Bolton, em uma adega que dava para a rua, poz este letreiro por cima da porta: *O barbeiro subterraneo barbêa por dous soldos*. Os outros barbeiros, para não perderem de todo os freguezes que logo começárão a deixal-os, determinárão-se a abaixar tambem os seus preços, fazendo barbas por dous soldos; mas Arkwright não se quiz dar por vencido, e tomou uma resolução energica, que annunciou nestes termos: *Aqui barbêa-se com toda a perfeição, por um soldo*. Ao cabo de alguns annos, deixou o officio de barbeiro para negociar em cabellos. Era no tempo em que se andava de cabelleira, e o fabrico dellas constituia um ramo importante da arte de cabelleireiro. Arkwright começou pois a viajar para comprar cabellos,

e a visitar as feiras do Lancashire, onde se alugão criados, afim de comprar as compridas tranças das raparigas que alli se apresentassem: dizem que elle foi muito feliz neste genero de negocio. Vendia tambem uma tintura para o cabello, que elle mesmo applicava com extrema habilidade, de sorte que chegou a fazer um commercio bastante lucrativo. Como tinha inclinação para a mechanica, consagrava a maior parte das suas horas vagas á construcção de modelos de machinas, e como muitos outros que dêverão a sua educação aos seus proprios esforços e manifestárão as mesmas tendencias, buscou resolver o problema de moto-continuo. Todavia deu-se ás suas experiencias com tal ardor, que descuidou-se dos seus negocios, perdeu o pouco dinheiro que puzera de parte e cahiu na miseria. Sua mulher, — pois elle era casado, — não podendo tolerar por mais tempo o que lhe parecia um desperdicio de trabalho e de dinheiro, lançou-se, em um momento de furor, sobre os modelos e os despedaçou, esperando destruir assim a causa primaria das privações da familia. Mas Arkwright, que era tão pertinaz quão entusiasta, resentiu-se profundamente do comportamento de sua mulher, a quem nunca perdoou aquella violencia, e de quem se separou immediatamente.

Percorrendo as diversas cidades de seu paiz, travára elle conhecimento com um individuo chamado Kay, relojoeiro estabelecido em Warrington, que o ajudára a construir certas peças da sua machina de moto-continuo. Julgão alguns que foi Kay quem suggeriu a Arkwright a idéa da fiação por machina. Como quer que fosse, esta idéa se apoderou do seu espirito, e elle tratou activamente de descobrir meios de pô-la em execução, visto não poder contar para tal fim com auxilio algum da parte de Kay. Arkwright deixou desde então o commercio de

cabellos, e se dedicou exclusivamente ao aperfeiçoamento da sua machina, da qual expoz um modelo, construido por Kay, sob sua direcção, na sala da escola publica de Preston. Como era burguez da cidade, votou na eleição, vivamente disputada, do general Burgoyne; mas tamanha era a sua pobreza, que achava-se coberto de andrajos, e alguns de seus concidadãos tiveram de fazer uma subscrição afim de elle poder apresentar-se decentemente vestido quando fosse levar o seu voto á urna. A exposição d'aquella machina em uma cidade onde tantos operarios vivião do exercicio de uma profissão manual era um tentamen realmente perigoso. Ouvião-se de quando em quando surdos rumores de máo agouro, e Arkwright, que se lembrava da sorte da machina de fiar de Hargreaves, a qual não havia muito, fôra despedaçada pela plebe em Blackburn, tomou prudentemente a resolução de retirar-se, e de transportar os seus penates e o seu modelo para uma localidade menos perigosa. Foi para Nottingham, e alli pediu um auxilio pecuniario a alguns banqueiros da cidade, que effectivamente lhe emprestárão uma certa somma de dinheiro, com a condição de ser garantida a cada um delles uma parte dos lucros da invenção. Todavia, não tendo a machina chegado tão depressa como elles esperavão ao gráo de perfeição desejado, recommendárão a Arkwright que se dirigisse aos Srs. Strutt e Need. O primeiro d'estes dous senhores era o inventor engenhoso... e privilegiado do tear de meias. Reconheceu elle immediatamente todo o valor da invenção de Arkwright, e uma escriptura de sociedade foi firmada pelos dous; graças a essa associação, Arkwright vio emfim abrir-se diante de si a senda da fortuna. A patente obtida em 1769, trazia o nome de « Ricardo Arkwright, de Nottingham, relojoeiro, » e é digno de notar-se que naquella mesma data (1769) obteve Watt

privilegio para a sua machina de vapor. Uma fabrica de fiar algodão, cuja machina era movida por cavallos, foi estabelecida em Nottingham, e, pouco depois, estabeleceu-se outra, mas em maior escala em Cromford, no Derbyshire. Nesta ultima, o movimento era communicado ás machinas por uma roda hydraulica, e d'aqui provem o nome de tear hydraulico (*water frame*), dado em inglez á machina de fiar.

Todavia os trabalhos de Arkwright, para bem dizer, mal havião começado. As diversas peças da sua machina ainda exigião aperfeiçoamentos importantes; e com effeito, tantas modificações, tantos melhoramentos successivos, forão n'ella realizados pelo inventor, que afinal logrou este mudal-a em uma machina de uso tão facil quão proveitoso. O bom exito, porém, só se firmou mediante longos e pacientes trabalhos. Houve até occasiões em que os especuladores bem poderião ter-se mostrado desanimados e desgostosos, em razão do nenhum lucro de um negocio que absorvia um capital consideravel. A empreza veio finalmente a dar garantias de prospero desenvolvimento; mas então os manufactureiros do Lancashire se mancommunárão para despojar Arkwright do seu privilegio, assim como os mineiros de Cornouailles se tinhão conspirado contra Boulton e Watt para prival-os das vantagens da sua machina de vapor. Chegárão até a assoalhar que Arkwright era inimigo dos operarios, e uma officina que elle mandára construir perto de Chorley foi destruida, a despeito da presença da tropa de linha e da policia, por magotes de povo amotinado. Os negociantes do Lancashire rejeitárão primeiro os seus productos, bemque estes fossem geralmente reconhecidos como superiores a tudo quanto se havia feito até então. Depois não quizerão comprar-lhe o privilegio para se servirem das suas machinas, e se colligárão no intuito de

esmagal-o perante os tribunaes. A despeito da opinião dos homens justos, a despeito do profundo desgosto que lhes inspirava aquelle ignobil procedimento, o privilegio de Arkwright foi annullado; mas, comquanto tivesse sido derrotado, não se deu elle por vencido. Pelo contrario, estabeleceu grandes fabricas de fiar em outros districtos do Lancashire, no Derbyshire, e em New-Lamark, na Escossia. A fabrica de Cromford passou tambem a pertencer-lhe exclusivamente, quando expirou o prazo do seu contrato de sociedade com Strutt, e a quantidade e excellencia dos seus productos erão taes, que dentro em pouco tornou-se elle o primaz desta industria, sendo os preços regulados pelos seus, e vendo-se todos os donos de fabricas obrigados a segui-lo e a imital-o nas suas operações principaes.

Arkwright era um trabalhador infatigavel; havia-se sempre nos seus negocios com uma energia, um ardor e uma applicação verdadeiramente maravilhosos. Em certa época de sua vida, os trabalhos arduos e continuos que reclamavão o estabelecimento e a direcção das suas numerosas fabricas, o trazião occupado desde as quatro horas da madrugada até as nove da noite. Na idade de cincoenta annos, começou a estudar grammatica, e a aperfeiçoar-se na escripta e na orthographia. Desde que os seus recursos lh'o permittirão, nunca mais viajou senão em carro puxado a quatro, com o unico fim de ir depressa e não perder tempo. Arkwright (deveremos felicitar-nos ou affligir-nos por isto?) foi o fundador em Inglaterra do systema das manufacturas modernas, e é incontestavel que tanto para os individuos como para a nação, este systema ha sido a origem de immensas riquezas.

Nem todos os inventores, por mui habeis que sejam, podem pôr-se á testa da industria como Arkwright. Com effeito, não raros são os que, no tocante á administração,

se mostram pouco aptos, porquanto a prática dos negocios exige qualidades particulares: o talento de organizar o trabalho de um grande numero de homens, a promptidão em adoptar medidas efficazes nas circumstancias difficeis ou imprevistas, a perspicacia no manejo dos interesses praticos da vida. Watt, por exemplo, aborrecia o acotovellamento perpetuo, o contacto incessante com toda a qualidade de gente, aos quaes teem forçosamente de sujeitar-se os que dirigem grandes operações industriaes. Declarava a quem o queria ouvir que acharia mais gosto em tomar de assalto uma bateria do que em ajustar uma conta ou em concluir uma transacção; e tudo induz a crer que elle não houvera colhido lucro algum da sua portentosa invenção, nem conseguido livral-a dos repetidos ataques dos salteadores industriaes que o perseguirão em Cornouailles, em Londres e no Lancashire, se não tivesse tido a fortuna de associar-se, naquella grande crise da sua carreira, ao illustre Matheus Boulton, *pai de Birmingham*.

VIII.

Boulton, com qualidades igualmente recommendaveis no seu genero, differia essencialmente de Watt. O principio da sua carreira fôra sobremodo humilde: havia elle sido primeiramente simples fabricante de botões em Birmingham. Com Boulton, como com muitos outros, deu-se o caso de não ser o homem elevado pela profissão, mas sim a profissão elevada pelo homem. Recebera elle da natureza dotes preciosos, e cuidou sériamente de cultival-os. Possuia no mais alto gráo o genio dos negocios, isto é, uma intelligencia aguda, um juizo solido, e uma

maravilhosa presteza em executar as medidas que o seu juizo approvava. Era tambem quasi sempre, senão sempre, bem succedido no que emprehendia; porquanto, por muito arrojadas que fossem as suas emprezas, erão ellas uniformemente dirigidas pela prudencia. Não seria Boulton, de certo, que tentaria metter uma cunha pela parte mais grossa. Tinha elle uma penetração admiravel, avivada pela experiencia, e graças a qual podia com segurança decidir quando e como lhe era util emprehender qualquer operação. Dirigia affoutamente os seus negocios, mas nunca se deixava arrastar por elles; e a rectidão e integridade pessoaes de que usava nas suas occupações quotidianas erão taes, que, fosse em que posição fosse, lhe houverão grangeado uma reputação digna de inveja. Emfim, posto que prosperasse e se tornasse riquissimo, como merecia, pôde-se dizer delle, com verdade, que em toda a sua immensa fortuna não havia uma unica moeda que *cheirasse mal*.

Boulton não era só homem de negocio; era tambem um adepto illustrado das sciencias, um fautor generoso das artes, um fervoroso admirador da litteratura. Mas o fim principal de sua vida, seu trabalho predilecto foi fazer adoptar a machina de Watt, e conseguir, conforme a ideia que concebera, que ella viesse a ser a grande força motriz da industria ingleza. Quão sublime não é o ingenho e nobre orgulho com que elle dizia a Boswell: « Vendo aqui, senhor, o que todos desejão ter... *força*, « *força!* — Boulton, » diz Boswell, « trazia empregados « uns setecentos operarios; contemplava eu n'elle, por « assim dizer, o chefe dos homens do ferro; mas elle « parecia ser ao mesmo tempo o pai da sua tribu. » A Sra. Schimmel Penninck descreve-o como um homem de maneiras nobres, francas e cordiaes, e cuja munificencia se assemelhava á de um rei. « Quando Boulton passa-

va pelo meio dos seus operarios, » diz ella, « parecia um monarcha liberalisando graças. » E elle era um verdadeiro nobre, um grande capitão da industria. Cada um dos degráos por onde subiu á sua eminente posição, foi o premio de um honroso labor, de um intrepido esforço. E pois, não ha inveja que prevaleça contra um tal homem ; antes colhe elle com segurança louvores, recompensas e benções. Quando Boulton morreu, todos os seus operarios o acompanhárão á ultima morada, e talvez não houvesse um só entre todos elles que conservasse enxutos os olhos.

IX.

A historia de Jacquard tambem mostra, com tanta evidencia como as que acabamos de referir, a influencia que os homens de genio podem exercer no desenvolvimento da producção em seu paiz, por muito humilde que seja a sua condição social. Este admiravel artesano era filho de uma familia laboriosa de Lyão : seu pai exercia o officio de tecelão, e sua mãe levantava debuxos em uma fabrica de seda. Erão ambos muito pobres para poderem dar a seu filho uma educação completa ; e pois, apenas aprendeu elle a ler. Quando chegou o tempo de lhe escolherem um officio, puzerão-o como aprendiz em casa de um encadernador. Um velho empregado do fisco, que ajudava o mestre de Jacquard a fazer a escripturação do seu negocio, deu-lhe algumas lições, e patenteou-lhe assim novos horisontes. O menino mostrou bem depressa notavel inclinação para as mathematicas, e algumas de suas invenções maravilhárão tanto o velho empregado, que este deu ao pai de Jacquard o conselho de escolher

para seu filho uma profissão em que os seus talentos naturaes pudessem desenvolver-se mais livremente. Puzerão-o, pois, como aprendiz na officina de um cutileiro; mas como este o tratava mal, Jacquard deixou-o, e foi empregar-se na officina de um fundidor de typos.

Por morte de seus pais, viu-se Jacquard obrigado a continuar os trabalhos de tecelaria do chefe de sua familia e logo tratou de aperfeiçoar os seus teares; mas as suas invenções lhe absorverão por tal modo todas as faculdades, que elle se esqueceu de trabalhar e achou-se bem depressa sem dinheiro algum. Vendeu então os seus teares para pagar o que devia, e isto justamente, no momento em que tendo-se casado, contrahia a grave responsabilidade de chefe de familia. Ficou naturalmente ainda mais pobre, e, para contentar os seus credores, viu-se na dura necessidade de vender a sua casa. Buscou por muito tempo emprego sem o achar, porque todos o consideravão como um vadio, que só servia para andar excogitando invenções impossiveis. Todavia, passado muito tempo, sempre conseguiu ser admittido em uma fabrica de linhas de pescar, da Bresse, e para alli partiu, deixando sua mulher em Lyão, onde ella ganhava precariamente a vida fazendo chapeos de palha.

Passarão-se alguns annos, durante os quaes não se soube ao certo o que fôra feito de Jacquard; mas parece que elle pôde consagrar as suas horas vagas aos aperfeiçoamentos que queria realisar no seu tear de estirar, afim de adaptal-o ao fabrico de brocados superiores aos que até então se fazião; porquanto, em 1790, apresentou o seu apparelho para separar os fios do ordume, e esse apparelho, tendo sido applicado ao tear, tornou desnecessario o serviço do puxador de laçadas. A adopção d'esta machina foi lenta, sim, mas progressiva; de sorte que, dez annos depois da sua introdução, o numero d'ellas já subia a 4,000 somente em Lyão.

Os trabalhos de Jacquard forão violentamente interrompidos pela Revolução ; e, eis a razão por que em 1793, vemol-o combatendo nas fileiras dos voluntarios lyonezes contra o exercito da Convenção commandado por Dubois Crancé. Tomada a cidade, Jacquard fugiu e foi assentar praça no exercito do Rheno, no qual obteve o posto de sargento. Talvez honvesse sido sua intenção seguir a carreira das armas ; mas, tendo visto seu filho unico morrer a seu lado em um combate, desertou e voltou para Lyão, onde tratou de procurar sua mulher. Descobriu-a com effeito em umas aguas-furtadas, onde continuava a fazer chapéos de palha. Emquanto vivia escondido em companhia della, poz-se naturalmente a meditar nas invenções com que tanto se occupára o seu espirito durante os annos anteriores á Revolução. Jacquard bem vontade tinha de fazer experiencias ; mas carecia de tudo, e até se viu dentro em pouco obrigado a sahir do seu esconderijo afim de procurar trabalho. Teve a felicidade de ser contratado por um intelligente manufactureiro, e, ao passo que trabalhava de dia, continuou a inventar de noite. Estava elle convencido de que se podião fazer importantes melhoramentos nos teares de brocados, e fallou um dia, de passagem, a este respeito com seu patrão, a quem ao mesmo tempo confessou o pezar que tinha de lhe faltarem os meios para pôr em prática as suas ideias. Felizmente para Jacquard, o manufactureiro reconheceu o valor dos seus projectos, e, com louvavel generosidade, pôz á sua disposição o dinheiro sufficiente para que elle pudesse, nas horas vagas, executar os aperfeiçoamentos que ideára.

D'alli a tres mezes, já Jacquard havia inventado um tear que tinha por fim fazer executar mechanicamente grande parte do trabalho mais fastidioso e cansativo do operario. Este tear, tendo figurado na exposição da in-

dustria nacional, em Paris, no anno de 1801, foi premiado com uma medalha de bronze. Jacquard teve além d'isto a honra de receber em Lyão a visita do ministro Carnot, que quiz dar-lhe em pessoa os parabens pelo bom exito da sua invenção. No anno seguinte, a Sociedade das Artes, de Londres, offereceu um premio para a invenção de uma machina de fazer rêdes de pescar e de trincheiras de navio. Jacquard ouviu fallar n'isto, e, um dia, passeando no campo, como costumava, tanto meditou no assumpto, que conseguiu elaborar o plano segundo o qual podia ser construida a machina pedida. O manufactureiro seu amigo ministrou-lhe outra vez os meios de pôr em prática as suas ideias, e ao cabo de tres mezes completava Jacquard a sua invenção.

Tendo-se espalhado o boato desta façanha, o prefeito do departamento mandou chamar Jacquard, e, á vista das minuciosas explicações que o inventor deu ácerca da sua machina, redigio-se um relatorio especial, que foi por aquella autoridade remettido ao Imperador. Jacquard, convidado a ir a Pariz com a sua machina, foi apesentado ao Imperador, o qual recebeu o grande artesano com a consideração que sempre se dava pressa em testemunhar ao genio. A entrevista durou duas horas, durante as quaes Jacquard, perdendo o acanhamento á vista da affabilidade do Imperador, explicou minuciosamente os aperfeiçoamentos que pretendia realisar nos teares de tecer; e o resultado de tudo isto foi o illustre mechanico obter, não só uma pensão que lhe garantia sufficientes meios de subsistencia, senão tambem agasalho nos aposentos do Conservatorio das Artes e Officios, cujas officinas e salas de modelos forão postos á sua disposição por todo o tempo que elle devia demorar-se em Pariz.

Assim que se achou hospedado no Conservatorio, Jacquard poz-se a trabalhar diligentemente nos aperfeiço-

mentos que pretendia realisar no tear de tecer. Teve elle a vantagem de poder examinar minuciosamente as diversas obras de mechanica que se achão naquella grande collecção de thesouros do geuio do homem. Entre as machinas que attrahirão sua attenção e lhe revelarão a senda que elle devia definitivamente trilhar, distinguia-se o *moinho de organzinsar* do celebre Vaucanson, constructor de automatos.

Vaucanson era um homem que possuia no mais alto gráo o genio da construcção. A faculdade de inventar era nelle uma paixão irresistivel, contra a qual não havia obstaculos que prevalecessem. O adagio que diz que só são poetas os que nascem fadados para sel-o, tambem se applica com igual fundamento aos inventores, os quaes, bem que possuão, da mesma sorte que os poetas, dever muito á educação e ás circumstancias favoraveis, nem por isso deixão de ceder á necessidade de satisfazer o seu proprio instincto, levando de continuo a inventar e a combinar novas construcções mechanicas. Isto succedeu particularmente com Vaucanson, cujos trabalhos mais complicados são antes notaveis pelo seu curioso character de engenhosa imaginação, do que pela sua utilidade.

Em criança, costumava elle ir, quasi todos os domingos, com sua mãe, visitar um velho amigo de sua familia; e, durante a conversa, divertia-se observando, por uma fresta do tabique, o machinismo de um relógio que se achava no aposento contiguo. Envidou todos os seus esforços para comprehender como funcçionavão aquellas diversas peças peças, e, tendo cogitado muito neste assumpto, chegou finalmente a descobrir o p.incipio do escapamento. Desde então, dominou-o completamente a paixão das invenções mechanicas. Dispondo apenas de alguns toscos instrumentos de sua invenção, conseguiu fazer primeiro um relógio de páo que marcava horas com

notavel exacção, e depois, para um oratorio, anjos que agitavão as azas, e padres que executavão certos movimentos proprios das ceremonias religiosas. Para poder construir alguns outros automatos que havia imaginado, pôz-se a estudar anatomia, musica e mechanica, e gastou alguns annos nestes estudos.

A vista da estatua do *flautista*, no jardim das Tulherias, lhe inspirou a resolução de inventar uma estatua semelhante, mas que tocasse; e ao cabo de alguns annos consagrados, a despeito de sua má saude, ao estudo e ao trabalho, conseguiu realisar o seu projecto. Depois disso, construiu um *tocador de flageolet*, e, passado a'gum tempo, um *ganso*, — a mais engenhosa de suas invenções, — o qual nadava, remechia a agua com o bico, bebia e grasnava como um verdadeiro ganso. Inventou depois um *aspide*, do qual se servirão na representação da tragedia *Oleopatra*, e que silvava e lançava-se ao seio da actriz, qual verdadeira serpente.

Entre as invenções deste genero, pertencentes áquella epocha, havia tambem o *parão mechanico* de Degennes e o *magico* de Maillardet. Estas singulares e engenhosas construcções, posto que tivessem principalmente por fim divertir e maravilhar os espectadores, forão não obstante mais uteis do que parecião. Graças a ellas, os bons operarios se acostumarão a executar as partes mais delicadas das suas obras com uma justeza e perfeição até então desconhecidas. As combinações mechanicas que a principio só havião servido para fazer patinhar o ganso ou para armar o magico da sua varinha maravilhosa, não levárão muito a ser empregadas na construcção de obras infinitamente mais importantes; e viu-se bem depressa reaparecerem no mechanismo prodigioso dos tórnos automotores, dos teares de tecer e das machinas de vapor, as mesmas rodas e os mesmos piões, que nos automatos de Vau-

canson não podião ser percebidos em razão da sua extrema delicadeza e exiguidade.

Vaucanson, porém, não se limitou a construir automatos. O cardeal Fleury, vendo quão engenhoso elle era em suas invenções, nomeou-o inspector das manufacturas de seda; e tão depressa Vaucanson começou a exercer o seu emprego, como logo cedeu ao seu irreprimivel instincto, e tratou de effectuar melhoramentos nas machinas empregadas no fabrico dos tecidos de seda. Uma das machinas de sua invenção foi o *moinho de organzinar*, o qual encheu de tamanho furor os operarios, receiosos de se verem privados do seu emprego por aquella nova machina, que apedrejáráo Vaucanson e quasi o matáráo. Isto, porém, não o impediu de continuar a inventar; e tanto assim, que pouco tempo depois construiu um tear para tecer sedas lavradas, ao qual adaptára uma machina accessoria, destinada a preparar a seda de tal modo, que o fio de cada fuso ou negalho ficava exactamente com a mesma grossura em toda a sua extensão.

Quando Vaucanson morreu, em 1782, depois de longa enfermidade, legou á rainha a sua collecção de machinas. Mas ella não deu provavelmente grande importancia áquelle legado, porquanto a collecção bem depressa desapareceu. Felizmente, a machina de tecer estofos ornados de flôres foi preciosamente guardada no Conservatorio das Artes e Officios, onde Jacquard a achou entre o grande numero de objectos curiosos e interessantes que contém aquella collecção. Essa machina lhe foi summamente util; porquanto suggeriu-lhe a idéa da modificação principal que elle devia effectuar no seu tear aperfeiçoado.

Uma das peças mais notaveis da machina de Vaucanson era um cylindro semeado de furos, o qual, conforme os furos que apresentava gyrando, regulava o movimento de certas agulhas e apartava os fios do ordume, formando

desta maneira qualquer desenho que não fosse muito complicado. Jacquard aproveitou-se avidamente daquella idéa, e, como verdadeiro inventor de genio, tratou logo de aperfeiçoal-a. Ao cabo de um mez a sua machina de tecer estava concluida. Ao cylindro de Vaucanson, ajuntára elle uma interminavel tira de papelão, toda coberta de furos, através dos quaes os fios do ordume erão apresentados ao tecelão, ao passo que outra peça do machinismo indicava a côr da lançadeira que elle devia empregar. Assim ficavão a um tempo supprimidos a levantadora de debuxos e o puxador de laçadas. Logo que se achou prompto o seu tear, Jacquard teceu nelle alguns metros de rico estofo que apresentou á imperatriz Josephina. Napoleão, satisfeitissimo com aquelle resultado, mandou fazer, pelos mais habeis operarios, alguns teares segundo o modelo do de Jacquard, e lh'os deu de presente; depois d'isto Jacquard voltou para Lyão.

Alli experimentou a sorte que muitas vezes cabe aos inventores. Foi recebido como um inimigo pelos habitantes da sua cidade natal, e tratado por elles como Kay, Hargreaves e Arkwright o havião sido no Lancashire. Os operarios acreditarão que o novo tear ia prejudical-os nos seus interesses, e até mesmo tirar-lhes o pão da boca. Em uma reunião tumultuosa que teve lugar na praça dos Terreaux, decidiu-se que fossem destruidas as machinas de Jacquard, e tel-o-hião sido, com effeito, se não houvesse intervindo a força armada. Jacquard foi denunciado como o inimigo do povo e enforcado em estatua. A junta dos peritos, que tentou, mas em vão, apaziguar os animos, foi tambem denunciada; e os peritos que, pela maior parte, havião sido operarios e sympathisavão com elles, arrastados pelo movimento popular, tolerarão que um dos teares de Jacquard fosse tomado e despedaçado em publico. Seguirão-se outros motins, e em um

delles foi Jacquard a muito custo arrancado das mãos da multidão furiosa que o arrastava ao longo do cães, decidida a afogal-o no rio.

Todavia, o immenso valor do tear por elle inventado não podia ser posto em duvida, e o seu triumpho só dependia do tempo. Nestes entrementes, alguns fabricantes inglezes instárão com Jacquard para que fosse estabelecido em Inglaterra; mas, apêzar de ter sido tratado pelos seus concidadãos tão indigna quão cruelmente, cedeu elle á voz do seu ardente patriotismo que o inhibia de aceitar um tal offerecimento. Os fabricantes inglezes, porém, adoptárão o seu tear, e foi então... sómente então, que os Lyonezes, vendo-se em risco de serem desapossados da sua industria por meio da invenção do homem de genio que elles perseguião, a adoptárão por seu turno. Ao cabo de um periodo de tempo relativamente curtissimo, a machina de Jacquard já era empregada no fabrico de quasi toda a especie de tecidos, e os resultados provárão quão chimericos havião sido os receios dos operarios. O tear de Jacquard, em vez de diminuir o trabalho, decuplicou-o. O numero dos operarios empregados no fabrico das sedas lavradas, em Lyão, subia, segundo o Sr. Leão Faucher, a 60,000 em 1833; e desde então aquelle numero tem augmentado consideravelmente.

Quanto ao proprio Jacquard, d'aquelle epocha em diante viveu elle mui tranquillo. Os operarios que no seu ignaro furor, o havião arrastado ao longo do caes para afogal-o no rio, mostrarão-se, no seu reconhecimento, entusiasticamente dispostos a carregal-o em triumpho ao longo d'aquelle mesmo caminho, afim de celebrarem o seu natalicio; mas Jacquard, modesto como era, não podia consentir em taes demonstrações. Algum tempo depois, o conselho municipal de Lyão, afim de poder contar com os serviços de tão util cidadão, propoz-lhe que con-

sagrasse a maior parte do seu tempo ao aperfeiçoamento da sua machina, para que a cidade podesse auferir todas as vantagens que d'ella devessem resultar; e Jacquard consentiu n'isto de boamente, mediante uma modica pensão, cuja importancia foi por elle proprio fixada. Quando completou sessenta annos, retirou-se para Oulins, lugar onde nascera seu pai, e onde elle queria acabar os seus dias. Alli recebeu, em 1820, a condecoração da Legião de honra, e alli morreu e foi sepultado, em 1834. A cidade de Lyão pagou-lhe o devido tributo de gratidão erigindo-lhe uma estatua; mas seus parentes forão esquecidos e ficarão na pobreza: vinte annos depois da sua morte, suas sobrinhas virão-se na necessidade de vender por algumas mesquinhas centenas de francos a medalha de ouro que lhe fôra conferida por Luiz XVIII.

X.

Fôra facil alongar este martyrologio dos inventores, e mencionar aqui os nomes de um grande numero de homens eminentes que contribuirão efficazmente para o progresso industrial da nossa época. Limitar-nos-emos a citar dous: Philippe de Girard, inventor da machina de fiar linho, e Josué Heilmann, que inventou a machina de cardar algodão. Arago, com admiravel energia de estylo, descreveu o primeiro como um « *marechal da industria, morto na brecha.* » Nasceu elle, em 1775, em Lourmarin, no departamento de Vauclusa. Sua familia, diz o seu biographo, o Sr. Triqueti, era « a providencia visivel da aldeia onde residia. » Seu pai, homem de excellente juizo, dirigia com o maior cuidado a educação de

seus filhos, o mais moço dos quaes, Philippe, era dotado de admiravel intelligencia e de aptidões tão diversas, que podia consagrar-se alternativamente ao estudo da mechnica, da poesia, da pintura e de muitas outras sciencias e artes. E' até bem possivel que esta extraordinaria variedade de aptidões fosse a causa da versatilidade que mais tarde o condemnou a ser tão mal succedido nas suas emprezas. Seu maior prazer era inventar; e até se diz que quando elle esteve na escola de Montpellier, tanto reflectiu no movimento incessante das ondas, que, parecendo-lhe haver grande vantagem em aproveitá-lo, inventou uma machina muito engenhosa para utilizar aquelle immenso reservatorio de força sem emprego: n'essa epocha Girard tinha apenas quatorze annos de idade.

Durante a sua estada em Montpellier, começou o estudo da medicina, mas bem depressa o deixou para se dedicar ao desenho e á esculptura. Quando rebentou a Revolução, Philippe, para não ser obrigado a assentar praça, emigrou, com seus dous irmãos, para Mahon, na ilha Minorca, onde se demoráráo algum tempo, vivendo do seu trabalho. O joven Girard soube utilizar-se da sua habilidade como desenhista, e pintou com feliz exito alguns retratos e paisagens. Ao cabo de certo tempo, os irmãos Girard forão para Liorne, onde Philippe, recorrendo d'esta vez aos seus conhecimentos chimicos, se applicou com vantagem ao fabrico de sabonetes. D'essa epocha em diante, pode-se dizer que elle se dedicou indefessamente á applicação das sciencias á industria. Mas a sua versatilidade o impedia de consagrar-se exclusivamente a um trabalho, fosse este qual fosse; tanto assim que ao passo que fabricava sabonetes, ainda achou tempo para inventar uma machina destinada a reduzir estatuas e outra para lavrar pedras de cantaria.

Tendo-se moderado um pouco a effervescencia revolucionaria, Girard voltou para França e se estabeleceu em Marselha, onde montou uma fabrica de productos chimicos. Tinha elle então vinte annos apenas. Todavia novas discordias civis o obrigárão a sahir de Marselha, e a refugiar-se em Niza. Achando-se justamente vaga n'esta cidade a cadeira de professor de chimica, Girard logo se apresentou como candidato com outros competidores; mas, apezar de ter-se reconhecido a superioridade das suas habilitações, deixou elle de ser escolhido, por não ter a idade legal. Sob o governo do Consulado, achando-se a ordem social quasi restaurada, Philippe tornou a Marselha, e alli fez um curso de chimica que lhe grangeou muita fama. Seguiu depois para Paris, que offerecia um campo mais vasto aos seus grandes talentos, e foi alli que realison as importantes invenções com as quaes se acha identificado o seu nome. Apresentou algumas d'essas invenções na exposiçào da industria franceza, em 1806, e, entre outras, um oculo de ver ao longe em que o crystal (*flintglass*) era substituido por um liquido, latas envernizadas e ornadas de um modo inteiramente novo, e os candieiros hydrostaticos, que depois se tornárão de uso tão geral. Girard tambem consagrou a sua attenção aos melhoramentos de que era susceptivel a machina de vapor, e tão bem succedido foi n'este particular, que, em 1809, a sociedade auxiliadora da industria nacional lhe conferiu uma medalha de ouro por uma machina que elle construiu observando certas condições previamente determinadas. Mas postoque Girard tivesse obtido o premio e grangeado assim uma certa reputação, nem por isso se lhe mostrou a fortuna mais propicia do que até alli. As invenções erào suas, mas erào os outros que punhão em prática as suas invenções; e bemque o seu genio fosse reconhecido, conservava-se elle sempre comparativamente pobre.

Na primavera de 1810, depois de seis annos de incessante trabalho, os irmãos Girard voltárão á casa paterna, em Lourmarin, afim de se refocillarem um pouco. Uma manhã, na occasião em que se achavão á meza almoçando, o pai de Girard, desdobrando o *Monitor* de 12 de Maio de 1810, leu o decreto imperial que promettia « um milhão ao inventor, nacional ou estrangeiro, de uma machina propria para fiar linho. » O ancião passou logo o jornal a seu filho, dizendo-lhe : « Philippe, isto se entende contigo. » O convite assim feito ao genio inventivo da França e do mundo foi para Philippe um estimulo a que elle cedeu, pondo-se immediatamente a estudar o problema que lhe era proposto. Ao cabo de um dia e de uma noite consagrados ao estudo, desceu do seu quarto, pela manhã, para almoçar, e, abraçando seu pai, disse-lhe tranquillamente : « Meu pai, o milhão é nosso. »

A invenção de uma tal machina era nessa época da maior importancia para a França. O linho constituia um dos seus principaes productos; e como então não se podia, por causa da guerra com a Inglaterra, importar algodão em quantidade sufficiente, Napoleão desejava com vivo ardor que se podesse achar o meio de adaptar á fição do linho machinas semelhantes ás que os Inglezes empregavão tão vantajosamente na fição do algodão. Philippe de Girard foi o unico que acudiu á voz do Imperador. Não careceu elle de muito tempo para construir e aperfeçoar uma machina modelo que fosse a representação exacta das suas idéas; e no dia 18 de Julho de 1810 obteve a sua primeira patente. Os amigos de Girard hão sustentado que a sua machina preenchia todas as condições exigidas, que elle inventára e aperfeçoára um methodo inteiramente novo de fiar linho, e que tinha por conseguinte todo o direito á recompensa promettida pelo Imperador. Fosse como fosse, o que é certo é que não lhe foi concedida a recompensa.

Os irmãos Girard lembrãrão-se então de utilizar por sua propria conta a invenção, e em 1812 estabelecêrão em Pariz, na rua Meslay, a primeira fabrica de fiar linho. Pouco tempo depois estabelecêrão outra, na rua de Charonne, e estas duas fabricas trabalhavão prosperamente quando os desastres de Napoleão, em 1814, vierão determinar de subito a quasi completa ruina dos interesses manufactureiros da França. Os credores de Philippe metterão-o na prisão; mas o seu invencivel instincto de inventor nada perdêra da sua força: porquanto, no momento em que os exercitos estrangeiros marchavão sobre Pariz, ainda elle se occupava em inventar armas a vapor capazes de expellir sessenta balas por minuto. Todavia, a sua invenção veio tarde; e até é duvidoso, á vista do tentamen feito subsequentemente em Londres por Perkins, que uma machina de tal genero podesse ter a menor utilidade pratica.

Em 1815, Girard aperfeiçoou de novo a sua machina de fiar linho, e offereceu outra vez a sua invenção ao governo; mas este offerecimento foi rejeitado. Convidado pelo Imperador d'Austria a ir fundar em Vienna uma fabrica de fiar (estabelecimento imperial), Philippe para alli seguiu, levando assim para um paiz estrangeiro a invenção que o seu proprio paiz desdenhára. E o mais singular é que, justamente no momento em que o governo austriaco reconhecia o valioso préstimo das machinas de Girard, uma commissão franceza as condemnava e proscrevia-as, affirmando que ellas estragavão o linho e produzião um fio defeituoso, e chegando mesmo a declarar que os modelos dessas machinas não merecião um lugar no Conservatorio das Artes e Officios (*). Entretanto, Girard fun-

(*) Todavia, a machina de Girard acha-se hoje no museu do Conservatorio. O Sr. Triqueti, na interessante noticia que publicou a res-

dava o grande estabelecimento de Hirtemberg, na Austria; e, ao passo que dirigia os trabalhos daquella manufactura, continuava a occupar-se em diversas invenções, a mais importante das quaes é a caldeira tubular, que se applicou pela primeira vez a um barco de vapor, no Danubio, e que depois, sob diversas fórmas e com diversos aperfeiçoamentos, foi universalmente adoptada.

Da Austria, Girard foi para a Polonia, onde esteve dez annos ao serviço da Russia, como engenheiro em chefe das minas. Não contente com desempenhar os deveres de tão importante cargo, estabeleceu, a instancias do governo, manufacturas de linho em um sitio ao qual se deu, para perpetuar a sua memoria, o nome de *Girardov*. Esta honra, porém, foi uma honra esteril; porquanto, posto que Philippe não cessasse de trabalhar e de inventar, viveu sempre pobre. Onde quer que se achasse, tanto em França, como no exilio, a fortuna lhe era pertinazmente adversa; e elle chegou ao fim da sua laboriosa carreira da mesma fórma que a havia começado, isto é, tendo por unica companheira a pobreza. Depois de vinte

peito de Girard nos *Obreiros segundo Deus e as suas obras* (Pariz 1864), accusa os manufactureiros inglezes de haverem roubado a Girard a sua invenção e de terem obtido, com o emprego della, fortunas consideraveis. Mas ha nisto um erro; pois que já antes de 1810, data da invenção de Girard, o linho era cardado e fiado mechanicamente em Inglaterra, e são os mesmos methodos de então, muitissimo aperfeiçoados é certo, que ainda hoje estao em uso. A machina de cardar linho foi inventada em Leeds, em 1809, por Matheus Murray, a quem, por tal motivo, conferiu a Sociedade das Artes, nesse mesmo anno uma medalha de ouro. Expondo estes factos, não temos em mente pôr sequer de leve em duvida o merecimento de Girard, cuja invenção parece ter sido completamente original; mas quem examinar o modelo depositado no muséu do Conservatorio, logo reconhecerá que não ha a menor semelhança entre a invenção de Girard e a de Murray, que foi a primeira em data.

annos de ausencia, velho e cansado, Philippe de Girard voltou á França para alli morrer, e em 1845, na idade de setenta annos, deixou tranquillamente esta vida, sem ter tido, por fim de contas, a consolação de receber de seu paiz a recompensa que elle constantemente sustentára caber-lhe de direito, pela sua invenção da machina de fiar.

XI.

Josué Heilmann, o inventor da machina de cardar, nasceu em 1796 em Mulhouse, centro principal das manufacturas de algodão da Alsacia. Seu pai era empregado nesta industria, e quando Josué completou quinze annos, admittio-o como extranumerario no seu proprio escriptorio, onde elle trabalhou dous annos, consagrando além disso ao desenho linear a maior parte do tempo de que podia dispôr. Heilmann foi depois passar outros dous annos em Pariz, na casa bancaria de um tio seu, e alli aproveitou as tardes para estudar mathematicas. Tendo alguns de seus parentes formado o projecto de estabelecer em Mulhouse uma manufactura de algodão em pequena escala Heilmann foi para a casa Tissot e Rey, de Pariz, afim de se iniciar no modo por que aquella casa commercial manejava os seus negocios. Ao mesmo tempo matriculou-se como estudante no Conservatorio das Artes e Officios, assistio ás aulas, estudou as machinas no museu, e aprendeu o officio de torneiro com um fabricante de brinquedos de crianças. Depois de ter assim adquirido vastos conhecimentos e grande habilidade como mechanico, voltou para a Alsacia, onde dirigio a construcção das machinas para a manufactura do Velho Thann, cujas

officinas forão abertas no anno de 1819. Todavia os trabalhos da manufactura soffrerão serios transtornos em razão da crise commercial que se deu naquella época, e tendo a manufactura passado a outro proprietario, Heilmann foi ter com sua familia em Mulhouse.

Josué, nas horas que os seus trabalhos lhe deixavão livres, occupára-se constantemente em invenções, cogitando mais particularmente nas que teem por fim a teccedura do algodão e o seu preparo para a fiação. Achando-se de volta em Mulhouse, occorreu-lhe inventar uma machina de bordar, na qual vinte agulhas devião ser empregadas ao mesmo tempo na execução do bordado; e ao cabo de seis mezes, conseguiu realizar o seu intento. Esta invenção, que elle apresentou na exposição de 1834, obteve uma medalha de ouro, e o seu autor foi condecorado com a Legião de honra. Assim animado, Heilmann recommçou a trabalhar com dobrado ardor e inventou successivamente um tear aperfeiçoado, uma machina de medir e dobrar estofos, um aperfeiçoamento do banco de fusos dos fiandeiros inglezes, uma machina de enrolar a trança, e diversos outros aperfeiçoamentos das machinas que servem para preparar, fiar e tecer seda e algodão. Uma de suas mais engenhosas invenções foi o tear para tecer ao mesmo tempo duas peças de veludo ou de qualquer outro estofos felpudo, unidas pela felpa commum a ambas, e que um apparelho mobil, guarnecido de uma lamina afiada, separa quando ellas se achão tecidas. Mas de todas as suas invenções, nenhuma é tão bella e engenhosa como a machina de cardar, da qual vamos dar uma breve noticia.

Heilmann excogitava, havia alguns annos, a construção de uma machina de cardar algodão de *longa seda*. A que se achava então em uso prestava-se muito mal á fiação, e especialmente á preparação dos fios mais finos,

sem fallar no grande desperdicio de materia que ella causava. Reconhecendo estas imperfeições, os fiandeiros de algodão da Alsacia havião offerecido a recompensa de 5,000 francos a quem inventasse uma machina de cardar aperfeçoada, e Heilmann concorreu com outros mecha-nicos para obter aquelle premio. Não o estimulava o mero desejo de ganhar a somma promettida,— pois que se achava relativamente rico, em razão de sua mulher lhe ter trazido uma fortuna consideravel;—cedia elle, sim, ao irreprimivel instincto do inventor que tão depressa se lhe propõe um problema como logo trata de resolvel-o, custe o que lhe custar. Naquelle caso, porém, o problema era muito mais difficil do que o julgára a principio o inventor. Heilmann levou alguns annos a estudar attentamente o assumpto, e fez tamanhas despesas que a fortuna de sua mulher se achou dentro em pouco dissipada; ficou elle assim reduzido á pobreza antes de haver levado ao cabo a sua invenção, e daquella época em diante, vio-se na dura necessidade de esperar dos seus amigos os soccorros de que carecia para continuar os seus trabalhos.

Assim lutava Heilmann com a pobreza e as difficuldades da invenção, quando sua mulher morreu, convencida de que elle se achava irrevogavelmente arruinado. Pouco tempo depois, foi Josué para Inglaterra, e se estabeleceu em Manchester, onde continuou a trabalhar na sua machina. Mandou fazer um modelo della, expressamente para si, pelos habeis fabricantes de machinas, Sharpe, Roberts e C.; mas o modelo não correspondia á sua idéa, e isto muito o desgostou e affligio. Voltou elle á França para visitar sua familia, nunca cessando, estivesse onde estivesse, de cogitar na solução do problema que tinha sempre em mente como uma idéa fixa. Uma noite, achando-se assentado junto do fogão, meditava

Heilmann no triste destino dos inventores e na miseria que muitas vezes acabrunhão suas familias, quando de repente poz-se a observar, quasi sem consciencia do que fazia, mas com toda a attenção, suas filhas que se penteavão, e como ellas, com rapidez e sem a menor difficuldade, fazião correr o pente ao longo do comprido cabello. « Se eu podesse, disse elle consigo mesmo, imitar com bom exito em uma machina aquella maneira de puxar para diante o cabello comprido e de deitar para traz o curto pela acção inversa do pente, veria de certo coroados os meus esforços. (*) »

Esta idéa, que Heilmann logo tratou de pôr em pratica, conduzio-o a invenção da machina de cardar, cujo trabalho é mui simples na apparencia, mas na realidade complicadissimo. Depois de longas e repetidas experiencias, conseguiu elle aperfeiçoar a sua machina tanto quanto era possivel. A belleza singular do methodo de Heilmann só pôde ser bem apreciada por quem ha visto a machina funcionar, e admirado a pasmosa semelhança que ha entre o movimento por ella executado e a acção feminil que suggerio a sua invenção. O Sr. Hawkshaw, presidente da sociedade dos engenheiros civis de Inglaterra, diz, descrevendo esta machina, que ella « funciona com uma delicadeza de tacto quasi comparavel á dos dedos humanos. » Carda ella o negalho de algodão em *ambas as extremidades*, dispõe as fibras de maneira que ficão todas exactamente parallelas, separa as curtas das compridas, reune estas em uma só fita, e aquellas em

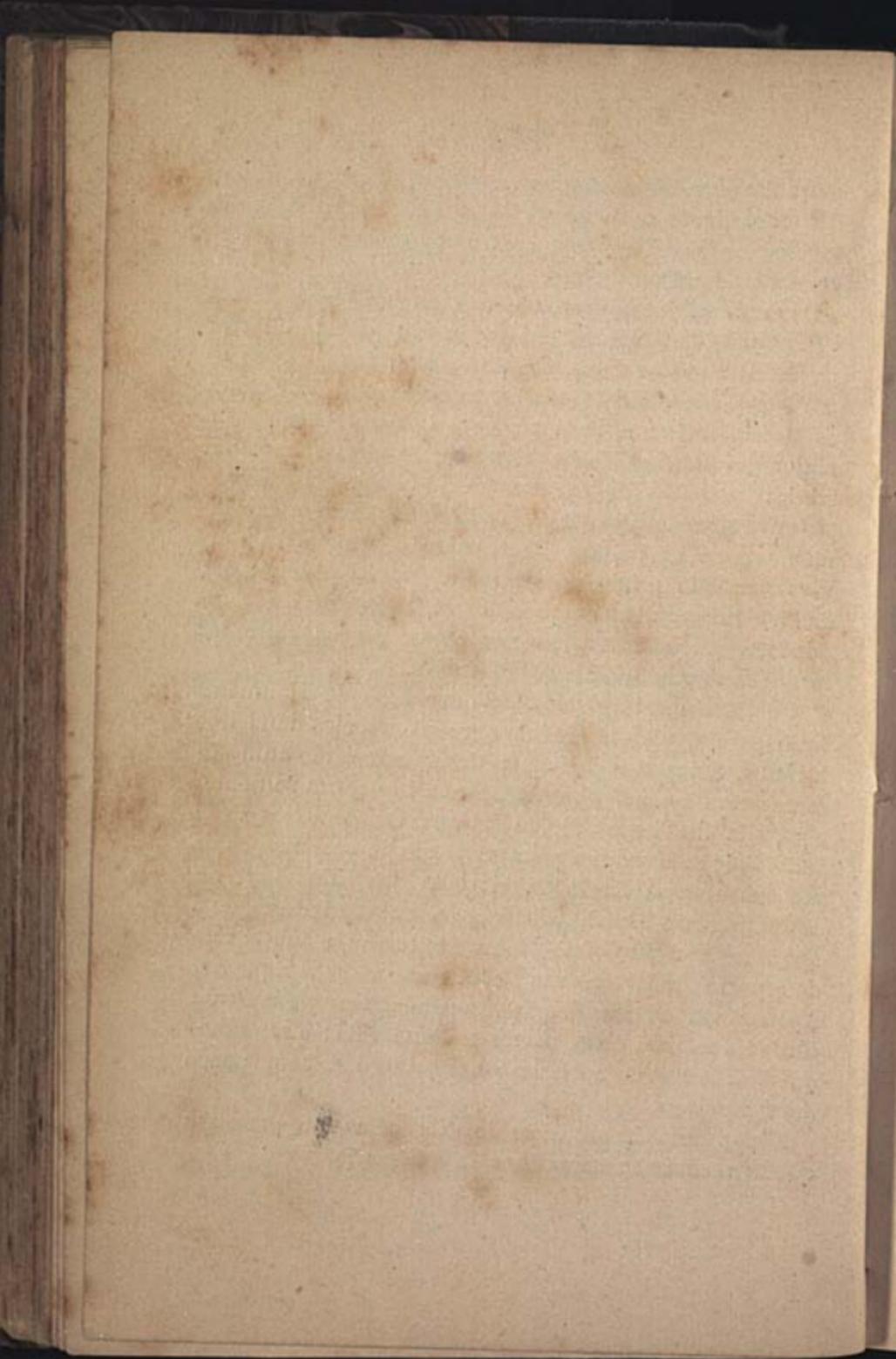
(*) Este facto da vida de Heilmann servio de assumpto ao Sr. Elmore, membro da Academia real de pintura de Inglaterra, para um bello quadro que figurou na exposição de pintura da Academia, em Londres, no anno de 1863.

outra fita igualmente distincta; emfim, funciona não só com a delicadeza de tacto dos dedos humanos, senão também, aparentemente, com a delicadeza de intelligencia do espirito humano.

O grande valor commercial d'esta invenção consistia em ella permittir o emprego do algodão de qualidade inferior no fabrico de fios finos. Os manufactureiros, graças ao novo methodo, puderão escolher as fibras mais bellas para os tecidos caros, e produzir fios finissimos em muito maior quantidade. Tornou-se possível, com esta machina, fabricar-se fio tão fino, que se tiravão facilmente *quinhentos mil metros* de linha de *umt libra* de algodão devidamente preparado; e esta libra de algodão, que talvez houvesse custado primitivamente *um franco*, pôde, assim fiada, e empregada no fabrico de rendas de primeira qualidade, adquirir, antes de ser entregue aos consummido-res, um valor de 8,000 a 10,000 francos.

A belleza e a importancia da invenção de Heilmann forão para logo devidamente apreciadas pelos fiandeiros inglezes. Seis casas do Lancashire se associarão afim de comprarem-lhe a sua patente, para a Inglaterra somente, e por ella lhe derão 750,000 francos. Os fiandeiros de lã derão-lhe igual somma pelo privilegio de servirem-se da sua machina na fiação da lã; e os Srs. Marshall, de Leeds, pagarão-lhe 500,000 francos pelo privilegio de applicarem á fiação do linho. Heilmann achou-se rico de repente; mas elle não devia gozar as suas riquezas. Apenas viu os seus longos trabalhos tão plenamente coroados de bom exito, partiu-se d'esta vida; e seu filho, que fôra seu socio no lidar e nas privações, bem pouco lhe sobreviveu.

E' por meio do sacrificio de existencias tão preciosas que se realizão as maravilhas da civilisação.



CAPITULO IV.

EFFICACIA DA APPLICAÇÃO NAS SCIENCIAS E NAS LETRAS

A occasião ainda tem algum cabello na parte anterior da cabeça; por detraz é inteiramente calva. Se lhe deitardes a mão ao topete, talvez logreis agarral-a; mas se a deixardes escapar nem o proprio Jupiter a apanharia.

(Traduzido do latim.)

Ide avançando sempre, e a fé vos virá alentar!

(D' ALEMBERT.)

I.

E' pelos meios mais simples e pelo exercicio das qualidades mais vulgares que se obteem no mundo os maiores resultados. A vida commum, com suas necessidades, seus deveres, seus cuidados de cada dia, offerece a todos numerosas occasiões de adquirirem a mais preciosa experiencia; e, ainda mesmo nas veredas mais frequentadas, o homem verdadeiramente laborioso acha sempre vasto campo para muitos esforços e progressos.

O augmento de que é susceptivel a prosperidade humana, só se pode realizar seguindo-se a velha estrada da applicação e do bom comportamento; e lançando-se a vista por este caminho, reconhecer-se-ha que os mais esplendidos triumphos cabem sempre aos que dão prova de

maior constancia e de mais sincero amor ao trabalho.

Até mesmo nos mais altos ramos da actividade humana, as qualidades mais vulgares, taes como o senso commum, a attenção, a applicação, a perseverança, são invariavelmente as mais uteis. Em rigor, pode-se passar sem genio; mas o proprio genio por maior que seja, não pode desdenhar a cooperação d'aquellas qualidades communs. Os grandes homens são justamente os que menos confião no poder sobrenatural do genio, os que não crêm na possibilidade de dispensar-se aquella sabedoria vulgar e aquella connexão nas ideias, sem as quaes, ainda mesmo nas cousas insignificantes, não se consegue o bom exito. Alguns d'elles até definem assim o genio: « o bom senso « elevado ao mais alto gráo de força. » Um preceptor distincto, reitor de um collegio, dizia que o genio nada mais era do que o poder de fazer esforços. João Foster o considera como a faculdade de cada qual elevar-se ao nivel do assumpto de que trata. Emfim Buffon disse que « o genio é a paciencia. »

Newton era, incontestavelmente, um espirito de primeira ordem, e não obstante perguntando-lhe alguem um dia como conseguira fazer as suas descobertas, respondeu modestamente: « Pensando sempre no que queria descobrir. » Em outra occasião, descreveu assim a sua maneira de trabalhar: « Não perco de vista o meu assumpto, e espero que os primeiros vislumbres augmentem pouco a pouco até se mudarem em luz intensa e esplendida. » Foi sómente, e sempre tem sido assim, a força de applicação e de perseverança que Newtou se tornou tão afamado. Sua unica distracção consistia em variar os trabalhos a que se consagrava, isto é em deixar momentaneamente um assumpto para estudar outro. « Se « tive a fortuna de prestar alguns serviços, » disse elle um dia ao Dr. Bentley, » devo attribuir o meu bom exito

« tão sómente á paciencia e á perseverança de que sempre
« usei nas minhas pesquisas. » Outro illustre philosopho,
Kepler, tambem dizia, fallando dos seus estudos e dos
seus progressos: « Eu poderia applicar a mim mesmo a
« descripção que Virgilio fez da fama, — *Fama mobilitate*
« *viget, vires acquirit eundo* (*) ; porquanto, offerecendo-
« me cada reflexão ensejo para novas reflexões, venho a
« final a me applicar ao meu assumpto com toda a ener-
« gia de que é capaz o meu espirito.

Os resultados extraordinarios, obtidos simplesmente á
força de applicação e perseverança, hão sido tantos, que
não poucos espiritos eminentes teem chegado a capacitar-
se de que o genio bem longe está de ser um dom tão ex-
cepçional como geralmente se suppõe. Voltaire, entre ou-
tros, acreditava que apenas ha uma estreita separação en-
tre o homem de genio e o homem de intelligencia ordina-
ria. Beccaria ia mais longe: era sua opinião que todos os
homens poderião ser poetas e oradores; e a Reynolds, que
todos poderião ser pintores e esculptores. Se assim fosse
na realidade, teriamos de reconhecer que não houve ef-
fectivamente grande disparate da parte do Inglez simplor-
rio que quando Canova morreu, perguntou ao irmão do
grande artista « Se não tencionava pôr-se á testa da offi-
cina. » Locke, Helvecio e Diderot acreditavão que todos
os homens podem vir a ser homens de genio, e que tudo
quanto estes realizão, sob a influencia das leis fundamen-
taes que regem a marcha da intelligencia humana, seria
igualmente realizado pelos outros, se, nas mesmas cir-
cumstancias, se applicassem da mesma maneira aos mes-
mos trabalhos. Todavia, comquanto reconheçamos ple-
namente a prodigiosa efficacia do trabalho, e o facto in-
contestavel de os maiores genios terem sido tambem os

(*) A Fama vigora com a mobilidade e ganha forças caminhando.

mais infatigaveis trabalhadores, nem por isso é menos evidente que sem as felizes disposições de que os dotára a natureza, nenhum labor, por mais bem dirigido que fosse, houvera produzido um Shakespeare, um Newton, um Beethoven ou um Miguel Angelo.

II.

Se consultarmos de passagem a biographia dos grandes homens, logo nos convenceremos da verdade deste facto, que os mais distinctos entre os inventores, os artistas, os pintores, em uma palavra, entre os trabalhadores de toda a sorte, devêrão em grande parte os seus triumphos á sua infatigavel actividade. Nas mãos de taes homens tudo se muda em ouro... até mesmo o tempo. Disraeli Senior affirmava que todo o segredo do bom exito consiste em cada qual penetrar-se bem do seu assumpto, o que, em todo o caso, exige um estudo e applicação continuos. O cerio é que vemos provirem os progressos do mundo, não de homens de genio, rigorosamente fallando, senão de homens dotados de vigorosas capacidades vulgares, de trabalhadores cuja perseverança e confiança em si mesmos resistem aos mais penosos trabalhos, ás mais desanimadoras contrariedades, de homens que talvez não sejam nimiamente distinctos por capacidades naturaes transcendentis, mas que se applicão á sua obra, seja ella qual fôr, com um ardôr que nenhuma difficuldade pôde entibiar. Uma pobre viuva, fallando de seu espirituoso e voluvel filho, costumava dizer: « E' pena que elle não tenha o dom de perseverança. » Com effeito, estas naturas inconstantes, que não se dedicão a cousa alguma

com assiduidade e firmeza de proposito, são sempre desbancadas, não só pelos homens diligentes, mas até mesmo pelos lerdos. Tem muita razão o proverbio italiano: « *Che va piano, va lontano, e va lontano.* » Já é, pois, um principio da maior importancia conseguirmos disciplinar bem a nossa aptidão para o trabalho. Depois disto, a luta é comparativamente facil. Mas, não nos cansaremos de repetir-o, a facilidade só se adquire com o habito do trabalho; e, sem insistirmos neste facto, que a mais simples das artes não póde ser cultivada sem trabalho, de quantas e quantas difficuldades não vem por fim a zombar quem a elle se soccorre! Graças a uma disciplina precoce e a exercicios constantemente repetidos, foi que o celebre Roberto Peel cultivou os talentos notaveis, bem que naturalmente mediocres, por meio dos quaes veio a occupar tão eminente posição no parlamento inglez. Desde a mais tenra idade foi-lhe forçoso, para fazer a vontade a seu pai, habituar-se a fallar de pé, á mesa e perante as visitas, sem preparação alguma. Seu pai fê-lo tambem adquirir com cedo o habito de repetir, aos domingos, todos os topicos mais importantes do sermão que elle ouvira na igreja. A principio, como bem se póde avaliar, foi mui pouco satisfactorio o resultado dos seus esforços; mas, graças á perseverança e ao habito, chegou o menino a adquirir uma tal força de attenção, de tal modo se lhe vigorou a memoria, que afinal já repetia os sermões por inteiro, sem omitir uma unica palavra. Quando posteriormente, no parlamento, viu-se Peel mostrar na arte de refutar um por um os argumentos de cada um de seus adversarios uma habilidade que, parece-nos, nunca foi igualada, ninguem presumia, de certo, que a extraordinaria força de attenção e de presença de espirito que elle ostentava em taes occasiões era devida ao cuidado com que outr'ora seu pai, na igreja parochial de Drayton, lhe cultivára e disciplinára aquellas preciosas faculdades.

O que a applicação aturada póde effectuar, até mesmo nas causas mais communs, parece na verdade maravilhoso. Estamos tão habituados a ouvir tocar rabeca, que naturalmente julgamos ser aquillo cousa mui simples; todavia, quão longos e laboriosos estudos não exige aquella arte! A um moço que lhe perguntava quanto tempo seria de gastar para aprender a tocar rabeca, Giardini respondeu: « Doze horas diariamente, por espaço de vinte annos. » Dizem que a prática e a musica fazem dansar os proprios ursos. Pois a coitada da bailarina não tem de consagrar á sua tarefa ingrata annos e annos de aturado labor, antes de lhe ser dado brilhar na scena? Quando a Taglioni se preparava para representar de noite, a lição de duas horas que dava seu pai prostrava-a de tal maneira, que ella perdia os sentidos e cahia qual estatua inerte, sendo preciso despil-a, sem a menor consciencia da sua parte, fazer-lhe repetidas fricções e, por assim dizer, resuscital-a. Eis de que modo adquiria ella a pasmosa agilidade de saltos com que de noite arrancava aos espectadores tão estrepitosos applausos. Na enormidade dos estudos e dos exercicios preparatorios a que se submettem estes *artistas* ha muito com' que envergonhar aquelles que, seguindo mais nobres profissões, não se dão ao menor trabalho para se livrarem da indolencia e da preguiça. Metade de uma tal applicação, convenientemente dirigida, bastaria, fosse em que carreira fosse, para garantir o bom exito e conduzir á distincção.

III.

Todavia, o verdadeiro progresso só se prefaz lentamente; os grandes resultados não se obteem de prestes; e de-

vemos nos contentar com avançar na vida da mesma maneira que caminhamos, isto é, passo a passo. « *Saber esperar*, diz de Maistre, *é o grande segredo do bom éxito.* » Com effeito, deve-se semear para um dia se poder colher, e muitas vezes é forçoso aguardar por muito tempo a colheita, e viver, emquanto ella não chega, de paciencia e esperança: o fructo mais appetecivel é o que mais lentamente amadurece. Mas, conforme diz o proverbio oriental, « com tempo e paciencia, a folha da amoreira se muda em setim. »

Consagrar toda a sua attenção ao objecto dos seus esforços e não se queixar do trabalho que elle lhe custa, eis o que constitue o character distinctivo do trabalhador consciencioso. Os homens mais eminentes não são os que desdenhã as miudezas, mas os que, pelo contrario, empregão maior cuidado e esmero em lhes dar a ultima mão. Miguel Angelo, na sua officina, explicava um dia a uma visita o que fizera em uma estatua que anteriormente lhe havia mostrado. « Retoquei esta parte, poli aquella, suavisei este contorno, dei mais saliencia áquelle musculavivei a expressão dos labios e realcei o vigor deste membro. » — « Isto são miudezas, » ponderou a visita. — « E' verdade, » replicou o esculptor, « mas não esqueçais que as miudezas constituem a perfeição, e que a perfeição bem longe está de ser uma miudeza. » Dizem tambem que o pintor Nicoláo Poussin tinha como regra que « quem se dá ao trabalho de fazer uma cousa, deve igualmente dar-se ao trabalho de se esmerar quando a fizer. » Conta-se que, nos ultimos annos de sua vida, perguntando-lhe Vigneul de Marville, seu amigo, como elle conseguira ganhar tamanha fama entre os pintores na Italia, o artista respondêra carregando nas palavras: « Não desdenhando cousa alguma. »

Posto que certas descobertas seião, segundo se diz, de-

vidas ao acaso, quem se der ao trabalho de ver como ellas se effectuarão, reconhecerá que na realidade o acaso muito pouco contribuiu para taes conquistas do ingenho humano. Com effeito, os chamados acasos nada mais hão sido no maior numero de vezes do que occasiões de que o genio soube aproveitar-se. A quèda da maçã de Newton tem sido muito miudo citada como argumento demonstrativo do character fortuito de certas descobertas: mas o que prova isso? Havia já alguns annos que Newton se applicava, com todo o efforço de que era capaz o seu espirito, ao paciente e laborioso estudo do problema da gravitação, e a quèda daquella maçã foi um facto em que elle viu o que só um homem de genio podia ver: esse facto, aliás bem pouco extraordinário, não foi a causa, mas simplesmente a occasião da sublime descoberta que de subito se revelou aos olhos do sabio. O mesmo se pôde dizer a respeito das bôlhas de sabão que suggerirão ao Dr. Young a sua bella theoria das *interferencias*. Aquellas nugas tão lindamente coloridas, que até então só erão consideradas como um divertimento de crianças, levarão-o á grande descoberta da *diffração da luz*. Já se vê pois què, não obstante os grandes homens, segundo a opinião popular, só costumarem dar attenção ás grandes cousas, tambem sabem melhor do que ninguem aproveitar-se das pequenas, como o prova superabundantemente o exemplo de Newton e de Young, os quaes descobrirão o que nenhum outro havia ainda descoberto, a significação e o alcance de factos tão simples e familiares como a quèda de uma maçã e a colorisação das bôlhas de sabão.

IV.

A differença entre os homens consiste pois, em grande

parte parte, na intelligencia das suas observações. Um proverbio dos Russos diz que « o máo observador é capaz de atravessar uma floresta sem nella descobrir lenha para o fogo. » « O sabio, diz Salomão, tem os seus olhos na frente; mas o insano caminha nas trevas. » — Senhor, » disse um dia Johnson a um pedante recém-chegado da Italia, » ha pessoas que acharão mais occasiões do se instruirem indo de Londres a Hampstead (*), do que outras percorrendo toda a Europa. » Com effeito, o espirito vê e não menos lucidamente do que os olhos: onde o observador desattento nada nota, o homem dotado de vista intelligente penetra de prestes os phenomenos que se lhe depáráo; observa attentamente as suas diversidades, compara-os uns com os outros, e chega assim a descobrir a causa que os determina. Muita gente, antes de Galileu, havia visto um peso suspenso oscillar compassadamente; mas Galileu foi o primeiro que penetrou a causa deste facto. Tendo um dos maceiros da cathedral de Pisa, ao deitar azeite nas lampadas, deixado uma dellas a balançar-se, Galileu, que então contava apenas dezoito annos de idade, pôz-se a observar aquelle facto attentamente e concebeu a idéa de servir-se delle para medir o tempo. Todavia, só ao cabo de cincoenta annos de trabalho e de estudo foi-lhe dado completar a invenção do seu pendulo, invenção cuja importancia, sob o ponto de vista da medida do tempo e dos calculos astronomicos, é realmente incalculavel. Ainda mais, tendo Galileu sabido por acaso que um certo Lippershey, hollandez e fabricante de oculos, offerecêra ao conde Mauricio de Nassau um instrumento por meio do qual os objectos distantes parecião approximar-se do espectador, tratou logo de pesquisar a

(*) Hampstead faz hoje parte de Londres.

causa deste phenomeno, e veio finalmente a inventar o telescópio, graças ao qual se tornárão possíveis uma infinidade de importantes descobertas astronomicas. Nenhum observador negligente, nenhum ouvinte simplesmente passivo lograria, por mais que o ajudasse o acaso, fazer tão transcendentés descobertas.

Na época em que o capitão Brown (chamado depois Sir Samuel) se occupava em estudar construcções de pontes, afim de collocar-se economicamente uma sobre o Tweed, perto do qual ficava a sua habitação, viu elle no seu jardim, quando alli passeiava em uma manhã de outono, uma teia de aranha coberta de orvalho e estendida de um lado a outro por cima do caminho. Occorreu-lhe logo á idéa de que se poderia construir da mesma maneira uma ponte de arame ou de correntes de ferro, e o resultado daquella observação foi o seu invento das pontes pensis. A mesma cousa se deu com Jaime Watt, o qual, tendo sido consultado sobre o meio de conduzir-se a agua por baixo do Clyde, rio cujo leito é muito desigual, sentiu despertar-se a sua attenção á vista da casca de uma lagosta que lhe servirão á mesa, e immediatamente inventou, guiando-se por aquelle modelo, um tubo de ferro que, convenientemente collocado, preencheu cabalmente o fim que se tivera em vistas. Foi com o vermesinho que rói a madeira dos navios (*teredo navalis*) que Sir Isambart Brunel aprendeu a arte de rasgar *tunnels*: viu elle como aquella infima creatura, com a sua cabeça bem armada, perfurava a madeira, ora em uma direcção, ora em outra, até concluir o passadiço, cobrindo depois a abobada e os lados com uma especie de verniz; e foi imitando este methodo em grande escala que Brunel conseguiu perfazer esse prodigio da arte do engenheiro, o *tunnel* do Tamisa.

O olho intelligente do observador attento dá um valor

incrível aos phenomenos mais insignificantes na apparencia. A vista de uns fragmentos de vegetaes que boiavão perto do seu navio foi quanto bastou para Colombo conter a maruja disposta a sublevar-se, de desesperada com aquella longa navegação que parecia interminavel; e contev-a, convencendo-a de que com effeito o novo mundo, objecto dos desejos de todos, não estava longe. Não ha cousa pequenina de que não valha a pena lembrarmos-nos; não ha nenhuma, por mais indifferente que pareça, da qual não possamos colher alguma utilidade, uma vez que a interpretemos com cuidado. Quem jámais imaginaria que as *famosos penhascos brancos* das costas d'*Albion* forão construidos por insectos microscopicos da mesma ordem dos que semeirão de ilhas de coral o Oceano? E quem, depois de haver comparado estes resultados extraordinarios com as operações por assim dizer insensiveis que os produzirão, ousaria pôr em duvida o poder dos infinitamente pequenos?

V.

A observação attenta das pequenas cousas é verdadeiramente o segredo do bom exito nos negocios, nas artes, nas sciencias, em summa, em todas as carreiras. Os conhecimentos humanos nada mais são do que uma collecção de pequenos factos, de migalhas de saber e de experiencia penosamente recolhidas pelas gerações successivas, e que, amontoando-se e superpondo-se umas ás outras por espaço de seculos, chegarão com o andar do tempo a formar uma immensa pyramide. Posto que alguns desses factos e dessas observações a principio parecessem ser de mui pouca importancia, todos afinal vierão a ter

emprego e casa apropriada no taboleiro dos conhecimentos humanos. Uma infinidade de pesquisas, aparentemente destituídas do menor interesse actual, servirão de base a theorias ou a methodos que posteriormente dêrão resultados da mais evidente utilidade prática. No caso das secções conicas, descobertas por Apollonio de Perga, vinte seculos se pasaráo primeiro que ellas servissem de base á sciencia da astronomia, que ajuda o navegante moderno a percorrer desassombrado mares desconhecidos, porquanto lhe traça no céo o caminho seguro que o conduz ao porto. Se os mathematicos não houvessem trabalhado tanto, — e, na opinião de observadores menos instruidos, com bem pouca utilidade na apparencia, — para descobrir as relações abstractas das linhas e das superficies, é mais que provavel que a maior parte das nossas invenções mechanicas nunca terião sahido á luz.

Quando Franklin descobriu a identidade do raio e da electricidade, escarnecerão da sua descoberta, e perguntarão-lhe para que servia aquillo. Mas os escarnecedores se havião com quem lhes podia rebater as pecuinhas, e que de prestes lhes retorquia: « Para que póde servir uma criança? — para vir a ser um homem provavelmente! » Da mesma sorte, quando Galvani descobriu que as pernas das rãs se contrahião ao contacto de laminas de metaes differentes introduzidas entre um musculo e um nervo, quem teria presumido que de um facto tão insignificante na apparencia deverião provir resultados importantissimos? Havia não obstante naquella descoberta o germen do telegrapho electrico, que hoje liga os continentes, estabelecendo entre elles communições tão promptas quão certas, e parecendo destinado a cingir, em bem proximo futuro, todo o globo com a sua rêde. Assim tambem alguns fragmentos de rochas e de fosseis extrahidos da terra e intelligentemente estudados forão a ori-

gem da geologia e da industria mineral que emprega imensos capitaes e uma infinidade de braços.

VI.

A arte de aproveitar as occasiões e de utilizar até mesmo os casos fortuitos é uma grande arte, e uma arte que de ordinario garante o bom exito. Os que teem a firme resolução de sahir-se bem do que empreendem, achão sempre occasiões azadas para a realisação dos seus projectos; e quando as occasiões não se apresentam, elles mesmos as suscitão. Mas os que mais hão feito pela sciencia e pela arte não são os que tiverão a vantagem de estudar nos collegios, nos museus e galerias publicas; e nem é das escolas de adultos que teem sahido os artistas mais illustres e os mais afamados inventores: a necessidade, mais a miudo do que a abastança, ha sido a mãe da invenção; e a escola pratica por excellencia é a do infortunio.

Alguns dos melhores operarios tiverão muitas vezes de trabalhar com instrumentos de qualidade muito inferior; mas não são os instrumentos que fazem o operario: elle nada será se lhe faltar habilidade e perseverança. E' até proverbial que o máo obreiro nunca acha instrumento que lhe sirva. Perguntárão um dia a Opio de que meio maravilhoso se servia para misturar as côres: « Misturo-os com o meu cerebro », respondeu o pintor. Assim deve proceder todo o operario que quizer abalisar-se. Ferguson fez cousas maravilhosas, — entre outras, um relógio de páo que marcava exactamente as horas, — com um simples canivete, instrumento que todos teem á mão. Verdade seja que nem todos se podem comparar com Fergu-

son. Uma terrina cheia d'agua e dous thermometros fôrão os instrumentos de que o chimico Black se serviu para descobrir o calor latente; e um prisma, uma lente e uma folha de papelão bastãrão para ajudar Newton a revelar ao mundo a composição da luz e a origem das côres. Um sabio estrangeiro, tendo ido visitar o Dr. Wollaston, pediu a este que lhe mostrasse o laboratorio onde a sciencia fôra enriquecida com tão preciosas descobertas. O doutor o conduziu a um quartinho, e mostrando-lhe, sobre uma mesa, uma velha bandeija dentro da qual se achavão alguns vidros de relógio, papeis reactivos, uma balança zinha e um maçarico: « Eis-aqui, » disse, « o meu laboratorio; n unca tive outro. »

Stohart aprendeu a arte de combinar as côres estudando minuciosamente as azas das borboletas, e costumava dizer que só elle proprio podia saber quão uteis lhe havião sido aquelles insectos zinhos. O portão de uma granja e um pedaço de carvão servirão a Wilkie de tela e de lapis. Bewick exercitou-se a principio na arte de desenho, cobrindo de esboço feitos a giz as paredes das cabanas da sua aldêa; e Benjamin West, para ter os seus primeiros pinceis, viu-se na necessidade de cortar a cauda a um gato. Por outra parte, foi deitando-se de noite nos campos, embrulhado em um cobertor, que Ferguson, por meio de um fio guarnecido de contas de rosario e convenientemente estendido entre seus olhos e as estrellas, conseguiu desenhar um mappa celeste. Franklin, quando roubou pela primeira vez o raio (*) ás nuvens pejudas de

(*) Turgot, em uma ode latina consagrada á memoria de Franklin e que foi traduzida por Philinto Elysio, diz: « *Eripuit caelo fulmen. sceptrumque tyrannis*, arrebatou o raio ao céu e o sceptro aos tyranos. » E' hem sabido que Franklin foi um dos patriarchas da independencia anglo-americãna.

electricidade, serviu-se de um papagaio feito de um lenço estendido sobre duas varinhas dispostas em cruz. Watt fez o primeiro modelo da sua machina de vapor de condensação com uma velha seringa de anatomista, cujo uso ordinario era o de injectar as arterias dos cadaveres antes da disseccção. Gifford, quando aprendiz de sapateiro, fez os calculos do seu primeiro problema de mathematica em pedacinhos de couro batidos a martello; e Rittenhouse, o astronomo, escreveu a principio os seus calculos de eclipses na rabiça do seu arado.

Assim, para quem quer aperfeiçoar-se, ha milhares de suggestões e de ensejos, até mesmo nas occupações mais ordinarias: importa, porém, saber aproveitá-las. O professor Lee, por exemplo, quando ainda era official de carpinteiro, tomou a resolução de estudar o hebraico, ao ver, em uma synagoga onde fôra concertar alguns bancos, uma Biblia impressa em lingua hebraica. Sentiu elle o ardente desejo de ler o livro no original, e tendo comprado uma grammatica já velha, pôz-se a estudar com affinco e logrou aprender sózinho aquella lingua. Conforme dizia Edmundo Stone ao duque d'Argyle, que lhe perguntava um dia como elle, sendo um pobre ajudante de jardineiro, conseguira habilitar-se para ler os *Principios* de Newton em latim., « Quem conhece as letras do alfabeto... e tem vontade, facilmente aprende tudo quanto quer. » Com effeito, nada ha que se não possa conseguir, uma vez que se empregue a devida attenção e perseverança, e se trate constantemente de aproveitar as occasiões.

VII.

Walter Scott achava em toda a parte occasião para se instruir, e até sabia aproveitar-se dos desastres. Assim, por exemplo, foi no exercicio do seu emprego de amanuense que elle penetrou nas Highlands, e travou, com os heróes de 1745 que sobrevivião, relações que lhe forão de muito proveito para a composição de um grande numero de suas mais interessantes obras. Passados tempos, sendo elle quartel-mestre de cavallaria ligeira em Edimburgo, viu-se condemnado á inacção em consequencia de um couce que levou de um cavallo. Mas, como inimigo formal da preguiça, em vez de deixar-se ficar ociosamente no seu quarto, pôz-se logo a escrever, e em tres dias compoz o primeiro canto do *Soldo do ultimo menestrel*: esta foi a primeira das suas grandes obras originaes.

A visinhança de uma fabrica de cerveja foi a circumstancia fortuita que determinou o sabio Priestley a estudar os gazes. Observador attento, notou elle, quando visitava a fabrica, os phenomenos particulares que, no gaz exhalado do liquido em fermentação, acompanhão a extincção de um brandão acceso. Priestley tinha então quarenta annos e não possuia a menor noção de chimica. Tratou de comprar livros, mas elles lhe forão de bem pouca utilidade, porque naquelle particular a sciencia ainda não se achava creada. Priestley começou pois a fazer experiencias, tendo para este fim construido, com as suas proprias mãos, um aparelho que não primava muito pela perfeição. Os curiosos resultados obtidos nas primeiras experiencias o determinárão a fazer outras que, graças á intelligencia do operador, forão a base de uma nova sciencia, a chimica pneumática. Quasi na mesma época,

Scheele, que, no fundo de uma aldêa remota da Suecia, se dedicava a iguaes trabalhos, descobriu diversos gazes novos, tendo por unico apparelho alguns frascos de botica e bexigas de porco.

Humphry Davy, quando era rapazinho e méro praticante de pharmacia, fez as suas primeiras experiências com instrumentos da mais elementar simplicidade. De ordinario, elle proprio os fabricava, servindo-se para isso de qualquer objecto de que podia apropriar-se. As pannels e frigideiras da cozinha, os frascos e os vasos da botica do patrão erão sem remorso usurpados. Tendo naufragado um barco francez no cabo Land's End, aconteceu escapar o cirurgião do navio, salvando ao mesmo tempo comsigo a sua caixa de instrumentos, entre os quaes havia uma velha machina de dar clysteres. O cirurgião travou conhecimento com Davy, e lhe offereceu o precioso instrumento, que o moço accitou com grande alegria, e logo empregou como peça principal de um apparelho pneumatico que acabava de inventar: serviu-se delle posteriormente como de uma bomba de ar, para fazer experiências sobre a natureza e origem do calor.

Ha neste particular uma grande semelhança entre a historia de Davy e a do seu successor Faraday. que fez as suas primeiras experiencias, quando estudava a electricidade, servindo-se de uma garrafa velha. Faraday era official de encadernador, e é um facto curioso ter sido a sua vocação determinada por um curso em quatro lições feito ácerca daquelle assumpto por Humphry Davy, no Instituto Real de Londres. Um membro deste instituto, indo um dia á officina onde Faraday trabalhava, notou que elle lia á pressa o artigo *Electricidade* em uma encyclopedia que lhe fôra dada para encadernar. Tendo pedido informações a respeito de Faraday, soube que o moço tinha inclinação para aquelle genero de estudos, e então

deu-lhe um bilhete de entrada no instituto, onde o joven official do encadernador assistiu ao curso de Humphry Davy. Como não se havia descuidado de tomar notas durante as lições, Faraday fez com ellas um resumo que mostrou ao professor; este reconheceu a exactidão scientifica daquelle trabalho, e não pouco admirado ficou quando soube da humilde posição do autor. Faraday exprimiu então o desejo que tinha de se dedicar inteiramente ao estudo da chimica: Sir Humphry tentou dissuadi-lo daquelle projecto; mas como o moço persistia no seu proposito, foi por fim admittido no Instituto Real como ajudante, e lá veio finalmente o dia em que o manto do talentoso aprendiz de pharmacia passou para os hombros, bem dignos de recebê-lo, do não menos talentoso aprendiz de encadernador.

A nota seguinte, que Davy consignou no seu diário, quando, na idade de vinte annos incompletos, trabalhava no laboratorio do Dr. Beddoes, em Bristol, o caracteriza perfeitamente: « Não tenho fortuna, nem extracção, nem influencia por que me recomende; todavia, se Deus me dê vida, conto ser tão util á humanidade e aos meus amigos como se houvesse nascido com todas estas vantagens. » Davy podia, — e esta faculdade distingue tambem Faraday, — empregar uma enorme concentração de espirito no estudo prático e experimental de uma materia qualquer sob todos os seus pontos de vista; e, com uma tal faculdade, é raro que não se consigão, embora á força de trabalho e de paciente reflexão, resultados da mais subida importancia. Coleridge dizia de Davy: « Elle tem uma vivacidade e elasticidade de espirito que o tornão apto para discutir todas as questões, analysando-as e tirando dellas todas as consequencias legitimas. Todo o assumpto acha no seu espirito um principio de vitalidade. Os pensamentos, como a relva, brotão vivazes sob suas

plantas. » Davy, pela sua parte, dizia de Coleridge, cujos talentos muito admirava: « Com um genio superior, vistas largas, espirito illustrado e coração sensivel, elle ha de ser sempre victima de uma certa falta de ordem, de exactidão e de regularidade. »

VIII.

O grande Cuvier foi um observador exacto, attento e laborioso. Era elle ainda bem criança, quando um tomo das obras de Buffon, que por acaso veio parar em seu poder, determinou-lhe a inclinação para o estudo da historia natural. Pôz-se logo o menino a copiar as gravuras do livro e a coloril-as conforme as descripções que lia no texto. Passado algum tempo, na escola, um dos mestres o mimoseou com o *Systema da natureza*, de Linneu; e esta obra, durante mais de dez annos, constituiu toda a sua livreria de historia natural. Aos dezoito annos de idade, teve elle quem o indigitasse para mestre dos filhos de uma familia que residia em Fécamp, na Normandia. Alli, graças á visinhança do mar, foi-lhe dado admirar as maravilhas da vida marinha. Passeiando um dia na praia, achou uma siba sobre a arêa. Aquelle curioso animal excitou logo a sua attenção. Levou-o para casa afim de dissecal-o, e começou assim o estudo dos molluscos, ao qual deveu depois parte da sua grande reputação. O unico livro que Cuvier tinha para consultar era o grande livro da natureza, que, na verdade, lhe estava de continuo presente; e o estudo directo dos objectos sempre novos, sempre diversos, sempre interessantes que nelle se contêm, foi-lhe infinitamente mais proveitoso do que o houvera sido o de milhares de descripções e de gravuras. Passarão-se

assim tres annos, durante os quaes o joven naturalista comparou todas as especies vivas de animaes marinhos com os fósseis da visinhança, dissecou todos que se lhe depararão, e, com as suas bellas e numerosas observações, preparou as bases de uma reforma completa da classificação do reino animal. Naquelles tempos Cuvier achou um digno apreciador dos seus trabalhos no sabio abbade Tessier, o qual recommendou-o com tantos elogios a Jussieu e a outros seus amigos de Pariz, que o joven naturalista foi convidado a mandar alguns de seus escriptos á Sociedade de historia natural, e pouco tempo depois nomeado substituto da cadeira de anatomia comparada do Museu. Tessier, na carta que escreveu a Jussieu chamando a attenção deste para os trabalhos de Cuvier, dizia: « Fui eu, não o tereis de certo esquecido, que dei Delambre á Academia: em outro genero, este será tambem um Delambre. » E' desnecessario acrescentar que a predição de Tessier foi plenamente confirmada.

Hugh Miller, canteiro e geologo de Cromarty, fôra de extracção incomparavelmente menos distincta, mas nem por isso deixou de consagrar-se aos estudos scientificos com tanto ardôr e constancia como Cuvier. Elle proprio narrou a historia de sua vida em um livro intitulado *My Schools and Schoolmasters* (minhas escolas e meus mestres): esse livro é a historia da formação de um character verdadeiramente nobre e independente em um homem que pelo nascimento pertencia á mais humilde das condições; é um dos melhores exemplos de *acoroçoamento a si proprio* e de respeito de si mesmo que se possa citar. Havendo seu pai morrido em um naufragio, Miller, que era ainda bem criança, ficou tendo por unico arrimo a misera viuva. Parece que elle sempre chegou a frequentar uma especie de escola, mas os seus melhores mestres forão os meninos com quem brincou, os homens em cuja companhia tra-

balhon, e os parentes e os amigos com quem conviveu. Leu muito, leu tudo quanto lhe foi possível ler; e, no trato continuo com cultivadores, carpinteiros, pescadores, marujos, velhas, e até mesmo observando os seixos da praia, respigou as mais estranhas migalhas de saber. Armado de um enorme martello, que pertencêra a seu avô, antigo salgador de carnes, levava dias inteiros a bater nos rochedos e a despedaçar seixos, formando, desde os mais tenros annos, uma collecção de amostras de mica, de porfido, de granada e de outras rochas. A's vezes encaminhava-se tambem para os bosques, e alli, como nas praias do mar, estudava attentamente as curiosidades geologicas que se lhe deparavão nos seus passeios. Vendo-o tão absorto entre as pedras e os rochedos da praia, os trabalhadores da lavoura, que alli ião encher de limo as suas carroças, lhe perguntavão ás vezes, gracejando, se elle achava dinheiro entre as pedras; e Miller nunca teve a fortuna de lhes responder affirmativamente. Seus tios desejavão que elle fosse padre: o sonho de não poucos ambiciosos pobres na Escossia é ver algum membro de sua familia estrear-se um dia no pulpito. Os bons dos tios, que aliás só possuião o pouco que lhes rendia o seu trabalho de cada dia, até estavão dispostos a contribuir com o que fosse preciso para a educação de Miller. Mas este não sentia a menor vocação para o sacerdocio, e seus tios tiveram de desistir da idéa de vê-lo um dia subir ao pulpito. Quando foi tempo de escolher nm officio, Hugh, seguindo sua inclinação, quiz ser canteiro, e começou a trabalhar em uma pedreira que dá para a foz do Cromarty. Essa pedreira foi para elle uma excellente escola. As notaveis formações geologicas que alli se revelão excitirão a curiosidade de Miller, e este, que achava materia de estudo e reflexão em objectos que aparentemente nenhuma importancia tinham, bem depressa notou na pedreira

uma camada inferior de rocha de um vermelho escuro e uma camada superior de argila de um vermelho claro. Onde os outros homens nada vião, elle descobria semelhanças, differenças, particularidades, analogias, que lhe davão muito em que pensar. Emquanto ao mais, Miller apenas teve o trabalho de trazer sempre abertos os olhos e o espirito, continuando ao mesmo tempo a ser sobrio, diligente e constante: nisto consistiu todo o segredo do seu desenvolvimento intellectual.

Sua curiosidade foi excitada e entretida por singulares restos organicos de peixes, de fetos e de *ammonita*, pertencentes principalmente a especies desaparecidas, os quaes erão desenterrados pelo bater das ondas na costa, ou arrancados por elle mesmo dos rochedos a martelladas. Todavia, assim trabalhando, Miller tinha sempre em vista a sua idéa capital; levava de continuo a accumular observações e a comparar diversas formações umas com as outras; de maneira que, muitos annos depois, quando deixou o officio de canteiro, achou-se de posse de todos os materiaes necessarios para compôr a obra que publicou com o titulo de *The Old red Sandstone* (O grés vermelho antigo), obra que bastou para lhe grangear a reputação de geologo illustrado. Mas este livro foi o fructo de longos annos de pesquisas e de observação paciente, e Hugh diz modestamente na sua autobiographia: « A unica gloria a que aspiro é que se reconhêça a paciencia e a perseverança de que dei provas nas minhas pesquisas; e quem o quizer com véras pôde neste particular rivalizar commigo, e até mesmo exceder-me: na verdade, a humilde virtude, da paciencia, sendo convenientemente exercida, pôde nos levar a desenvolvimentos de idéas extraordinarios, até mais extraordinarios do que os que são devidos ao genio. »

IX.

O acaso, pois, bem longe está de ser tão util neste mundo como a vontade e actividade perseverante. Estas qualidades são as que dão ao homem a vivacidade de espirito necessaria para reconhecer as occasiões favoraveis e aproveitá-las assim que ellas se depáram. As occasiões mais propicias são completamente inuteis para todo aquelle que não tem um fim, nem actividade, nem engenho; embora se lhe mettão ellas pelos olhos, o estulto nem si quer notará a sua existencia. Mas quando um homem sabe achar de prestes meios de aproveitar os seus momentos de folga, ainda que sejam mui curtos, os resultados que elle logra assim obter são tantos e de tal importancia, que na realidade maravillhão. *Watt*, ao tomar a resolução de estudar chimica e mechanica, nem por isso deixou o seu officio de fabricante de instrumentos de mathematica: limitou-se a empregar utilmente as suas horas vagas e a aproveitar todas as occasiões que se lhe offerecerão de applicar-se ao estudo das linguas, da litteratura e dos principios das sciencias que pretendia aprender. Foi durante os curtos intervallos de descanso que lhe concedia o seu serviço nocturno que *Stephenson*, então operario mechanico, aprendeu arithmetica e geometria; e as horas vagas que podia passar em casa, applicou-as elle constantemente ao estudo da mechanica, preparando-se assim de continuo para a grande obra de que devia ser autor, — a locomotiva. *Dalton*, durante toda a sua vida, distinguio-se pela assiduidade com que se havia no trabalho. Começou elle com cedo, pois aos doze annos de idade já se achava á testa de uma escolazinha de aldêa, onde passava o inverno; no verão, ia trabalhar na herdade de seu pai. Posto que pertencesse á seita dos *quakers*, empregava ás vezes,

como meio de emulação no estudo, as apostas, nas quaes tomava parte com os seus companheiros; e foi assim que um dia, tendo resolvido satisfactoriamente um problema, ganhou uma somma de dinheiro sufficiente para comprar as velas que devia gastar durante todo o inverno. Dotação de indefectivel ardôr, só interrompeu as suas observações meteorologicas um ou dous dias antes de morrer: durante sua vida, havia elle registrado mais de duzentas mil.

X.

Quando ha alguma perseverança, até mesmo os mais curtos instantes podem ser empregados de maneira que venhão a produzir resultados do mais subido valor. Uma hora por dia, arrancada ás nossas occupações frivolas e bem empregada, seria tempo sobejo para uma pessoa de capacidade ordinaria aprender qualquer sciencia: em dæz annos faria ella de um ignorante um homem iustruido. Ora, nós não devemos soffrer que o tempo passe completamente desaproveitado, sem nos ter servido, quer para aprendermos alguma cousa util ou bella, quer para cultivarmos algum bom principio, quer para fortalecermos algum bom habito. O Dr. *Mason Good* traduziu *Lucrecio* dentro do seu carro, quando percorria as ruas estreptosas de Londres, sahindo da casa de um doente e seguindo para a de outro. O Dr. *Darwin* compôz quasi todas as suas obras da mesma maneira. Levava sempre dentro da carruagem uma porção de pedaços de papel nos quaes ia escrevendo os seus pensamentos, emquanto o vehiculo rodava de uma para outra casa no campo. *Haler* escreveu as suas *Contemplações* durante as correições que fazia como juiz. O sabio *Burney* aprendeu o francez e o italiano quando sahia a cavallo para ir dar lições de musica. *Kirke Withe* consagrou ao estudo do grego o tempo que gastava

todos os dias para ir ao escriptorio de um advogado e tornar para casa; e conhecemos pessoalmente um homem que se acha hoje em avantajada posição n'uma das cidades manufactureiras do Norte, o qual aprendeu o latim e o francez percorrendo as ruas de Manchester, na qualidade de caixeiro.

D'Aguesseau, um dos mais illustres entre os illustres chancelleres de França, sabia aproveitar tão bem os seus momentos de ocio, que chegou a compôr um volumoso e apreciavel livro, empregando quotidianamente em escrevel-o os poucos minutos que decorrião desde que o chamavão para jantar até ir toda a familia para a mesa. A *Sra. de Genlis* escreven algumas de suas lindas obras enquanto levava á espera da princeza, a quem dava todos os dias lição. *Jeremias Bentham* regulava bem as suas horas de trabalho e as destinadas á refeição de maneira que não pudesse haver perda de um só instante; e foi sempre sua maxima constante que o menor perda de tempo é uma calamidade. *Bentham*, tanto em sua vida, como em suas obras, mostrou-se incessantemente inspirado pela convicção de que os nossos dias estão contados e imminente a noite em cuja escuridão tornar-se-ha impossivel todo e qualquer trabalho.

Poderá haver mais admiravel e solemne admoestação á mocidade, do que a que está inscripta no mostrador do relógio do collegio *All Souls* em Oxford, — *Pereunt et imputantur*, — *As horas passão, e tereis de dar conta dellas ?!* O tempo é como a vida: não podemos recuperal-o. E pois, *Melanchthon* tomava nota do tempo que perdia, afim de ter um estímulo para trabalhar cada vez mais sãem desperdicio de um só instante. Um sabio italiano tinha por cima de sua porta uma inscripção declarando que só podião entrar e demorar-se as pessoas que viessem dispostas a ajudal-o nos seus trabalhos. « Receiamos roubar-

vos o tempo, » dizião um dia a Baxter umas visitas. — « E com effeito m'ò estais roubando, » redarguiu o theologo importunado. O tempo é effectivamente o terreno em que graças a estes grandes trabalhadores e a todos os trabalhadores do mundo, se acumula de continuo para a posteridade uma opulenta herança de factos e de idéas.

XI.

O labor e as fadigas a que certos homens tiverão de sujeitar-se para levarem ao cabo as suas empresas, são verdadeiramente pasmosos; elles, porém, bem sabião que aquelle labor e aquellas fadigas erão a condição *sine qua non* do bom exito. Addison accumulou nada menos de tres volumes in-folio de manuscriptos antes de começar a redigir o seu *Espectador*. Newton escreveu quinze vezes a sua *Chronologia* primeiro que ella o satisfizesse, e Gibbon escreveu nove vezes as suas *Memorias*. Durante muitos annos, Hale consagrou ao estudo dezeseis horas por dia. Quando se cansava no estudo das leis, recreava-se estudando philosophia ou mathematicas. Hume, na época em que escrevia a sua *Historia de Inglaterra*, trabalhava treze horas por dia. Montesquieu, fallando de um de seus escriptos, disse a um amigo: « Lereis esta obra em algumas horas; mas asseguro-vos que á força de trabalhar nella fiquei com o cabello todo branco como vêdes. »

O habito de lançar em papel os pensamentos e as observações, afim de achal-os facilmente quando fôr preciso e de impedir que elles desapareçam nas escuras regiões do olvido, ha sido de summa utilidade para muitos homens reflectidos e estudiosos. Lord Bacon, quando morreu, deixou diversos manuscriptos intitulados:

« Idéas repentinas que lancei aqui afim de empregal-as opportunamente. » Erskine fez copiosos extractos de Burke; e Eldon copiou duas vezes os commentarios de Coke sobre Littleton, de maneira que esse livro veio, por assim dizer, a fazer parte do seu proprio espirito. O finado Dr. Pye Smith, quando trabalhava com seu pai aprendendo o officio de encadernador, costumava tomar apontamentos de tudo quanto lia. Distinguiu-se Smith durante toda sua vida pelo constante ardor que empregava em reunir materiaes, e o seu biographo diz que elle « estava sempre a trabalhar, sempre na frente, sempre accumulando. » Esses quadernos de apontamentos forão posteriormente, como as *pedreiras* de Richter, a arca de abundancia de que elle tirou os seus exemplos e citações.

XII.

Este mesmo habito caracterizava o portentoso João Hunter, que o adoptou para ajudar a sua memoria, nimmamente fraca. Costumava Hunter explicar da maneira seguinte o proveito que resulta de cada um tomar nota dos seus proprios pensamentos: « Este habito, » dizia elle, « é tão util, quão util é ao mercador trazer sempre em dia o inventario da sua loja, afim de saber o que ha e o que não ha dentro della. » João Hunter, cujo espirito de observação era tão perspicaz, que Abernethy costumava chamal-o o *Argos*, nos offerece um mui notavel exemplo da efficacia do amor ao trabalho. Até a idade de vinte annos, recebeu elle pouca ou nenhuma educação, e a muito custo aprendeu a ler e a escrever. Trabalhou alguns annos como official de carpinteiro em Glasgow, e depois foi residir em Londres, na companhia de seu irmão Guilherme, que era professor de anatomia. João entrou para o amphitheatro de dissecção na qualidade de

ajudante; mas, graças aos seus talentos naturaes, e ainda mais á sua infatigavel actividade e applicação ao trabalho, bem depressa se avantajou em tudo a seu irmão. Foi João Hunter um dos primeiros que, em Inglaterra, se dedicárão ao estudo da anatomia comparada, e houve-se neste estudo com tal ardor, que o eminente professor Owen levou nada menos de dez annos a classificar todos os individuos por elle reunidos e dissecados. Essa collecção contém perto de vinte mil esqueletos de diversos animaes e fórma o mais precioso thesouro deste genero que tenha sido até ao presente accumulado pela industria de um unico homem. Hunter se levantava ao nascer do sol, trabalhava até as oito horas no seu museu, dava numerosas consultas durante o dia em seu proprio gabinete ou nas casas das pessoas que o mandavão chamar, exercia as funcções laboriosas de cirurgião do hospital de S. Jorge e de ajudante do cirurgião-mór do exercito. leccionava nos cursos publicos, dirigia em sua casa uma escola de anatomia prática, e não obstante todos estes trabalhos, ainda lhe sobrava tempo para fazer experiencias complicadas sobre a economia animal e para escrever diversas obras de grande importancia scientifica. No intuito de poder dedicar-se a tão numerosas quão arduas occupações, adoptára elle o systema de só dormir quatro horas de noite, e uma hora de dia, depois de jantar; e tendo-lhe alguem perguntado como conseguia ser sempre bem succedido nas snas emprezas: « É regra minha invariavel, » respondeu Hunter, » não emprehender cousa alguma sem primeiro examinar maduramente se ella é factivel. Se o não é, não a emprehendo. Se o é, sei que posso executal-a mediante o trabalho para isso indispensavel; e tendo-a começado, só páro depois de a haver concluido. Eis a regra a que devo todos os meus triumphos. »

Hunter occupava não pequena parte do seu tempo em colher esclarecimentos exactos sobre assumptos a que ninguem déra, até então, a menor importancia. Foi assim, por exemplo, que muitos dos seus contemporaneos julgáráo que elle perdia tempo e trabalho estudando o crescimento dos chifres dos veados. Mas Hunter tinha a intima convicção de que o conhecimento exacto de todo e qualquer factó scientifico é sempre proveitoso. E o certo é que o estudo do crescimento dos chifres dos veados revelou-lhe como as arterias se accommodão ás circumstancias e engrossão quando a occasião o requer: graças ao conhecimento deste factó, foi que elle se abalançou, n'um caso de aneurisma de uma ramificação arterial, a laquear a arteria principal em um ponto onde nenhum cirurgião antes d'elle se animára a fazel-o; e por meio desta operação teve a felicidade de salvar a vida ao doente. Como muitos outros homens notaveis pela originalidade do espirito, levava Hunter tempo immenso a cavar, por assim dizer, e a lançar os seus alicerces. Genio solitario e cheio de confiança em suas proprias forças, podia elle passar sem a consolação que achamos na sympathia e na approvação de outrem; e nisto foi bem feliz: pois mui poucos dos seus contemporaneos estavam no caso d'entrever siquer o fim a que tendião as suas pesquisas. Mas elle obteve, ao cabo de tantas e tão longas fadigas, a melhor das recompensas que um trabalhador sincero póde appetecer, a que depende não tanto dos outros como de nós mesmos,—a approvação da consciencia que, no homem justo, acompanha sempre o rigoroso cumprimento do dever.

XIII

Harvey, na mesma carreira scientifica que Hunter, foi tambem notavel pela sua grande perseverança no trabalho. Levou oito longos annos a fazer pesquisas e experiencias primeiro que se decidisse a dar á luz as suas idéas a respeito da circulação do sangue. Repetio mil vezes e mil vezes verificou os seus tentamens, prevendo sem duvida a opposição que teria de soffrer da parte dos membros da sua profissão, quando publicasse aquella descoberta. O opusculo em que elle expoz as suas idéas era muito modesto, mas simples, lucido e concludente. Nem por isso, porém, deixou de ser ridicularizado e estigmatizado como producção de um embusteiro, de um louco. Passou-se um tempo consideravel sem ser dado a Harvey operar uma unica conversão; em premio dos seus esforços, colhia sómente insultos e desprezo. Dizião que elle punha em duvida a autoridade sempre venerada dos antigos; e até affirmavão que os seus principios tendião irresistivelmente á subversão da doutrina da sagrada Escriptura e ao total aniquilamento da moral e da religião. Perdeu Harvey a limitada clinica que tinha, e vio-se, por assim dizer, sem um amigo. Isto durou muitos annos; mas a grande verdade a que elle no meio de todos os seus infortunios se conservára fiel, tendo sido acolhida por um certo numero de espiritos rectos, amadureceu pouco a pouco ao sol da observação, e ao cabo de um quarto de seculo, foi geralmente admittida como verdade scientifica inconcussa.

XIV.

A biographia universal offerece poucos exemplos da efficacia do esforço individual tão portentosos como os de Ambrosio Paré, o pai da cirurgia moderna. Nasceu elle em 1509 em Laval, no Maine, onde seu pai exercia o officio de barbeiro. Como sua familia era muito numerosa e não lhe sobravão meios nem mesmo para mandar dar a Paré a mais elementar educação, foi elle posto em casa de um ecclesiastico da vizinhança, afim de ver se alli conseguiria respigar algumas migalhas de instrucção. O ecclesiastico, porém, trouxe Paré tão constantemente occupado em cuidar da sua mula e de outros serviços domesticos, que o moço achou-se sempre na impossibilidade de estudar. Nestes entrementes, o celebre lithotomista Cotot foi chamado a Laval para operar um collega do ecclesiastico. Paré presenciou a operação que lhe excitou o mais vivo interesse, e esta circumstancia, segundo se diz, foi que o determinou a consagrar-se ao estudo da cirurgia. Deixou elle o serviço do padre e entrou como aprendiz para casa de um cirurgião-barbeiro, chamado Vialot, que o ensinou a arrancar dentes, a sangrar e a fazer operações pouco complicadas. Depois de ter trabalhado quatro annos sob a direcção deste mestre, Paré foi para Pariz, onde, graças á sua applicação, aproveitou-se admiravelmente dos ensejos que aquella cidade offerece para o estudo da anatomia e da medicina. Havendo obtido o emprego de ajudante de cirurgião no *Hôtel-Dieu*, alli tornou-se tão notavel pelo seu exemplar comportamento e constantes progressos, que não hesitárão em incumbil-o dos doentes do professor Goupil, emquanto este leccionava cirurgia no collegio de França.

Depois de haver estudado todas as matérias do curso, Paré obteve o diploma de *mestre barbeiro-cirurgião*, e passado pouco tempo seguiu para o Piemonte, acompanhando o exercito commandado por Montmorenci. Alli vio alargar-se consideravelmente o campo das suas experiencias, e aproveitando-se cuidadosa e assiduamente da sua posição, empregou na prática quotidiana os recursos arrojados de um espirito ardente e original. Não era elle homem que seguisse servilmente a trilha traçada por seus predecessores, e buscava com todo o cuidado possível averiguar por si mesmo as causas das doenças e dos remedios que lhes applicava. O fim pratico dos seus estudos consistia em descobrir o melhor meio de alliviar efficazmente a dor e de ajudar a acção reparativa da natureza. Neste particular, conseguiu elle introduzir muitos melhoramentos importantes não só na pratica da cirurgia senão tambem na da medicina; e o seu tratamento das feridas feitas por armas de fogo, tratamento em que deu a um tempo provas de illustração e de humanidade, foi entre outros coroado do mais esplendido bom exito.

Até ao tempo em que Paré passou a servir no exercito, os soldados sempre havião soffrido mais da ignorancia dos cirurgiões, do que da pericia do inimigo. Para atalhar a hemorragia, nos casos de feridas feitas por armas de fogo, os cirurgiões recorrião ao meio barbaro de curar as feridas com azeite a ferver, de cauterisal-as com ferro em brasa, e quando praticavão amputações, servião-se tambem de instrumentos aquecidos ao fogo. Paré viu-se a principio obrigado a curar as feridas segundo o methodo geralmente seguido; mas tendo-lhe faltado um dia, por grande felicidade, o azeite quente, fez elle um curativo mais suave e emolliente. Toda a noite atribulou-o o receio de haver errado; e imagine-se qual não devêra ter sido a sua satisfação ao notar, no dia seguinte, que os

feridos por elle pensados se achavão comparativamente bem dispostos depois de um somno reparador, ao passo que os que tinham sido curados com azeite a ferver curtião, como de ordinario, dores atrozes! Tal foi a origem casual de um dos maiores melhoramentos introduzidos por Paré no tratamento das feridas. Mas um melhoramento mais importante, e para o qual não contribuiu de modo algum o acaso, foi o emprego da agulha e da laqueação; graças a este methodo de laquear as arterias e de impedir a hemorrhagia, procreveu-se para sempre o ferro em brasa que fôra até então empregado.

Os novos methodos de Paré forão naturalmente considerados, a principio, como innovações perigosas, e os velhos cirurgiões se colligirão para impedir que elles viessem a ser adoptados. Exprobrarão a Paré a sua falta de educação e mais particularmente a sua ignorancia do grego e do latim, e o perseguirão com citações extrahidas dos autores antigos, citações que elle não podia averiguar nem refutar. Mas a sua melhor resposta aos ataques d'aquelles encarniçados adversarios consistia na humanidade e pericia com que se havia nos seus curativos, sempre coroados de bom exito. Os soldados feridos bradavão por toda a parte pedindo para serem tratados por Paré; e este, que não só lhes prodigalisava os soccorros da arte, como nunca deixava de mostrar-se cheio de bondade para com elles, costumava dizer-lhes ao retirar-se: *« Eu te pensei, Deus te cure!*

Ao cabo de tres annos de serviço como cirurgião do exercito, Paré voltou a Pariz, precedido de tal fama que foi immediatamente nomeado cirurgião de Henrique II. Mas depois de breve intervallo de descanso, seguiu de novo para o acampamento. Todos os annos, pela primavera, partia elle com o exercito e só voltava a Pariz no fim da campanha. Quando Metz foi cercada por Carlos V, a

guarnição soffreu perdas crueis, e o numero dos feridos subio a um ponto extraordinario. Os cirurgiões, pouco numerosos e incapazes, parece que matavão mais soldados que os Hespanhoes. O certo é que o duque de Guise, commandante da guarnição, escreveu ao rei supplicando-lhe mandasse quanto antes Paré em soccorro da sua gente. O illustre cirurgião partiu a toda a pressa, e arrostando intrepidamente os maiores perigos, entre outros, como elle mesmo diz, « o de ser enforcado, esganado, ou espostejado, » logrou atravessar as linhas inimigas e entrar em Metz.

O duque, os generaes e os capitães o receberam com a maior cordialidade, dizendo-lhe « que já não receiavam « morrer em consequencia dos ferimentos que recibessem « nos combates, » e os soldados, quando souberão da sua vinda, puzerão-se a gritar: « Agora não receiamos morrer « das nossas feridas; temos cá o nosso amigo que nos « valerá.» No anno seguinte, achando-se Paré entre os sitiados na cidade d'Hesdin, que foi tomada pelo duque de Saboya, cahiu nas mãos do vencedor. Mas, tendo conseguido curar de um ferimento grave um dos principaes officiaes do inimigo, foi posto em liberdade sem resgate e voltou são e salvo para Pariz.

Paré consagrou o resto de sua vida ao estudo, a exercicios religiosos e a obras de caridade. Instado por alguns dos seus contemporaneos mais illustrados, consignou os resultados da sua experiencia cirurgica em diversas obras publicadas por elle mesmo em diferentes épocas e que formão vinte oito livros. As mais importantes são as intituladas: *Maneira de tratar as feridas feitas por arcabuzes*, e *Tentativas para se conseguir a laqueação immediata das arterias*. Seus escriptos são sobretudo preciosos pela abundancia de factos e de casos diversos que conteem, e pelo cuidado que põe o autorem não formular prescripções

baseadas unicamente em theorias, com desprezo da observação.

Bemque fosse protestante, Paré continuou a exercer o emprego de cirurgião ordinario do rei, e, por occasião do morticinio de S. Bartholomeu, só deveu a vida á amizade pessoal de Carlos IX, a quem, como elle mesmo refere, prestára o importante serviço de cural-o de uma ferida do nervo mediano desastradamente lesado em uma sangria. Brantôme, narrando em suas *Memorias* como o rei salvou por seu turno a vida a Paré, diz o seguinte : « Mandou chamal-o a palacio e, tendo-o feito entrar para a sua camara particular, ordenou-lhe que d'alli não sahisse, dizendo não ser justo que um homem que podia salvar a vida a milhares de pessoas tivesse tão triste fim n'aquella mortandade. » Eis como Paré se livrou dos horrores d'aquella horrivel noite, e pôde viver ainda longos annos e morrer, em Pariz, em idade já bem avançada e coberto de honras, no anno de 1590.

XV.

As difficuldades que o Dr. Jenner teve de superar para propagar e fazer triumphar a sua descoberta da *vaccina* forão muito maiores do que as que Harvey tivera de vencer. Muitas pessoas antes de Jenner haviam examinado a doença particular a que a vacca deu o seu nome, e sabião da voz já corrente entre as leiteiras do Gloucestershire, que todo aquelle que tinha a *vaccina* ficava premunido contra as bexigas. Era isto, na verdade, um rumor vago, ao qual não se dava a menor importancia, e que ninguem, antes de Jenner, julgára digno de exame. Foi pois por caso que esse rumor chegou aos seus ouvidos. Um

dia, tendo ido uma rapariga do campo consultar em Sodbury o profissional sob cuja direcção Jenner, então bem moço, estava estudando, perguntou-lhe o medico se ella já tivera bexigas, e a moça logo exclamou: « Eu não posso tê-las, porque já tive a vaccina. » Esta resposta excitou vivamente a attenção de Jenner, e elle entrou logo a fazer pesquisas e observações sobre o assumpto. Os collegas com quem tinha relações de amizade e aos quaes communicou as suas idéas a respeito das virtudes prophylacticas da vaccina, zombárão d'elle e até o ameaçáram de expulsal-o da sua sociedade, se continuasse a atordoalhes os ouvidos com aquella loucura. Mas, em Londres, teve Jenner a felicidade de ser discipulo de João Hunter, a quem expôz as suas idéas. O conselho do grande anatomista foi profundamente caracteristico: « Não penseis, *experimentai*; sobretudo sêde paciente e escrupuloso. » Este conselho, resumo succinto de todo o methodo de observação, reanimou Jenner. Voltou elle para o campo, e, exercendo a sua profissão, continuou a fazer observações e experiencias por espaço de vinte annos. Tinha tamanha fé na sua descoberta, que não hesitou em vaccinar tres vezes seu proprio filho. Emfim, expendeu as suas idéas em um livrinho de perto de setenta paginas, no qual narrou minuciosamente vinte casos em que a vaccina sortira tão completo effeito que fôra impossivel communicar as bexigas, quer por contagio, quer por innoculação, aos individuos que havião sido vaccinados. Este tratado só foi publicado em 1798, postoque Jenner houvesse começado a trabalhar para a propagação das suas idéas desde 1775, época da sua descoberta.

Mas como foi ella recebida? A principio com indifferença, depois com hostilidade. Tendo voltado a Londres afim de explicar aos medicos o methodo da vaccinação e os seus excellentes resultados, Jenner não pôde decidir

um unico doutor a experimental-o, e, tendo levado tres mezes em vã espectativa, vio-se obrigado a tornar para sua casa. Os adversarios, que logo se lhe suscitárão, fizeram caricaturas sobre a sua descoberta e começarão a prégar que elle pretendia *bestialisar* os seus semelhantes, introduzindo-lhes no corpo materias putridas tiradas das têtas das vacas doentes. A vaccina foi denunciada do alto do pulpito como cousa *diabolica*. Até houve quem affirmasse que as crianças vaccinadas apresentavão, á proporção que crescião, *feições de boi*, que lhes nascião tumores na cabeça *indicando o lugar dos chifres*, e que *toda a physionomia se mudava*, pouco a pouco em physionomia de vaca, e a voz em *mugido de touro*. A vaccina, porém, era uma verdade, e, pouco a pouco, a despeito da violenta opposição suscitada pela publicação da sua descoberta, começou-se a crêr nella. Em uma aldêa onde um adepto de Jenner tentou introduzil-a na prática, as primeiras pessoas que se submettêrão á operação forão corridas a pedradas e virão se por algum tempo obrigadas a não sahir de casa. Duas damas nobres, Lady Ducie e a condessa de Berkeley, não hesitárão (honra lhes seja feita) em mandar vaccinar seus proprios filhos, e os preconceitos da época forão por seu turno calcados aos pés. Os medicos entrárão pouco a pouco a retractar-se, e o que mais é, quando a importancia da vaccina foi finalmente reconhecida, alguns delles até tentárão usurpar a Jenner o merito da sua descoberta. Todavia, a causa de Jenner triumphou com o andar do tempo, e chegou enfim o dia em que lhe forão concedidas recompensas e honras publicas. Mostrou-se elle tão modesto na prosperidade, quanto o havia sido nos dias difficeis: convidado a ir estabelecer-se em Londres, onde podia, segundo lhe dizião, obter em pouco tempo uma magnifica clinica e ganhar pelo menos 10,000 libras esterlinas por anno, respondeu: « Não! Na manhã da vida escolhi os caminhos obscuros

e pouco frequentados, o valle e não a montanha; agora que chegou a tarde, não me convém dar-me em espectáculo imitando as maneiras de um cortezão da fama e da fortuna. » Mesmo em vida de Jenner, a vaccina foi adoptada em todos os paizes civilizados, e quando elle morreu os seus direitos ao titulo de bemfeitor da humanidade já erão universalmente reconhecidos. « Ainda que a vaccina houvesse sido a unica descoberta daquella época, » diz si Cuvier, « tão transcendente é essa descoberta, que ella por si só bastaria para tornar eternamente illustre qualquer época. »

XVI

Sir Carlos Bell mostrou não menor paciencia, resolução e perseverança na disquisição das sublimes descobertas que fez sobre o systema nervoso. Havião até então prevalecido as mais confusas noções ácerca de tudo quanto diz respeito aos nervos, e, rigorosamente fallando, este ramo da sciencia achava-se tão atrazado como no tempo de Democrito e Anaxagoras, isto é ha tres mil annos. Carlos Bell, na preciosa serie de escriptos que começou a publicar em 1821, encarou a questão sob um ponto de vista inteiramente novo e originalissimo, que lhe foi suggerido por longas e repetidas experiencias, tão notaveis pelo seu numero como pelo cuidado e exactidão com que forão feitas. Esboçando minuciosamente o desenvolvimento do systema nervoso, desde os entes informes que formigão no infimo degráo da escala animal até ao rei da criação, o homem, fez de todo o systema, para nos servirmos das suas proprias expressões, « uma exposição tão clara como se fosse escripta na nosza lingua mater-

na. » Sua grande descoberta consistia na observação deste facto, que os nervos espinhaes são duplos em sua função, e que, nascendo por duplas raizes na medulla espinhal, os nervos sahidos de uma raiz transmittem as volições, ao passo que os que sahem de outra transmittem as sensações. Carlos Bell gastou no estudo deste assumpto nada menos de quarenta annos, e foi só em 1840 que apresentou a sua ultima memoria á Sociedade Real. Como Harvey e Jenner, teve Bell a felicidade de viver bastante para ver as suas idéas triumpharem do ridiculo e da opposição que a principio se lhes tinham suscitado; mas, bem como elles, quando a exacção das suas vistas foi finalmente reconhecida, vio numerosos rivaes disputarem-lhe a prioridade da descoberta, tanto em Inglaterra como nos paizes estrangeiros. Emfim, para completar a semelhança dos seus destinos, a publicação das suas memorias custou-lhe, bemcomo a elles, a perda de parte da sua clinica, e elle mesmo notou cuidadosamente este facto, que, á proporção que realizava novos progressos na via das descobertas, tinha de empregar dobrado trabalho para conservar a sua reputação como práctico. Todavia, com o andar do tempo, o grande merecimento de Carlos Bell foi plenamente reconhecido; e, entre outras homenagens que lhe tributarão os seus contemporaneos, podemos citar este facto singular, que Cuvier, no seu leito de morte, sentindo os musculos de sua propria face voltados e repuxados obliquamente para um lado, ponderou ás pessoas que o rodeiavão quanto aquelle facto confirmava a exactidão da theoria de Carlos Bell.

XVII.

A vida de Guilherme Herschel nos offerece outro exemplo mui notavel da efficacia da paciencia e da perseverança; mas trata-se agora de outro ramo da sciencia, a astronomia. O pai de Herschel, pobre musico allemão, tinha quatro filhos, musicos como elle. Guilherme, tendo ido buscar fortuna em Inglaterra, engajou-se como *oboé* na musica da milicia de Durham; e, achando-se o seu regimento de guarnição em Doncaster, o Dr. Miller desejou travar conhecimento com Herschel, por tel-o ouvido um dia executar admiravelmente um solo de rabeca. O doutor conversou pois com o moço, e ficou sympathisando tanto com elle, que o decidiu a deixar o regimento e a ir passar algum tempo em sua casa. Herschel aceitou este offerecimento e aproveitou a sua estada em Doncaster, não só para tocar rabeca em concertos, senão tambem para estudar na livraria do Dr. Miller, durante as suas horas de recreio. Tendo-se construido um novo orgão para a igreja parochial de Halifax, publicárão os jornaes um annuncio declarando que aquella igreja precisava de um organista: Herschel se apresentou como pretendente a esse emprego e o obteve. Ao passo que exercia a profissão de organista e de mestre de musica em Halifax, poz-se a estudar mathematicas, sem o auxilio de mestre algum. Pouco depois, a vida errante que elle levava como musico o conduziu a Bath, onde tocou na orchestra do estabelecimento das aguas, trabalhando ao mesmo tempo como organista na capella Octogona. Algumas descobertas astronomicas feitas recentemente lhe attrahirão a attenção e excitárão-lhe tão vivamente a curiosidade, que elle não descansou emquanto não obteve por emprestimo, de um amigo, um te-

lescopio de Gregory, de dous pés. Herschel ficára a tal ponto fascinado pela sciencia, que, não obstante a sua pobreza, tentou comprar um telescopio; mas o vendedor de instrumentos a quem se dirigio pedio-lhe um preço tão elevado, que elle tomou a resolução de fazer com as suas proprias mãos o almejado telescopio. Quem sabe o que é um telescopio de reflexão, e a habilidade com que deve ser preparado o espelho metallico concavo que fórma a peça principal do apparelho, poderá fazer idéa da difficuldade de uma tal empresa. Como quer que seja, depois de longo e penoso trabalho, Herschel conseguiu completar um reflector de cinco pés, com o qual teve a satisfação de observar o anel e os satellites de Saturno. Não contente com este triumpho, fabricou successivamente instrumentos de sete, de dez, e até mesmo de vinte pés. Quando fez o seu reflector de sete pés, teve de preparar nada menos de duzentos espelhos, primeiro que obtivesse um com que pudesse servir-se de lentes da maior força possivel; á vista disto, póde-se fazer idéa da perseverança com que elle se dedicava ao trabalho. Ao passo que se entregava á occupação sublime de explorar o céo, Herschel continuava a ganhar modestamente a vida tocando nos concertos do estabelecimento das aguas, em Bath; mas a sua paixão pelas observações astronomicas era tamanha, que o não deixava ficar na orchestra até ao fim dos concertos: nos entre-actos, ia elle á toda pressa dar uma vista d'olhos ao seu telescopio, e então, satisfeito, voltava ao *oboé*. Correndo assim duas lebres a um tempo, descobriu Herschel, a despeito do proverbio, o planeta Urano. Calculou-lhe cuidadosamente a orbita e a velocidade do movimento, e, tendo submettido o resultado dos seus calculos á apreciação da Sociedade Real, vio de repente o seu nome, até então obscuro, resplandecer circumdado de gloria. Pouco tempo depois foi elevado á posição de astrónomo real, e

de então em diante, graças á bondade de Jorge III, achou-se sempre isento das mesquinhas necessidades da vida. Herschel mostrou nesta brilhante phase da sua carreira a mesma humildade e brandura que mostrára na obscuridade, e póde-se dizer que, d'entre todos os adeptos da sciencia cujos nomes se achão mencionados na biographia universal, talvez nenhum haja que tivesse dado ao mesmo tempo provas de tanta brandura e paciencia, de tanta felicidade e genio.

CAPITULO QUINTO.

EFFICACIA DA APPLICAÇÃO NAS BELLAS-ARTES

Todo aquelle que afirma ser possível conseguir-se qualquer cousa sem trabalho nem fadiga, é um envenenador.

(BENJAMIM FRANKLIN.)

Torna-te eminente, e viverás.

(JOURBERT.)

I

Nas bellas-artes, como em qualquer outro ramo da actividade humana, só se consegue a perfeição empregando-se laborioso ardor. Não ha nada que dependa menos do acaso do que a pintura de um bello quadro ou a esculptura de uma nobre estatua. Ainda mesmo que o genio guie o artista, nem por isso cada pincelada ou golpe de cinzel deixará jámais de ser o producto de um estudo constante. Póde dar-se de tempos em tempos o que se chama *uma feliz inspiração*; mas o caminho da applicação e do trabalho, comquanto pareça velho e vulgar, é o unico que o artista póde seguir com certeza de se não transviar.

Diz-se que o pintor de paizes Wilson pintava primeiro os seus quadros em estylo frouxo, mas correcto, e que, quando terminava assim algum, recuava meia duzia de passos, e, armado de um pincel atado na ponta de uma vara, ficava alguns instantes absorto na contemplação da

sua obra, até que afinal de repente, com mão rápida e rasgos afoutos, dava-lhe em alguns traços uma perfeição admiravel. Isto, porém, bem longe está de provar que, para se produzir um bello effeito, basta arrojarse o pincel contra a téla e esperar que d'ahi resulte uma obra prima. Primeiro que chegue ao gráo de habilidade precisa para, por meio de alguns retoques, espargir luz e vida em um quadro, tem o artista de consumir annos e annos em aturado labor; mas é infinitamente improvavel que aquelle que não se exercitou de antemão por meio de longos e pacientes estudos possa, de um rasgo, produzir outra cousa que não seja um horrivel defeito.

Sir Joshua Reynolds tinha tamanha fé na efficacia do trabalho, que acreditava que a perfeição na arte, « a que damos o nome de genio, de gosto ou de dom do céo, póde ser adquirida. » Um dia, escrevendo a Barry, disse: « Todo aquelle que se quizer tornar eminente na pintura ou em qualquer outra arte, não deve pensar em outra cousa desde manhã até á noite. » Em outra occasião dizia: « Só se attinge a perfeição trabalhando-se constantemente de manhã, ao meio dia, de noite, sempre, esteja-se ou não se esteja bem disposto: quem assim procede, com cedo reconhece que a arte não é um divertimento, senão um trabalho, e dos mais arduos. » Todavia, bem que a aturada applicação seja incontestavelmente de absoluta necessidade para se obter a preeminencia nas artes, nem por isso é menos certo que, sem as faculdades innatas, todos os esforços do mundo, por mais bem dirigidos que fossem, não formariam um artista. O dom provém da natureza, mas é aperfeiçoado pela educação que o artista dá a si mesmo, educação incomparavelmente mais importante do que a que se recebe nas escolas.

II.

Alguns dos mais illustres artistas, para se tornarem preeminentes, tiverão de lutar com a miseria e de superar milhares de difficuldades que se lhes suscitárão em sua marcha. A citação que fazemos d'este facto provavelmente avivará logo na memoria do leitor a lembrança de uma infinidade de exemplos notaveis. *Claudio Lorreno*, o pasteleiro; *Tintoret*, cujo nome está mesmo indicando a profissão por elle exercida a principio, e que foi a de tintureiro; os dous *Carrachios*, dos quaes um foi preparador de tintas e o outro servente de pedreiro no Vaticano; *Inigo Jones*, o tecelão; *Salvator Rosa*, que viveu algum tempo na companhia de salteadores; *Giotto*, o pastor; *Zingarelli*, o cigano; *Cavedone*, votado por seu pai á mendicidade; *Canova*, o canteiro; *Jackson*, o alfaiate; *Turner*, o aprendiz de cabelleireiro; todos estes artistas, e muitos outros, que não são menos celebres, só lograrão distinguir-se á força de estudo e de trabalho e a despeito das mais desfavoraveis circumstancias. Alguns enriquecerão; mas não consta que um só d'entre elles tivesse tido especialmente em vistas a obtenção da riqueza. Os primeiros passos na carreira artistica exigem realmente tantos sacrificios e applicação que o exclusivo amor do lucro nunca seria capaz de determinar taes esforços. Os gozos que a arte proporciona ao artista hão sido sempre para este a mais preciosa das recompensas; a fortuna vem depois, e é apenas uma cousa secundaria. Não poucos artistas até hão nobremente preferido seguir a inclinação do seu genio, só para não se sujeitarem aos mesquinhos regateamentos do publico. *Spagnoletto* realizou em sua vida a bella ficção de *Xenophonte*: depois de haver adquirido meios de viver no

seio do luxo, julgou preferível subtrahir-se á influencia da riqueza e voltou voluntariamente á pobreza e ao trabalho. Tendo alguém pedido a *Miguel Angelo* o seu parecer acerca de um quadro que o autor expuzera com a esperança de o vender por bom preço, o grande artista respondeu: « O que penso é que este homem nunca passará de um pobre coitado emquanto se mostrar tão avido de riquezas. »

Bemcomo Sir Joshua Reynolds, Miguel Angelo cria firmemente na efficacia do trabalho, e sustentava que tudo aquillo que a imaginação concebe póde ser executado em marmore, uma vez que a mão se haja vigorosamente exercitado em obedecer ao espirito. Era elle proprio um trabalhador infatigavel, e attribuia á frugalidade com que vivia o poder que tinha de consagrar ao estudo muito mais tempo do que a maior parte de seus contemporaneos. Quando trabalhava, passava quasi todo o dia sem comer outra cousa mais do que um bocado de pão, acompanhado de alguns goles de vinho, e não poucas vezes se levantava alta noite para se entregar ao trabalho. Em taes occasiões, costumava prender na parte anterior do barrete de papel que trazia na cabeça a vela a cuja luz esculpia. A's vezes, quando se sentia muito cansado, deitava-se sem se despir, afim de estar prompto para voltar ao trabalho, assim que o somno lhe houvesse restaurado um pouco as forças. Tinha elle um emblema predilecto que representava um velho dentro de um carro, com uma ampulheta collocada diante de si e esta epigraphie: *Anco-ra imparo!* — *Aprendo ainda.*

III.

Ticiano foi tambem um infatigavel trabalhador. Gastou oito annos na execução do seu celebre *Martyrio de S. Pedro* e sete na do painel da *Ceia*. Na sua carta a Carlos V dizia o artista: « Remetto a *Ceia* a V. M.; n'ella trabalhei quasi continuamente por espaço de sete annos, — *dopo sette anni lavorandovi quasi continuamente.* » Bem poucas pessoas sabem avaliar a paciencia, o trabalho e as preparações longas e custosas que exigem as grandes obras de arte. Parecem estas ser facil e rapidamente executadas pelo artista; mas a quantas fadigas não teve elle de sujeitar-se para adquirir a facilidade que admiramos! « Perdís-me cincoenta sequins, » disse uma vez a um escultor um nobre venesiano, « por um busto em que apenas trabalhastes dez dias? » — « E' verdade! » respondeu o artista, « mas lembrai-vos que tive de gastar trinta annos para aprender a fazer este busto em dez dias. » Tendo alguem censurado o Dominiquino pela lentidão com que trabalhava em um quadro que lhe fôra encommendado: « Bofé! » exclamou o artista, « eu não cesso de trabalhar n'elle interiormente. » O character laborioso do finado Sir Augusto Calcott revela-se plenamente no facto de haver este artista feito não menos de quarenta esboços differentes do seu afamado *Rochester*. Este constante ensaio, tanto na arte como na propria vida, é uma das condições essenciaes do bom exito.

Claudio, o maior dos pintores de paizes, só deveu a sua celebridade ao infatigavel ardor que o animava. As circumstancias no meio das quaes o fez nascer a sorte erão bem pouco favoraveis ao desenvolvimento do genio artistico. Nascido em Château de Chamagne, na Lorena,

de pais pauperrimos, diz se que fôra, ainda bem criança, posto como aprendiz em casa de um pasteleiro. Pouco tempo depois, tendo tido a infelicidade de perder seus pais, foi viver com seu irmão que era escultor de madeira. Seu gosto artistico logo começou a revelar-se, e um negociante que andava viajando instou com seu irmão para que deixasse o adolescente acompanhá-lo até Roma. Claudio partiu, e, depois de muitas vicissitudes, vemol-o exercendo as humildes funcções de aprendiz-servente na officina de Agostino Tassi, celebre pintor de paizes. Foi alli que elle começou a adquirir conhecimentos artisticos serios. Tendo grangeado alguma reputação, percorreu a Italia, a França e a Allemanha, parando em diversos lugares para pintar quadros e ganhar algum dinheiro. Voltando a Roma, viu que as suas obras erão dobradamente apreciadas, e, d'essa epocha em diante, consagrou-se exclusivamente e para sempre á pintura de paizes. Estudando constantemente a natureza sob todos os seus aspectos, Claudio passava a maior parte do tempo a copiar minuciosamente edificios, prados, arvores, folhas e outros objectos d'este genero, os quaes, depois de retocados com a mais rigorosa exacção, erão por elle guardados para serem empregados quando tivesse de pintar grandes paesagens. Claudio dava tambem muita attenção ao estado do céo, notando cuidadosamente as diversas mudanças que n'elle gradualmente opera a luz do sol desde o romper d'aurora até ao anoitecer. Graças a esta assiduidade no estudo, veio elle a adquirir, lentamente é verdade, segundo affirma a tradição, mas com toda a segurança, a grande habilidade nos rasgos e a justeza de observação a que posteriormente deveu o primeiro lugar entre os pintores de paizes.

Turner, que foi cognominado o *Claudio inglez*, teve tambem uma existencia bastante laboriosa. Destinado a

principio ao officio de barbeiro, que era o de seu pai, trabalhou na loja d'este, em Londres, até ao dia em que o esboço de um escudo de armas por elle feito em uma salva de pra'a attrahin a attenção de um freguez que seu pai costumava barbear. O freguez aconselhou ao pai que deixasse o moço seguir a sua vocação, e o velho Turner, depois de muito rogado, afinal permittiu que seu filho largasse a navalha pelo pincel.

Como todas as pessoas da sua idade que se dedicação ás bellas-aries, Turner teve de superar difficuldades tanto maiores, quanto achava-se em uma posição de fortuna nimiamente precária. Felizmente era elle homem de boa feição, não se queixava das suas fadigas, e nem desdenhava trabalho algum, por mais modesto que fosse. Aceitou, sem muita difficuldade, a proposta que lhe fizeram para, mediante uma modica retribuição por noite, retocar nuvens em quadros, e considerou-se bem feliz por lhe darem ao mesmo tempo ceia. Ajuntou d'esta maneira algum dinheiro, e foi assim exercitando-se e adquirindo gradualmente notavel habilidade. Poz-se depois a fazer desenhos para guias, folhinhas, e mil outros livros de modico preço. « Eu não tinha outro recurso, » dizia elle muito tempo depois, « demais era um excellente exercicio. » Em todo e qualquer trabalho de que se encarregava havia-se escrupulosa e conscienciosamente, executando sempre as suas obras com toda a perfeição, apesar da mesquinha paga que por ellas recebia. Tinha tanta vontade de aprender como de ganhar a vida, esforçava-se de continuo por se aperfeiçoar, e nunca concluia um desenho sem haver ajuntado alguma cousa aos progressos realizados na composição precedente. Um homem que assim trabalhava devia necessariamente ser bem succedido; e o crescimento do seu genio em força e em extensão

foi, para nos servirmos da expressão de Ruskin « tão constante e regular como a da luz do sol ao nascer . »

IV.

A arte, ainda mesmo que se haja recebido da natureza faculdades artisticas, não é um divertimento. Em muitos casos esta verdade se ha com cedo manifestado, e não faltão exemplos de precocidade apparente na vida de uma infinidade de grandes artistas. E' de todos sabida esta particularidade anecdotica da vida de West: achando-se elle um dia, na idade de sete annos, a velar junto do filho de sua irmã mais velha, ficou tão encantado da belleza da criança adormecida, que tomando immediatamente uma folha de papel, poz-se a fazer, com tinta preta e encarnada, o retrato do menino no berço. Revelando elle em tão tenros annos tamanha inclinação para a arte, seus pais se absterão de contrarial-o. Se os triumphos sobremaneira precoces não o houvessem perdido, West viria a ser um pintor de muito maior merecimento do que foi; mas infelizmente não deveu elle a sua reputação ao estudo, ás contrariedades e difficuldades vencidas, e se grande foi a sua fama, em compensação, não durou muito.

Ricardo Wilson, quando criança, divertia-se traçando com um tição figuras de homens e de animaes nas paredes da casa de seu pai. A principio, foi retratista; mas achando-se em Italia, e indo um dia visitar Zucarelli, aconteceu-lhe ter de levar muito tempo á espera do seu amigo, que havia sahido. Wilson, para se distrahir, poz-se a pintar a vista que se gozava da janella da sala do pintor; e Zucarelli, entrando quando elle se achava no

meio do seu trabalho, ficou tão encantado do quadro que perguntou a Wilson se havia estudado paisagem; o joven artista respondeu que não. « Pois bem! » disse o pintor, « aconselho-vos a estudal-a; tornar-vos-heis infalivelmente afamado pelos vossos trabalhos. » Wilson seguiu este conselho, e, tendo estudado e trabalhado o mais que pôde, veio a ser o primeiro païsta da escola ingleza.

Sir Joshua Reynolds, em criança, deixava de estudar as suas lições para se entregar ao desenho, e por este motivo era a miudo reprehendido por seu pai. Desejava este que o filho seguisse a profissão medica; mas o instincto que attrahia o menino para as bellas-artes era tão forte que não podia ser reprimido, e elle veio a ser pintor.

Gainsborough, quando andava na escola, ia fazer esboços nos bosques de Sudbury, e aos doze annos era já um artista consummado, e tão perito observador e acerrimo no trabalho, que nenhuma vista pittoresca escapava á actividade do seu lapis, ainda que elle lhe houvesse só uma vez admirado o effeito.

William Blake, filho de um vendedor de meias, levava todo o dia a cobrir de desenhos as costas das facturas e o balcão da loja paterna.

Eduardo Bird, tendo apenas tres ou quatro annos de idade, trepava sobre as cadeiras para desenhar nas paredes figuras que elle dizia serem soldados francezes e inglezes. Comprário-lhe uma caixinha de côres, e seu pai, afim de dar uma direcção proficua ao amor que elle tinha á arte, pol-o como aprendiz em casa de um fabricante de bandejas. Tal foi o ponto de partida de onde Bird, á força de estudo e de trabalho, subiu á categoria de membro da Academia real de pintura.

Hogarth, que aliás fazia bem triste figura na escola, di-

vertia-se ornando de desenhos as letras do alphabeto, e os seus quadernos erão muito mais notaveis pelos esboços com que os enfeitava o futuro artista, do que pela maneira por que havião sido feitos os exercicios n'elles contidos. Sob este ponto de vista, Hogarth ficava sempre muito aquem de todos os rapazes da sua aula, mas quanto ao desenho nenhum o igualava. O pai o poz como aprendiz na loja de um ourives, onde elle aprendeu a desenhar e a gravar em baixelas de prata armas e iniciaes. Da gravura em prata, passou á gravura em cobre, que aprendeu sem mestre. Gravava de preferencia gryphos e outros monstros heraldicos, e foi applicando-se a este estudo que lhe veio o desejo de representar as variedades do character humano. A perfeição singular que Hogarth adquiriu n'esta arte foi o resultado de pacientes estudos, de attentas observações. Tinha elle o dom, que conservou com o maior cuidado, de guardar tão fielmente na memoria os traços principaes de qualquer physionomia notavel, que podia passado algum tempo represental-os no papel; mas se alguma fórma particularmente fantastica ou exagerada se offercia a seus olhos, esboçava-a logo na unha do dedo pollegar, e a levava assim para casa afim de desenhá-la com as proporções convenientes. Tudo quanto era original e fantastico tinha para elle um encanto irresistivel, e vião-o de ordinario vagar pelos lugares menos frequentados, no intuito de descobrir typos originaes. Enriqueceu assim Hogarth o seu espirito com um thesouro immenso, graças ao qual pôde posteriormente concentrar em suas obras uma força incrível de pensamento e de observação. Eis a razão por que os quadros d'este artista são uma representação tão fiel dos caracteres, dos costumes e até mesmo das ideias do seu tempo. A pintura, segundo elle dizia, só se aprendia realmente em uma escola, que era a da natureza. Todavia Hogarth,

excepção feita da sua propria especialidade artistica, não era homem de grande cultura intellectual. Na escola só aprendera calligraphia e orthographia : os conhecimentos que adquiriu posteriormente, deveu-os aos seus proprios esforços. Vegetou elle por muito tempo em uma situação nimiamente precária, mas nem por isso deixou de trabalhar sempre com a melhor vontade. Comquanto fosse pobre, punha muito cuidado em equilibrar as suas despesas com o pouco que ganhava, e gabava-se, com legitima soberba, de ser pagador pontual. Passados muitos annos, tendo já superado todos os obstaculos e adquirido fortuna e fama, ainda se comprazia em recordar os trabalhos e privações de sua mocidade, em commemorar as phases da grande batalha que ganhára tão honrosamente como artista. « Nunca me esquecerei, » dizia elle em certa occasião, « do tempo em que ia passeiar melancholicamente pela cidade, tendo apenas um *shelling* na algibeira ; mas assim que recebia dez guineos por alguma gravura, voltava para casa, cingia a espada, e sahia de novo, mais soberbo do que um homem que tivesse milhares de libras á sua disposição. »

V.

Visitar Roma, capital das bellas artes, tal ha sido sempre a ambição dos jovens artistas. Mas a viagem é dispendiosa, e os artistas as mais das vezes são pobres. Todavia, com uma grande força de vontade e a firme resolução de vencer todos os obstaculos, pode-se muito bem ir a Roma. Isto se prova exuberantemente com o exemplo de Francisco Perrier, um dos mais antigos pintores da escola franceza, o qual, para satisfazer o ardente de-

sejo que tinha de visitar a Cidade eterna, se prestou a servir de guia a um mendigo cego. Ao cabo de longa peregrinação, Perrier chegou enfim ao Vaticano, estudou e tornou-se celebre.

VI.

Thiago Callot deu provas de igual ardor na sua resolução de visitar Roma. Postoque seu pai se oppuzesse ao desejo com cedo por Thiago manifestado de ser pintor de profissão, não se deixou o moço desviar do seu proposito.

Cedendo á sua invencivel inclinação, fugiu da casa paterna sem saber como iria a Roma, mas determinado a alli ir. Sahira elle de casa por assim dizer sem dinheiro; e pois, viu-se bem depressa condemnado a cortir fome. N'estes entrementes, encontrou-se com um bando de ciganos que, tendo-o soccorrido em tão apertada conjunctura, admittirão-o em sua companhia. Viajou Callot alegremente de feira em feira com os seus camaradas, adoptando diversos trajos e representando uma infinidade de papeis. Foi provavelmente durante essa memoravel viagem que elle adquiriu o conhecimento extraordinario dos rostos, das physionomias e dos caracteres, os quaes representou posteriormente, e ás vezes com tamanha exaggeração, nas suas admiraveis gravuras.

Tendo enfim chegado a Florença, Callot travou conhecimento com um fidalgo que, encantado do seu engenhoso ardor, recommendou-o a um artista, em cuja officina foi elle admittido como discipulo; mas só a propria Roma podia satisfazer o mancebo, que bem depressa sahio de Florença e seguiu para a Cidade eterna. Alli, travou conhecimento com Porigi e Tomassino, os quaes, ao verem os seus esboços a lapis, lhe predisserão uma esplên-

dida carreira. Achava-se o nosso fugião muito a seu gôsto em Roma, quando um amigo de sua familia o encontrou, e pôde obrigar-o a tornar para a casa paterna. Callot, porém, apaixonára-se por tal maneira pela vida livre e vagabunda, que a inacção se lhe tornára insupportavel: fugiu elle de novo e sahiu de França, mas teve de voltar segunda vez para casa, conduzido por seu irmão mais velho que o havia descoberto em Turim. Emfim, o pai, vendo que em vão tentava reprimil-o, concedeu-lhe licença, com bastante pezar, para elle ir estudar em Roma. Callot, d'esta vez, passou alguns annos na Cidade eterna, aperfeiçoando-se na gravura e no desenho sob o direcção de bons mestres. De volta para França, passou por Florença, onde, a convite de Cosme II, demorou-se mais alguns annos, trabalhando constantemente. Tendo morrido o seu protector, Callot foi reunir-se á sua familia em Nancy, e alli, graças ao seu buril e ao seu ponção, ganhou em pouco tempo fama e fortuna. Por occasião das guerras civis, tendo sido a cidade de Nancy cercada e levada de assalto, o duque de Richelieu encommendou a Callot uma gravura que devia representar aquelle acontecimento; Callot, porém, não estava disposto a commemorar o revez soffrido por sua cidade natal, e respondeu ao duque com uma recusa peremptoria. Richelieu, depois de baldados esforços para dissuadir o artista da sua resolução, mandou prendel-o. Por uma singular coincidência, Callot achou na prisão alguns dos ciganos, seus antigos camaradas, que o haviam soccorrido quando elle fôra pela primeira vez a Roma. Luiz XIII, ao saber que Callot estava preso, não se limitou a mandar pol-o em liberdade; prometeu ao mesmo tempo conceder-lhe o que elle requeresse. Callot deu-se pressa em pedir a soltura dos ciganos, seus antigos camaradas, e outrosim que se lhes concedesse licença para men-

digarem livremente em Pariz. Este singular pedido foi satisfeito ; mas o rei, por seu turno, exigiu que o artista desenhasse e gravasse os retratos dos seus amigos ; e foi a tão raro complexo de circumstancias que devemos o curioso *Quaderno dos Mendigos*. Diz-se que Luiz XIII offerecera a Collot uma pensão de 3,000 libras, com a condição de elle ficar residindo em Pariz ; o artista, porém, achava-se já tão afeito á vida errante, prezava tanto a liberdade de movimento, que uma tal proposta não lhe podia de maneira alguma convir. Voltou pois para Nancy, onde trabalhou até morrer. Pode-se fazer ideia da sua actividade pelo numero das suas gravuras a buril e á agua-forte, as quaes sobem a nada menos de mil e seiscentas. Callot tinha muita predilecção pelos assumptos grotescos, e os representava com admiravel habilidade. Suas gravuras á agua-forte, que elle traçava primeiro com mão affouta e livre e depois retocava a buril, são executadas com uma delicadeza e perfeição verdadeiramente maravilhosas.

VII.

Muito mais romantica e aventureosa foi a vida de Benvenuto Cellini, o portentoso ourives, pintor, esculptor, gravador, engenheiro e litterato. Sua vida, escripta por elle mesmo, é uma das mais extraordinarias de que haja noticia em todo o dominio da autobiographia. Giovanni Cellini, seu pai, era um dos musicos da côrte de Lourenço de Medicis, em Florença ; e o que elle mais ardentemente ambicionava para seu filho Benvenuto, era vel-o vir a ser um dia habil flautista. Mas, tendo perdido o seu emprego, Giovanni teve de mandar ensinar um

officio ao filho, e o fez entrar para a loja de um ourives na qualidade de aprendiz. O menino, que sempre mostrára notavel gôsto pelo desenho, applicou-se diligentemente á sua nova occupação, e bem depressa se tornou um habil operario. Tendo-se elle achado envolvido em uma rixa, viu-se banido por seis mezes, e foi passar algum tempo em casa de outro patrão, em Sienna, onde ainda mais se aperfeioou no trabalho da ourivesaria e no fabrico de joias.

Todavia, como o pai persistia em querer fazer d'elle um flautista consummado, Benvenuto continuou a exercitar-se na flauta, instrumento a que aliás tinha a maior aversão. Preferia a arte do desenho, e a cultivava com enthusiasmo. Tendo voltado para Florença, estudou cuidadosamente as obras de Leonardo de Vinci e de Miguel Angelo, e, para se aperfeioar na arte de ourives, seguiu para Roma a pé; durante esta viagem, acontecerão-lhe uma infinidade de aventuras. Demorou-se elle pouco tempo fóra de Florença, e quando para alli tornou, já a fama o proclamava como o homem mais habil do mundo em afeioar os metaes preciosos: suas obras erão buscadas com extraordinario empenho. Benvenuto, porém, em razão do seu temperamento irascivel, andava de continuo envolvido em deploraveis pendencias, e muitas vezes via-se obrigado a buscar a salvação na fuga: foi assim que elle sahio furtivamente de Florença vestido de frade e se refugiou de novo em Sienna, donde, passado algum tempo, seguiu para Roma.

Em Roma, achou Cellini poderosos protectores, e entrou para o serviço do papa na dupla qualidade de ourives e de musico. Estudava indefessamente e aperfeioava-se familiarizando-se com as obras dos mais illustres mestres. Fazia joias, retocava esmaltes, gravava sellos, desenhava e executava toda a qualidade de obras em ou-

ro, em prata, em bronze, e imprimia em todas as suas obras um geito, que nenhum outro artista podia igualar. Se ouvia fallar em algum ourives que se tornára afamado em qualquer dos ramos da sua arte, Benvenuto não socegava emquanto não o excedia. Foi assim que elle conseguiu rivalisar, no fabrico de joias, de medalhas e de esmaltes, com todos os artistas da sua época; de maneira que parecia julgar-se obrigado a conquistar o primeiro lugar em todos os ramos da sua profissão.

Animado de um tal espirito, Cellini devia naturalmente realizar grandes cousas. Era elle um homem prodigiosamente activo. Viajava de continuo. Ora o vemos em Florença, ora em Roma, ora em Mantua, depois achamol-o de novo em Roma, em Napoles, e outra vez em Florença, donde segue para Venesa, e dalli para França. Fazendo todas estas longas viagens a cavallo, não podia Cellini levar consigo grande bagagem; e pois, assim que chegava a qualquer lugar, tratava de fabricar a sua propria ferramenta. Desenhava os seus modelos e os executava: forjando-os, esculpindo-os, vasando-os em moldes e afeiçoando-os com as suas proprias mãos. Na verdade, suas obras achão-se tão visivelmente marcadas com o cunho do genio, que logo se reconhece a impossibilidade de terem sido desenhadas por uma pessoa e executadas por outra. O menor objecto, — uma fivella de cinturão, um cinete, uma medalha para chapéo, um simples anel, um botão, — tornava-se em suas mãos um admiravel artefacto.

Deu elle um singular exemplo da sua habilidade como operario. Tendo vindo um dia um cirurgião á casa do ourives Raphael del Moro para fazer uma operação, Cellini, que estava presente, olhando por acaso para os instrumentos do operador, achou-os pesados e toscos, como erão de ordinario naquella época. Pedio o grande

artista ao cirurgião que suspendesse a operação por um quarto de hora, correu á sua officina, e, tomando uma lamina de aço purissimo, fabricou n'um instante, com todo o primor, uma excellente faca, com a qual fez-se facil e felizmente a operação.

Entre as estatuas executadas por Cellini, as mais importantes forão a de *Jupiter* (de prata), que elle fez em Pariz para Francisco I, e a de *Perseu* (de bronze), feita para o duque Cosme de Medicis, em Florença. Cellini executou tambem, em marmore, estatuas de *Apollo*, de *Hyacintho*, de *Narcizo* e de *Neptuno*. Os incidentes extraordinarios que tiverão lugar durante a fundição da estatua de *Perseu* dão cabal ideia do character singular do artista.

Tendo o grão-duque sustentado que seria impossivel executar-se em bronze o modelo em cera que lhe fôra mostrado por Cellini, este, vivamente estimulado com a duvida expressa pelo principe, resolveu logo, não só tentar a operação, senão tambem leval-a ao cabo satisfactoriamente. Tendo feito primeiro um modelo de barro, mandou cozel-o e cobrio-o depois de cera que afeiçoou, dando-lhe rigorosamente as fórmas de uma estatua perfeita. Cobrindo por seu turno a cera com uma camada de terra argilosa, mandou cozer de novo tudo, e a cera, derretendo-se ao calor do fôrno, escorreu, deixando entre as duas camadas de argila um largo espaço livre para a recepção do metal. Afim de evitar os transtornos que poderião occorrer, a operação da vasadura se fez em uma cova aberta bem junto do alto fôrno donde o metal em fusão devia ser introduzido no molde, por meio de tubos e de aberturas.

Cellini, para não se achar desprovido na operação que ia começar, tivera o cuidado de ajuntar uma grande quantidade de lenha de pinheiro; e, cheio o fôrno de pedaços de cobre e de bronze, acendeu-se o fogo. Mas a lenha re-

sinosa que fôra empregada ardeu com intensa furia, occasionando o incendio da officina, cujo telhado ficou em parte destruido, ao passo que, por outro lado, o vento impetuoso que soprava e a chuva que cahia em torrente sobre o fôrno não deixava desenvolver-se o calor e impedia a fusão dos metaes.

Durante longas horas Cellini, mettendo continuamente lenha no fogo, buscou entreter o calor necessario. Todavia, sentio-se afinal tão exausto e doente, que teve serio receio de morrer sem haver concluido a operação. Obrigado a ir para a cama, deixou os seus ajudantes incumbidos de vasarem o metal no molde; mas, no momento em que as pessoas que o rodeiavão buscavão consolação na sua afflicção, entrou precipitadamente no quarto um operario, e, com voz lamentosa, annunciou « que tudo estava perdido, irremediavelmente perdido! » Ouvindo isto, Cellini levantou-se precipitadamente da cama, correu à officina, e achou com effeito o fogo tão fraco, que o metal já começava a solidificar-se.

Tendo obtido de um visinho uma porção de lenha de carvalho que estava a seccar havia um anno, Benvenuto vio bem depreesa o fogo flamejar de novo, e o metal reluzir e faiscar dentro do forno. Continuando, porém, o vento a soprar furiosamente e a chuva a cahir em torrente, mandou elle fazer, com mesas, pedaços de tapetes e roupa velha, uma especie de guarita dentro da qual se abrigou, sem cessar de metter lenha no fôrno. Tendo feito ajuntar estanho aos outros metaes, e mexendo tudo, ora com barras de ferro, ora com compridas varas, obteve por fim a fusão completa dos materiaes. Nestes entrementes, e quando já se approximava o momento critico, ouviu-se um estrondo semelhante ao do trovão, e um relampago horrivel encandeou os olhos de Cellini: era a parte superior do fôrno que acabava de arrebentar; o metal corria

sim, mas mui lentamente. Cellini foi a toda a pressa á cozinha, tomou todas as vasilhas de cobre que alli se achavão e que erão umas duzentas, entre tachos, caldeirões e cassarolas de diversas especies, e lançou tudo sobre o metal em fusão. Graças a este sacrificio, o metal correu emfim com sufficiente abundancia, e o artista pôde fundir a sua magnifica estatua de Perseu.

O divino furor de genio que, nesta circumstancia, se apoderou de Cellini e o determinou a despir a sua cozinha de todas as vasilhas que ella continha para mettel-as no fôrno, lembrará ao leitor o acto analogo de Palissy, quando despedaçou os trastes e o assoalho de sua propria casa para com elles alimentar o fogo destinado a cozer a sua louça. Todavia, estes dous homens só se parecião um com o outro quanto ao enthusiasmo; em relação ao character, é impossivel haver duas pessoas mais differentes uma da outra do que o forão Palissy e Cellini. Este, como elle proprio confessa, era um Ismael contra o qual todos levantavão a mão. Mas, quanto á sua extraordinaria habilidade como operario e á grandeza do seu genio artistico, o juizo da posteridade tem até hoje confirmado o dos contemporaneos.

VIII.

Incomparavelmente mais placida foi a carreira de Nicoláo Poussin, que deu provas de pureza e elevação, tanto em suas idéas, como em seu procedimento, e se distinguio constantemente pelo vigor da intelligencia, pela integridade do character e nobre simplicidade dos costumes. Nasceu elle em humilissima posição social, nos Andelys, perto de Rouen, onde seu pai regia uma escolazinha. O

menino teve assim ensejo de receber a tal ou qual instrução que seu pai lhe podia dar; mas refere-se que neste particular o futuro artista se mostrou um tanto negligente, e que passava a maior parte do tempo a cobrir os seus quadernos e a sua lousa de desenhos, os quaes, bem que incorrectos, demonstravão, não obstante, a sua vocação artistica. Um pintor de provincia, chamado Varin, tendo visto e admirado os esboços do joven Poussin, pediu aos pais deste que não o contrariassem nos seus gostos; e então ajustou-se que o proprio Varin lhe daria lições de pintura. O rapazinho sacrificou tudo mais a esse estudo, e tal foi o seu progresso, que bem depressa o mestre nada mais teve que lhe ensinar. Então tornou-se elle inquieto, preocupado, e, não podendo resistir ao desejo de aprender, resolveu, aos dezoito annos de idade, ir para Pariz. Partio com effeito, e, segundo se suppõe, sem sciencia nem consentimento de seus pais.

Chegado á méta dos seus desejos, Poussin vio abrir-se diante de si um novo mundo artistico cheio de maravilhas que excitavão o seu pasmo e lhe estimulavão a emulação. Trabalhou assiduamente em diversas officinas, copiando e pintando quadros, provavelmente para ganhar a vida, postoque nessa época houvesse achado, diz-se, um protector que, ao menos em parte, cuidava da sua subsistencia. Esse protector, joven fidalgo do Poitou, tendo de voltar para o seio de sua familia, convidou Poussin a acompanhal-o; o artista aceitou o convite. Chegado á casa de campo do seu amigo, Poussin foi empregado em executar trabalhos de ornato muito ordinarios, e que não tinham a menor relação com as bellas-artes. Demais, tratado quasi como um criado, sentio-se elle tão irritado, tão humilhado, em uma palavra, tão profundamente offendido, que afinal revoltou-se, e, comquanto se achasse quasi sem recursos, resolveu voltar para Pariz. Fez o

trajecto a pé, parando a miudo para trabalhar, afim de ganhar algum dinheiro com que occorresse aos gastos da viagem; até dizem que lhe aconteceu mui frequentemente obter cama e comida pintando taboetas para tavernas de aldêa. Viajando desta maneira, gastou elle mezes para voltar a Pariz, e quando finalmente alli chegou, achava-se de tal modo exaustão, que adoeceu, e teve de ir passar algum tempo em casa de seus pais, nos Andelys, afim de se restabelecer. Alli esteve um anno, e voltou a Pariz, decidido a seguir para Roma. Mas só pôde ir até Florença, e forçoso lhe foi tornar para Pariz. Em outra tentativa que fez foi ainda mais mal succedido, porquanto desta vez chegou sómente até Lyão. Não perdia elle, porém, a menor occasião de se aperfeiçoar na sua arte, e continuava a trabalhar e a estudar com constante assiduidade.

Passarão-se assim doze annos, annos de obscuridade e de labor, annos de contrariedades e de mallôgros, e provavelmente tambem de privações. Afinal, porém, Poussin sempre logrou ir a Roma e forçar a entrada da carreira gloriosa que lhe estava reservada. Estudou com cuidado os velhos mestres, e particularmente as antigas estatuas, cuja perfeição admiravel o impressionou vivamente. Viveu algum tempo em companhia do esculptor Duquesnoi, que não era mais rico do que elle, e a quem ajudou a modelar figuras á antiga. Medio com Duquesnoi algumas das estatuas mais celebres que se achão em Roma, sendo uma dellas a de *Antino*; e suppõe-se que este habito exerceu ulteriores grande influencia sobre a formação do seu estylo. Poussin estudava ao mesmo tempo anatomia, desenhava ao natural, fazia uma grande collecção de esboços representando em posturas e attitudes diversas as pessoas que via, e, ao passo que se consagrava a todos estes trabalhos, lia com cuidado, sempre que os

podia obter, os livros que são autoridade em assumptos de arte.

Durante este periodo de sua existencia, continuou Poussin a ser pobrissimo, « contentando-se, » diz Felibiano, « com pouca cousa para sua subsistencia. » Era então bem feliz quando podia ceder os seus quadros por qualquer preço que se lembrassem de lhe offerecer. Deu elle um, representando um *Propheta*, por oito libras, e vendeu outro, a *Peste dos Philisteus*, por sessenta escudos; este ultimo custou depois mil ao cardeal Richelieu. Para cumulo de infortunio, Poussin foi atacado de uma cruel enfermidade. Em uma carta escripta ao cavalleiro del Poquozzo soccorren logo no principio da sua estada em Roma, o artista dizia: « Atrevo-me a escrever-vos, porque não posso ir em pessoa comprimentar-vos em razão de uma doença de que fui accommettido. Esta carta tem pois por fim, rogar-vos humildemente que vos digneis de auxiliar-me com alguma cousa. A doença me impede de trabalhar, e eu só vivo do que me rende o trabalho de minhas mãos. » Foi para del Pozzo que elle concluiu o seu *Descanso no deserto*, formoso quadro com que pagou, e de sobra, os empréstimos que lhe havião sido feitos durante a quadra dos seus maiores apuros.

Apesar da enfermidade que soffria, Poussin continuou indefessamente a trabalhar e a instruir-se. Pondo a mira em mais esplendidos triumphos, foi a Florença e a Veneza, afim de fortificar e aprimorar o seu gosto por meio de estudos mais consideraveis e variados; os fructos deste longo e consciencioso trabalho se mostrarão emfim na serie de grandes quadros que elle começou então a produzir, e entre os quaes citaremos a *Morte de Germanico*, a *Extrema-Úneção*, o *Testamento d'Eudamidas*, o *Manná* e o *Rapto das Sabinas*. Foi contemplando este ultimo quadro que Marini disse ao cardeal Barberini: « *Vedete un giovane che*

a una furia di diavolo. » (Eis um rapaz arrojado como o diabo.) Todavia, a reputação de Poussin cresceu lentamente. Era elle de caracter reservado e fugia da sociedade. Consideravão-o geralmente como um pensador, que não como um pintor. Quando não pintava, ia dar longos passeios solitarios pelo campo, meditando na composição dos quadros que pretendia executar. Um dos seus raros amigos, em Roma, foi Claudio Loreno, com quem passou longas horas, no terraço da Trindade-do-Monte, a discurrir sobre a arte e antiguidades. A vida monotona e tranquillã de Roma convinha perfeitamente aos seus gôstos, e, com tanto que os seus pinceis lhe proporcionassem meios de modesta subsistencia, nunca lhe lembrava retirar-se daquella capital.

Mas a sua fama viera a estender-se muito além de Roma, e forão-lhe feitos reiterados convites afim de elle ir para Pariz. Offerecêrão-lhe o emprego de primeiro pintor do rei. Poussin hesitou a principio, citou o proverbio italiano: *chi sta bene non si muove*, disse que passára quinze annos em Roma, que alli se casara e vivera com o proposito de não findar os seus dias em outra parte. Instado de novo, ced eu e voltou a Pariz; mas, com a sua presença, estumulou-se a inveja dos pintores da capital, e elle bem depressa se arrependeu de ter sabido de Roma. Em Pariz executou Poussin algumas das suas obras primas, um *S. Xavier*, o *Baptismo* e a *Ceia*. Sobrecarregavão-o de trabalho. A principio fez tudo quanto lhe encommendavão, frontespicios para os livros do rei (sendo os mais notaveis o de uma Biblia e o das obras de Virgilio), desenhos para serem executados no Louvre e para tapeçaria; mas por fim forçoso lhe foi queixar-se.

« E-me impossivel, escrevia elle ao Sr. de Chantelou, fazer ao mesmo tempo frontespicios de livros, uma Virgem, o quadro da congregação de S. Luiz, todos os dese-

nhos da galeria, e emfim paineis para as tapeçarias reaes. Tenho só uma mão e uma fraca cabeça; todo o trabalho pesa sobre mim, porque não posso ser ajudado por ninguém. »

Perseguido pelos inimigos que os seus triumphos lhe havião suscitado e com os quaes lhe era impossivel reconciliar-se, decidio-se elle, ao cabo de dous annos, a retirar-se de Pariz afim de voltar para Roma. Antes de partir, pintou o ultimo quadro que fez em França — *o Tempo levando consigo a Verdade para livral-a de inveja e da calumnia*. Estabelecido de novo em Roma, na sua humilde habitação do monte Pincio, Poussin alli viveu absorto de todo na pratica da sua arte, e sem que cousa alguma, até á hora da morte, lhe viesse perturbar a vida solitaria e de rigorosa simplicidade que havia adoptado. « Asseguro-vos, senhor, » escrevia elle ao seu amigo Chantelon, « que, no meio dos commodos da minha casinha e da paz que aprouve a Deos conceder-me, não pude evitar uma certa saudade que pungio-me profundamente o coração, de maneira que fiquei dias e noutes sem um momento de socego; mas emfim, aconteça o que acontecer, estou resclvido a aceitar o bem e a supportar o mal. As miserias e as desgraças são uma cousa tão commum na nossa vida, que me admiro de ver homens sensatos atormentarem-se por causa de taes infortunios, em vez de rirem-se e de se conformarem com elles. Não possuímos cousa alguma neste mundo; tudo quanto temos é emprestado. » Eis a placidez e a paciencia com que Poussin supportou as provações e os desgostos que lhe couberão em sorte. Curtindo dôres crueis, só buscava allivio no trabalho, e aspirava sempre a uma mais alta excellencia. « A' proporção que envelheço, » dizia elle, « sinto-mecada vez mais dominado do desejo de exceder-me a mim mesmo e de attingir a mais alta perfeição. » Todavia, tendo constante-

mente em mira a valentia e a nobreza que lhe importava imprimir nos seus quadros, Poussin consagrava ao mesmo tempo séria attenção aos accessorios, por mais insignificantes que fossem. « Muitas vezes admirei, » diz Boaventura d'Argone, « o cuidado que elle consagrava á perfeição da sua arte. Velho como estava, encontrava-o entre os destroços da antiga Roma, e ás vezes no campo e nas margens do Tibre, desenhando o que achava mais do seu gosto. Vi-o tambem colligir seixos, musgo, flores e outros objectos semelhantes, que queria pintar exactamente ao natural. » Foi no meio desses trabalhos, dessas lutas, desses soffrimentos nobremente supportados que se passáreo os ultimos annos de Poussin. Não tinha filhos ; sua mulher morrera antes d'elle, e todos os seus amigos tambem o havião precedido no tumulo ; de maneira que o grande artista em sua velhice achou-se absolutamente só, no meio daquella Roma tão cheia de sepulturas. Alli morreu elle em 1665, legando a seus pais, nos Andelys, as suas economias, que importavão em uns dez mil escudos, e deixando após si, como um legado precioso feito ao genero humano, as obras primas do seu genio.

IX.

Ary Scheffer, entre os pintores modernos, nos dá igualmente um exemplo de magnanima dedicação á arte. Nascido em Dordrecht, na Hollanda, e filho de um artista allemão, manifestou elle com cedo para o desenho e a pintura uma aptidão que seus pais tiveram o cuidado de acoçoar. Ainda era Ary bem novo quando perdeu seu pai, e sua mãe, comquanto dispuzesse de mui modestos recursos, resolveu ir estabelecer-se em Pariz, afim de ooven Scheffer poder aproveitar-se, para a sua instrucção

artística, das vantagens que offerece aquella cidade. Mas, como carecia de algum tempo para vender os poucos bens que possuia, pôz provisoriamente Ary em uma escola em Lille. Durante a estada de seu filho nessa cidade, escreveu-lhe ella uma infinidade de cartas, nas quaes os conselhos mais serios e judiciosos se associão ás mais vivas e tocantes expressões de ternura maternal. « Se me pudeses ver, » diz ella n'uma dessas cartas, « beijando o teu retrato, largando-o para logo depois tomal-o de novo, e com as lagrimas nos olhos chamar-te meu querido, meu idolatrado filho! reconhecerias então quanto me custa empregar ás vezes um tom severo e causar-te alguns instantes de afflicção. Continúo a nutrir a esperança de que virás a ser um dos primeiros pintores da nossa época, e até mesmo de todos os seculos... Trabalha assiduamente, sê modesto sobretudo, e quando puderes dizer que excedes aos outros, compara então as tuas obras com a natureza e com o ideal que concebeste, e esta comparação te premunirá contra a presumpção e a soberba. » As esperanças da mãe a respeito da grandeza futura de seu filho não forão mallogradas; mas isto foi sem duvida devido, em grande parte, á propria mãe e ao nobre exemplo de energia, de affecto e de pureza de character que ella lhe deu. O que é certo é que esse exemplo foi para Ary a inspiração de toda a sua vida.

Em Pariz, Scheffer aprendeu a arte com Guérin; mas como os recursos de sua mãe erão sobremodo precarios, não pôde elle consagrar-se inteiramente ao estudo, e tendo apenas dezoito annos de idade, foi-lhe forçoso trabalhar para os vendedores de quadros.

Sua mãe, tendo já vendido algumas joias que possuia, sujeitava-se a mil privações, afim de poder educar os outros filhos. Em taes circumstancias, era bem natural que Ary buscasse ajudal-a; e eis o motivo por que elle entrou

a pintar uma infinidade de quadrosinhos, representando quasi todos assumptos agradaveis; esses quadros, em razão da modicidade do seu preço, erão facilmente vendidos. Scheffer trabalhou tambem como retratista, e adquirio assim experiencia, ao passo que ganhava honradamente a vida. Fez grandes progressos em desenho, em colorido, em composição. *O Baptismo* marcou uma nova época na sua carreira, e foi o ponto de partida donde elle se elevou á alta posição em que o collocarão os seus quadros de *Fausto e Margarida*, de *Francisca de Rimini*, do *Chrieto consolador*, das *Santas Mulheres*, e muitas outras obras grandiosas.

« A força de pensamento, de trabalho, de attenção, » diz Mistress « Grote, que Scheffer empregou na producção da sua *Francisca de Rimini* foi por certo enorme. Sua educação artistica achava-se ainda tão imperfeita, que elle, na ardua senda por onde seguia, só pôde contar com o esforço do seu proprio talento, e tanto o seu espirito como a sua mão estavam constantemente a trabalhar. Teve Scheffer de fazer ensaios sobre as diversas maneiras de tratar os seus assumptos, sobre o emprego das côres, de pintar e repintar com incessante e afadigosa assiduidade. Mas felizmente dotara-o a natureza de qualidades que compensarão de algum modo os defeitos da sua educação professional. A nobreza de seu character e sua profunda sensibilidade o habilitarão a exercer, por meio da pintura, grande imperio sobre os sentimentos de seus semelhantes. Conforme elle proprio diz, *só é artista aquelle que tem um sentimento elevado, ou uma convicção entranhavel, dignos de serem expressos em uma lingua que pôde ser indifferentemente a prosa, a poesia, a musica, a esculptura ou a pintura.* »

Um dos artistas que Scheffer mais admirava era Flaxman, e tanto que um dia chegou a dizer a um amigo: « Se por inadvertencia fiz alguma imitação no meu qua-

dro de *Francisca de Ramini*, foi por certo de alguma coisa que vi entre os desenhos de Flaxman. »

X.

Flaxman era filho de um humilde vendedor de figuras de gesso estabelecido em Londres. Foi tão valetudinário em sua infancia, que por muito tempo teve de levar dias inteiros assentado em almofadas atrás do balcão de seu pai, onde se entreinha lendo e desenhando. Entrando um dia na loja um bom ecclesiastico, chamado Mathews, encontrou o menino a fazer vãos esforços para decifrar um livro que tinha na mão, e, tratando de vêr que obra era aquella, reconheceu ser um *Cornelio Nepote*, que o vendedor de figuras comprára por alguns pence a um alfarrabista. O ecclesiastico, depois de ter conversado com o menino, disse que aquella livro não era apropriado á sua idade, mas que no dia seguinte lhe traria o que lhe convinha; e o digno homem cumpriu a palavra: trouxe alguns livros para o menino, e entre outros *Homero* e *D. Quirote* (traduzidos), cuja leitura muito divertio o joven Flaxmann; estas duas obras sempre figurárão depois no numero dos seus livros predilectos. Seu espirito penetrou-se bem depressa do heroismo que respirava nas paginas do primeiro daquelles dous livros; e, no meio dos Ajax e Achilles de gesso que o contemplavão de cima das prateleiras da loja, sentio-se o menino com cedo dominado pela nobre ambição de desenhá-los por seu turno aquelles magestosos heróes, revestindo-os de fórmas poeticas. Tomou elle, entusiasmado, o seu lapis, e, aceso em furor divino, emprehendeu representar os altos feitos dos Gregos e Troyanos.

Como tudo quanto emana dos esforços da adolescen-

cia, seus primeiros desenhos forão incorrectos. O pai, que, não obstante esses defeitos, se ensoberbecia com as produções do joven artista, mostrou-as um dia ao escultor Roubilliac, que lh'as devolveu soltando um desdenhoso *ora!* Mas havia no menino verdadeira inclinação para a arte; e, industrioso e paciente, continuou elle a trabalhar indefessamente nos seus desenhos. Exercitou-se depois em fazer figuras de gesso, de cera e de barro. Conservão-se ainda hoje algumas dessas obras precoces, não tanto por causa do seu merecimento intrinseco, senão por serem de consideravel interesse como amostras dos primeiros esforços de um genio paciente e robusto. O menino esteve muito tempo sem poder dar um passo: começou a arrastar-se fimado em muletas, e só as largou quando a sua saude, com o audar do tempo, se achou sufficientemente restabelecida. O excellento ecclesiastico Matheus e sua mulher o convidarão para a sua casa; a digna senhora explicou-lhe Homero e Milton, e, ajudada por seu marido, não só lhe aperfeiçoou a educação, como tambem lhe deu lições de grego e de latim. A' força de perseverança e de trabalho, Flaxman fez tamanhos progressos na sua arte, que uma dama lhe encommendou seis desenhos originaes, cujos assumptos devião ser tirados de Homero. A primeira encommenda!... Que acontecimento na vida de um artista! A primeira consulta de um medico, a primeira causa de um advogado, o primeiro discurso de um deputado, o primeiro livro de um escriptor, a estréa de um cantor, não têm para nenhum delles mais importancia do que a primeira encommenda para um artista. O moço executou os seus desenhos com todo o esmero que delle se esperava, e, em recompensa do seu trabalho, recebeu generosa paga, sendo ao mesmo tempo calorosamente elogiado.

Aos quinze annos matriculou-se Flaxman na Academia

Real, onde, não obstante o seu character reservado, foi bem depressa conhecido entre os demais alumnos como um moço a quem estavam destinados esplendidos triumphos. Estas previsões não se desmentirão: no fim do anno ganhou elle a medalha de prata, e no anno seguinte propôz-se a obter a de ouro. Todos acreditavão que o premio caberia a Flaxman, porquanto ninguem o excedia em habilidade nem em perseverança; todavia não obteve elle a medalha de ouro, a qual foi concedida a um alumno de quem depois nunca mais se ouviu fallar. Este mallôgro foi antes um bem para Flaxman, porquanto as derrotas, longe de desanimarem por muito tempo aquelles que inflammam o fogo sagrado, só servem para os excitar a mostrar ao mundo de quão grandes cousas são capazes.

« Deixemos passar algum tempo, » disse elle a seu pai, « e asseguro-vos que as obras por mim produzidas serão approvadas com orgulho pela Academia. » Redobrou de esforços, trabalhou resolutamente, desenhou e modelou noute e dia, e se seus progressos não forão rapidos, forão pelo menos regulares e incessantes. Mas, entrementes, batia a pobreza á porta da casa paterua; a venda das figuras de gesso mal dava para a subsistencia dos Flaxmans; e o moço, resolute e cheio de nobre abnegação, encurtou o tempo que consagrava ao estudo, afim de ajudar o pai nos humildes labores do seu negocio. Poz de parte Homero para tomar a trolha, e mostrou-se prompto a exercer as mais modestas funcções na officina paterna, tanto quanto fosse preciso para fazer a familia viver decentemente sem receio da miseria. Teve elle de trabalhar muito tempo, primeiro que se a fizesse, áquellas grosseiras producções da arte; mas disto lhe proveio não só o habito do trabalho regular, senão tambem o desenvolvimento de uma virtude apreciavel, isto é, da paciencia. Foi um arduo tirocinio, mas salutar por fim de contas.

Felizmente para o joven Flaxman, Wedgwood, tendo ouvido fallar na sua habilidade como desenhista, tirou informações a respeito della, e lhe encommendou desenhos de um genero inteiramente novo, que queria applicar, na sua fabrica, ao ornato da louça commum e da porcellana. Este genero de trabalho talvez pareça mui pouco condigno da arte; mas na realidade enganão-se completamente os que assim pensão. Com effeito, um artista póde conservar-se fiel á sua vocação desenhando bules, jarros e outros vasos de uso domestico, os quaes, justamente por serem de uso domestico e terem de ser vistos a todo o instante por quantos se utilisão delles, são eminentemente proprios para servir de vehiculo ás noções elementares da arte e para desenvolver nos homens um gosto puro e elevado. O artista mais ambicioso póde, por este meio, prestar aos seus concidadãos maior e mais effectivo serviço do que se executasse alguma obra de elevadissimo merecimento que lhe renderia sem duvida milhares de libras, mas que iria esconder-se na galeria de quadros de algum Cresco, onde ficaria de todo e para sempre occulta aos olhos do publico. Até ao tempo de Wedgwood, os ornatos da louça commum e da porcellana ingleza forão, tanto no desenho, como na execução, verdadeiramente horriveis. Wedgood resolveu reformar tudo isso. Foi ter com Flaxman e disse-lhe: « Eis-aqui o que me traz á vossa casa: consta-me que sois bom desenhista, e eximio na composição de modelos. Eu sou fabricante de louça. Chamo-me Wedgwood. Ora, desejava que desenhasseis para mim alguns modelos... nada de fantasiquices; peço-vos cousa simples, correcta e de bom gosto. Pagar-vos-hei bem. Não achais indigno de vós este trabalho? » — « Não de certo, senhor, respondeu Flaxman, convém-me perfeitamente, pelo contrario. Concedei-me alguns dias para apromptar a vossa encomenda; quando vierdes buscal-a, roconhecereis de quanto sou capaz. »

Flaxman empregou o maior esmero na promptificação dos desenhos; e, quando Wedgwood voltou, já elle tinha uma numerosa serie de modelos destinados ao ornato de diversas peças de louça. Esses modelos consistião principalmente em grupozinhos de mui baixo relevo, cujos assumptos erão tirados da poesia e da historia antiga. Ainda existem muitos delles, e alguns são iguaes em simplicidade e belleza aos desenhos para mármore que elle fez posteriormente. Os celebres vasos etruscos, dos quaes havia admiraveis collecções nos museus publicos e nos gabinetes de alguns archeologos, lhe ministrárão irreprehensíveis modelos de fórma que elle ainda logrou embellecer com as suas elegantes composições. Na valiosa obra intitulada *Antiquidades de Athenas*, que Stuart acabava de publicar, achou Flaxman amostras de utensilios gregos, notaveis pela extrema pureza da fórma. Tendo escolhido os mais lindos, de tal sorte os modificou, que delles fez novos modelos de elegancia e belleza. Flaxman mui bem comprehendeu que trabalhava para uma grande obra —o desenvolvimento da educação artistica do povo,— e era sempre com orgulho que, posteriormente, costumava elle alludir a esses primeiros trabalhos, por meio dos quaes pudera a um tempo cultivar o seu genio artistico, infundir no povo o gosto do bello e restaurar as suas modestas finanças, ao passo que contribuia para a consolidação da prosperidade do seu bemfeitor e amigo.

Em 1782, Flaxman, que então já tinha vinte e sete annos de idade, deixou o tecto paterno, alugou, em Wardour Street, Soho, uma casinha com officina, e, não contente com isto, casou-se. Sua joven esposa chamava-se Anna Denman, e fôra difficil imaginar-se um character mais nobre, puro e angelico do que o d'essa moça. Flaxman pensara que depois de casado poderia trabalhar com dobrada energia e maior enthusiasmo, porquanto Anna Denman

tambem tinha gosto para as bellas-artes, e era além d'isso fervorosa admiradora do genio de seu marido. Todavia, algum tempo depois do seu casamento, encontrou se Flaxman com Sir Joshua Reynolds, e este, que nunca pensara em casar-se, disse-lhe: « Consta-me que vos casastes; se assim é, estais perdido para a arte, meu caro Flaxman. » Flaxman voltou logo para casa, assentou-se ao lado de sua mulher, pegou-lhe na mão, e disse-lhe: « Anna, estou perdido para a arte. »— « Perdido? Mas como foi que isso aconteceu, João? qual foi a causa?... »— « Isto aconteceu na igreja. » respondeu Flaxman, « e a causa é Anna Denman. » Referiu então Flaxman o que lhe dissera Sir Joshua, cuja opiniao era bem conhecida, porquanto muitas vezes o tinham ouvido declarar que só conseguiria attingir a excellencia quem applicasse decididamente á sua arte todas as faculdades do espirito e todos os instantes da vida, e que ninguem podia ser grande artista sem ter ido estudar em Roma e em Florença as obras primas de Raphael, de Miguel Angelo e dos outros grandes mestres.— « E eu quizera ser um grande artista, » disse Flaxman, que era baixinho, empertigando-se todo.— « Pois serás um grande artista, » replicou Anna, « e irás a Roma, se for absolutamente indispensavel... »— « Mas como? »— « *Trabalha e economisa,* » respondeu a generosa moça; « não quero que se diga que Anna Denman foi a causa da perda de John Flaxman. » E ficou logo assentado entre os dous esposos que irião a Roma assim que o seu estado pecuniario o permitisse. « Sim, » exclamou Flaxman, « irei a Roma, e mostrarei ao presidente (*) que o casamento, mesmo para um artista, é uma boa cousa; tu me acompanharás, Anna. »

(*) Sir Reynolds era presidente do academia real das bellas-artes.

Por espaço de cinco annos, trabalhou o amoroso par activa, alegre e pacientemente, na sua humilde casinha de Wardour Street. Flaxman e sua mulher tinham constantemente em mira a viagem a Roma: pensavão de continuo n'ella, e, para economisarem a somma necessaria, abstinão-se de fazer a minima despesa inutil. Nunca mais conversarão acerca do seu projecto; não pedirão auxilio algum á Academia; esperavão ambos levar ao cabo aquella empreza, ajudados unicamente pelo seu in defesso trabalho e mutuo amor. Flaxman, durante esses cinco annos, expoz mui poucas obras. Como o marmore era caro, não se animava a empregal-o nos seus ensaios de desenhos originaes; mas forão-lhe feitas frequentes encommendas para monumentos, os quaes lhe proporcionão meios de viver decentemente. Continuou o artista a trabalhar para a fabrica de louça de Wedgwood, sendo sempre pago com a maior generosidade. Em summa, tudo lhe corria bem, sorria-lhe a esperanza, e elle se considerava feliz. Os vizinhos votavão-lhe o maior respeito, e as pessoas que o conhecião apreciavão em subido gráo a sua sinceridade, a sua honradez, e a sua piedade sem ostentação.

O conceito que toda a visinhança formava da sua probidade era tal, que a elle deveu Flaxman empregos e honras, sem os quaes houvera muito bem passado. Foi assim, por exemplo, que, em certa occasião, o encarregarão da cobrança da taxa para a policia municipal na parochia de Santa Anna; e então virão-o andar de casa em casa recebendo o dinheiro dos contribuintes.

Emfim, tendo Flaxman e sua mulher ajuntado, á força de economia, a somma necessaria para a viagem, partirão para Roma. Alli, Flaxman applicou-se assiduamente ao estudo, ganhando ao mesmo tempo a vida, como mui-

Os outros artistas pobres, a fazer copias de obras antigas. Os viajantes inglezes acudião á sua officina e lhe fazião encomendas, e foi alli que elle executou as suas bellas estampas sobre assumptos de Homero, Eschylo e Dante. O preço que por ellas obetive foi mais que moderado, quinze shillings por desenho; mas Flaxman não trabalhava somente para ganhar dinheiro, animava-o tambem o amor da arte; e a belleza dos seus desenhos lhe conciliou novos amigos e protectores. Executou elle *Cupido e a Aurora* para o generoso Thomaz Hope, e os *Furores d'Athanas* para o conde de Bristol. Depois de ter assim fortalecido e aperfeiçoado o seu talento por meio dos mais serios estudos, tratou de voltar para Inglaterra; mas antes de elle partir, as academias de Florença e de Carrara derão-lhe inequivoca demonstração de apreço, inscrevendo-o no numero dos seus socios.

A fama o havia precedido em Inglaterra, onde os seus trabalhos logo começarão a ser buscados com empenho. Quando elle se achava em Roma, fôra-lhe feita a encomenda do bello monumento que se queria consagrar á memoria de lord Mansfield, e que foi com effeito erigido, pouco tempo depois da chegada de Flaxman, na galeria septentrional da abbadia de Westminster, onde ostenta a sua magestosa grandeza; esse monumento é ao mesmo tempo o do genio do proprio artista, placido, simples e austero. E, pois, não admira que Banks, então no apogeu da gloria, exclamasse ao contemplal-o: « Na verdade, este homunculo desbanca a todos nós. ! »

Quando os membros da Academia Real das bellas-artes souberão da volta de Flaxman, e sobretudo quando virão e admirarão a sua estaua de Mansfield, logo manifestarão o desejo de tê-lo por consocio. A Academia sempre se ha distinguido pelo seu empenho em socorrer os fortes; e todas as vezes que um artista logra tornar-se afa-

mado sem o auxilio della, é justamente quando a vemos mostrar maior sollicitude em *protegel-o*. Flaxman permittio que se inscrevesse o seu nome na lista dos candidatos, e foi immediatamente eleito. Desde então tornárão-se rapidos os progressos da sua fortuna; as encommendas erão tantas que elle mal lhes podia dar vasão, e a serie dos seus triumphos crescia de continuo; mas esses triumphos erão devidos unicamente á perseverança e ao estudo, graças aos quaes amadurecêra Flaxman o seu genio e lográra tornar-se um grande artista. Estava-lhe, porém, reservado representar novo papel: o menino que vimos começar os seus estudos atraz do balcão do vendedor de figuras de gesso em New Street, Covent Garden, tendo-se tornado um homem de alta intelligencia e de incontestavel superioridade artistica, ia, por seu turno, instruir a mocidade, como professor de esculptura na Academia Real; e ninguem mais do que elle merecia exercer tão eminente cargo; porquanto é natural haver maior aptidão para ensinar aos outros naquelle que sósinho, e sem auxilio, por assim dizer, aprendeu a lutar com difficuldades de toda a sorte e a superal-as.

Depois de longa, placida e ditosa existencia, Flaxman afinal reconheceu que ia envelhecendo. Soffren elle um golpe bem cruel com a morte de sua mulher. Todavia sobreviveu-lhe alguns annos, durante os quaes executou duas obras, talvez as mais bellas de quantas fez: o *Escudo de Achilles* e *S. Miguel Archanjo prostrando Satanaz*.

XI.

Chantrey era um homem robusto, de maneiras um tanto rudes mas cordiaes, altivo, em razão dos triumphos

obtidos na luta que, desde a mais tenra infancia, tivera de sustentar com todas as difficuldades que se lhe oppunhão, e, sobretudo, cioso da sua independencia. Nascêra elle em Norton, perto de Sheffield; sua familia era pobre. Chantrey ainda se achava no berço, quando teve a infelicidade de perder seu pai; sua mãe casou-se de novo. A primeira occupação do menino consistio em conduzir á cidade vizinha um jumento carregado de vasilhas cheias de leite, afim de o vender aos freguezes de sua mãe. Eis o humilde principio da sua carreira industrial; e foi por meio dos seus proprios esforços que elle conseguiu sahir desta situação e attingir a mais alta eminencia como artista. Como o menino mostrasse antipathisar com seu padrasto, tratárão de lhe dar um officio, e o puzerão a principio em casa de um tendeiro de Sheffield. Chantrey, porém, não sentia a menor inclinação para a vida de tendeiro. Passando elle um dia pela frente da loja de um vendedor de objectos esculpidos, parou para admirar as lindas cousas que alli estavam á mostra, e ficou logo com tamanho desejo de ser esculptor, que desde então não cessou de supplicar a sua familia que o deixasse sahir de casa do tendeiro afim de aprender aquelle officio. A familia afinal consentio, e o pôz como aprendiz na officina de um esculptor e dourador de madeira, mediante a obrigação de elle alli ficar por espaço de sete annos. O do no da officina não era só esculptor e dourador, tambem vendia gravuras e modelos de gesso; e Chantrey entrou immediatamente a copiar tanto os modelos como as gravuras, trabalhando com indefessa energia e applicação. Empregava as suas horas vagas em desenhar, em modelar, em instruir-se tanto quanto lhe era possível, e estes seus trabalhos se prolongavão muitas vezes até alta noute. Aos vinte e um annos, determinado a ser artista, mas não tendo ainda preenchido o tempo de aprendizagem, pagou ao mestre a

somma de 50 libras esterlinas (era todo o diuheiro que elle possuia), afim de obter a rescisão do seu contrato. Depois disso, não socegou enquanto não se achou em Londres, onde, com um bom senso perfeitamente característico, começou por buscar trabalho como official de esculptor, e só consagrou as horas vagas ao estudo da pintura e da esculptura. Uma das obras de empreitada por elle executada nessa época foi a decoração da sala de jantar do poeta Rogers, sala onde, admittido posteriormente a miudo como convidado, Chantrey se comprazia habitualmente em mostrar aos demais convivas do seu amigo as partes da decoração em que havia trabalhado no tempo da sua mocidade.

Tendo voltado a Sheffield, afim de alli passar algum tempo, o nosso artista fez-se annunciar nos jornaes da cidade como retratista a lapis, a oleo e em miniatura. O primeiro retrato que fez—o de um cutileiro—rendeu-lhe um guinéu, que na realidade foi bem ganho. Fez depois, a oleo, o retrato de um confeitiro, pelo qual lhe deu este cinco libras esterlinas e um par de botas de canhão. Chantrey voltou em breve para Londres, afim de estudar na Academia Real; e, tendo ido segunda vez a Sheffield, pôz annuncios nos jornaes offerecendo aos seus concidadãos o seu prestimo como fabricante de bustos de gesso e retratista a oleo. Escolhido nessa época para desenhar um monumento que se queria erigir a um ministro do culto, recentemente fallecido, Chantrey executou essa encomenda com geral applauso. Em Londres tinha elle a sua officina em uma espaçosa sala situada por cima de uma cavallariça, e foi nessa sala que fez a sua primeira obra original destinada á exposição—uma gigantesca cabeça de Satanaz. Nos ultimos dias da vida de Chantrey, um amigo, atravessando a sua officina, ficou muito admirado á vista daquelle modelo que jazia em um canto. « Esta

cabeça,» disse o esculptor, «é a primeira das que fiz quando cheguei a Londres. Trabalhava eu então em um celleiro. Trazia habitualmente um barrete de papel, e como, por economia, não me animava a acender mais de uma vela de uma vez, prendia-a no meu barrete, afim della se mover comigo, allumiando-me por onde quer que eu andasse.» Flaxman viu e admirou aquella cabeça na exposição da Academia, e suggerio a idéa de ser Chantrey incumbido da execução dos bustos de quatro almirantes, que devião ser collocados no hospicio dos invalidos da marinha em Greenwich. A esta encomenda seguirão-se outras, e Chantrey renunciou á pintura; mas, durante os oito annos precedentes, nem chegára elle a ganhar cinco libras esterlinas com os seus trabalhos de esculptura. Seu famoso busto de Horne Tooke foi tão entusiasticamente admirado, que, segundo o proprio artista confessa, deu essa obra causa a numerosas encomendas, cujo importe subio a 12,000 libras esterlinas.

Chantrey conseguira emfim tornar-se conhecido; mas trabalhára com inexcedivel energia, e merecia a sua boa fortuna. Foi elle escolhido, d'entre dezeseis competidores, afim de executar, para a cidade de Londres, a estatua de Jorge III. Alguns annos depois, fez o lindissimo monumento dos *Meninos adormecidos*, que se acha hoje na cathedral de Lichfield, onde se recommenda á admiração por uma grande suavidade de sentimento e ineffavel belleza poetica. Desde então em diante, a carreira de Chantrey foi augmentando cada vez mais em honras, em fama, em prosperidade. A natureza dera-lhe o genio, e o seu bom senso o fizera reconhecer de quão inapreciavel vantagem lhe viria a ser aquelle dom sublime se soubesse aproveitá-lo devidamente. Chantrey era prudente e sagaz como os homens do Yorkshire, seus compatriotas: na carteira que elle trazia, durante a sua viagem pela Italia,

vião-se, escriptos indiscriminadamente, rões das suas despesas diarias, notas a respeito da arte, e preços correntes das diversas qualidades de marmore. Seus gostos erão simples, e as suas obras tornavão-se magestosas á força de simplicidade. Sua estatua de Watt, erecta na igreja de Handsworth, parece-nos realmente resumir o ultimo esforço da arte, e, não obstante, é ella perfeitamente simples e.... sem arte. A generosidade de Chantrey para com os seus collegas infortunados era esplendida, mas sem estrepito, sem ostentação. Ao morrer, legou elle á Academia tudo quanto possuia; assim a fortuna accumulada pelo grande artista durante a vida, á força de insano labor, ficou servindo, depois da sua morte, para o fomento das bellas-artes em Inglaterra.

XII.

David Wilkie tambem é digno de figurar entre os artistas que se distinguirão pela sua honestidade e perseverante applicação. Filho de um pobre padre escossez, deu elle com cedo indicios de sua inclinação artistica; pois que, comquanto fosse negligente e inhabil nos outros estudos, mostrou-se, na escola, desenhista infatigavel. Sempre silencioso em menino, já Wilkie dava provas da energia tranquilla e concentrada que foi uma das feições caracteristicas da sua natureza. Era o desenho a sua constante preocupação, e as paredes do presbyterio, a superficie lisa da arêa á beira da agua parecião-lhe unicamente feitas para serem cobertas de figuras. Pouco escrupuloso na escolha dos instrumentos, servia-se, como Giotto, de qualquer tição em vez de lapis, de qualquer superficie sufficientemente lisa em vez de téla, e o pri-

meiro mendigo andrajoso que encontrava lhe servia de assumpto para um quadro. Quando ia visitar alguém, só por excepção se retirava sem deixar nas paredes algum indício da sua presença, habito este que não podia de modo algum quadrar com as ideias de ordem e de asseio das boas donas de casa. Emfim, não obstante a aversão que seu pai tinha á carreira artistica, a qual, dizia o bom ministro, *era inçada de peccados*, Wilkie, determinado a seguir a sua vocação, fez-se artista, e foi resolutamente por diante, superando todas as difficuldades que se oppunhão ao bom exito das suas aspirações. Tendo Wilkie requerido para ser admittido como alumno na Academia de Edimburgo, deixou de ser attendido, em razão de certas incorrecções que se notavão nos desenhos por elle apresentados; mas o joven artista trabalhou com tal afinco em aperfeiçoar-se, que afinal obteve o desejado deferimento. Seus progressos forão lentos. Exercitava-se elle em desenhar figuras humanas, não só com ardor, senão tambem com a tenacidade de um homem que está determinado a ser bem succedido, e tem plena confiança no resultado dos seus esforços. Não dava signal algum daquella singularidade de maneiras nem da desordenada applicação, de que são apaixonados tantos mancebos que se julgão genios: pelo contrario, Wilkie avançava com todo o vagar; mas a sua applicação era tão constante, que elle mesmo posteriormente costumava attribuir os seus triumphos, não a uma faculdade superior de que o tivesse dotado a natureza, senão á inquebrantavel tenacidade que empregara nos seus estudos. « Todos os meus progressos na pintura, dizia elle, são devidos exclusivamente á minha perseverante applicação. » Ganhou Wilkie diversos premios em Edimburgo, e então lembrou-se de se consagrar á pintura de retratos, por ser a remuneração, n'este ramo da arte, mais eleva-

da e segura; mas não hesitou muito, e, entrando afoutamente na senda onde devia attingir em breve a celebridade, pintou a sua *Feira de Pitlessie*. Levando mais longe a afouteza, decidiu-se Wilkie a ir para Londres, onde esperava achar campo mais vasto para os seus trabalhos e estudos. O pobre moço escossez partiu com effeito para a grande cidade, e alli, em um humilde aposento de dez-oito shillings por semana, pintou uma de suas obras prima, os *Políticos de Aldeia*.

A despeito dos applausos que grangeou este quadro, a despeito das encommendas por elle occasionadas, Wilkie conservou-se por muito tempo pobre. Os preços das suas obras forão, durante muitos annos, menos vantajosos para o nosso artista, do que o houverão sido para qualquer outro; porquanto o extremo vagar e porfioso trabalho que elle empregava nas suas composições fazião diminuir consideravelmente os seus lucros. Cada um dos quadros que Wilkie pintava era previamente estudado e elaborado com todo o esmero; n'elle trabalhava annos inteiros, nunca se fiava na inspiração do momento, mas levava, pelo contrario, a retocar constantemente, e, enquanto qualquer quadro se achava em seu poder, não cessava de corrigil-o. Bem como Reynolds, dizia de continuo: « Trabalhai! trabalhai! trabalhai! » e tambem como Reynolds, não gostava dos artistas palradores. Os tagarellas semêão, mas os silenciosos colhem. « Façamos alguma cousa, » dizia elle: tal era a sua maneira indirecta de censurar os amigos de divertimentos e de admoestar os preguiçosos. Um dia, referiu Wilkie ao seu amigo Constable que, quando estudava na Academia de Edimburgo, Graham, seu mestre, costumava dizer aos discipulos, imitando Reynolds: « Se tiverdes genio, a applicação o desenvolverá; se não o tiverdes, a applicação o supprirá. » — « E pois, » continuou Wilkie,

« tomei a resolução de ser muito applicado, porque bem sabia que não tinha genio. » Referiu tambem a Constable que quando Linnell e Burnett, seus camaradas de officina, em Londres, conversavão sobre assumptos artisticos, tratava sempre de se aproximar d'elles tanto quanto era possivel, afim de ouvir a sua conversação : « porque » accrescentou Wilkie, « elles sabião muito, e eu muito pouco. » E isto era dito com toda a sinceridade, porquanto a modestia constituia a principal feição do character do bom Wilkie. A primeira cousa que elle fez com as trinta libras esterlinas recebidas de Lord Mansfield em paga dos seus *Políticos de aldeia*, foi comprar vestidos, chales e chapéos, e mandal-os de presente a sua mãe e a sua irmã : todavia Wilkie ainda não se achava em estado de mostrar-se tão generoso. Sua antiga pobreza fizera-o contrahir habitos de rigorosa economia, aos quaes, não obstante, soube elle sempre alliar uma nobre liberalidade, conforme o demonstrão certos factos referidos na *Autobiographia* de Abrahão Raimbech, o gravador.

XIII.

Mencionaremos tambem aqui um artista cuja vida offerece igualmente um notavel exemplo de laboriosa energia e indomavel perseverança ; fallamos de Guilherme Etty. Seu pai era fabricante de bôlos em York, e sua mãe, — mulher de grande força e de character summamente original, — era filha de um cordoeiro. O menino manifestou com cedo vivissimo gosto pelo desenho. Cobria as paredes, o soalho, as mezas, de amostras do seu talento. Tendo-se lhe acabado o lapis, aliás de preço

insignificantissimo, viu-se elle obrigado a trabalhar com pedaços de carvão. Sua mãe, que não tinha a menor ideia a respeito de arte, quiz fazel-o aprender um officio, e o poz em uma typographia. Mas, nas horas vagas, Etty continuou a desenhar, e, concluido o tempo de aprendizagem, mostrou-se energicamente resolvido a seguir a sua inclinação, isto é a ser pintor ou cousa nenhuma. Felizmente, seu tio e seu irmão mais velho podião e estavam dispostos e auxiliál-o na sua nova carreira, e achá-rão meio de fazel-o matricular-se na Academia real. Vemos na *Autobiographia de Leslie* que Etty era considerado pelos seus condiscipulos como um digno rapaz, aferradissimo ao trabalho, mas de curtos alcances, e que nunca se distinguiria. Comtudo, tinha elle por si esta faculdade divina, — o amor ao trabalho, e, á força de paciencia e de assiduidade, logrou elevar-se a uma posição eminente nas mais altas regiões da arte.

XIV.

Muitos artistas, antes de se tornarem celebres, soffrerão privações que lhes provárão bem cruelmente a paciencia e o esforço ; quanto aos que hão naufragado n'este mar procelloso, nunca se saberá ao certo o seu numero. Martin, na sua carreira, teve de lutar com difficuldades taes que mui poucas pessoas haverá capazes de comprehendel-as. Na época em que este artista trabalhava no seu primeiro quadro, viu-se não poucas vezes em risco de morrer de fome. Conta-se que um dia achou-se elle reduzido ao seu ultimo *schelling*, um *schelling* novo, bem limpo, e que o artista por tal motivo guardára ; mas afinal viu-se obrigado a comprar com essa moeda um

bocado de pão. Martin entrou em uma padaria, comprou um pão, e já se ia retirando com elle, quando o padeiro, tomando-lh'o arrebatadamente, devolveu o dinheiro ao misero artista esfomeado: o lindo *schelling* trahira-o na hora da necessidade... era uma moeda falsa. Assim que chegou á casa, Martin tanto procurou e tornou a procurar, que logrou descobrir um pedaço de pão duro com o qual pôde, não saciar, mas enganar a fome. Fortalecido no meio de todas estas miserias pelo vivificante influxo do entusiasmo, perseverou nos seus projectos com indomável energia. Deliberou-se esforçadamente a esperar, e enquanto esperava, trabalhava: alguns dias depois, tendo achado opportunidade de expôr o seu quadro, viu-se de repente no numero dos homens afamados. A vida de Martin, bemcomo a de milhares de outros grandes artistas, prova que, a despeito das circumstancias exteriores, o genio, ajudado pelo trabalho, pôde esperar tudo de si mesmo, e que a fama, comquanto ás vezes se demore muito, sempre afinal concede os seus favores ao merito real.

XV.

A applicação laboriosa que reconhecemos ser indispensavel para se attingir a excellencia na pintura e na esculptura, é tão necessaria aos que cultivão a poesia dos sons como aos que cultivão a poesia da fórma e da côr. Handel era um trabalhador perseverante e infatigavel; nunca o desanimava o máo exito, e sua energia parecia crescer na proporção dos golpes da adversidade. Teve elle a infelicidade de ser preso como devedor insolvel; mas a despeito do desgosto que por este motivo soffreu, não

desacoroçoou um só instante, e no espaço de um anno compôz *Saúl, Israel*, a musica da *Ode de Dryden*, seus *Doze grandes concertos* e a *opera Jupiter em Argos*, que são contados no numero das suas mais bellas obras. Segundo diz o seu biographo: « Dotado de incomparavel actividade, fazia Handel por si só, o trabalho de doze homens. »

Haydn, fallando da sua arte, dizia: « A musica consiste em escolher um assumpto e em desenvolvê-lo cabalmente. » — « O trabalho, dizia Mozart, é o meu maior prazer. » — « Não ha barreiras que possam dizer ao genio que desfere o vôo: *não irás mais longe*, » tal era a maxima de Beethoven. Quando Moschelès submetteu ao seu juizo a partitura de *Fidelio* para piano, Beethoven leu na ultima pagina estas palavras: « *Finis*, com a ajuda de Deos. » Tomou elle immediatamente a penna e escreveu por baixo: « O' homem, ajuda-te a ti mesmo! » Tal era a divisa de Beethoven, o afamado artista. Sebastião Bach, fallando de si mesmo, dizia: « Fui laborioso; quem o fôr tanto como eu, póde ter a certeza de ser igualmente bem succedido. » Mas não ha a menor duvida que Bach nasceu com uma paixão pela musica, que foi a origem da sua energia e o segredo dos seus triumphos. Era elle ainda bem moço quando seu irmão mais velho, que queria dar outra direcção aos seus talentos naturaes, destruiu uma collecção de estudos que o joven Sebastião, a quem não davão luz, escrevêra ao luar, provando assim quão invencivel era a inclinação do seu genio. Bayle, escrevendo de Milão, em 1820, dizia a respeito de Meyerbeer: « E' homem de algum talento, mas sem genio; vive como um solitario, e consagra á musica quinze horas por dia. » Passarão-se annos, e as *quinze horas por dia* vierão afinal mostrar se o autor de *Roberto do Diabo*, dos *Huguenotes*, do *Propheta*, e de outras obras geralmente contadas no numero das mais bellas operas que hão sido compostas nos tempos modernos, era ou não um genio.

CAPITULO SEXTO.

ENERGIA E CONSTANCIA.

O mundo pertence aos intrepidos.

(PROVERBIO ALLEMÃO.)

Para os corações alentados não ha
impossiveis.

(Divisa de JACQUES CŒUR.)

I.

É a um antigo guerreiro do Norte que a fama attribue estas palavras judiciosissimas, nas quaes se revela tão profundamente o character da raça teutonica: « Não creio em idolos nem em demonios; é unicamente na força do meu proprio corpo e na energia de minha propria alma que deposito toda a minha confiança. » O antigo elmo ornado de uma picareta com este mote: « Se não achar caminho, abrirei um, » offerece-nos uma expressão, não menos eloquente do que aquella outra, da vigorosa independencia por que se hão até hoje distinguido os descendentes dos homens do Norte. Na verdade, bem caracteristico é o facto de haver a mythologia scandinava armado o seu deos de um martello. Não é mister grande esforço para se reconhecer o character de um homem, e póde-se até certo ponto, por mui insignificante que pareça esta prova, julgar da sua energia pela maneira por que elle

bate na bigorna. Foi justamente isto que serviu de argumento a um distincto Francez para resumir, em poucas palavras, a feição característica dos habitantes de certa provincia, onde um de seus amigos manifestava a intenção de estabelecer-se e comprar terras. « Não façais tal, » disse-lhe, « eu conheço a gente desse departamento: os moços que de lá vêm para a escola veterinaria de Pariz, *batem frouxamente na bigorna*; não têm a menor energia; e o capital que empregasseis nessa terra não vos daria lucro satisfactorio. » Bella e justa apreciação de character, que só podia emanar de um observador exacto e profundo, e da qual se evidencia admiravelmente que a energia dos individuos constitue a força do Estado e dá todo o valor ao proprio solo que elles cultivão. Conforme diz o proverbio francez: « *Onde o homem nada vale, nada vale a terra.* »

A cultura desta qualidade é da maior importancia; porquanto a firmeza de proposito, quando concorre com uma nobre ambição, é o fundamento de toda a verdadeira grandeza de character. Uma boa dóse de energia torna o homem capaz de occupar-se com as mais aridas minuciosidades, de se applicar aos mais improbos trabalhos, e afinal o eleva a uma posição eminente, seja qual fôr a condição social em que elle haja nascido. De resto, a energia faz mais cousas do que o genio, e quem a possui acha-se menos exposto a perigos e decepções. E' na firmeza de proposito, e não na eminencia dos talentos, na vontade de trabalhar com energia e perseverança, que não no poder de triumphar das difficuldades, que teremos em todos os casos seguras garantias de bom exito; donde se segue que no character humano a energia é verdadeiramente a força principal, em uma palavra, o proprio homem. Só ella dá impulso aos seus actos e lhe vivifica os esforços. Offerece um ponto de apoio a toda esperança

legítima; e é a esperança que, por seu turno, dá á vida o seu verdadeiro perfume. Entre as reliquias de Battle Abbey (*) acha-se um capacete despedaçado, no qual se lê esta divisa: « *A esperança é a minha força,* » divisa que podia ser verdadeiramente a de nós todos. « *Aido fraco!* » diz o filho de Sirach; e não ha com effeito bem algum que se equipare á posse de um coração esforçado. Ainda que o homem tenha a infelicidade de ver mallograrem-se os seus esforços, restar-lhe-ha a grande satisfação de poder dizer que fez da sua parte tudo quanto lhe era possível. Na vida de cada dia, é bem acoçoador e bello ver um homem oppôr a paciencia á dôr, triumphar unicamente pela força do seu character, e, quando lhe sangrão os pés e lhe fraqueão as pernas, continuar a caminhar, amparado pela sua constancia.

II.

Os vagos desejos e as aspirações sem alvo determinado engendrarão de ordinario uma especie de chlorose no espirito dos mancebos; importa, pois, que esses desejos se traduzão em factos e actos. Não basta *esperar*, como faz tanta gente, *que Blucher chegue*; deve-se, entremettes, combater e perseverar, como fez Wellington. Formada uma resolução, releva que a executemos com ardor e sem nos desviarmos da nossa méta. Em muitos ramos da actividade social, deve cada qual supportar alegremente o trabalho e a fadiga e consideral-os como uma disciplina necessaria. « Na vida, » diz Ary, Scheffer, » só

(*) *Abbadta da Batalha*, edificada por Guilherme-o-Conquistador no sitio onde ganhára a batalha chamada de Hastings.

é fructuoso o que nos custa uma tribulação, ou o que obtemos com o trabalho de nossas mãos... Lutar e sempre lutar — eis no que consiste a vida, e neste particular a minha ha sido completa; mas atrevo-me a dizer com justo orgulho que nunca por motivo algum se me quebrantou a constancia... Todo aquelle que tiver animo esforçado, e uma nobre intenção, fará tudo quanto quizer, moralmente. »

Carlos IX, rei da Suecia, cria firmemente na efficacia da vontade, ainda mesmo que as pessoas estivessem no verdor dos annos. Pondo um dia a mão sobre a cabeça do mais moço de seus filhos, que se achava incumbido de um trabalho difficil: « Elle o fará! » exclamou, « elle o fará! » Como qualquer outro habito, o de nos applicarmos ao trabalho com zelo e continuidade torna-se afinal comparativamente facil. E' assim que até mesmo as pessoas dotadas de intelligencia ordinaria e de mui mediocres talentos conseguem fazer muito quando se applicão inteira e infatigavelmente a uma unica cousa de cada vez. As pessoas em quem Fowell Buxton confiava erão, dizia elle, as que ajuntavão a meios ordinarios uma extraordinaria applicação, e punhão em prática esta prescripção das Sagradas Escripturas: « Quando fizeres qualquer cousa, faze-a com todo o esmero. » Attribuia elle proprio o feliz exito das suas empresas ao habito que contrahira de *sempre trabalhar com todo o esmero em uma unica cousa de cada vez.*

Nunca lograremos fazer cousas realmente meritorias se não trabalharmos com gôsto. O homem deve principalmente o vigor da sua intelligencia a esta energia da vontade, a esta luta com as difficuldades que chamamos esforço; e causa pasmo ver quão a miúdo se obtêm assim resultados que a principio parecião impossiveis. Basta ás vezes uma intensa aspiração para mudar a possibilidade

em realidade, pois os nossos desejos nada mais são, em muitos casos, do que os precusores dos designios que temos a capacidade de executar. Pelo contrario, os espiritos tímidos e vacillantes achão tudo impossivel, principalmente porque tudo lhes parece sê-lo na realidade. Conta-se que um joven official francez costumava passeiar a miudo no seu quarto exclamando: « Hei de ser um grande general e chegarei ao posto de marechal de França! » Este ardente desejo foi o presentimento da realisação dos seus votos; porquanto esse official veio a ser com effeito um distincto general, e morreu no posto de marechal de França.

Walker, autor do *Original* (*), tinha tamanha fé na effcacia da vontade que um dia resolveu, diz elle, passar bem de saude, e effectivamente passou bem. Isto pôde se dar uma vez; mas posto que este genero de tratamento offereça menos perigos do que a maior parte das receitas dos medicos, não seria prudente confiar muito nelle. Grande é sem duvida o poder do espirito sobre o corpo, mas tambem da sua excessiva contensão pôde resultar o completo aniquilamento das forças phisicas. Conta-se que Muley Moluc, chefe marroquino, achava-se atacado de doença incuravel, quando se travou uma batalha entre as suas tropas e os Portuguezes. Ao saber, no momento decisivo da peleja, que os seus soldados recuavão, lançou-se elle fóra da liteira, reunio-os, guiou-os á victoria, e, logo depois, cahio exhausto e soltou o ultimo suspiro.

E' a força de resolução, a *vontade*, que dá ao homem o poder de fazer ou de ser tudo quanto elle proprio tencionou fazer ou vir a ser. Um homem notavel pela sua piedade costumava dizer que « tudo em nossa vida depende de nós mesmos; e que a força da nossa vontade, auxiliada

(*) Serie de Ensaio, publicada em Londres.

pela graça divina, é tamanha, que tudo quanto firme e seriamente queremos ser, com effeito logramos vir a sê-lo, pois aquelle que deseja com ardôr tornar-se humilde, paciente, modesto ou liberal, acaba necessariamente por adquirir todas estas virtudes. » Conta-se de um marceneiro uma historia que vale a pena referir. Notárão um dia que elle empregava particular esmero no concerto de uma cadeira de magistrado, concerto de que o havião incumbido ; e, tendo-lhe alguém perguntado a razão daquelle zelo extraordinario : « E' para achar esta cadeira mais commoda quando nella me vier assentar, » respondeu o artesão. Ora, o que é bem singular é que o mestre marceneiro de tal maneira prosperou, que afinal se assentou com effeito naquella cadeira, como magistrado.

III.

Sejão quaes forem as conclusões theoricas a que cheguem os logicos relativamente á questão do livre arbitrio, todos nós reconhecemos praticamente que temos a liberdade de escolher entre o bem e o mal ; que não somos como o pedaço de pão, o qual, lançado na torrente, apenas pôde indicar, seguindo-a, a correnteza da agua ; reconhecemos, digo, que possuímos os recursos do nadador, e podemos escolher a direcção que nos convém, lutar com as ondas, e, a despeito da corrente, ir ter pouco mais ou menos ao ponto que bem quizermos. Não pesa sobre a nossa vontade constrangimento algum absoluto, e sentimos e sabemos que no que diz respeito ás nossas acções, não estamos sujeitos a qualidade alguma de magia. Todas as nossas aspirações para o bello e o bem ficarão paralyzadas, se pensassemos de outra maneira.

Todos os negocios e toda a direcção da vida, os nossos regimens domesticos, as nossas disposições sociaes, as nossas instituições publicas, baseão-se na noção pratica do livre arbitrio. Sem elle, como haveria responsabilidade? e de que serviria ensinar, aconselhar, pregar, censurar e punir? Far-se-hião por ventura leis, se não fosse a crença tão universal, quão universal é o facto, de que depende dos homens e da sua determinação individual o conformarem-se ou deixarem de se conformar com ellas? Em todos os instantes de nossa vida, a consciencia nos brada que a nossa vontade é livre. É a unica cousa de que temos o pleno dominio, e a direcção, boa ou má, que lhe damos, só depende effectivamente de nós mesmos. Não somos escravos dos nossos habitos e tentações, mas sim senhores delles. Ainda mesmo que nos aconteça ceder á sua influencia, diz-nos a consciencia que poderiamos ter resistido, e que, para vencermos em taes conflictos, não é mister uma resolução mais energica do que a de que sabemos perfeitamente ser capazes, quando fazemos traduzir-se em actos a nossa vontade.

« Estais na idade em que todo o homem deve tomar uma decisão, » dizia o abbade de Lamennais a uma alma enervada; « se não aproveitardes o ensejo, tereis de vos submeter ao destino resultante da vossa propria fraqueza, gemereis na sepultura que houverdes cavado para vós mesmo, sem poder levantar-lhe a lousa... O que mais rapidamente se gasta em nós é a vontade. Sabei pois querer, uma vez, mas querer affiincadamente; tornai fixa a vossa vida vacillante, e não a deixeis d'aqui em diante ser arrastada por todos os ventos, qual folhinha secca. »

Buxton estava convencido de que qualquer mancebo podia vir a ser pouco mais ou menos tudo quanto quizesse, se, depois de tomada uma resolução, n'ella per-

severasse com todo o esforço. Escrevendo a um de seus filhos, dizia-lhe: « Chegastes á idade em que importa ao homem escolher uma carreira. Se não mostrardes agora que tendes principios, resolução, força de espirito, cahireis em breve na vadiice, e contrahireis os habitos e o character de um rapaz inutil e dissoluto; e, chegado a tal extremo, crêde que não vos será muito facil emmendar á mão. Tenho para mim que um rapaz póde vir a ser, pouco mais ou menos, tudo quanto quizer. « Pelo que me diz respeito, foi assim que procedi. A maior parte da minha felicidade e todos os meus triumphos forão o resultado da resolução que tomei na idade em que estais. Se vos determinardes seriamente a proceder como homem energico e industrioso, podeis ter a certeza de que durante toda a vossa vida não vos faltarão motivos de vos alegrardes pela cordura com que formastes uma tal resolução e n'ella perseverastes. » Como a vontade, se a considerarmos sem attender á maneira por que ella se exerce, nada mais é do que constancia, firmeza, perseverança, tudo evidentemente depende da direcção que se lhe dá. Quando uma robusta vontade vota-se unicamente aos gozos sensuaes, é um demonio, ao qual serve como ignobil escrava a intelligencia; mas empregada na prática do bem, é essa mesma vontade uma rainha que tem por ministros as nossas faculdades intellectuaes, e preside, á testa d'ellas, ao mais elevado desenvolvimento de que é susceptivel a natureza humana.

IV.

A' força de vontade tudo se consegue é uma maxima antiga, sim, mas nem por isso menos verdadeira. Todo aquel-

le que se determina a fazer uma cousa, com o simples facto de se ter assim determinado, minora-lhe as difficuldades e assegura a sua effectuação. Julgar-se um homem com aptidão para qualquer empreza, é quasi tel-a com effeito; formar a resolução de realizar um progresso qualquer, equivale frequentemente a tê-lo já realizado. E eis a razão por que a resolução e a energia se assemelham de alguma sorte á omnipotencia.

A força de character de Souvarow residia no vigor da sua vontade, e, como a maior parte dos homens resolutos, erigia elle em systema a firmeza de proposito. « Não empregastes de certo todo o esforço da vossa vontade, » dizia aos que erão mal succedidos em suas emprezas. Como Richelieu e Napoleão, Souvarow houvera de boamente riscado do dicionario a palavra *impossivel*. « Não sei, Não posso, Impossivel, » erão expressões que elle detestava no mais alto gráo. « Aprendei! fazei! tentai! » bradava o afamado guerreiro. E pois, com razão disse o seu biographo que elle offereceu um notavel exemplo do que podem produzir o desenvolvimento energico e o exercicio continuo de faculdades cujo germen, pelo menos, se acha no coração de todo o homem.

Uma das maximas predilectas de Napoleão era que « a mais alta sabedoria consiste em uma firme resolução. » Sua vida, melhor talvez do que a de qualquer outro, nos mostra, com vivissimas côres, de quanto é capaz uma vontade incontrastavel e isenta de todo o escrupulo. Lançou elle na balança em que se pesavão os seus destinos toda a força e intelligencia de que era dotado; e os soberanos ignavos e as nações por elles governadas prosternáram-se uns após outros a seus pés. Os Alpes, dizião-lhe, tolhião o passo aos seus exercitos. « Pois já não ha Alpes, » respondeu elle; e a estrada do Simplon atravessa um districto outr'ora quasi inacessivel. « *Impossivel*; » dizia o

grande homem, « é uma palavra que só se acha no dicionario dos tolos. » A sua applicação ao trabalho era incomparavel; chegava elle ás vezes a occupar a o mesmo tempo quatro secretarios em escrever o que lhes dictava. Nunca attendia ao estado de fadiga de pessoa alguma, principiando por si mesmo. Era elle o centro da intelligencia, do genio e da força do seu seculo. Engenheiros, sabios, homens de Estado, todos vinhão submitter-lhe os seus projectos; Napoleão escolhia os melhores, e os marcava com o cunho do seu genio. Os outros homens, —salvas poucas excepções,—se curvavão perante o heroe como diante de uma das forças da natureza. Sua influencia inspirava os outros e lhes infundia nova vida; e elle arrastava tudo pela força, pela concentração e segura direcção da sua actividade. « A lição que por elle nos é dada, » diz Emerson, « e que tambem nos dá uniformemente o exercicio da força physica e intellectual, é que ha sempre lugar para ella no mundo. Quantos e quantos milhares de ignavas hesitações não são refutadas pela vida de Napoleão ! »

E' pela decisão e diligencia que se assignala a energia. « Quando vos achareis prompto para partir para a Africa? » perguntárão um dia ao viajante Ledyard, da parte da Associação africana. « A manhã de manhã, » respondeu elle immediatamente. Blucher, em razão da sua actividade, era conhecido no exercito prussiano pelo cognome de *Marechal Avante*. Tendo alguem perguntado a João Jervis, que depois foi conde de S. Vicente, quando se acharia prompto para reassumir o commando do seu navio: « N'este instante, » respondeu elle. A Sir Colin Campbell, que acabava de ser nomeado commandante em chefe do exercito da India, perguntárão tambem quando se acharia prompto para partir, e a sua resposta, — pendor dos seus triumphos ulteriores, foi: « Amanhã. » E'

com effeito esta rapidez de resolução e a presteza em executar o que se ha deliberado que ajudão um general a aproveitar-se instantaneamente dos erros do inimigo, e decidem muitas vezes a sorte das batalhas. Napoleão dizia que uma das razões por que elle batera os Austriacos fôra por estes não conhecerem o valor do tempo : o grande guerreiro sempre os atacava nas occasiões em que elles julgavão não haver a menor necessidade de se apressarem.

V

Sir Carlos Napier, general do exercito da India, tambem era homem de grande energia, como bem o prova este dito : « Pois nada mais farão do que determinarem-me a me enraizar aqui mais e mais profundamente, » com que elle, em uma das suas campanhas, exprimia a inabalavel resolução de superar todas as difficuldades que o rodeiavão. A batalha de Meeanee, por elle commandada, é um dos feitos mais extraordinarios que menciona a historia. Com uma força de 2,000 homens, dos quaes somente 400 erão Europeus, Napier apresentou batalha a um exercito de 35,000 Beloutchis, robustos e bem armados. Era, na apparencia, o cumulo da temeridade ; mas o general confiava em si mesmo e nos seus soldados. Carregou elle o centro dos Beloutchis, ao longo de uma encosta encarpada que formava o entrincheiramento do inimigo, e durante tres mortaes horas pelejou-se com indescriptivel furor. Sob a inspiração do chefe, cada soldado d'aquelle exercitosinho tornou-se, por momentos, um heroe. Os Beloutchis, não obstante serem vinte contra um, forão rechassados ; mas retirárão-se fazendo frente

ao inimigo. Eis a especie de intrepidez, de tenacidade, de perseverança resoluta, que garante o victoria, não só na guerra, senão também em todas as lutas: assim é que o parrelheiro, na carreira, em chegando a ficar com a cabeça adiante das dos outros, ganha o premio e mostra ao mesmo tempo a pureza da sua raça; assim é que por meio de uma marcha forçada se consegue terminar a campanha, e que se ganha uma batalha perseverando-se intrepidamente na luta por mais cinco minutos. Vossas forças são talvez inferiores ás do adversario; mas afinal lograreis levar a melhor, se as concentrardes ainda mais e continuardes a combater por mais algum tempo. Esta resposta de um Espartano ao filho que se queixava de estar com uma espada demasiadamente curta, « Pois alonga-a dando um passo para diante, » se applica a tudo na vida.

Napier seguia o bom methodo para infundir na alma dos soldados o seu espirito heroico: trabalhava tanto como qualquer d'elles. « A grande arte de commandar, » dizia o general, « consiste em o chefe encarregar-se de uma parte razoavel do trabalho commum. O homem que se acha á testa de um exercito só poderá ser bem succedido consagrando-se exclusivamente á sua tarefa. A's difficuldades renascentes, deve elle oppôr uma perseverança infatigavel, aos perigos crescentes uma coragem invencivel, até que enfim se achem superados todos os obstaculos. » Um joven official que fazia parte do exercitozinho em operações nas montanhas do Belouchistan, dizia: « Vendo aquelle velho constantemente a cavallo, como me poderei entregar á preguiça, eu que sou moço e robusto? pelo contrario, se elle m'o ordenasse, lançar-meia sem hesitar á boca de uma peça carregada com metralha. » E Napier, a quem referirão estas palavras, affirmou que o simples dito do joven official era para elle ampla recompensa das suas fadigas.

VI.

A India, durante o seculo passado, foi um vasto campo onde a energia britannica pôde desenvolver-se livremente. De Clive a Havelock e a Clyde, estende-se uma longa e honrosa lista de nomes distinctos nas guerras ou na legislação da India. Taes são Wellesley, Wellington, Metcalfe, Outram, Edwards e os Lawrences. Outro nome, grande mas infamado, é o de Warren Hastings, homem de vontade intrepida e de infatigavel perseverança. Sua familia era antiga e illustre; mas as vicissitudes da fortuna e uma deploravel devoção á causa dos Stuarts, produzirão a ruina dos Hastings. As terras da familia, situadas em Daylesford, e bem assim o castello onde ella residira por espaço de seculos, passarão afinal a outro proprietario. Todavia, o ultimo dos Hastings de Daylesford déra anteriormente a seu segundo filho a parochia situada naquellas terras; e foi na casa de residencia do parochio que, muitos annos depois, nasceu seu neto, Warren Hastings. O menino aprendeu a ler, na escola da aldêa, juntamente com filhos de humildes camponezes. Brincou com elles, nos campos que havião pertencido a seus avós, evocando na infantil imaginação a *passada grandeza* dos bravos e leaes Hantings de Daylesford. Accendeu-se-lhe a tenra ambição, e (se dermos credito ao que se refere a seu respeito) aos sete annos de idade, tendo elle ido, em uma linda manhã de estio, descansar á margem do rio que atravessa o antigo dominio, formou a resolução de reasumir um dia a posse das terras de sua familia. Isto não passava então de um devaneio de espirito infantil; mas Warren viveu bastante para fazer daquelle devaneio uma realidade. O sonho se converteu em paixão, enraizou-se

lhe na alma, e, desde a infancia até á adolescencia, desde a adolescencia até á virilidade, Warren persistio na sua determinação com a plácida e inquebrantavel força de vontade que formava a feição mais saliente do seu caracter. O pobre orphão, tornando-se um dos homens mais poderosos do seu tempo, restaurou a fortuna da sua casa, remio o antigo patrimonio e reedificou o solar dos Daylesforis. « Quando, » diz Macaulay, « sob um sol tropical, Warren governava cincoenta milhões de Asiaticos, suas esperanças, no meio das preocupações da guerra, das finanças, da legislação, lhe representavão de continuo Daylesford ; e quando elle vio sua longa carreira publica, tão singularmente mesclada de bem e de mal, de gloria e de opprobrio, chegar emfim ao termo, recolheu-se de preferencia a Daylesford, afim de alli findar os seus dias. »

VII.

Esta mesma energia e afouteza hão sido desenvolvidas em muitas carreiras que, comquanto pareção menos brilhantes do que as das armas, nem por isso são menos uteis; todos os ramos da sciencia, da arte e da industria nos offerecem notaveis exemplos desta verdade. Um dos mais interessantes talvez é o que versa sobre a descoberta dos marmores de Ninive, e das inscripções em caracteres cuneiformes ou com ponta de setta, especie de escripta que se havia perdido, desde a época da conquista da Persia pelos Macedonios.

Um intelligente cadete da Companhia das Indias Orientaes, chamado Rawlinson, achando-se de guarnição em Kermanshah, na Iersia, notára as curiosas inscripções cuneiformes que cobrem os monumentos da vizinhança (monumentos tão antigos, que havia muito não se tinha

a menor noção historica ácerca da sua origem), e entre as inscripções que elle copiou achava-se a do celebre rochedo de Behistun, o qual se eleva perpendicularmente á altura de 1,700 pés acima da planice, e cuja parte inferior apresenta, n'uma extensão de quasi 300 pés, inscripções em tres linguas—persica, scytha e assyria. Comparando attentamente a lingua que sobreviveu com a que se perdeu, o cadete chegou a adquirir um certo conhecimento das combinações dos caracteres cuneiformes, e até conseguiu formar um alphabeto. Rawlinson (posteriormente Sir Henri) mandou as suas cópias de inscripções para Inglaterra, afim de serem alli examinadas. Não havia então um unico collegio cujos professores tivessem a menor ideia dos caracteres cuneiformes; mas descobriu-se um ex-escriptorario da Companhia das Indias, modesto desconhecido chamado Morris, que fizera um estudo particular daquelle abstruso assumpto, e a quem forão submettidas as cópias de Rawlinson. Ora, tal era o saber de Morris, que, comquanto nunca elle houvesse visto o rochedo de Behistun, declarou que Rawlinson não copiára bem exactamente a difficil inscripção. Rawlinson, que ainda se achava na visinhança de Behistun, comparou á sua cópia com o original, e reconheceu que Morris tinha razão: foi assim que, á força de comparações e de attentos estudos, chegou o conhecimento da escripta cuneiforme ao ponto de poder realizar importantes progressos.

Mas para se aproveitar a sciencia adquirida por aquelles dous filhos de suas obras, era preciso que um terceiro companheiro lhes viesse ministrar os meios de exercerem a sua habilidade. Achou-se este colloborador na pessoa de Agostinho Layard, que fôra outr'ora escrevente de advogado em Londres. Quem havia de pensar que um cadete, um empregado da Companhia das Indias e um escrevente de advogado virião a descobrir uma lingua

esquecida e a restaurar a historia de Babylonia? E, não obstante, foi justamente isto o que aconteceu. Layard tinha apenas vinte e dous annos, quando, viajando no Oriente, sentio-se dominado do desejo de penetrar nas regiões situadas além do Euphrates. Seguido de um unico companheiro, contando sómente, para sua segurança pessoal, com as suas armas, e (o que era muito melhor) com o seu character jovial, com a sua polidez e maneiras cavalleirosas, passou elle são e salvo pelo meio de tribus que se achavão em guerra encarniçada umas com as outras; e, a despeito da escassez relativa dos seus recursos, á força de trabalho, de perseverança, de resolução, de firmeza de proposito, e graças sobretudo á sua paixão entusiastica pelas pesquisas e descobertas, e a uma paciência quasi sublime, conseguiu, ao cabo de alguns annos, achar e tirar á luz thesouros historicos de importancia tal, como provavelmente nunca fôra dado até então a um unico homem reunir iguaes. Mais de tres kilometros de baixos-relevos forão descobertos por Layard; e, o que é do mais alto interesse, essas antigualhas preciosas, cuja collecção se acha hoje no museu britannico, corroborarão de uma maneira tão curiosa o que a Escriptura Sagrada nos refere a respeito de casos succedidos ha tres mil annos, que o mundo, maravilhado, quasi as considerou como uma nova revelação. Além disso, a historia das pesquisas a que devemos a descoberta de tão notaveis monumentos, tal qual o proprio Layard a referio nos seus *Monumentos de Ninive*, será sempre um dos mais singelos e attractivos relatorios em que a industria, o commettimento e a energia individuaes hão narrado os seus esforços e triumphos.

VIII.

Entre os fundadores de pariatos inglezes podemos citar, em particular, os das familias Foley e Normanby como exemplos notaveis das qualidades moraes de que fallamos. O fundador da primeira destas familias foi Ricardo Foley, cujo pai, modesto proprietario, vivia, no reinado de Carlos I, na visinhança de Stourbridge. Alli se achavão as principaes fabricas de ferro dos districtos do Centro, e Ricardo, tendo préviamente aprendido o officio, trabalhava como operario em um dos ramos daquella industria — o do fabrico de prégos. O que sobretudo o impressionou foi a enorme perda de tempo e de trabalho que resultava do modo grosseiro por que era cortado o ferro destinado áquelle fabrico. Parece que os fabricantes de prégos de Stourbridge se achavão então quasi na impossibilidade de lutar com a Suecia, que trabalhava mais em conta do que elles, e mandava para Inglaterra os seus productos em consideravel quantidade. Chegou-se a saber que a razão por que os Suecos vendião os seus prégos tão barato consistia no uso de machinas de cortar o ferro, graças ás quaes tinham elles completamente renunciado ao methodo grosseiro e trabalhoso que ainda se seguia em Inglaterra na preparação do metal destinado áquelle genero de manufactura.

Tendo-se certificado de que tal era com effeito o caso, Ricardo Foley formou a resolução de aprender o novo methodo adoptado pelos Suecos. Desappareceu de repente dos arredores de Stourbridge, e, durante alguns annos, não se ouviu fallar nelle. Ninguem, nem mesmo sua familia, sabia o que fôra feito de Foley; porquanto este, com receio de ser mal succedido, não revelára a pessoa

alguma os seus projectos. Partira quasi sem dinheiro, mas não obstante sempre conseguiu chegar a Hull, onde achou meio de se engajar a bordo de um navio que devia sahir brevemente para um porto sueco. O unico objecto de valor que Foley levava era a sua rabeca. Tendo chegado á Suecia, internou-se elle pelo paiz, e, tocando rabeca e pedindo esmola, foi dar comsigo nas minas de Dannemora, situadas perto de Upsala. Como era excellente musico e jovial companheiro, Ricardo conciliou bem depressa as sympathias dos ferreiros. Recebido em toda a parte, podendo presenciar livremente todos os trabalhos, teve numerosas occasiões de observar tudo bem a seu gôsto, e de adquirir cabal sciencia (pelo menos assim o cria) do novo methodo de cortar o ferro. Depois de se haver demorado muito tempo nas minas, Foley, julgando-se finalmente de posse do almejado segredo, desapareceu um bello dia de Dannemora, assim como desaparecera precedentemente de Stourbridge, sem que se soubesse para onde elle tinha ido.

Assim que chegou a Inglaterra, Ricardo communicou o resultado da sua viagem a algumas pessoas de Stourbridge, as quaes, em razão da grande confiança que elle lhes merecia, adiantarão-lhe os fundos necessarios para a construcção de uma fabrica e das novas machinas de cortar ferro. Mas quando tudo ficou prompto e chegou o momento de se experimentarem as machinas, vio-se, com grande desgôsto e mallôgro de todos, e particularmente de Foley, que ellas não funcionavão, ou que pelo menos não cortavão o ferro. Ricardo desapareceu de novo. Suppôz-se que a vergonha e a mortificação por elle sem duvida sentidas ao ver abortarem os seus projectos, o tinham determinado a retirar-se para sempre do paiz. Mas enganavão-se os que assim pensavão. Foley, que havia simplesmente formado a resolução de se apoderar do se-

greo da preparação do ferro para o fabrico de prégos, e estava mais do que nunca determinado a não desistir da empreza, partira de novo para a Suecia, munido, como da primeira vez, da sua rabeça, e seguira para as forjas de Daunemora, onde havia sido recebido com grandes demonstrações de alegria pelos mineiros que, para terem mais seguro o seu rabequista, o alojárão na propria fabrica onde funcionavão as novas machinas. De resto, Ricardo, excellente tocador de rabeça, parecia tão destituído de intelligencia para tudo mais, que os ferreiros nem por sombras suspeitavão dos projectos do seu menestrel, a quem elles mesmos proporcionárão assim os meios de attingir o que constituiria o alvo e a esperança de toda a sua vida. Foley, desta vez, examinou com o maior cuidado e minuciosidade as machinas que via funcionar, e bem depressa descobrio a causa do máo exito da sua tentativa. Como não tinha noção alguma de desenho, fez, com a maior exactidão que pôde, riscos ou esboços de todas aquellas machinas, e, depois de haver levado largo tempo a verificar minuciosamente as suas observações e a formar uma idéa lucida e completa da disposição dos diversos machinismos da fabrica, abandonou os ferreiros, e, tendo chegado a um porto sueco, embarcou para Inglaterra. Um homem que levava a tal ponto a força de resolução, não podia ser mal succedido. Quando Ricardo se achou de novo no meio dos seus amigos, que ficárão muito admirados de o tornarem a ver, completou os machinismos da sua fabrica, e desta vez coroou-lhe o bom exito os esforços. Graças á energia e habilidade com que se houvera, Foley lançou em breve os alicerces de uma grande fortuna, e teve ao mesmo tempo a dita de reanimar a industria de um districto extensissimo.

IX.

Guilherme Phipps, fundador da familia Mulgrave ou Normanby, foi, no seu genero, um homem tão notavel como Ricardo Foley. Seu pai era armeiro em Woolwich, no Estado do Maine, que fazia então parte das colonias inglezas da America. Guilherme nascera em 1651. A familia Phipps contava vinte e seis filhos, dos quaes vinte e um erão varões, e a fortuna de todos elles consistia apenas na robustez dos seus braços e no esforço dos seus corações. Guilherme, que parecia ter nas veias uma boa dose do sangue dos piratas dinamarquezes, não gostava da vida tranquilla dos pastores, á qual lhe fôra não obstante forçoso sujeitar-se na sua mocidade. Intrepido e ousado por natureza, desejava elle ardentemente fazer-se marinheiro e correr o mundo. Buscou engajar-se a bordo de diversos navios ; mas, não o tendo conseguido, entrou como aprendiz para um estaleiro particular, e alli, ao passo que se ia tornando cada vez mais perito no seu officio, aproveitava as horas vagas aprendendo a ler e a escrever. Concluido o tempo de aprendizagem, Guilherme foi residir em Boston, onde pediu e obteve a mão de uma viuva que tinha alguma fortuna. Depois d'isto, montou por sua propria conta um estaleirozinho, construiu um navio, equipou-o, e dedicou-se ao trafico de madeiras, do qual, por espaço de dez annos, e não obstante o seu muito trabalho, apenas colheu mesquinhos resultados.

Um dia, passando elle por uma das ruas tortuosas da antiga Boston, ouviu casualmente uns marinheiros a conversarem acerca de um navio hespanhol, naufragado, havia pouco tempo, na altura das ilhas Bahamás; sup-

punha-se que esse navio trazia a bordo grande quantidade de dinheiro. O espirito emprehendedor de Phipps inflammou-se áquella ideia, e, tendo elle reunido a toda a pressa uma tripolação propria para a expedição que ia tentar, deu á vela. Como o navio tinha sido lançado á costa, Guilherme facilmente o descobriu, e conseguiu recolher grande parte do carregamento, mas, quanto a dinheiro, mui pouco achou; de maneira que, feitas as contas, apenas pôde elle salvar as despesas da expedição. Todavia o bom exito de que acabavão de ser coroados os seus esforços estimulára-lhe o animo aventureiro, e, tendo elle ouvido fallar em um navio muito mais ricamente carregado, que, havia cincoenta e tantos annos, naufragára perto do Porto da Prata, formou immediatamente a resolução de tirar do fundo do mar, senão todas as reliquias do naufragio, pelo menos o thesouro.

Como era demasiadamente pobre para commetter, sem auxilio estranho, uma empreza tão difficil, partiu para Inglaterra, no intuito de alli buscar a assistencia de que carecia. Precedera-o a fama da habilidade com que elle lográra salvar os restos do navio naufragado perto das ilhas Bahamás. Entendeu-se Phipps directamente com o governo, e tantas instancias empregou, taes mostras de enthusiasmo deu, que afinal conseguiu vencer a inercia que em toda a parte domina nas regiões officiaes, obtendo de Carlos II a *Rosa Algier*, navio de dezoito peças e tripulado por noventa e cinco homens, cuja commando em chefe lhe foi confiado.

Phipps partiu em busca do navio e dos thesouros que elle continha. Chegou sem novidade á costa do Haiti; mas a maior difficuldade consistia em saber onde se achava o navio perdido. Havia mais de cincoenta annos que se déra o naufragio, e Phipps só tinha por guia os vagos rumores da tradição. Via diante de si uma longa

costa para explorar e a immensidade do Oceano onde não se notava o menor vestigio da galera sepultada nos abysmos. Mas elle tinha por si a sua energia e a esperanza. Poz os marinheiros a dragar a costa, e passáráo-se semanas inteiras durante as quaes só se tirárão do fundo do mar destroços de toda a sorte, seixos e fragmentos de rocha. Esta occupação é summamente tediosa para marinheiros; e pois, os de Phipps começárão a murmurar e a dizer que o commandante os amofinava fazendo-os trabalhar em uma empreza extravagante.

Romperão por fim as queixas, e os marinheiros se revoltárão abertamente. Um dia, alguns d'elles até chegarão a avançar tumultuariamente para o castello de poppa, exigindo que o commandante desistisse da empreza. Mas Phipps não era homem que se deixasse intimidar: prendeu-os cabeças, e reduzio os outros ao dever. Como o navio carecia de concerto, o commandante foi ancoral-o junto de uma ilha, para onde passou parte dos viveres e das munições, afim de aligeirar a embarcação. O descontentamento da maruja augmentava cada vez mais, e nova trama foi urdida entre a gente que se achava em terra: devia ella apoderar-se do navio, lançar Phipps ao mar, e ir corsear contra os Hespanhoes nos mares do Sul. Mas, para que a trama sortisse effeito, era indispensavel a cooperação do mestre carpinteiro, a quem, por consequente, foi revelado todo o plano da conspiração. Ora, o mestre carpinteiro, que era homem de bem, deu-se pressa em avisar o commandante do perigo imminente. Phipps, tendo reunido todos os homens com que podia contar, mandou carregar as peças da bateria que dominava a praia, fez remover a ponte que servia de comunicação entre a terra e o navio, e, quando os rebeldes apparecêrão, bradou-lhes que faria fogo sobre elles' se, por seu mal, se approximassem das munições que ainda

se achavão na ilha. Retirárão-se os homens; e então Phipps, sempre de morrões acesos, mandou trazer para bordo todo o material que tinha em terra. Os rebeldes, com receio de serem abandonados em uma praia deserta, depuzerão as armas e implorárão a permissão de voltar ao exercicio dos seus deveres, permissão que o commandante lhes concedeu, adoptando ao mesmo tempo contra elles as precauções que o seu comportamento anterior justificava. Phipps aproveitou a primeira a occasião que se lhe offereceu para despedir os turbulentos, e engajou em lugar d'elles homens mais seguros; no momento, porém, em que se via em estado de proseguir nos seus trabalhos com dobrada actividade, reconheceu ser absolutamente necessario voltar á Inglaterra, afim de mandar concertar o seu navio. Todavia, conseguira elle colher informações mais completas acerca da paragem onde se perdêra a galera hespanhola, e, comquanto houvesse até alli visto o seu intento constantemente mallogado, confiava mais que nunca no bom exito ulterior da empreza.

Quando chegou a Londres, Phipps apresentou um relatório da sua viagem ao almirantado, que fingiu-se satisfeito com os seus esforços; mas, por fim de contas, elle voltava sem haver realizado o que projectára, e o almirantado não se sentia disposto a lhe confiar outro navio da armada real. Reinava então Jacques II, e o governo lutava com milhares de difficuldaes: em vão, pois, buscou Phipps chamar a attenção do rei para o seu magnifico projecto. Tentou elle então reunir os capitaes necessarios, por meio de uma subscrição publica. A principio, as pessoas a quem se dirigia o escarneção sem piedade; mas, á força de reiteradas instancias, Phipps conseguiu triumphar de todas as prevenções, e durante quatro annos, que passou, de resto, na maior pobreza, tanto e tão

infatigavelmente fallou aos grandes na sua empresa, que afinal foi attendido. Formou-se uma companhia sob os auspicios do duque d'Albermale, filho do general Monk, que tomou a maior parte das acções da sociedade, e ministrou assim a Phipps os meios de proseguir nas suas pesquisas.

Bemcomo Foley, Phipps foi mais feliz da segunda vez do que da primeira. Chegou elle sem novidade ao Porto da Prata, em cuja vizinhança demorão os recifes que se suppunha terem sido o theatro do naufragio. Seu primeiro cuidado foi fabricar um solido escaler, de oito ou dez remos, em cuja construcção não se dedignou de ajudar os operarios. Dizem tambem que elle construiu, para explorar o fundo do mar, uma machina semelhante á que é hoje conhecida sob o nome de sino de mergulhar. Nos livros d'esse tempo já vinha mencionada uma machina desta especie; mas Phipps nunca lia, e tudo induz a crer que elle mesmo imaginou o apparelho de que carecia. Engajou tambem alguns mergulhadores indios, cuja pericia na pesca das perolas e na execução de todos os trabalhos submarinhos era de ha muito reconhecida. Terminados estes preparativos, seguiu Phipps para os recifes com o seu navio e o escaler, e deu principio aos trabalhos. Empregando o sino de mergulhar e todos os meios então usados para explorar o fundo do mar, levou elle, durante muitas semanas, a perlustrar toda a linha de recifes, mas sem a menor apparencia de bom exito. Todavia, Phipps perseverava, alentado cada vez mais pela esperanza, não obstante os successivos mallôgros que até alli saffrêra. Um dia, achando-se um marinheiro debruçado na amurada do navio, a olhar para o fundo do mar, nesse momento claro e sereno, notou uma curiosa planta marinha em um lugar que lhe pareceu ser uma fenda de rochedo; chamou um mergulhador indio e o mandou buscar

aquella planta. O mergulhador, quando lh'a trouxe, disse que havia peças de artilharia naquelle mesmo sitio. A principio, ninguem, a bordo, acreditou na asserção do indio; mas, procedendo-se a novas investigações, reconheceu-se que elle tinha razão. Recomeçarão immediatamente as pesquisas, e bem depressa sahio um mergulhador do fundo do mar, trazendo nos braços uma barra de prata massiça. « Demos graças a Deos! » exclamou Phipps, « está finalmente feita a fortuna de nós todos! » Sino e mergulhadores á porfia entráráo a trabalhar, e ao cabo de alguns dias tirou-se do fundo das aguas um thesouro que se elevava a perto de 7,500,000 francos (*), e com o qual Phipps fez-se a vela para Inglaterra. Quando alli chegou, buscárão persuadir o rei a sequestrar o navio e o carregamento, allegando que Phipps, quando solicitára a licença de Sua Magestade, não déra informações exactas ácerca do negocio. Mas o rei respondeu que estava convencido da probidade de Phipps, e que o thesouro, fosse qual fosse o seu valor, seria dividido por inteiro entre elle e os seus homens. O quinhão de Phipps subio a 500,000 francos; e o rei, para demonstrar quanto apreciava a energia e honradez com que elle se houvera naquella empreza, fêl-o cavalleiro. Phipps foi tambem nomeado grão-prebost da Nova Inglaterra, e, durante o tempo que exerceu cargo, prestou assignalados serviços á mãe patria e aos colonos, com a intrepidez de que deu mostra contra os Francezes, nas suas expedições de Porto-Real e de Quebec. Servio tambem como governador do Massachussetts; depois disso, voltou para Inglaterra e morreu em Londres, no anno de 1695.

Phipps nunca se envergonhou da humildade da sua origem. Na segunda metade da sua carreira, comprazia-se

(*) 3,000,000\$000, sendo o franco á razão de 400 rs.

em recordar com justo orgulho como, de simples carpinteiro da ribeira, subira ás honras da cavallaria e ao governo de uma provincia; e quando, por caso, algum negocio publico o embaraçava: « Ah! » exclamava elle, » quão infinitamente mais facil não me seria manejar, como outr'ora, um bom machado! » Phipps deixou, ao morrer, uma reputação de probidade, de honradez, de esforço e de patriotismo, que não é de certo a menos nobre herança dos Normanbys.

IX.

Bem differentes quanto á vida e ao character, postoque animados de zelo não menos ardente, se hão mostrado os grandes apostolos e missionarios que, levando aos ultimos limites o espirito do sacrificio, têm percorrido o mundo em busca de seus irmãos miseraveis para salvá-os. Dotados de inquebrantavel energia, sem se temerem das privações, nem dos perigos, nem da peste, soffrêrão elles toda a especie de trabalhos e fadigas, exultando com os proprios soffrimentos, e fazendo consistir toda a sua gloria em tornarem-se dignos da corôa do martyrio. Taes forão, entre mil, Ignacio de Loyola e Francisco Xavier.

Loyola, que pertencia pelo nascimento á fidalguia hespanhola, ajuntava á bravura do soldado todas as graças e todo o desregramento do cortezão. No cerco de Pampeluna, uma bala de artilharia fracturou-lhe uma perna. Não tendo sido bem tratado o ferimento, esteve elle por muito tempo ás portas da morte. Durante a convalescença, que foi longa, Loyola, depois de haver lido e relido todos os livros de cavallaria andante que pôde obter, tomou por acaso uma Vida dos Santos, na qual achou

narrativas de victorias alcançadas, não por meio da luta de um homem com outros homens, senão pelo esforço empregado por individuos contra si mesmos; vio tambem alli exemplos de recompensas muito mais nobres do que todas quantas erão preconisadas nos livros de cavallaria. Esta leitura exercen immediatamente irresistivel influencia sobre as ideias de Loyola, o qual, tendo dito adeos á sua espada de cavalleiro, dependurou-a n'um pilar da igreja de Nossa Senhora de Montserrat, e tomou a resolução de seguir o exemplo dos santos, cujos acabava de lêr a vida.

A sua propria vida foi tão bem escripta pelo padre Bouhours, que achamos inutil narra-la aqui de novo; limitar-nos hemos, por conseguinte, a citar alguns factos, para mostrar de quão extraordinaria energia era dotado Loyola: com effeito, talvez não haja exemplo de haver alguem possuido esta qualidade em tão subido gráo. Tinha Ignacio uma tal força de vontade, uma tal resolução, e ao mesmo tempo tamanha paciencia, que todos que se achavão habitualmente em contacto com elle cedião, mais tarde ou mais cedo, ao seu predomínio. Postoque fosse naturalmente arrebatado e irascivel, Loyola exercia sobre si mesmo tamanha vigilancia, tornára-se-lhe tão facil dominar os impetos de sua alma, que os proprios medicos acreditarão e declararão ser elle de temperamento flegmatico. Mas, se grande era a influencia derivada da sua força de vontade, muito maior foi sempre a que procedia do amor e da veneração que a todos inspirava. Francisco Xavier, o grande apostolo das Indias, quando escrevia a Ignacio, dos confins do Oriente, nunca deixava de prosternar-se. E não erão sómente os amigos e os companheiros que assim o amavão e veneravão: na manhã em que elle deu a alma a Deos, todos paravão nas ruas, nas praças publicas, nas ante-camaras, nos hospitaes, e

até nos lazaretos, para oommunicar uns aos outros esta fatal noticia: « O santo merreu! »

X.

Entre os que se sentirão attrahidos, tanto pelo character, como pelos exemplos de Loyola, Francisco Xavier foi um dos mais puros e dedicados. Bem como Ignacio, pertencia elle a uma antiga e illustre familia. Suas maneiras, seus sentimentos erão os de um perfeito fidalgo: bravo, circumspecto, generoso, tão accessivel ao enthusiasmo, quão apto para enthusiasmar os outros; tão facil de persuadir, quão extremamente persuasivo; de resto, cheio de energia, de paciencia, de resolução. Aos vinte e dous annos de idade, exercia Francisco o honroso cargo de professor de philosophia na universidade de Pariz. Foi allí que elle conheceu Loyola. Tornou-se bem depressa seu intimo amigo e companheiro; e, pouco tempo depois, partio para Roma, á frente da primeira turma de proselytos que Ignacio mandou em peregrinação á capital do orbe catholico.

Quando D. João III, rei de Portugal, resolveu plantar o estandarte da fé christã nas Indias portuguezas, Bobadella foi posto á testa dessa cruzada pacifica; mas, tendo aquelle missionario adoecido, procedeu-se a outra eleição, e Francisco Xavier foi escolhido para o substituir. Trajando uma sotaina toda remendada e tendo por unica bagagem o seu breviario, o fervoroso apostolo partio para Lisboa, donde devia seguir para o Oriente. O navio em que elle embarcou ia para Gôa, e levava o governador e mil e tantas soldados destinados a reforçar a guarnição da praça. No instante da partida, quando a embarcação desfraldou as velas e começou a descer o Tejo, vio-se trans-

luzir no semblante de Xavier uma ineffavel alegria, ao passo que não poucos dos seus companheiros se debulhavam em lagrimas. Elle ia converter nações, cujos nomes e lingua, na verdade, ignorava; mas não sentia a menor hesitação nem temor. Posto que lhe houvessem preparado um camarote, preferio dormir na tolda, fazendo de um rôlo de cabos travesseiro, comendo com simples marinheiros, curando das necessidades delles, inventando jogos innocentes para distrahil-os, e, quando os via doentes, tratando-os com tanta bondade e paciencia, que tornou-se para todos objecto de fervorosa veneração, para não dizer de idolatria.

Quando chegou a Gôa, Francisco Xavier ficou horroizado da depravação dos habitantes, quer colonos, quer indigenas. Aquelles, com effeito, havião importado todos os vicios da civilisação sem a menor das sujeições que soem della resultar, e estes se tinhão mostrado em extremo dispostos a seguir o máo exemplo. Xavier poz-se a percorrer as ruas, tocando uma campainha para attrahir o povo, e pedio, como uma graça, que lhe mandassem as crianças, afim de lhes dar alguma instrucção. Uma multidão de meninos forão logo confiados aos seus cuidados; e elle os instruiu diligentemente, fazendo-os voltar todos os dias para suas casas, fortificados com as lições de sabedoria e piedade que lhes dava. Ao mesmo tempo visitava os enfermos, os leprosos, os miseraveis de toda a especie, vivendo nos hospitaes, e abalançando-se muitas vezes a penetrar nos proprios antros da prostituição. Não havia soffrimento humano que elle não buscasse, com toda a solicitude, curar ou suavisar. Tendo ouvido fallar na abjecção e miseria dos pescadores de perolas de Mandar, foi visital-os, e a sua campainha começou immediatamente a soar para elles como um signal da misericordia divina. Xavier baptisava e ensinava; mas, como elle só

podia fallar aos catechumenos por intermedio de interpretes, bem se póde dizer que o seu ensino mais eloquente consistia na dedicação com que todos o vião acudir aos miseraveis nas suas necessidades, nas suas afflicções, ou quando enfermos.

Continuando a sua missão, percorreu elle toda a costa de Comorim, tocando a campainha nas cidades e nas aldeas, no limiar dos templos e dos bazares, e convidando os indigenas a virem ouvir as suas lições. Mandára fazer traducções do cathecismo, do *Credo*, dos *Mandamentos*, do *Padre Nosso* e de alguns exercicios de devoção, segundo o formulario da Igreja. Tendo-os aprendido de cór, recitava-os aos meninos até estes ficarem com elles bem gravados na memoria; e, conseguido isto, mandava os rapazi-nhos ensinar por seu turno a seus pais e aos vizinhos o que haviam aprendido. Estabeleceu, perto do cabo Comorim, trinta prégadores que, sob a sua vigilancia, vierão a ser os pastores de trinta igrejas christãs. A igreja, na verdade, consistia de ordinario em uma choupana, no alto da qual se via uma cruz; mas isso era o mesmo! Xavier seguiu dalli para Trávancora, onde continuou a tocar a sua campainha de aldêa em aldêa, a baptisar até se lhe entorpecerem os braços de cansados, e a repetir as suas formulas devotas até ficar em estado de não poder fallar. Elle mesmo affirmou que o bom exito da sua missão havia excedido ás suas esperanças. Sua pura e bella vida, seu enthusiasmo, a irresistivel eloquencia de suas boas acções operavão conversões em todos os districtos que elle visitava; e, pela simples força da sympathia, as pessoas que o escutavão não levavão muito a imital-o no piedoso fervor.

Convencido de que o « numero dos ceifeiros é mui diminuto para a immensidade do campo que se tem de ceifar, » Xavier foi depois a Malacca e ao Japão, onde vio

novas raças e ouviu novas linguas. Alli, porém, apenas lhe foi possível chorar e orar, velar junto dos enfermos e suavisar-lhes as dôres; ás vezes, faltando-lhe tudo, chegava a molhar a manga da sobrepelliz, afim de extrahir della algumas gottas d'agua com que pudesse baptisar os agonisantes. Alentado pela esperanza, inacessivel ao temor, o intrepido soldado da fé ia sempre em marcha, impellido por sua inflexivel resolução. « Seção quaes forem os tormentos e a morte que me estejam destinados, » dizia elle, « soffrel-os-hei de bom grado mil vezes pela salvação de uma unica alma. » Xavier cortio fome e sêde, vio-se muitas vezes em estado de completa nudez, foi victima de violencias atrozes; mas nem por isso deixou de continuar a sua missão de caridade, sem a menor interrupção, sem succumbir ás fadigas. Em summa ao cabo de doze annos de trabalhos incriveis, e no momento em que se esforçava por penetrar na China, o grande e excellente homem foi acommettido de febres, na ilha de Sanchian, e recebeu a corôa de gloria que tanto ambicionára. Nunca provavelmente se vio neste mundo perecedeiro herôe algum mais puro, mais nobre, mais desinteressado, mais intrepido.

XI.

Immenso é o numero dos que seguirão as pegadas de Francisco Xavier. Na India, tornárão-se notaveis Schwartz, Carey, Marshman; na China, Gutzlaff, Morrison e muitos outros. Carey foi um dos mais intrepidos e infatigaveis. Muitas vezes, na India, virão-o estafar, n'um só dia, quatro *pundits* (*) que lhe servião de secretarios, ao passo que elle

(*) Doutores brahmanes que se dedicação ao ensino.

mesmo só descansava variando os seus trabalhos. Carey, que era filho de um sapateiro, tinha por companheiros nas suas lidas Ward, filho de um carpinteiro, e Marshman, filho de um tecelão. Graças aos seus cuidados, construiu-se um magnifico collegio em Serampura, dezeseis missões florescentes forão estabelecidas, fez-se a traducção da Biblia em dezeseis linguas, e o germen da mais benefica das revoluções foi lançado no solo indiatico. Carey nunca se envergonhou da humildade da sua origem. Achando-se um dia á mesa do governador geral, ouviu um official, que estava assentado no lado opposto, perguntar a outro se elle, Carey, não tinha sido sapateiro. « Não, senhor, » exclamou immediatamente o missionario, nunca passei de remendão. » Para que bem se veja de quanta perseverança se mostrou Carey capaz desde os mais verdes annos, citaremos a seguinte anecdota eminentemente caracteristica. Trepando elle um dia a uma arvore, escorregou, veio ao chão e quebrou uma perna: foi-lhe forçoso ficar de cama muitas semanas; mas assim que se restabeleceu e pôde andar desembaraçadamente, a primeira cousa que fez foi trepar áquella mesma arvore. Eis o genero de esforço de que carecia Carey para desempenhar nobre e resolutamente, como desempenhou, os grandes trabalhos da sua vida de missionario.

João Williams, o martyr de Erromanga, mostrou a mesma energia e dedicação. Postoque passasse por estúpido, Williams era habil no seu officio, e possuia uma excellente compleição. Recebido como aprendiz em casa de um quincalheiro de Londres, pareceu elle, por algum tempo, mais disposto a vadiar na companhia dos garotos da sua idade, do que a occupar-se com pensamentos serios. Todavia, cultivou a sua habilidade manual, e o mestre, que o encontrava a miudo, nas horas de recreio, a trabalhar na forja, decidio-se por fim a encarregal-o de todas as

obras que exigião um geito ou uma delicadeza particular. Williams gostava tambem muito de todas as occupações que o obrigavão a ausentar-se da loja. Um sermão que elle ouviu por acaso deu mais séria direcção ao seu espirito, e bem depressa o virão regendo uma escola dominical. Em uma das sessões da sociedade de que era membro captivou-lhe a attenção o assumpto das missões; Williams logo resolveu dedicar-se de todo áquella obra, e tendo a sociedade das Missões de Londres aceitado os seus serviços, o mestre quincalheiro permittio que elle deixasse a officina antes de concluido o prazo convencionado. As ilhas do Oceano Pacifico, e mais particularmente Huahina e Raiatea entre as da Sociedade, e Rarotonga entre as de Harvey, forão o theatro de suas primeiras lidas. Como os Apostolos, Williams trabalhava com suas mãos, forjava, plantava e semeava, construia embarcações, e esforçava-se por ensinar aos insulanos todas as artes da vida civilisada, instruindo-os ao mesmo tempo nas verdades da religião. Foi no meio destes incessantes trabalhos que os selvagens o assassináráo barbaramente, nas costas de Erromanga. Ninguem mais do que elle mereceu nunca cingir a corôa do martyrio.

XII

Não menos interessante é a carreira do Dr. Livingstone, o qual, em nossos dias, explorou a Africa como viajante e missionario. Escreveu elle mesmo a historia de sua vida em um estylo modesto e sem pretensões, que é perfectamente caracteristico do proprio autor. Seus antepassados erão pobres e honrados montanhezes; e conta-se que um delles, considerado por toda a visinhança como homem

de grande cordura e prudencia, achando-se em termos de expirar, fez reunir seus filhos em redor de si e deu-lhes este conselho, unica herança que lhes podia legar: « Informei-me com muito cuidado, durante minha vida, das tradições de nossa familia, e nunca pude descobrir um unico homem indigno entre os nossos antepassados. Portanto, se algum de vós ou dos vossos vier a commetter indignidades, não será por vos ter sido transmitida com o sangue a improbidade, pelo contrario.... Eis o preceito que recommendo ás vossas meditações: *sede honrados.* » Aos dez annos de idade, Livingstone foi trabalhar em uma fabrica de fiar algodão, perto de Glasgow. Do salario da primeira semana, tirou elle o dinheiro necessario para comprar uma grammatica latina, e começou a aprender esta lingua, a cujo estudo se applicou, durante muitos annos, frequentando uma escola nocturna. Se Livingstone deixava de estudar até a meia noute, e mesmo além desta hora, não era porque lhe faltasse a vontade, senão porque a mãe o mandava deitar-se; e ella tanto mais pontual se mostrava neste particular, quanto seu filho era obrigado a levantar-se todas as manhãs bem cedo para se achar na fabrica ás seis horas em ponto. Desta maneira conseguiu o joven operario, não sem difficuldade, traduzir Virgilio e Horacio; mas elle não se contentava com isto, e, á excepção das novellas, lia todos os livros que podia obter, e mais particularmente obras scientificas e narrações de viagens. Applicava-se tambem á botanica, e passava os raros momentos de folga de que podia dispôr a percorrer os campos da visinhança para fazer collecções de plantas. Livingstone achára meio de estudar, mesmo na officina, a despeito da bulha das machinas, pondo o livro sobre a *mull-jenny* em que trabalhava, e lendo as phrases uma após outra á medida que ellas lhe passavão por diante dos olhos. Assim, á força de perseverança, o joven operario

adquirio uma infinidade de conhecimentos uteis, e, chegado á idade viril, sentio-se cada vez mais dominado do desejo de ir evangelisar entre os pagãos. No intuito de se preparar para esta empreza, tomou a resolução de estudar medicina. Pôz-se a economisar parte do seu salario, e conseguiu assim ajuntar dinheiro sufficiente para ir passar alguns invernos em Glasgow, estudando grego, medicina e theologia. Durante os outros mezes do anno, trabalhava como operario em uma fabrica de fiar algodão; e foi por este modo que, sem ter nunca recebido um *penny* de pessoa alguma, tirou Livingstone do seu modico salario as sommas que despendeu com a sua instrucção. « Quando me recordo da vida laboriosa que então levei, » diz o excellente homem, « não posso deixar de render graças ao céo por me haver dado uma tal existencia; e, se fosse possivel, de bom grado recomçaria eu a vida nas mesmas circumstancias, e me sujeitaria de novo ás differentes provações daquelle austera e fortalecedora educação. » Tendo finalmente concluido os estudos medicos, Livingstone escreveu a sua these em latim, foi examinado, e obteve o gráo de licenciado da faculdade de medicina e cirurgia. Projectou seguir logo para a China; mas a guerra que nessa época devastava aquelle paiz, o demoveu de tal proposito. Offereceu então Livingstone os seus serviços á sociedade das Missões em Londres, e foi por ella mandado á Africa, onde chegou em 1840. Quando elle projectára ir á China, era sua intenção fazer a viagem á sua custa; e o unico sentimento que o acompanhava ao partir para a Africa subvencionado pela sociedade das Missões « provinha, » dizia o digno missionario, « de não ser agradavel a um homem que se habituára a contar em tudo e para tudo com os seus proprios recursos, vêr-se obrigado a estar na dependencia de outrem, fosse para o que fosse. » Assim que chegou á Africa, Livingstone metteu

diligentemente mãos á obra. Repugnando-lhe a ideia de tomar simplesmente parte nas lidas dos outros, resolveu constituir-se como missionario em uma esphera independente, para a qual se preparou, emprehendendo, além dos seus trabalhos de prédica, toda a sorte de obras manuaes. « Esta multiplicidade de empregos, « diz elle, » estafava-me e me tornava mais incapaz de estudar de noite do que na época em que eu trabalhava como operario fiador. » Durante a sua estada nas terras dos Bechuanas, Livingstone abriu canaes, edificou casas, cultivou campos, arrebanhou gado de toda a qualidade e instruiu os indigenas, trabalhando ao mesmo tempo com elles. Logo no principio, tendo de emprehender, com um certo numero de indigenas, uma longa viagem a pé, o infatigavel missionario ouviu por acaso, no momento da partida, as observações que elles fazião a respeito da sua fraqueza physica. « Elle não tem força, « dizião os indigenas, » é magrinho, e se parece robusto, é porque anda mettido naquelles *saccos* (era assim que elles designavão as calças do missionario); não irá longe. » Estas palavras fizeram ferver nas veias de Livingstone o seu sangue de montanhez e lhe dêrão forças para resistir á fadiga e para obrigar os seus companheiros a caminhar com tal velocidade, durante dias inteiros, que afinal virão-se todos obrigados a reconhecer de quanto elle era capaz como caminheiro. Quem quizer saber o que Livingstone fez em Africa, e como se houve em todas as empregos que intentou, leia as suas *Viagens de um missionario*, uma das mais interessantes obras desta especie que têm sido publicadas até o presente. Entre as ultimas acções referidas nessa obra, nota-se uma, que aqui citamos, por ser altamente caracteristica. Ao partir para Africa, Livingstone levára consigo uma chalupa a vapor, chamada *Birkenhead*; mas, não tendo essa embarcação correspondido ás suas esperanças, escreveu elle para

Inglaterra encommendando a construcção de outra, que, segundo o seu calculo, devia importar em duas mil libras, pouco mais ou menos. Para pagar esta despesa, Livingstone não hesitou em dispôr do dinheiro que lhe haviam rendido as suas *Viagens*, e que elle puzera de parte para seus filhos. « Tratem agora elles de ganhar este dinheiro, » taes forão os proprios termos de que se servio o excellente missionario quando mandou as suas ordens para Londres.

XIII.

Entre os homens notaveis que consagrãõ sua vida a grandes obras da philanthropia, e que, mesmo em sua patria, desempenhãõ o papel de missionarios, S. Vicente de Paula (nascido em 1576, fallecido em 1660) tem direito a um dos primeiros lugares. Filho de um modesto rendeiro de Rauquines, perto de Pouy, no departamento das Landes, viu-se elle obrigado, durante sua infancia, a consagrar-se aos trabalhos da herdade; porquanto os recursos insufficientes de sua familia parecião destinal-o a uma laboriosa obscuridade. Todavia, os notaveis indicios que deu da vivacidade de sua intelligencia e da sensibilidade de seu character induzirão seus pais a envidar todos os esforços afim de lhe mandarem dar uma educação liberal; e, com effeito, conseguirão po-lo como discipulo no convento dos franciscanos, em Dax. Vicente de Paulo alli estudou com tão bom exito, que aos dezeseis annos de idade o julgãõ habilitado para se encarregar da educação dos filhos do magistrado da aldeia. Continuou elle a estudar preparando-se para o sacerdocio, foi tonsurado, e, algum tempo depois, seguiu para Tolosa, em cuja univer-

sidade devia concluir o estudo da theologia. Alli, ao passo que frequentava as aulas da universidade, ganhava a sua vida dando lições. Aos vinte e quatro annos, tomou crendens, e quatro annos depois obteve o gráo de bacharel em letras, sendo-lhe ao mesmo tempo concedido abrir um curso.

Tendo fallecido um seu amigo residente em Marselha, deixando-lhe um legado de 1,500 libras, Vicente de Paulo fez uma viagem áquella cidade; mas na volta, como viesse por mar, o navio em que elle embarcára foi atacado por diratas tunesinos. No meio do combate que se travou n'essa occasião, Vicente ficou ferido, e, levado primeiro para Tunis, foi posteriormente mandado para Argel. Durante seu captivo, teve elle successivamente tres senhores; o ultimo era um renegado italiano. Vicente, tendo conseguido reduzi-lo á primeira fé, determinou-o a fugir em sua companhia para França, onde ambos felizmente desembarcárão. Depois de ter ido visitar o papa, em Roma, Vicente de Paulo seguiu para Pariz. Durante seu captivo em Africa, o piedoso varão se commiserára dos soffrimentos dos pobres, dos enfermos e afflictos, e resolveu consagrar ao serviço d'elles o resto da vida, Foi pois morar perto do hospital da Caridade, afim de poder visital-o todos os dias. Nessa epocha, teve elle o dissabor de ser accusado de roubo por um dos locatarios da casa onde morava. Confiado na sua innocencia, que aliás lhe era impossivel provar, Vicente soffreu com paciencia e resignação aquella grande injustiça por espaço de seis annos; mas afinal foi descoberto o verdadetro autor do crime, e a probidade do insigne varão ficou mais que nunca bem firmada.

Foi em Tolleville, na diocese de Amiens, que Vicente deu principio ao seu celebre systema de missões domesticas. Estas missões forã tão bem aceitas e produzirão re-

sultados tão salutaes, que elle posteriormente acostumou-se a celebrar o anniversario do seu estabelecimento com piedosa gratidão. Tendo ido residir em Châtillon, como vigario da freguezia, Vicente ampliou o seu plano e organisou uma associação para soccorrer os pobres e os enfermos nas suas necessidades, quer temporaes, quer espirituaes. Esta associação, que elle denominou *Confraria de Caridade*, servio em breve de modelo a uma infinidade de congregações identicas, tanto em França, como em muitos outros paizes. Vicente empregou uma perseverença infatigavel em ampliar a esphera de acção da confraria, e seus esforços produzirão os mais satisfactorios resultados, particularmente nos districtos onde elle proprio exercia grande influencia, como, por exemplo, nas dioceses de Beauvais, de Soissons e de Sens.

N'uma viagem que Vicente de Paulo fez a Marselha, em companhia do conde de Joigny, commandante das galés reaes, offereceu-se-lhe inesperadamente occasião de ver em que extrema miseria jazião os desgraçados que expiavão os seus crimes na calceta. Achou-ós em um estado indescrivel de abandono, de aviltamento, vivendo como brutos, e resolveu, se fosse possivel, suavisar a sorte d'aquelles infelizes. Vicente se apresentou como amigo e bemfeitor de todos elles; mas os forçados, a principio, receberam-o com insolentes sarcasmos e o desattendêrão. O piedoso varão não desanimou; perseverando paciente-mente no seu intento, taes meios de brandura empregou, que afinal conseguiu reduzir á razão primeiro um, depois dous, depois um maior numero d'aquelles desgraçados, e por fim todos elies. Tendo-lhes captado a confiança, determinou-os a ajudal-o nos esforços que envidava pelo seu bemestar; e resultados de tão subida importancia quão inesperados vierão coroar as reformas por elle realizadas. O conde de Joigny participou ao rei o melhoramento ex-

traordinario que o excellente padre effeituara no character dos criminosos, até mesmo nos dos mais temiveis, e Luiz XIII, dando aos seus serviços o apreço que elles merecião, nomeou-o esmoler-mór das galés de França.

Assim que acabava de fundar uma associação para soccorrer e melhorar qualquer classe de desgraçados, Vicente tratava logo de organizar outra. A vida é curta, e ha tanto que fazer! Associação para instruir e auxiliar os cultivadores pobres, Associação para dar ás provincias professores habéis, Associação para soccorrer e auxiliar as mulheres pobres, taes fôrão as instituições fundadas successivamente por elle. Algumas destas instituições merecêrão ser universalmente adoptadas. A ordem dos Lazaristas, por exemplo, estendeu bem depressa sua caritativa influencia por toda a Europa. Mas a instituição pela qual S. Vicente de Paulo se tornou muito mais conhecido, foi a ordem das *Irmãs de Caridade*, fundada por elle em 1634. Uma das ramificações d'esta ordem, conhecida sob o nome de *Damas da Cruz*, foi especialmente destinada ao Hôtel-Dieu, em Pariz. Ainda hoje, é ao zelo puro e extremoso de S. Vicente de Paulo que Pariz deve alguns de seus mais nobres estabelecimentos. Entre os que a sua activa caridade contribuiu principalmente para fundar, contão-se a Piedade, Bicêtre, a Salpêtrière e os Expostos. Antes da fundação deste ultimo estabelecimento, um grande numero de crianças erão expostas nas ruas, onde achavão quasi sempre a morte. Commiserando-se das innocentes criaturas, o piedoso padre imaginou uma associação destinada a recolhel-as e a prodigalizar-lhes todos os soccorros. Attrahiu elle á sua causa diversas senhoras distinctas, e, tendo-as reunido, expoz-lhes com tanta energia o motivo e o fim da associação, que as determinou a tomar sob sua protecção immediata todos os engeitados que fossem descobertos. Mas o

numero dos desgraçadinhos foi bem depressa tão consideravel, que os recursos pecuniarios da associação, não obstante a contribuição annual de doze mil libras, devida á caridade da rainha Anna d'Austria, se tornárão insufficientes, e muitas damas caritativas que havião abraçado aquella causa desanimárão e mostrárão-se dispostas a abandona-la. Para evitar tão deploravel dissolução, Vicente convocou segunda reunião mais numerosa do que a primeira, perante a qual advogou os interesses dos miseros engeitados com tão irrestesivel eloquencia (*), que o movimento recebeu novo impulso, e os fundos affluirão, habilitando a associação, algum tempo depois, a converter dous grandes edificios em recolhimentos de expostos.

S. Vicente de Paulo levava constantemente a engenbar meios de melhorar a sorte de seus semelhantes. Entre as numerosas obras de beneficencia devidas aos seus infatigaveis esforços, podemos mencionar o hospital de Jesus, fundado pôr elle em Pariz para asylo de quarenta pobres que, pela sua avançada idade, se achassem impossibilitados de trabalhar, e o hospital de S. Renato, em Autun, destinado aos pobres e aos enfermos que fossem em romaria visitar as reliquias d'aquelle martyr. Na epoca em que os Lorenezes soffrêrão o triplice flagello da guerra, da peste e da fome, Vicente colligiu avultadas sommas de dinheiro em Pariz, e, por este meio, conseguiu salvar um grande numero d'quelles infelizes. Pode-se dizer que toda sua vida foi consagrada a obras de misericordia e de caridade; e quando elle morreu, seus restos forão acompanhados ao cemiterio por uma infinidade de pobres e desditosos que derramárão sobre sua sepultura lagrimas de reconhecimento e de sandade. « Bemaventurados

(*) J. S. Maury, no seu *Ensaio sobre a eloquencia sagrada*, diz que a peroração desse discurso é um dos mais bellos trechos de eloquencia que existem na lingua franceza.

os que usão de misericórdia, porque elles alcançarão misericórdia; bemaventurados os limpos de coração, porque elles verão a Deus. »

XIV.

O abbade de Sain-Pierre foi um philantropo de espirito menos pratico que S. Vicente de Paulo; mas igualou incontestavelmente a este na pureza e no enthusiasmo com que levava de continuo a engenhar meios de fazer bem aos seus semelhantes. O cardeal Dubois, quando se fallava no abbade de Saint-Pierre, costumava dizer que os seus projectos *erão sonhos de um homem de bem*. Todavia, devemos acrescentar que depois se reconheceu a perfeita exequibilidade de alguns d'esses projectos. Saint Pierre, desde os mais tenros annos, já se havia tornado natavel pela lisura de seu coração e pelo seu ardente amor á verdade e á justiça. Os sonhos em que se lhe enlevava o espirito erão sonhos sublimes, sonhos de progresso e de melhoramento geral. Em Pariz, onde elle vivia com o seu amigo Varignon, a quem dava uma pensão annual de trezentas libras, deduzidas de uma renda de 1,300, votou-se ao estudo da condição moral e politica do homem, imaginou numerosos planos de reforma. Entre os seus mais importantes projectos, havia um para se abolir a guerra, estabelecendo no mundo o reinado da paz e da fraternidade. Buscava Saint-Pierre a sociedade dos que se achavão á testa dos negocios, afim de induzil-os a adoptar o seus planos; mas todos elles, de ordinario, mui pouca ou nenhuma importancia davão ás theorias do philosopho, e o consideravão como um visionario, imbuído em illusões e chimeras. E entretanto de que melhor fór-

ma poderia elle mostrar a sua fidelidade ao espirito do Mestre a quem servia e que viera no mundo para nos dar um Evangelho de paz? Tendo acompanhado o abbade de Polignac, quando este foi ao congresso de Utrecht, Saint-Pierre ainda mais convencido ficou de que um dos maiores beneficios que podião ser feitos á humanidade consistia na abolição da guerra, e, dominado por esta idéa, formulou-a na obra que publicou em 1713, com o titulo de *Projecto de paz perpetua*. Propunha elle a instituição de uma Dieta ou Senado europeu, em cuja formação tomarião parte todas as nações da Europa, e á qual deverião os principes submeter as suas queixas e pedir reparação dos seus aggravos.

Saint-Pierre concebeu outro projecto, em que tambem se mostrou de todo ponto superior ao espirito do seu tempo; consistia esse projecto na fundação de escolas industriaes, onde os rapazes pobres podessem aprender algum officio ou profissão util. Não se contentando com ser beneficente em theoria, elle mesmo punha em prática as suas idéias, e mandava ensinar á sua custa a um certo numero de orphãos diversos officios, afim de elles se acharem em estado de ganhar honradamente a vida, quando chegassem á idade viril. O que Saint-Pierre mais temia era que a Inglaterra antecipasse a França na adopção dos seus planos, e roubasse assim á sua patria a gloria de os realizar. Precedendo os modernos fazedores de projectos, promulgou elle um systema phonetico, por meio do qual pretendia introduzir na escripta as mudanças que de tempos em tempos se dão na pronuncia, de maneira que a orthographia ficasse sendo a representação exacta da palavra. Adoptou este systema em suas proprias obras, e tal foi talvez a razão de não terem ellas sido geralmente lidas. Saint-Pierre não se cansava de engenhar projectos, cada qual mais differente um do ou-

tro; em summa, n'este particular, bem se póde dizer que elle foi um homem universal: propoz um methodo para diminuir o numero das demandas; outro para a repartição, mais justa e equitativa, dos impostos; formulou um plano para a extincção da mendicidade, e mostrou como, por tal meio, se conseguiria desenvolver o commercio interior; evidenciou a necessidade de se rever todo o codigo das leis, ideia que foi adoptada posteriormente pelas assembléas oriundas da revolução franceza, e á qual Napoleão quiz ligar o seu nome; esboçou um plano de educação nacional que a França depois adoptou; escreveu contra o luxo, contra o duelo, contra o jogo: cencebera uma infinidade de projectos para a elevação moral e social do povo, e ninguem póde ler os seus livros sem notar com admiração quantos melhoramentos, que não são realizados nos tempos modernos, forão previstos por elle, e quantos outros elle tambem previra, cuja effectuação ainda não pudemos alcançar. Saint-Pierre não era só philanthropo em theoria; era-o tambem na prática: gastava todo o seu dinheiro em obras de caridade, e não só fazia numerosas esmolos, como ensinava os pobres a ajudarem-se a si mesmos. Tinha sempre em vistas tornar permanentes os beneficios que prodigalizava. Mandava ensinar officios aos pobres, obtinha empregos para elles, e os punha em estado de se sustentarem com o producto do seu proprio trabalho. Foi elle o primeiro que tornou popular a palavra *beneficencia*, e lhe deu, pelas applicações que d'ella fez, uma significação prática que aquelle sublime vocabulo nunca tivera até então. Saint-Pierre esperava ardentemente no futuro da humanidade, o qual, tal era a sua intima convicção, estava prenhe das mais magnificas promessas. « Toda sua vida foi glorificada pelo espirito d'este principio, que elle nunca deixou de prégar, isto é

que a essencia de toda religião, a base de toda moralidade, o coroamento de toda virtude, consistem *em dar e em perdoar*. Tal era o principio que elle costumava apresentar sob uma fórma mais prátca, affirmando tanto na conversação como nos seus escriptos, que *o paraizo é só dos caritativos e dos misericordiosos*. (*) »

Sua intelligencia conservou-se lucida e intacta até ao ultimo momento, e os annos derradeiros de sua vida foram singularmente isentos dos achaques da velhice. Um ou dous dias antes de elle fallecer, como lhe pedissem que dirigisse algumas palavras ás pessoas reunidas em redor do seu leito, « Um moribundo, » respondeu Saint-Pierre, » tem pouco quando dizer, que não falla por fraqueza ou por vaidade. »

Voltaire refere que tendo perguntado a Saint-Pierre, no seu leito de morte, o que sentia relativamente ao seu fim proximo, elle respondêra: « O que se sente na vespera de uma viagem ao campo. » Saint-Pierre morreu em Pariz, no anno de 1763, e gravou-se na sua lousa este epitaphio, tão verdadeiro quão eloquente: « *Amou muito.* »

XV.

Dotados de caracter tão elevado como o do varão de que acabamos de fallar, mas com um espirito mais prático e maior habilitação para os negocios, taes foram os chefes do grande movimento inglez para a abolição da escravidão e do trafico dos negros; e é a uma breve noticia dos seus trabalhos que vamos consagrar

(*) Hartwell, no *Gentleman's Magazine*. Dezembro de 1850.

o resto d'este capitulo. O primeiro e o mais eminente, senão o maior quanto á energia, á intrepidez e á perseverança, foi Granville Sharp. Estreou-se Sharp na vida como caixeiro de uma loja de modas, em Tower-Hill, mas deixou o commercio, assim que findou o tempo do seu contrato, para ir empregar-se na reparação da artilharia: e foi no exercicio d'esse modesto cargo que elle se votou, nas horas vagas, á obra da emancipação dos negros. Granville, mesmo quando fôra caixeiro, sempre se mostrara disposto a empregar-se resolutamente todo e qualquer trabalho de cuja utilidade se convencesse. Assim, por exemplo, aconteceu-lhe travar a miudo, com um seu companheiro, que tambem morava na loja de modas e era unitario, renhidas discussões sobre assumptos religiosos. O joven unitario sustentava que a unica razão por que Sharp interpretava trinitariamente a Escriptura provinha de não saber elle o grego; tanto bastou para que Granville tomasse immediatamente a resolução de aprender aquella lingua, na qual dentro em pouco tempo se achou habilitado. Nova controversia do mesmo genero, que se suscitou, acerca das prophcias, entre elle e outro caixeiro pertencente a communhão israelita, determinou-o a empregar-se no estudo do hebraico, cujas difficuldades tambem conseguiu vencer á força de tenaz applicação.

Mas a circumstancia que deu á sua vida e aos seus trabalhos um impulso e direcção definitiva teve origem na generosidade de seu coração. Seu irmão Guilherme, que estava estabelecido como cirurgião em Mincing Lane, em Londres, dava aos pobres consultas gratuitas, e entre os numerosos infelizes que vão de quando em quando implorar os seus soccorros, notava-se um misero Africano, chamado Jonathas Strong. Parece que o infortunado ne-

gro fôra tratado com a maior deshumanidade por seu senhor, legista da Barbada, o qual o trouxera para Londres, onde, em consequencia das repetidas sevicias que soffrêra, viera elle a ficar aleijado de uma perna, quasi cego, e, por fim de contas, incapaz de trabalhar; o senhor, considerando-o então como uma alimaria inutil e sem valor, lançara-o cruelmente fôra de casa. O misero Africano, acervo vivo de males, andou muito tempo a mendigar o pão da caridade publica, até ir bater por acaso á porta de Guilherme Sharp; este lhe deu alguns remedios e o poz no hospital de S. Bartholomeu, onde elle recuperou a saude. Tendo Jonathas sahido do hospital, os dous irmãos cuidarão de arrancar-o á mendicidade; mas nem por sombras suspeitavão então que quem quer que fosse tivesse direitos sobre a pessoa do seu protegido. Conseguirão polo em casa de um boticario, onde elle trabalhou por espaço de dous annos. Um dia, porém, indo o negro na trazeira de um carro de aluguel que conduzia sua ama, o legista da Barbada, seu senhor, o reconheceu, e resolveu reasumir a posse do escravo, que com o restabelecimento da saude recobrára todo o valor. O legista mandou captural-o por dous officiaes do *lord mayor* (*) e o fez encerrar no *Balcão* (**), até poder remettê-lo para as Antilhas. O negro, lembrando-se, na sua prisão, dos beneficios que Granville Sharp tão generosamente lhe fizera na miserima situação em que elle se achára alguns annos antes, escreveu-lhe imporando o seu soccorro. Sharp já se não recordava do nome de Strong; mandou, portanto, uma pessoa de confiança colher informações, e essa pessoa lhe veio dizer que os guardas da cadêa tinham-lhe affirmado não se achar alli preso algum daquelle nome. Esta res-

(*) O chefe da municipalidade de Londres.

(**) Era uma prisão.

posta excitou as suspeitas de Sharp, que foi immediatamente á cadêa e, á força de instancias, conseguiu que o deixassem fallar a Jonathas Strong. Reconheceu elle então o desgraçado que alli estava preso como escravo fugido. Sharp declarou ao carcereiro que se entregasse Strong a quem quer que fosse antes do Africano ter ido á presença do *lord mayor*, incorreria em grave responsabilidade; depois foi fallar ao magistrado, e conseguiu que este mandasse intimar, para virem á sua presença, as pessoas que haviam capturado e encarcerado Strong sem ordem de prisão. As partes comparecerão ante o *lord mayor*; e então se evidenciou que o senhor de Strong já o tinha vendido a um individuo que apresentou o titulo de venda e reclamou o negro como propriedade sua. Não sendo Strong accusado de delicto algum, e reconhecendo-se o *lord mayor* incompetente para julgar a questão legal da condição civil do preso, foi este posto em liberdade e sahio do tribunal em companhia do seu bemfeitor, sem que pessoa alguma se animasse a violental-o. O ex-senhor de Strong mandou logo intimar Sharp para a acção que ia intentar contra elle afim de reassumir o dominio do escravo que, segundo dizia, lhe fôra roubado.

Nessa época (1767) a liberdade individual, posto que cara aos inglezes, em theoria, estava sujeita a graves attentados, e era quasi todos os dias violada. Praticava-se regularmente o recrutamento para o serviço maritimo, e, além da gente encarregada desse recrutamento, havia em Londres e nas principaes cidades do reino bandos de *agrradores*, cujo emprego consistia em ministrar homens para o serviço da Companhia das Indias orientaes; quando a companhia não carecia desses homens, mandavão-os como escravos aos plantadores das colonias americanas. Quanto ás vendas de escravos negros, erão ellas abertamente annunciadas nos jornaes de Londres e de Liverpool, nos

quaes tambem se lião as recompensas promettidas a quem descobrisse e capturasse escravos fugidos, e os entregasse a bordo de certos navios cujo ancoradouro no rio era designado.

Legalmente, a posição do homem reputado escravo em Inglaterra era incerta e duvidosa. As sentenças dos tribunaes divergião e contradizião-se, porquanto não se baseavão em principios geralmente reconhecidos. Bemque a crença popular reputasse livre todo o escravo desembarcado em Inglaterra, não poucos jurisconsultos eminentes erão de opinião absolutamente contraria. Os legislattas que Sharp consultou, tratando da sua defesa na acção que lhe fôra intentada por causa de Jonathas Strong, professavão quasi todos aquella opinião; e, pois, o ex-senhor do Africano andava muito ancho a apregoar que o *lord chief-justice* (*) Mansfield e todos os advogados de nomeada declaravão terminantemente que o escravo desembarcado em Inglaterra não ficava livre, e podia ser legalmente coagido a voltar para as colonias. Estes pareceres houverão desanimado um espirito menos inrepido e resolutto que o de Granville Sharp; mas, justamente por achar-se a sua causa de antemão condemnada, confirmou-se elle ainda mais na determinação de lutar pela liberdade dos negros, ao menos em Inglaterra. « Abandonado, » diz Sharp, « dos meus defensores profissionaes, vi-me obrigado, na falta de auxilio legal regular, a fazer uma tentativa desesperada para me defender a mim mesmo, postoque as leis e a jurisprudencia me fossem completamente estranhas, e eu nunca houvesse aberto livro algum de direito (á excepção da Biblia), até ao momento em que, com bastante repugnancia, tive de procural-os no catalogo de uma livraria que o meu livreiro acabava de comprar. »

(*) Lord primeiro juiz.

Como Sharp trabalhava todo o dia na repartição da artilharia, onde exercia um cargo summamente laborioso, via-se obrigado a applicar-se aos seus novos estudos até alta noite, ou pela manhã muito cedo; de maneira que, — conforme elle proprio reconhecia, — ia por seu turno constituindo-se em uma especie de escravidão. Escrevendo a um ecclesiastico seu amigo, Sharp dizia, para desculpar-se da demora em responder-lhe: « Acho-me de todo impossibilitado de entreter correspondencias litterarias. O pouco tempo que posso ronbar ao somno de noite ou de manhã, tenho forçosamente de empregal-o no exame de diversas questões de direito; porquanto taes exames não admitem delongas e exigem da minha parte as mais escrupulosas e diligentes investigações. » Todos os instantes de vagar de que elle pôde dispôr durante os dous annos que se seguirão, consagrou-os ao estudo attento das leis que regem em Inglaterra a liberdade individual, abrindo, para conseguir o seu fim, penoso caminho através das ondas nauseativas da mais arida e tediosa das litteraturas, e fazendo, á medida que progredia, extractos das resoluções mais importantes do parlamento, das sentenças dos tribunaes e dos pareceres dos mais distinctos advogados. Nesta longa e insipida investigação, Granville vio-se constantemente sem guia, sem auxilio, sem conselhos, e não achou siquer um unico homem cuja opinião fosse favoravel á sua empreza. Todavia, á força de aturdas pesquisas, obteve Sharp um resultado tão satisfactorio para elle mesmo, quão sorprendente para a gente do fôro. « Louvado seja Deos! » pôde elle emfim escrever, » não ha um unico decreto, uma unica lei ingleza, — tal é pelo menos a convicção resultante dos meus estudos, — com os quaes se possa justificar a escravidão. » Sentindo-se desde então com dobrado alento para a luta e tendo por infallivel o triumpho, resumio as suas investigações em uma me-

memoria lucida, succinta e formal, intitulada: « *Da injustiça que ha em tolerar-se a escravidão em Inglaterra*; » e numerosas cópias desta memoria, feitas pelo seu proprio punho, forão por elle offerecidas aos mais abalisados juriconsultos dessa época. O ex-senhor de Strong, vendo com que qualidade de homem se havia mettido, inventou diversos pretextos para adiar a acção que intentára contra Sharp, e, por fim, fez-lhe propostas de composição, que forão rejeitadas. Entretanto, Granville, á força de submeter a sua memoria á attenção dos legistas, determinou-os a abandonar a causa da parte adversa, convencidos emfim do seu nenhum fundamento; e o autor, por ultimo foi condemnado a pagar custas em tresdobro por não ter dado andamento ao processo. Foi então (1769) que Sharp mandou imprimir a sua memoria.

Entrementes tinhão-se dado outros casos de captura de negros nas ruas de Londres e de embarque forçado dos ditos negros para as Antilhas, onde devião ser vendidos. Todas as vezes que algum desses casos chegava ao conhecimento de Sharp, acudia elle logo pelos miseros opprimidos. Assim, tendo sido presa e mandada para a Barbada a mulher de um Africano, chamado Hylas, Sharp, em nome de Hylas, intentou uma acção ao aggressor, obteve contra elle uma sentença que o sujeitava a pagar perdas e damnos, e a mulher de Hylas, que a parte vencida teve de mandar vir para Inglaterra, foi posta em liberdade. Em 1770, tendo sido outro negro capturado á viva força e tratado com summa crueldade, Granville tomou immediatamente a peitos descobrir os aggressores, afim de lhes arrancar a presa. O Africano, chamado Luiz, agarrado, no meio de uma noite tenebrosa, por dous barqueiros assalariados pela pessoa que reclamava o negro como propriedade sua, fôra arrastado até á margem do rio, e alli, depois de lhe haverem posto uma mordança e arrochado

com cordas os pés e as mãos, o tinham lançado dentro de um bote; descendo então o Tamisa, havião-o levado para bordo de um navio que estava a sahir para a Jamaica, onde elle devia ser vendido como escravo, assim que desembarcasse. Todavia, os gritos do misero tinham attrahido a attenção de alguns vizinhos, e um delles foi logo procurar Granville, que já era conhecido como amigo dos negros, para o informar do desacato que acabava de ser commettido. Sharp obteve immediatamente um mandado para Luiz ser conduzido á presença da autoridade, e partio logo para Gravesend; onde passou pelo desgosto de saber que o navio sahira para as Dunas. Granville, porém, requereu e obteve uma ordem de *habeas-corpus*, e mandou-a para Spithead, onde ella foi posta em execução, antes do navio ter podido afastar-se das costas de Inglaterra. Acharão o escravo atado ao mastro grande, banhado em lagrimas e a lançar olhares de desespero para a terra donde ia ser arrancado. Posto immediatamente em liberdade, reconduzirão-o para Londres, e o autor do attentado foi logo intimado a comparecer em juizo. A rapidez de resolução, o esforço e a actividade com que Sharp se houve neste negocio difficilmente serião excedidos; e, não obstante, elle mesmo se accusava de lentidão. A causa devia ser julgada por lord Mansfield, cuja opinião, conforme já dissémos, era decididamente contraria á de Granville Sharp. Mas o juiz, abstando-se de emitir o seu parecer sobre o ponto em litigio, pondo mesmo de parte a questão do direito dos escravos á liberdade individual, mandou simplesmente soltar o negro, fundando-se em não ter o réo apresentado prova alguma de ser Luiz, siquer nominalmente, propriedade sua.

Como se vê, a questão da liberdade individual dos negros ainda não se achava decidida; mas Sharp proseguia assiduamente na sua generosa cruzada, e, graças aos seus

infatigáveis esforços e á extraordinaria actividade que desenvolvia, accrescentava uma multidão de nomes á lista dos infelizes que já havia salvado. Emfim, apresentou-se a causa importante de Jaime Somerset, a qual, segundo se diz, foi escolhida por mutuo consentimento de Granville Sharp e de lord Mansfield para servir de base á decisão legal e definitiva da transcendente questão que se discutia desde tanto tempo. O senhor de Somerset trouxera-o para Inglaterra e o abandonára. Passado algum tempo, quiz mandar captural-o e remettê-lo para a Jamaica, afim de ser alli vendido. Tendo Sharp, segundo o seu costume, acudido pelo negro e escolhido advogados para o defenderem, lord Mansfield declarou considerar a questão de interesse tão geral, que deliberava submettel-a á decisão de todos os juizes reunidos. Sharp comprehendeu então que ia entrar em luta com as forças combinadas de todos os seus adversarios; mas nem por isso se lhe entibiou o ardor. Felizmente para elle, seus esforços naquella difficil empreza já ia produzindo fructos; o publico se interessava cada vez mais pela questão, e não poucos jurisconsultos eminentes haviam finalmente adoptado a opinião do generoso lidador.

A causa da liberdade individual, então em litigio, foi completa e imparcialmente discutida perante Lord Mansfield e mais tres juizes, e decidida conforme o amplo principio do direito á liberdade, direito essencial e constitucional que todo o homem possui em Inglaterra, quando d'elle não é privado por lei. Achamos inutil referir aqui os pormenores desse importante processo, cujos debates se prolongarão desmedidamente, soffrendo a sua decisão successivos adiamentos, até ser emfim pronunziata a sentença por Lord Mansfield, em cujo vigoroso espirito, graças aos argumentos da defesa, tirados principalmente da memoria de Granville Sharp, se ope-

rara pouco a pouco tal mudança, que elle declarou não haver a menor a menor necessidade de submeter a causa aos doze juizes, porquanto a opinião do tribunal a respeito d'ella era tão categorica, quão unanime. Declarou mais que as pretensões dos senhores de escravos não tinham fundamento algum; que o poder por elles reclamado nunca existira em Inglaterra, e nem fôra nunca reconhecido pela lei; e que, por conseguinte, Jaime Somerset devia ser posto em liberdade. Obtendo esta sentença, Granville Sharp aboliu na realidade o trafico de escravos, que até então fôra abertamente praticado nas ruas de Liverpool e de Londres. Mas elle alcançou ao mesmo tempo outra victoria; assentou sobre base inabalavel o axioma de direito segundo o qual todo o escravo, pelo simples facto de pisar o solo da Inglaterra, fica sendo livre; e não ha a menor duvida que esta importantissima decisão de Lord Mansfield foi principalmente devida á firmeza, á resolução e ao esforço com que Sharp, desde o principio até ao fim, se houvera na reivindicação da liberdade dos negros.

E' inutil seguirmos por mais tempo Granville Sharp na sua carreira: diremos apenas que elle continuou a trabalhar com zelo infatigavel em uma infinidade de obras meritorias; que contribuiu para a fundação da colonia de Serra Leôa, e para que esse sitio da costa de Africa servisse de asylo aos negros libertos; que se esforçou por melhorar a condição dos aborigenes nas colonias americanas; que tomou parte no movimento a favor da reforma e da ampliação dos direitos politicos em Inglaterra, e se empenhou por effectuar a abolição da leva maritima. Granville sustentava que os marinheiros inglezes, bemcomo o negro africano, tinham direito á protecção das leis, e que o facto de elles haverem escolhido a vida do mar não annullava os seus direitos

e privilegios de Inglezes, o primeiro dos quaes consistia na liberdade individual. Sharp envidou tambem esforços, que infelizmente forão inuteis, para restaurar a amisade entre a Inglaterra e as suas colonias da America; e quando rebentou a guerra fratricida da revolução americana, mostrou-se possuido de um tão escrupuloso sentimento de justiça, que resolveu abster-se da minima participação n'aquella luta contraria á natureza, e demittiu-se do emprego que tinha na repartição da artilharia. Muitas pessoas considerárão este seu acto como uma fanfarrice, quando, na realidade, nada mais era do que a consequencia forçosa dos seus principios.

O principal objecto da constante preocupação de Sharp, desde o principio até ao fim da sua carreira, resumiu-se na abolição da escravidão. Para se levar ao cabo esta empreza, e organisarem-se os esforços dos partidistas cada vez mais numerosos da abolição, fundou-se a Sociedade abolicionista da escravidão, e novos homens, inspirados pelo generoso exemplo de Sharp, vierão logo auxiliá-lo. Communicou-lhes elle a sua energia; e o zelo desinteressado com que o tinham visto lutar sozinho por tanto tempo calou afinal no animo da propria nação. Seu manto cahiu sobre os hombros de Clarkson, de Wilberforce, de Brougham, de Buxton, os quaes perseverárão na empreza com tal energia e firmeza de proposito, que a escravidão foi por fim abolida em todas as possessões britannicas. Mas, comquanto costumem ligar quasi exclusivamente os nomes que acabamos de citar ao bom exito de tão transcendente causa, o merito principal da victoria cabe sem a menor duvida a Granville Sharp. Quando elle deu principio aos seus trabalhos, nenhum applauso publico o veio acoroçoar; achou-se por muito tempo só, tendo contra si a opinião dos mais habéis jurisconsultos e os inveterados preconceitos d'aquella epo-

ca; e, sozinho, travou e ganhou, por meio de inquebrantáveis esforços e de sacrificios pecuniarios, a batalha mais memoravel d'entre todas que nos tempos modernos hão contribuido para a victoria das liberdades inglezas. O que se seguiu foi sobretudo o fructo de sua infatigavel constancia: elle acendeu a tocha que illuminou outros espiritos e foi passando de mão em mão até achar-se a luz espargida por toda a parte.

XNI

Clarkson, ainda em vida de Granville Sharp, já consagrava particular attenção á causa da liberdade dos negros: até a escolhêra, quando estava no collegio, para assumpto de um escripto em latim, e de tal forma se senhoreara ella do espirito do joven estudante, que este nunca mais pôde subtrahir-se ao seu imperio. Ainda mostram, perto de Wadesmill, no Hertfordshire, o lugar onde Clarkson, apeando-se um dia do seu cavallo, se assentou, afflicto, sobre a relva, á beira da estrada, e, depois de muito reflectir, decidiu dedicar-se inteiramente á reivindicacão da liberdade dos negros. Traduziu elle do latim para o inglez o seu *Ensaio*, accrescentou-lhe novos factos, e publicou-o. Diversos companheiros de trabalho se lhe associarão. A sociedade abolicionista do trafico de escravos, sociedade de cuja existencia elle não tinha noticia, já estava fundada; assim que Clarkson ouviu fallar n'ella, inscreveu-se no numero dos seus membros, e sacrificou todas as ridentes esperanças com que lhe acenava a vida, para se consagrar inteiramente áquella causa. Wilberforce foi escolhido para activar o negocio no parlamento; mas coube particularmente a

Clarkson a tarefa de reunir e coordenar os numerosos testemunhos que devião ser apresentados a favor da abolição. Podemos mencionar um curioso exemplo da especie de perseverança de sabujo por que se distinguia Clarkson. Os fautores da escravidão, defendendo este systema, sustentavão que só erão vendidos como escravos os negros prisioneiros de guerra, e que, quando o vencedor não os vendia, tinham elles, no seu proprio paiz, uma sorte infinitamente mais cruel. Clarkson bem sabia das incursões organisadas e dirigidas pelos negreiros em busca de escravos; mas não podia apresentar testemunha alguma que depuzesse sobre este facto. Onde acharia uma? Pelo mais feliz dos acasos, um individuo, com quem elle se encontrou n'uma de suas viagens, fallou-lhe em certo moço marinheiro, em cuja companhia se achára havia um anno, e que tinha tomado parte n'uma d'essas expedições. O tal individuo ignorava o nome do joven marinheiro, apenas podia descrever mui imperfeitamente as suas feições, e quanto ao lugar onde elle seria encontrado, nada sabia absolutamente; declarou, porém, que esse moço servia a bordo de um navio de guerra costeiro. Clarkson não pôde colher do seu informante indicação alguma acerca do porto onde se achava o tal navio costeiro; mas, a despeito da insufficiencia das informações que acabava de obter, tomou logo a resolução de descobrir o joven marinheiro, afim de apresental-o como testemunha. Visitou em pessoa todos os portos maritimos onde se achavão navios costeiros, foi a bordo de cada um d'elles, e proseguiu n'estas pesquisas, mas sempre debalde, até chegar ao ultimo porto, onde finalmente descobriu o individuo que procurava no ultimo navio que visitou. O testemunho do joven marinheiro foi em extremo precioso e concludente. Durante alguns annos, Clarkson entreteve correspondencia epistolar com

quatrocentas e tan'as pessoas, e percorreu mais de cincoenta e seis mil kilometros em busca de provas e de attestações. Com o andar do tempo, viu-se elle condemnado á inacção em consequencia de uma doença proveniente do excesso de trabalho; mas só deixou o campo de batalha depois de haver o seu zelo despertado de toda a opinião publica e captado em favor dos escravos as sympathias dos homens de bem.

XVII.

Ao cabo do longos annos de luta, o trafico de escravos foi finalmente abolido,

Mas ainda havia outro grande resultado que importava ser obtido,—era a abolição da propria escravidão nas colónias inglezas; e tambem n'esta empreza foi á energia e á resolução que coube a victoria.

Entre os chefes d'este movimento, nenhum foi mais notavel do que Fowell Buxton, que tomou a posição precedentemente occupada por Wilberforce na camara dos cummuns. Buxton, em sua infancia, não se distinguira por nenhuma qualidade excellente. A feição predominante de seu character consistiu em uma vontade tenaz, que se manifestou a principio por uma obstinação violenta, imperiosa e invencivel. Achava-se ainda Buxton em bem tenra idade quando morreu seu pai; mas, felizmente para elle, sua mãe, tão discreta quão extremosa, dirigiu-lhe a vontade com o maior cuidado, e o ensinou a obdecer, fazendo-o ao mesmo tempo contrahir o habito de se determinar e de contar unicamente com seus proprios meios em todos os negocios cuja decisão podia sem perigo ser

deixada ao seu arbitrio. Acreditava ella que uma vontade tenaz, discretamente dirigida e empregada segundo os intuitos de uma nobre ambição, era uma das mais preciosas qualidades humanas; e quando algem, na sua presença, estranhava a obstinação de seu filho: « Não façais caso, » respondia a digna senhora; « elle agora é teimoso, mas vereis que este defeito se lhe ha de ainda um dia mudar em virtude inestimavel. » Fowell muito pouco aprendeu na escola, onde se mostrou nimiamente preguiçoso e estúpido. Incumbia os camaradas de escreverem os seus exercicios, porque todo o seu tempo era pouco para brincadeiras e garotices. Quando voltou para o seio da familia, aos quinze annos de idade, era Buxton um rapazote sem prestimo para cousa alguma, e notavel unicamente pela sua extrema paixão por cavallos, por botes, pela caça e por todos os exercicios violentos. Nenhuma companhia lhe quadrava tanto como a do couteiro, o qual, felizmente para elle, tinha excellentes costumes, e era um intelligente observador da vida e da natureza, comquanto não soubesse ler nem escrever. Fowell possuia, na verdade, as melhores disposições; mas tinha ao mesmo tempo urgente necessidade de cultivo, de educação, de desenvolvimento. N'estas circumstancias, e justamente no momento em que ião formar-se os habitos dos quaes devia depender a felicidade ou a infelicidade de sua vida, teve elle a ventura de se relacionar com a familia Gurney, familia distincta, entre as mais distinctas, por suas excellentes virtudes sociaes, por sua esmerada cultura intellectual e generosa philantropia. As relações de Buxton com os Gurneys tiveram grande influencia em sua vida; e elle mesmo asseverou que quando frequentava as aulas da universidade de Dublin, envidando todos os esforços para se distinguir nos estudos, só tivera em vistas satisfazer a sua paixão dominante, que era então

apresentar aos Gurreys os premios que elles o tinham decidido a obter: ao ardente desejo de ser agradavel aos seus amigos, devera elle os seus triumphos escolasticos. Tendo-se casado com uma das filhas da familia Gurney, Buxton se empregou como caixeiro na casa de seus tios Hanburys, fabricantes de cerveja, em Londres. A vontade tenaz, que, durante a infancia, o fizera passar por incorrigivel e incapaz da menor sujeição, tornou-se a qualidade predominante do seu character e contribuiu para que elle viesse a ser um dos homens mais energicos e infatigaveis que teem existido. Lançou-se Fowel com todo o seu peso na luta da vida, e o grande gigante, o *elephante Buxton*, como o chamavão (a sua corpulencia era de 1 metro e 93 centimetros), tornou-se um dos homens mais activos e entendidos em negocios. «Eu podia,» são suas proprias expressões, «levar uma hora a fazer cerveja, outra hora a estudar mathematicas, e entregar-me ao exercicio da caça na hora seguinte, applicando-me successivamente de todo a cada uma d'estas occupações.» Empregando em tudo quanto fazia uma energia e determinação invenciveis, Buxton, quando passou a socio de seus tios, tornou-se o centro de vida e de actividade da empreza, e sua influencia bem depressa se manifestou nas menores particularidades d'aquellas vastas transacções que, graças á sua administração, chegarão a um gráo de prosperidade sem exemplo. Por outro lado, não se descuidava elle de cultivar o seu espirito; estudava diligentemente, de noite, Blackstone, Montesquieu, e os melhores commentadores que hão escripto a respeito das leis inglezas. As maximas que Fowel seguiu nos seus estudos erão: «nunca começar a leitura de um livro sem conclui-la,—nunca considera-lo lido senão depois de o ter comprehendido bem; e empregar em cada estudo todo o esforço de espirito de que era capaz.»

Buxton tinha apenas trinta e dous annos quando entrou para o parlamento, onde em breve occupou a posição influente a que nunca deixa de chegar todo o homem probo, instruido e resolutu que se estrêa n'aquella assembléa dos primeiros cavalheiros do mundo. A principal questão em que elle se empenhou foi a da emancipação completa dos escravos nas colonias inglezas. O proprio Fowell attribuia o vivo interesse que tomára desde a juventude por aquella questão á influencia de Priscilla Gurney, senhora que a uma bella intelligencia e a um coração terno ajuntava a prática das mais singulares virtudes. Achan-do-se ella doente e já dsenganada dos medicos, mandou mais de uma vez chamar Buxton e lhe supplicou « que fizesse da causa dos escravos o alvo principal da sua vida. » Seu ultimo acto foi um esforço para renovar aquella recommendação solemne, esforço no meio do qual exhalou o espirito. Mas Buxton nunca esqueceu a recommendação que ella lhe fizera: deu o nome da sua finada amiga a uma de suas filhas, e no dia em que esta se casou, 1 de Agosto de 1834, — dia da proclamação da emancipação dos negros, — depois de haver abençoado a sua Priscilla e de tel-a visto, livre de autoridade paterna, transpôr o limiar da casa de braço com o esposo, foi se assentar, tomou a penna e escreveu a um de seus amigos:

« A noiva acaba de partir; tudo se passou admiravelmente; e... *já não ha escravos na colonias inglezas!* »

Buxton não era um genio, nem um chefe distincto pela vastidão da intelligencia, nem um inventor; era simplesmente um homem resolutu, serio e energico. Para darmos cabal idéa do character deste generoso lidador, citaremos o seguinte trecho dos seus proprios escriptos, trecho que todo o mancebo deveria trazer gravado na alma: « Quanto mais vivo, tanto mais adquire a certeza de que a grande differença entre os homens, fracos ou poderosos,

humildes ou de elevada posição, consiste na *energia....* isto é, *em uma resolução bem definida, em uma determinação invencível*, e depois disto.... a morte ou a victoria. Com esta qualidade, não ha quem não realize tudo quanto póde ser realizado neste mundo; mas, sem ella, não ha talentos, nem posição, nem occasiões favoraveis que possam fazer um *homem* da criatura bipede que todos nós somos. »

CAPITULO SETIMO.

HOMENS NOTAVEIS NO MENEIO DOS NEGOCIOS.

Viste algum homem habil no seu trabalho? Elle será chamado para o serviço dos reis.

(PROVERBIOS DE SALOMÃO.)

Pertence verdadeiramente a um mundo inferior aquelle que não foi educado no trato dos homens e no meneio dos negocios.

(OWEN FELTHAM.)

I.

Hazlitt, em um dos seus espirituosos ensaios, descreve o homem que se dedica aos negocios como uma especie de individuo sordido, atado ao carro de um officio ou de uma profissão, para quem, diz elle, todo o trabalho consiste em ir sempre pelo caminho trilhado, deixando as cousas seguirem o seu curso. « A principal condição exigida para o meneio prospero dos negocios ordinarios, « accrescenta elle, » consiste na ausencia de imaginação, ou de qualquer idéa que não seja as do uso e do interesse considerados sob o mais acanhado ponto de vista. » Mas esta definição pecca por injusta, e, se bem considerarmos, reconheceremos que nem sequer se basêa ella na verdade.

Entre os homens que se dedicão aos negocios, ha incontestavelmente alguns de curtos alcances, assim como ha sabios, litteratos e legisladores de curtos alcances; mas, entre os que se dedicão aos negocios, ha tambem muitos que são capazes de conceber e de effectuar os mais importantes projectos. Burke comprehendia perfeitamente isto quando dizia, no seu discurso sobre a lei do governo da India, que conhecia homens do Estado apoucados como tendeiros, e tendeiros que mostravão no meneio dos seus negocios o genio por que deverião distinguir-se os homens de Estado.

Se attendermos ás qualidades que todo o homem deve possuir para ser bem succedido em qualquer empreza importante, — especialidade de aptidão, presteza de acção nos casos imprevistos, talento de organizar os trabalhos de um grande numero de homens, tacto delicadissimo, conhecimento profundo da natureza humana, vigilancia constante sobre si mesmo, experiencia da vida, — tornar-se-ha evidente, julgamos nós, que a escola dos negocios bem longe está de ser tão acanhada como alguns escriptores a descrevem. Helps, de certo, se approximava muito mais da verdade, quando dizia que os homens peritos no meneio dos negocios erão tão raros como os grandes poetas, mais raros talvez que os santos e os martyres. O que é facto é que não ha ramo algum da actividade humana em que se possa dizer com tanto fundamento como neste que « os negocios formão o homem. »

Commette um duplo erro, erro que ha sempre sido caro aos estultos, quem affirma que os homens de genio são improprios para os negocios, e que estes inhabilitão os homens para os trabalhos que exigem sublimidade de engenho. O infeliz adolescente que, ha alguns annos, poz termo aos seus dias amaldiçoando a sorte por *tel-o feito nascer homem, para depois condemnal-o a morrer teudeiro,*

provou, com esse seu acto, que era incapaz de comprehender quanta dignidade se pôde alliar a uma vida laboriosa, até mesmo no commercio de retalho. Não é a profissão que honra ou deshonra o homem; pelo contrario, é o homem que honra ou deshonra a profissão.

Muitos varões illustres não se dedignarão de ganhar a vida por meio de um trabalho honesto e util, sem deixarem por isso de proseguir na realização de mais nobres designios. *Thales*, o primeiro dos sete sabios, *Solon*, o segundo edificador de Athenas, e *Hyperates*, o mathematico, forão negociantes. *Platão*, que, pela sua incomparavel sabedoria, mereceu ser cognominado *o divino*, pagou as despesas da viagem ao Egypto vendendo oleo nos paizes por onde passou. *Spinosi*, comquanto se applicasse com extremo ardor ás suas investigações philosophicas, ganhava a vida polindo espelhos. *Linneu*, o grande botanico, dedicava-se ao estudo das plantas, trabalhando ao mesmo tempo como sapateiro. *Shakespeare* foi um habil administrador de theatro, e talvez se gloriasse mais das suas qualidades de organisador do que do genio que demonstrou na composição dos seus dramas e poemas. Pelo menos Pope era de opinião que Shakespeare, cultivando a litteratura, tivera principalmente em vista constituir-se em modesta independencia. O que é factó é que a reputação litteraria parece ter-lhe sido de todo indifferente: não ha uma unica prova de elle ter em tempo algum dirigido a publicação de qualquer das suas peças, e nem mesmo consta que houvesse autorizado alguém a imprimi-las; a chronologia dos seus escriptos é ainda hoje um mysterio. Tadvavia, é certo que Shakspeare prosperou nos seus negocios e ganhou uma somma sufficiente para ir viver das suas rendas em *Straford-sobre-o-Avon*, sua cidade natal.

Chaucer foi soldado na sua mocidade, depois commis-

sario da alfandega e inspector das terras e florestas da corôa. *Spenser* foi secretario do vice-rei da Irlanda, depois *sheriff* do Cork e dizem que elle era mui habil e diligente nos negocios. *Ben Johnson*, filho de um pedreiro, tambem exerceu esteo [officio *Milton*, tendo começado como mestre de meninos, foi elevado, no tempo da republica, ao cargo de secretario do conselho de estado; e o livro das actas do conselho, que ainda existe, bem como uma infinidade de cartas do grande poeta, que foram conservadas, dão sobejas provas da sua actividade e utilidade n'aquelle emprego. *Isaac Newton* mostrou muita capacidade como director da casa da Moeda; e as novas peças que sahirão d'aquelle estabelecimento em 1694 forão cunhadas sob sua direcção immediata e pessoal. *Cowper* prezava-se de ser pontual nos seus negocios, posto-que confessasse «nunca ter conhecido um unico poeta, á excepção d'elle mesmo, que se mostrasse pontual fosse no que fosse.» Mas podemos oppôr a esta opinião o exemplo de *Soett* e de *Wordsworth* que forão, aquelle, escrivão do tribunal das Sessões, e este, cobrador do imposto do sello, e que não obstante terem sido grandes poetas, se mostrarão sempre tão habéis quão pontuaes nos seus negocios. *David Ricardo*, a despeito da multiplicidade das transacções que effectuava quotidianamente como corretor de fundos na praça de Londres, onde ganhou avultada fortuna, ainda achava tempo para concentrar todas as forças do espirito no seu estudo predilecto, o da economia politica, sobre os principios da qual conseguiu derramar viva luz, porquanto a segacidade do negociante andava n'elle unida á penetração do philosopho. *Baily*, o eminente astronomo, foi tambem corretor de fundos; e *Allen*, o chímico, fabricante de seda. Temos, em nossos dias, abundantes provas de não serem as mais altas capacidades intellectuaes incompatíveis com o perfeito cumprimento dos

deveres de qualquer profissão. *Grote*, o celebre historiador foi banqueiro em Londres; e ainda não ha muito que *Stuart Mill* se retirou do conselho dos auditores da Companhia das Indias orientaes, depois de haver captado a admiração e a estima de seus collegas, não tanto pela elevação das suas vistas philosophicas, como pela perfeita ordem que soubera estabelecer na sua repartição, e pelo zelo inexcedivel que sempre empregava no meneio dos negocios a seu cargo,

II.

O caminho do bom exito é habitualmente o do senso commum. Comquanto se oução muito a miudo queixas contra a cegueira da fortuna, o que é factó é que os proprios homens são ainda mais cegos do que ella. Quem der-se ao trabalho de observar como as cousas se passão realmente n'esta vida reconhecerá que a fortuna ajuda mui frequentemente os industriosos, assim como os ventos e as ondas ajudão de ordinario os navegantes peritos. O bom exito corôa infallivelmente, cedo ou tarde, os esforços bem empregados; e, comquanto costumem muitos homens exagerar-lhe a importancia e cheguem quasi a deificá-lo, nem por isso devemos deixar de lhe reconhecer o merito, sempre que elle fôr a recompensa de uma nobre ambição.

A actividade nos negocios, quando é discreta e energicamente empregada, produz sempre o seu effeito. Ella nos impelle em nossa marcha, patenteia o nosso caracter individual e estimula a actividade dos outros. Nem todos são igualmente bem succedidos; mas cada qual,

feitas as contas, consegue os seus fins, mais ou menos cabalmente, segundo os meios efficazes que soube empregar. « Nem todos, » diz o proverbio toscano, « podem ter casa na praça principal; mas é licito a cada um ir alli aquecer-se ao sol. »

A vida nimiammente facil não é boa para o homem; antes tenha elle mil vezes de trabalhar muito e de viver pobremente, do que veja sempre as suas necessidades de antemão satisfeitas e possua colxões de frouxel para descansar de fadigas que não supportou. Na verdade, estrear na vida com recursos relativamente mediocres parece ser um estimulo tão necessario ao homem, que quasi se poderia considerar esta circumstancia como uma das condições essenciaes do bom exito. Eis a razão por que um juiz eminente, a quem perguntarão quaes erão os meios mais faceis de se chegar a uma elevada posição no fôro, respondeu com muita discrição: « Uns devem os seus augmentos á grande intelligencia de que são dotados, outros á efficacia dos empenhos dos seus amigos, e alguns a verdadeiros milagres; mas a grande maioria é bem succedida porque começa sem dinheiro algum de seu. »

Assim considerada, a necessidade de trabalhar não é um castigo; é uma benção: é a propria raiz e a fonte de tudo quanto chamamos civilisação e progresso. E pois, não hesitamos em crer que não deve haver para o homem mais horrivel infortunio do que poder elle obter sem esforço a satisfação de todos os seus desejos, nada tendo que esperar, que appetecer, que conquistar. A certeza de não ter na vida motivo algum, necessidade alguma de empregar a propria actividade, deve ser a mais cruel, a mais insupportavel de todas as miserias que podem affligir uma criatura racional. Perguntando um dia o Marquez de Spínola a Sir Horacio Vere de que morre-

pa seu irmão, — « De ociosidade, » respondeu elle.—
« Ah! » exclamou Spinola, « essa doença raras vezes deixa de ser mortal! »

III.

Os que naufragão nos seus projectos tomão de boamente o tom da innocencia perseguida, e nem se dão geralmente ao trabalho de proceder á menor averiguação para concluirem que todos, excepção feita d'elles mesmos, são culpados dos seus infortunios; ou senão crêm-se fatalmente desditosos, e pensão que todos os seus semelhantes, sem elles lhes terem nunca irrogado o menor aggravado, se achão conspirados para persegui-los. Um dos mais notaveis exemplos d'esta especie de que temos noticia é o do individuo que chegava a dizer, com toda a seriedade e intima convicção, que se elle fosse chapeleiro, os homens lhe pregarião a peça de nascer sem cabeça.

Por outra parte, a darmos credito a certo proverbio russo, *A casa do infortunio fica contigua á da estupidez*; e observa-se geralmente que as pessoas que levão de continuo a queixar-se da sua sorte nada mais fazem, no maior numero dos casos, do que colher os fructos da sua propria negligencia, do seu desregramento, da sua imprevidencia e falta de applicação. O Dr. Johnson, que chegou a Londres com *um* guineo na algibeira, e deu exacta ideia dos apuros de sua propria situação na assignatura de uma carta que escreveu a um illustre fidalgo, sob o nome de *Impransus*, — *o que não jantou*, exprimiu francamente a sua opinião a este respeito. « Todas

as queixas que se fazem do mundo, » diz elle, « são injustas: nunca vi um unico homem de merito desdenhado; é geralmente de si mesmos que se devem queixar os que não são bem succedidos. »

O autor americano Washington Irving tambem era d'esta opinião. « Quanto ao que se diz, » escreve elle, « a respeito do merito modesto desprezado, entendo que taes queixas, as mais das vezes, não passam de um pretexto de que se servem os indolentes e irresolutos para imputar ao publico o mallogro de suas pretensões. Revela dizer tambem que o merito modesto é de ordinario extremamente propenso á negligencia, á preguiça, e até mesmo baldado de instrucção. Mas o talento amadurecido pelo estudo e bem disciplinado sempre tem certeza de achar um theatro, comtanto, bem entendido, que se dê ao trabalho de procural-o; pois é manifesto que não deve elle deixar-se ficar assentado, muito a seu commodo, junto do fogão, esperando que o venhão buscar. Ha, na realidade, muita hypocrisia na maneira por que a sociedade é de continuo accusada de pôr no esquecimento o merito que se esconde, e de perdoar tudo aos audazes que só cuidão em captar a attenção publica e em ostentar os seus triumphos. O certo é que esses homens audazes são dotados de qualidades preciosissimas, taes como a actividade e a solitudine, sem os quaes o merito nada mais é do que uma terra de pousio. Tudo bem considerado, mais util é o cão que ladra, do que o leão que dorme. »

A attenção, a applicação, a presteza, a pontualidade, o methodo, são as principaes qualidades que contribuem para o bom exito dos negocios de toda a especie. Estas qualidades, á primeira vista, podem parecer bem indifferentes, mas são na realidade de summa importancia para garantir ao homem a consecução dos seus pro-

jectos, o bem estar e a felicidade. São cousas mínimas, se considerarmos cada uma d'ellas de per si; todavia, releva não esquecermos que a propria vida humana tambem é um complexo de cousas comparativamente pequeninas: a constante repetição de uma infinidade de pequeninas acções é que constitue o character individual e determina o dos povos; e sempre que homens ou nações se achão degenerados, é pelo desprezo das cousas pequeninas que se consumma a sua ruina. Todo o ente humano tem deveres a cumprir, e, quer seja educando uma familia, quer exercendo um officio ou uma profissão, quer governando um Estado, é-lhe mister cultivar as facultades que lhe forão dadas para o desempenho de taes encargos.

IV.

Os exemplos que já citámos da efficacia do trabalho nos diversos ramos da industria, da arte e da sciencia, dispensão-nos de insistir de novo na importancia da applicação perseverante em todas as occupações da vida. A experiencia de cada dia nos mostra que a séria attenção prestada aos diversos cuidados exigidos pelos negocios é a condição essencial de todo o progresso humano, e que a vigilancia assegura a boa fortuna. A exacção é tambem de summa importancia: por meio d'ella, demonstramos constantemente a nossa boa educação. Com effeito, importa que haja exacção nas observações, nos discursos, nos negocios. Se não podeis consagrar a uma empreza todo o cuidado que ella exige, é melhor não tental-a; assim tambem, mais vale fazer pouco, mas

com perfeição, do que muito, mas imperfeitamente. E pois mui judiciosamente procedia o homem que costumava dizer ás pessoas com quem tinha negocios: « Demorai-vos um pouco, afim de acabarmos com isto de uma vez »

Em geral, não se aprecia devidamente esta importante qualidade, a exacção. Um homem eminente na applicação das sciencias á industria dizia-nos ha bem pouco tempo: « Nem podeis imaginar quão limitado numero de pessoas tenho visto, no decurso da minha longa experiencia, que fossem capazes de *definir um facto exactamente*. » E não obstante, nos negocios, é a maneira por que os tratamos que determina muitas vezes os homens a serem pró ou contra nós. Por mui apreciaveis que sejam sob outros pontos de vista as virtudes, os talentos e o bom comportamento de uma pessoa, se essa pessoa fôr habitualmente descuidada, ninguem poderá fiar-se n'ella; por seu respeito verão os mais os seus trabalhos de continuo transtornados, e isto causa immenso aborrecimento, afflicção e até mesmo raiva. Nunca se pronunciarão palavras mais judiciosas do que as que o Sr. Dargan, emperezario de estradas de ferro irlandezas, recitou em uma reunião publica em Dublin. « Tenho ouvido, » disse elle, « fallar-se muito na independencia que deviamos obter por meio de taes e taes medidas; mas ha sido sempre minha intima convicção que a nossa independencia industrial só depende de nós mesmos. A Irlanda, para se refazer, carece tão sómente de industria e de rigorosa exacção no trabalho. Démos, é certo, um passo no bom caminho; mas a perseverança é absolutamente necessaria para o pleno conseguimento dos nossos intuitos. »

Carlos James Fox distinguia-se pelo habito de nunca se eximir de trabalho algum, por mais fadigoso que elle

fosse. Resentido, quando foi nomeado secretario de Estado, de uma observação que alguém fez acerca da sua ruim letra, tomou um mestre de escripta e poz-se, qual menino de escola, a copiar traslados, até haver adquirido a desejada perfeição. Comquanto fosse Fox mui corpulento, mostrava extraordinaria agilidade no jôgo da pella, e quando lhe perguntavão em que consistia o segredo daquella agilidade: « Consiste, » respondia elle, « em eu nunca me poupar á fadiga. »

Se Fox mostrava tanta exacção nas cousas de pouca monta, com dobrada razão devia ser caprichoso nos negocios importantes; e pois, como o pintor, deveu elle a celebridade ao habito de *nunca se descuidar de cousa alguma.*

V.

O methodo, eis a qualidade indispensavel, e graças á qual pode-se fazer relativamente muito trabalho em pouco tempo. « O homem methodico, » dizia o Rev. Ricardo Cecil, « é como o bom enfardador: este porá n'uma unica caixa o que o desazado só accomodaria em duas. » A presteza com que Cecil decidia os negocios era extraordinaria, e elle assim procedia observando esta maxima, que « a melhor maneira de o nosso trabalho avultar consiste em fazermos uma unica cousa de cada vez. » E pois, nunca deixava Cecil cousa alguma por acabar, com a intenção de concluil-a quando se achasse menos atarefado. Se tinha negocios urgentes, era-lhe mais facil comer tarde ou deitar-se alta noite, do que deixar em meio qualquer parte doseu trabalho. A maxima de Witt, bem como a de Cecil, era: « Uma unica cousa de cada vez. » —

« Quando tenho de expedir officios, » dizia elle, « não penso em outra cousa enquanto não os vejo promptos; se são negocios domesticos que reclamão a minha attenção, cuido d'elles com toda a solicitude, até pol-os em ordem. » Tendo alguém perguntado uma vez a certo ministro de França que se tornára notavel não só pela presteza com que despachava os negocios, senão tambem pela sua assidua presença nos diversos lugares de divertimento, como era que elle conseguia conciliar os trabalhos do seu cargo com os prazeres?—« De um modo bem simples, » respondeu o ministro; » nunca deixo para o dia seguinte o que póde ser feito immediatamente. » Lord Brougham dizia que certo homem de Estado invertêra esta ordem, adoptando a maxima de nunca fazer immediatamente o que podia deixar para o dia seguinte. Infelizmente, não foi só esse ministro, já quasi esquecido, quem teve tal habito; teem-n'o tambem todos os preguiçosos, todos os homens destituidos de aptidão para os negocios. Uma das fraquezas d'estes ultimos consiste em elles descançarem sobre agentes, que rarrissimas vezes são dignos de confiança. Ora, cada um deve cuidar em pessoa dos seus negocios importantes. « Quem quer, » diz o proverbio, « vai; quem não quer, manda. »

Um fidalgo provinciano possuia uma propriedade rural que lhe rendia uns 12,500 francos. Como era muito indolente, ¶endividou-se e viu-se obrigado a vender metade da sua propriedade e a arrendar a outra metade, por vinte annos, a um lavrador indus-trioso. Terminado o prazo, o lavrador, quando foi pagar o aluguel do ultimo anno, perguntou ao proprietario por quanto venderia a sua herdade. « Que-reis compral-a? » exclamou o fidalgo admirado.

« Compral-a-ei , se o preço me convier. » — « Na verdade , isto é bem singular ! » disse o proprietario , « não me explicareis como é que eu não pude viver em uma terra duas vezes mais extensa e pela qual nada pagava , ao passo que vós não só pudestes pagar-me regularmente 5,000 francos de aluguel , mas até economisastes em alguns annos a somma necessaria para comprar a herdade ? » — « A razão é bem simples, » respondeu o rendeiro : « vós vos poupaveis ao trabalho e deixaveis ir tudo pela agua abaixo; eu lido, e torno a lidar, buscando sempre dar ás cousas a direcção que me parece mais acertada; vós dormeis até alto dia e só pensaveis em gozar de vossa propriedade; eu me levanto ao romper d'alva e cuido em melhorar tudo quanto me pertence. »

VI.

A importancia da diligencia que releva empregarmos em nossos actos só será bem comprehendida por quem souber apreciar o valor do tempo. Certo philosopho italiano costumava chamar o tempo sua propriedade; e elle é com effeito uma propriedade , a qual , é certo , nenhum fructo bom produz sem cultivo , mas nunca deixa de remunerar os esforços do trabalhador solícito que sabe tirar d'ella todo o proveito possivel; ao passo que, ficando inculta , só dá hervas ruins e fructos venenosos. O trabalho regular ajuda aquelle que o exerce a livrar-se do vicio. A cabeça do ocioso é a officina do diabo , e o homem preguiçoso , uma das columnas do inferno. A cabeça do homem laborioso assemelha-se a uma casa occu-

pada pelo proprio dono, e a do vadio, a uma casa vasia; e quando a tentação acha abertas as portas da imaginação, entra, trazendo após si toda a cáfila de máos pensamentos. Tem-se notado, no mar, que os marujos sempre se mostrão tanto mais dispostos á insubordinação, quanto mais ociosos se achão; por isto um velho capitão, quando não havia a bordo trabalho algum de maior monta, mandava a sua gente... *alcatroar a ancora.*

E' moda entre os homens que se dedicão aos negocios dizer-se que *o tempo é dinheiro*; mas, na realidade, tem elle muito maior valor que o dinheiro, porquanto se soubermos aproveitá-lo convenientemente, conseguiremos cultivar e melhorar o nosso proprio individuo e formar o nosso proprio character. Uma hora votada cada dia á indolencia, ou a futilidades peiores do que a indolencia, faria em alguns annos, se cada qual a consagrasse ao aperfeiçoamento de si mesmo, de um ignorante um sabio, e, empregada em boas obras, fecundaria a vida de um homem e faria da sua morte uma colheita de actos meritorios. Os bons pensamentos e as lições da experiencia não occupão lugar, e são companheiros que viaião comnosco sem termos de sustental-os nem de soffrermos da sua parte o menor incommodo. O melhor meio de termos tempo para tudo consiste em empregal-o segundo os principios de uma boa economia: procedendo nós deste modo, os nossos negocios correrão bem; deixando de assim proceder, vel-os-hemos em constante atrazo. Por outra parte, a má distribuição do tempo nos torna precipitados, origina a confusão, suscita-nos perpetuas difficuldades, e faz mudar-se a nossa vida em uma incessante excogitação de expedientes, a qual habitualmente só dá em resultado a ruina. « Se tenho sido feliz nas emprezas que hei tentado, » dizia Nelson, « é porque costume fazer as cousas com um quarto de hora de antecipação. »

Ha pessoas que só aprecião o valor do dinheiro depois de o terem visto escoar-se todo até ao ultimo *penny*, e muitos fazem o mesmo com o tempo. Deixão passarem-se as horas baldiamente, nem siquer lhes occorre dar-lhes o menor emprego util, e quando a sua vida está prestes a findar-se, é que vêm, mas já mui tarde, que devêrão te-las aproveitado. Ora, o habito da incuria e da preguiça já os domina de tal fórma, que nunca mais conseguem elles sacudir o jugo a que se submettêrão; apenas podemos então reconhecer que a riqueza perdida se recupera por meio da industria, o saber perdido por meio do estudo, a saúde perdida por meio da temperança e dos cuidados medicos, mas que o tempo perdido jámais se recupera.

VII.

A justa apreciação do valor do tempo é tambem de muita importancia para nos fazer adquirir o habito da pontualidade. « A pontualidade, » dizia Luiz XIV, « é a urbanidade dos reis. » E' tambem o dever da gente bem educada, e a lei dos homens que se dedicão aos negocios. Todo aquelle que pratica esta virtude grangeia facilmente a confiança das pessoas com quem se relaciona; todo aquelle que não a pratica, só a muito custo achará quem nelle confie. O homem que chega ao lugar aprazado exactamente á hora que vos marcou e nunca vos obriga a esperal-o, mostra que não quer perder o seu tempo, nem fazer-vos perder o vosso. A pontualidade é, pois, uma maneira de manifestarmos o nosso respeito ás pessoas com quem nos achamos em contacto em razão dos negocios da vida. E' tambem, até certo ponto, um acto de consciencia; porquanto, uma entrevista é um con-

trato, expresso ou implicito, e aquelle que deixa de comparecer não só falta á sua palavra, como abusa reprehensivelmente do tempo alheio, e vem por fim a adquirir, tão inevitavel quão justamente, uma pessima reputação. Chegamos, pois, naturalmente a esta conclusão, que todo aquelle que não aprecia o valor do tempo, nunca será capaz de applicar-se aos negocios com a precisa solitudine, e que não se deve commetter a um tal homem o cuidado de interesses importantes. Um secretario de Washington, tendo-se uma vez demorado extraordinariamente, buscou desculpar-se allegando o estado do seu relógio: « Pois então, » respondeu-lhe Washington com o maior desenfado, « tratai de comprar outro relógio, para que eu não me veja obrigado a tomar outro secretario. »

O homem impontual está sempre a transtornar tudo, a perturbar a paz e a serenidade alheias. Aflige e enraivece alternativamente as pessoas com quem tem negocios; systematicamente remisso, só mostra regularidade na sua propria irregularidade; ronceiro por systema, chega ao lugar da entrevista depois da hora marcada, á estação da estrada de ferro depois da partida do trem; ao correio depois de fechada a mala; suscita, com o seu detestavel procedimento, continuas complicações em todos os negocios em que intervém, e estanca a paciencia das pessoas que têm a infelicidade de atura-lo. E, pois, não admira ter-se geralmente observado que os homens remissos em aproveitar o tempo achão sempre invencivel difficuldade em levar ao cabo as suas empresas, e que a sociedade, aborrecida delles, afinal os põe á margem e manda-os fazer côro com os que só têm prestimo para se queixarem da fortuna, para maldizer a sua sorte.

Além das qualidades práticas ordinarias que acabamos de enumerar, todo o homem que se quizer tornar eminente no meneio dos negocios deve tambem dar provas,

e em mui subido gráo, de discrição, de grande perspicacia e de firmeza de execução. Entre as qualidades mais que todas preciosas para o homem que se dedica aos negocios, releva também mencionar o *tacto*, que, comquanto seja um dom da natureza, póde, até certo ponto, ser cultivado por meio da observação e da experiencia. Habeis em descobrir e em adoptar de prestes os melhores expedientes, os homens dotados desta inapreciavel qualidade conseguem geralmente levar ao cabo as mais arduas empresas, graças á actuosidade com que nellas trabalhão. São estes os que dão nova vida á industria, imprimem em tudo quanto fazem o sello do seu character, e figurão em todos os tempos entre os mais conspicuos collaboradores da civilisação.

VIII.

Um dos melhores typos do homem eminente no meueio dos negocios, — porquanto, neste particular, mostrou-se elle quasi um genio, — foi Pedro Paulo Riquet de Bonrepos, a quem a França deve a construcção do grande canal do Languedoc. Riquet tinha um espirito ousado e sagaz, uma intelligencia tão viva quão penetrante; além disto, era admiravel organizador e dotado de maravilhosa actividade.

A idéa de unir o Mediterraneo ao Atlantico, por meio de um canal navegavel, já era de ha muito assumpto de estudos curiosos e interessantes; mas as difficuldades da execução parecião tamanhas, que até Riquet encarregar-se della nunca se fizera a menor tentativa séria para a effeituacão daquelle projecto. Postoque pertencesse a uma nobre familia (os *Arrighetti* ou *Riquetti* de Florença, os

quaes forão o tronco do ramo que deu á França os marquezes de Mirabeau), Pedro Paulo Riquet não passava de um simples cobrador do imposto do sal. Comtudo, possuia elle uma propriedade, situada ao pé da montanha Negra, no Languedoc.

E' alli o ponto em que mais se estreita o territorio francez, e os que estudavão aquelle projecto devião naturalmente pensar na immensa importancia que teria para o bem publico o factó de se unir, por meio de um canal, o Garonna, grande rio navegavel, que desagua no Oceano Atlantico, ao Aude, rio menos caudal, que desemboca no Mediterraneo. Nascião estes dous rios nos Pyrenéos e no seu trajecto se approximavão tanto um do outro, que entre ambos mediava apenas a distancia de quatorze leguas. A idéa de os unir era extremamente simples; toda a difficuldade consistia na execução do plano, e provinha não só da differença de nivel entre os dous mares, senão tambem da estrutura do territorio que o canal teria de atravessar, territorio cheio de rochedos, montanhoso e impraticavel. Os deputados do Languedoc aos estados-geraes de Pariz tinhão mais de uma vez ponderado ao governo a importancia do canal proposto, e alguns engenheiros haviam sido incumbidos de estudar o terreno e de emitir o seu parecer ácerca da possibilidade de se executar aquelle projecto; mas o unico resultado das investigações desses engenheiros fôra a confirmação do juizo que geralmente prevalecia, e segundo o qual a execução de uma tal obra era considerada como absolutamente impossivel.

A situação da propriedade de Riquet, perto da montanha Negra, contribuiu provavelmente para que a sua attenção se applicasse áquelle assumpto, e foi sem duvida o que o decidiu a estudar o curso dos dous rios, e a pesquisar a melhor maneira de os unir por meio de um canal navegavel. Parece que elle estudou muito o assumpto antes

de submitter os seus planos ao publico. Levantou, com o maior esmero, uma infinidade de plantas do districto, e no seu jardim, em Bonrepos, fez, em ponto pequeno, diversos ensaios da sua empresa, taes como *sanjas*, *bacias*, e até *uma montanha perfurada*. Seus instrumentos e as disposições que havia adoptado erão em extremo simples, mas sufficientes para o que elle projectava. O chanceller d'Aguesseau, em uma noticia ácerca de seu illustre pai, que conhecêra pessoalmente Riquet, diz: «Ouvi muitas vezes meu pai assegurar que o unico instrumento de Riquet consistia em um raim compasso de ferro; e foi com a sua limitada instrucção e sem o menor auxilio que elle, guiado sómente pelo instincto natural, não raro mais efficaç do que a sciencia, atreveu-se a conceber o portentoso projecto de unir o Oceano ao Mediterraneo.»

Foi no anno de 1662 que Riquet, pela primeira vez, apresentou o seu plano ao famoso ministro Colbert. No memorial que lhe remetteu da aldêa de Bonrepos, dizia: «De certo vos admirareis de eu me abalançar a fallar em uma cousa que apparentemente me é estranha, e de ver um homem da gabella (*) se entremetter em nivelamentos. Mas este meu arrojo será por vós desculpado quando souberdes que, escrevendo-vos, obedeço á ordem de S. Ex. Rev^{ma} o Sr. arcebispo de Tolosa, que assim m'o determinou.» Riquet proseguia dizendo que, depois de haver estudado com particular attenção aquella empresa, conseguira formar para a construcção do canal proposto planos definitivos, cuja descripção remetia ao ministro, «mas sem aquella boa ordem que fôra para desejar-se; porquanto, não entendendo o grego nem o latim, e sabendo apenas fallar francez, é bem possivel que não me tenha expressado em termos apropriados.» Depois de haver pon-

* Imposto do sal.

derado ao ministro a immensa utilidade do canal proposto, a economia de tempo para a marinha mercante, cujos navios deixariam de passar forçosamente pelo estreito de Gibraltar, e a sahida que o mesmo canal proporcionaria aos productos das ricas provincias do Languedoc e da Guyenna, as quaes logo se mudariam em dous emporios commerciaes, Riquet concluia dizendo que assim que tivesse a satisfacção de saber que o ministro approvava as idéas capitaes do seu projecto, dar-se-hia pressa em lhe remetter planos mais minuciosos da obra, mostrando quantas comportas teriam de ser estabelecidas, o numero exacto de toezas de canal que deveriam ser construidas, a extensão, a largura e a profundidade que conviria dar-lhe, etc., etc.

Colbert era então superintendente geral das finanças, e buscava meios de proporcionar á França novas fontes de riqueza. O plano de Riquet captivou immediatamente a sua attenção e o encheu de enthusiasmo. Interessando-se vivamente por aquella empreza, deu-se elle pressa em submittê-la á consideração de Luiz XIV, em cujo espirito nunca deixava de exercer influencia tudo quanto tinha o character da grandeza. O rei logo reconheceu que, se o projecto de Riquet fosse coroado de bom exito, ainda mais glorioso se tornaria o seu reinado; e, pois, resolveu auxiliá-lo por todos os meios de que pudesse dispôr. Ordenou elle a nomeação de uma commissão para examinar o projecto e ir estudar no proprio sitio a direcção do canal proposto; essa commissão, concluidos esses trabalhos, teria de emitir o seu parecer em um relatório minucioso.

Entremettes, Riquet, pela sua parte, não descansava. Percorria a miudo em toda a extensão a linha do canal projectado, corrigindo, emendando e aperfeiçoando o seu plano, com o mais minucioso cuidado. « Tenho percorrido toda a linha, » escrevia elle ao arcebispo de Tolosa, « me-

dindo e nivelando o terreno; de maneira que sei perfeitamente qual é a melhor direcção, o numero das toezas e das comportas, a natureza do sólo, se é de rocha ou aravel, as elevações e o numero de moinhos que se achão ao longo das estradas. Em summa, Exm. e Rev. Senhor, não ignoro a mais insignificante cousa relativa a esta empreza, e o plano que devo apresentar será exacto, porque o delineei no proprio terreno e com o mais escrupuloso cuidado. » Concluidos os seus estudos, Riquet partiu para Pariz, afim de se entender com Colbert, a quem foi apresentado pelo arcebispo de Tolosa; e, depois de numerosas conferencias, voltou para o Languedoc, onde preparou diligentemente tudo para os trabalhos da commissão. Durarão elles dous mezes, começando em Tolosa e terminando em Béziers. O parecer da commissão foi favoravel ao plano de Riquet, que ella declarou exequivel, mediante certas modificações relativas particularmente ás prezas e á direcção das aguas destinadas a alimentar o canal. A commissão recommendou tambem uma ampliação no plano, a qual consistia em levar-se o canal até um porto maritimo que se deveria construir em Cette.

Depois da apresentação deste relatorio, Riquet e Colbert entretiverão uma longa correspondencia acerca de diversos assumptos relativos á empreza. Riquet viu-se obrigado a refutar o que a commissão dizia a respeito da difficuldade de construir-se a grande sanja que elle pretendia fazer, perto de Pedra de Maurouse, para abastecer de agua o canal; e, no intuito de mostrar quanto confiava nos seus proprios planos, declarou que estava prompto a pagar todas as despezas que se fizessem com aquella obra: « Assim procedendo, » disse elle, « arrisco honra e fazenda; porquanto se fôr mal succedido, passarei por visionario, e perderei ao mesmo tempo todos os meus bens. » Todavia, não havendo possibilidade de

Riquet chegar a um accordo com os peritos, porque ao passo que estes asseveravão serem incompletos os planos apresentados, aquelle sustentava a opinião diametralmente opposta, Colbert lhes declarou que o rei só mandaria dar principio ás obras do canal proposto depois que aquella questão se achasse decidida.

Comtudo, afim de habilitar Riquet a provar a sua asserção, e talvez tambem no intuito de lhe proporcionar o meio de mostrar que tinha sobeja capacidade para executar aquelles immensos trabalhos de excavação e construcção, concedeu-se-lhe carta regia conferindo-lhe o direito « de construir as sanjas necessarias para a experiencia do declive e da direcção das aguas. » Riquet, com a sua costumada actividade, deu logo principio aos trabalhos. A diligencia que elle desenvolveu foi por todos admirada; e a sanja achou-se em breve prompta, com completa approvação dos inspectores nomeadas pelo governo. Riquet foi entusiasticamente elogiado em razão dessa obra, e os vizinhos proclamárão-o — *O Moysés do Languedoc*. — Tendo elle, com grande satisfação de Colbert, dado uma tal prova da sua habilidade e mostrado a possibilidade de se conduzir á parte mais elevada do canal a agua precisa para o seu leito se prestar constantemente á navegação, o rei resolveu emfim autorisar Riquet a começar as obras do canal propriamente dito.

Restava decidir-se como serião pagas as despezas que se não fazer com aquella construcção. A provincia do Languedoc era, na realidade, a que mais lucrava com a abertura do canal; e pois, consultada pelo governo, a assembléa dos Estados, em 1665, decidiu que parte das despezas fossem pagas por aquella provincia, e o resto pelo thesouro real. Mas os Estados do Languedoc apertárão os cordões da bolsa; e até chegarão a declarar, a 26 de Fevereiro de 1666, que nunca contribuirião para

as despesas da construcção do canal projectado. Por outra parte, diversas guerras dispendiosas haviam exaurido o regio erario, que se achava assim quasi sem recursos para auxiliar qualquer nova empreza. Tudo parecia pois conspirar-se contra a effeituacção do plano, que Riquet concebera, de unir o Oceano ao Mediterraneo. Mas elle não era homem que recuasse depois de se achar tão adiantado. Pertencendo-lhe já o arrojado plano da obra, coube-lhe tambem a gloria de engenhar os meios de executal-o; e, instando de novo com o governo para que o autorizasse a dar principio aos trabalhos, suggeriu um expediente, graças ao qual, affirmava elle, seria facil obterem-se as sommas necessarias, sem o menor encargo para os cofres do Estado. Propoz incumbir-se, mediante a somma de 3,630,000 libras, da construcção da primeira secção do canal, comprehendida entre Tolosa e Trèbes, perto do Aude. Obrigava-se elle a concluir em oito annos aquella parte das obras, e para o pagamento da somma acima mencionada, propunha ao rei « lhe concedesse a exclusiva cobrança do imposto do sal no Languedoc, no Roussillon, em Conflans e em Cerdagne por espaço de seis annos, e pelo mesmo preço por que esse imposto se achava então contratado; pedia outrosim lhe fossem consignados os direitos sobre as salinas do Peccais e parte da renda do imposto de cabeção e dos estanques de sal. » O conselho de Estado approvou a proposta de Riquet. Tendo obtido todos os poderes legaes de que carecia, deu elle immediatamente principio ás obras.

Riquet pôde então ostentar o seu genio sob um novo aspecto. Até alli distinguira-se elle mais particularmente como inventor: engenhará planos, dera-lhes publicidade, explicára-os, e para ve-los adoptados, representara o papel de diplomata. Mas, postoque na construcção da sanja estabelecida perto de Pedra de Maurouse houvesse

elle dado sobejas provas de habilidade como engenheiro, o trabalho que ia d'esta vez emprehender era realmente formidavel, e exigia o exercicio de mil diversas qualidades de ordem muito mais elevada. Devia Riquet dirigir os trabalhos de um grande numero de homens, escolher as pessoas aptas para presidirem á execução de certas obras complicadas, e estar sempre alerta para impedir que deixassem de seguir exactamente os seus planos, os quaes, como acontece as mais das vezes em todas as grandes emprezas, devião ser de quando em quando modificados, conforme o exigissem as circumstancias occurrentes no decurso dos trabalhos.

« No intuito de desenvolver a maior actividade nas suas obras, » diz o historiador do canal, « dividiu-as em diversas secções; cada secção tinha um chefe á testa de cinco ajudantes, e cada um d'estes dirigia uma turma de cinquenta trabalhadores. As secções forão subdividas, e em cada uma das subdivisões havia um inspector geral que tinha sob as suas ordens diversos inspectores ambulantes, encarregados de receber dos chefes e dos ajudantes das secções as contas dos operarios, cujo numero subia as vezes a onze e a doze mil homens. »

O unico obstaculo serio que se oppunha ao avanço das obras era a falta de dinheiro. O producto das gabellas e dos outros impostos cedidos a Riquet não era sufficiente para habilital-o a empregar nos trabalhos toda a diligencia que desejava; e pois, não querendo elle de forma alguma interrompel-os, contrahi avultadas dividas e vendeu ou hypothecou, para obter as sommas necessarias, todas as propriedades de que podia dispôr. A despeito da decisão que os Estados do Languedoc havião tomado, logo de principio, de não contribuirem para as despezas da construcção do canal, Riquet a elles se dirigiu amiudadas vezes, repetindo os seus pedidos de dinheiro; mas

durante algum tempo todas as suas instancias forão baldadas. O regio erario valera-o em não poucos casos de apuros, e as sommas que elle assim obtivera o havião ajudado a dar andamento ás obras; mas, tendo-se Luiz XIV empenhado de novo em guerras ruinosas, achou-se bem depressa na impossibilidade de auxiliá-lo; e Riquet, vendo exhaustos os seus proprios recursos, chegou a receiar seriamente que se tivesse de interromper de força a construcção do canal. « Na verdade, a sua penuria de dinheiro era inconcebivel. »

Colbert continuou a portar-se para com elle como amigo e protector dedicado, mostrando ao mesmo tempo o mais vivo interesse pelo bom exito da sua empreza. O nome d'aquelle ministro era um talisman, e a sua influencia igualava a um capital consideravel. De resto, Riquet se utilisou com summa habilidade d'essa influencia para induzir afinal os Estados do Languedoc a auxiliarem a sua empreza. Convindo-lhe que elles o suppuzessem intima e confidencialmente relacionado com o grande ministro, obteve, dizem, permissão de Colbert para pôr em prática um ardil que havia engenhado, e que consistia em elle entrar livremente no gabinete particular do ministro no momento em que este e os arrendadores dos tributos da provincia estivessem tratando da renovação dos respectivos contratos. Com effeito, achando-se um dia os taes arrendadores reunidos no gabinete de Colbert, « Riquet abriu a porta, entrou e se assentou em um canto, sem fallar a pessoa alguma e sem que pessoa alguma lhe fallasse. » Os contratadores olhárão para Riquet, depois para o ministro, que parecia não dar attenção ao que se passava, e por fim encarárão-se, muito admirados. Na verdade, bem grande devia ser a confiança depositada pelo ministro em Riquet, para este entrar assim tão sem cerimonia no seu gabinete particular !

Em outra reunião dos contratadores que houve em casa de Colbert, Riquet, como da vez passada, entrou no gabinete sem se fazer anunciar. Os homens, antes de se retirarem, travarão conversa com elle, pedirão-lhe informações a respeito do seu canal, reconhecerão que a obra começada seria *provavelmente* de utilidade para a provincia, e até chegarão a offerecer-lhe 200,000 libras. Riquet agradeceu friamente aquelle offercimento, mas não o quiz aceitar : a somma era muito inferior ás suas necessidades. Na terceira reunião, os contratadores mostrarão-se mais condescendentes, e lhe offerecêrão 500,000 libras. Riquet respondeu que nada podia fazer sem approvação do ministro; e, entrando de novo no gabinete particular, referiu a Colbert o que se tinha passado. O ministro achou immensa graça no ardil de Riquet, e approvou immediatamente o emprestimo proposto.

Aquellas 500,000 libras forão o primeiro emprestimo feito a Riquet pelos Estados do Languedoc; os que se seguirão importarão em sommas mui consideraveis. Bem que os estados se houvessem obstinado em não reconhecer a exequibilidade da empreza, comtudo, assim que virão concluida e entregue á navegação a primeira secção do canal, comprehendida entre Tolosa e Trêbes, derão-se pressa em proclamar a immensa utilidade d'aquella obra portentosa, e envidarão todos os esforços no intuito de obter o dinheiro de que Riquet carecia para leval-a ao cabo.

Todavia, no decurso dos seus trabalhos, Riquet teve de superar outras difficuldades, quasi tão desanimadoras como as provenientes da falta de dinheiro. A continuação delles condemnava-o a uma incessante anxiedade, obrigava-o a um labor indefesso, e impunha-lhe além d'isso a ardua tarefa de conciliar os proprietarios dos terrenos por onde devia passar o canal, proprietarios que pela maior

parte, erão hostis ao projecto, e receiavão que d'elle resultasse irreparavel prejuizo para os seus predios. « Se consultardes a maioria dos habitantes da provincia, » dizia o Sr. de Froidour, « apenas um ou outro deixará de sustentar-vos que esta empreza nunca será levada ao cabo. Porquanto, além dos preconceitos da ignorancia, muitos a abocanhão, pelo simples factio de se lhes ter tomado, para as obras do canal, alguma nesga de terra, pela qual não recebêrão indemnisação em dobro ou em tresdobro, conforme pretendião. Outros, espiritos tacanhos, vos dirão a mesma cousa, porquanto estão avezados a desapprovar e a diffamar qualquer empreza extraordinaria que se tente. Ha tambem outros, ainda mais mesquinhos, que condemnão esta portentosa obra, porque se comem de inveja e enraivecem-se considerando no merito e na gloria do Sr. Riquet. »

Mas a despeito das sinistras prophcias dos seus adversarios, a despeito do encarniçamento com que uns allegavão a inutilidade do canal, outros a imperfeição das obras, e outros finalmente asseveravão que, ainda quando se realizasse um impossivel concluindo-se o canal, nunca o seu rendimento chegaria a compensar o custo da construcção, Riquet não se deixou desanimar pelas difficuldades, nem pelos contratempos, nem mesmo pelos soffrimentos physicos: conservou até ao fim a esperanza e a energia. « Cada vez me convenço mais da exactidão dos meus planos, » escrevia elle a Calbert, em Abril de 1667; « e posso affirmar-vos com toda a verdade e certeza que esta obra será mais util e magnifica do que se póde imaginar. A minha empreza, » acrescentava Riquet, « é o mais querido de meus filhos; d'ella resultará gloria para mim, satisfação para vós, mas quanto a luero, não espero colher nenhum. Todavia, como o que mais ambicionado é legar a meus filhos um nome honrado,

não se me dá de morrer sem lhes deixar avultados cabaes. »

Em principios de 1670, ao cabo de quasi tres annos de trabalho, uma secção do canal (a que fica entre Tolosa e Dupérier,) foi franqueada á navegação e logo começaram a ser por alli transportados os materiaes. A construcção d'aquella parte da obra fôra relativamente facil; mas Riquet dera-se pressa em mostrar a utilidade prática do canal, nãe só para aquietar a opposição popular, senão tambem para determinar o rei, Colbert e os Estados geraes, a lhe ministrarem as sommas necessarias para terminar a secção do canal que se tinha de construir entre Trêbes e Cette. Ao cabo de dous annos, outra secção foi concluida e franqueada ao publico: o arcebispo de Tolosa pôde embarcar-se em Naurouse e descer por aquella nova via até a sua metropole; quatro batelões subirão do Garonna até Naurouse, e voltárão carregados de viveres e mercadorias; em summa, os negociantes de Gaillac puderão desde então mandar seus vinhos para Bordeos, e puzerão no canal um paquete que, tres vezes por semana, fazia regularmente o trajecto entre Naurouse e Tolosa.

Entretanto, trabalhava-se diligentemente na construcção do resto do canal. Até Castelnaudary, as bacias, as levadas e as comportas já estavam bastante adiantadas; e Riquet, sempre tenaz no seu projecto, ia vencendo umas após outras as enormes difficuldades que offerecia a construcção da obra entre aquella cidade e o Mediterraneo. Entre os seus maiores dissabores, devemos mencionar os que provinhão das contestações suscitadas de continuo entre os dous fiscaes, nomeados, um pelo rei, outro pelos Estados da Languedoc, para vigiarem a execução do plano da obra. Cada um d'elles representava interesses locais particulares, e ao passo que este queria que o canal passasse ao norte do Aude, aquelle pretendia encaminhal-o

para o sul, fazendo-o passar por Narbonna. No meio d'estes debates, Riquet via-se em serios embaraços para fazer prevalecer a sua opinião. Assim, por exemplo, quando chegarão a Malpas, onde o canal devia passar por um *tunnel* construido por baixo da montanha d'Enserune, os dous fiscaes declararão impossivel uma tal obra, « porque a montanha, » dizião elles, « parecia formada de um tufo arenoso, permeavel á agua, e sujeito a desmoro-nar-se. » Cada um, pela sua parte, propoz com instancia a direcção que bem lhe pareceu: este queria que o canal passasse por Maureillan, ao norte; aquelle achava preferivel que elle passasse por Nissau e Vendres, ao sul. O unico ponto em que ambos se achavão de accordo era o que dizia respeito á supposta impraticabilidade dos planos de Riquet, á impossibilidade absoluta da sua execução. Escreverão neste sentido a Colbert, e lhe disserão « quê a segunda empreza de Riquet se mallograra, porque as obras devião começar em uma montanha de arêa, tendo aos lados duas lagôas que ficavão vinte cinco ou trinta pés abaixo do nivel determinado. » Os fiscaes offi-ciárão ao mesmo tempo a Riquet ordenando-lhe que suspendesse os trabalhos n'aquelle ponto da linha.

Riquet não deu a menor importancia áquella ordem, e resolveu executar, a todo custo, os seus proprios planos. Afim de baldar a vigilancia dos fiscaes, fingiu abandonar a excavação começada em direcção á montanha, e os operarios forão trabalhar em outra secção do canal, entre Bé-ziers e Agde. Entrementes, um certo numero de obreiros, guardando o maior segredo, perfuravão a montanha, perto de Malpas, e ao cabo de seis dias vencia Riquet o *impos-sivel*, abrindo por baixo do monte uma passagem para o canal. Mandou elle então rogar ao cardeal de Bonzy e aos dous fiscaes que viessem examinar a sua tentativa; e tendo aquelles tres personagens accedido ao convite, Ri-

quet, com grande pasmo d'elles, os fez percorrer o *tunnel* á luz de archotes: o triumpho foi completo.

Riquet, infelizmente, não era tão bem succedido na luta com as difficuldades que de continuo lhe suscitava a falta de dinheiro. Os milhares de obreiros e obreiras que elle empregava (as mulheres erão umas seiscentas, pouco mais ou menos) não podião na realidade trabalhar por amor da gloria, e a necessidade de pagar regularmente as suas ferias punha-o muitas vezes nos maiores apuros. E' assim que o vemos, em 1675, rogar, supplicar a Colbert que obtenha do rei novos subsidios, « pois do contrario, » dizia elle, « ser-me-ha impossivel proseguir na empreza, sem me condemnar a uma ruina total. Alguns dirão, » accrescentava o infatigavel empresario, « que fiz um canal para nelle me afogar com toda minha familia. » Todavia, Riquet não perdia a esperanza. O canal era a sua paixão; affligia-o, porém, a ideia de vir a morrer sem o haver concluido. « Por quanto, » taes são as suas proprias expressões, « o tempo passa rapido, e depois de o termos perdido, é-nos impossivel recuperal-o. »

Os seus receios não erão infundados. Durante os quinze annos decorridos desde que dera principio ás obras, vivera elle constantemente em tal estado de excitação physica e intellectual, que já por fim se sentia exausto, e muitas vezes, na época de que fallamos, esteve gravemente doente. Mas os trabalhos continuárão com inalteravel actividade. A ordem estabelecida pelo previdente empresario era tão perfeita, que uma ausencia de alguns dias e até de algumas semanas da sua parte nenhum transtorno occasionava; além disso, seu filho mais velho achava-se havia muito habilitado para substituil-o na direcção das obras.

Trabalhava-se pois com infatigavel ardor na execução

da terceira parte do projecto, a qual comprehendia o porto e a embocadura do canal em Cette; e o proprio canal, quasi prompto, já ia ser em breve franqueado em toda a sua extensão (mais de quarenta leguas), quando Riquet, succumbindo ás fadigas e á doença, exhalou a alma, sem ter a satisfação de ver o esplendido bom exito da sua gloriosa empreza. O canal, concluido em breve sob a direcção de Riquet filho, foi franqueado ao publico seis mezes apenas depois da morte do desditoso emprezario. A sua construcção importára pouco mais ou menos em dezeseite milhões de libras. Riquet alli consumira toda a sua fortuna; e, quando elle morreu, reconheceu-se que as suas dividas subião a mais de dous milhões de libras. Os procuradores de Riquet, para poderem pagal-as, virão-se obrigados a vender a maior parte dos direitos que lhe tinham sido garantidos pelo contracto da construcção do canal; e só em 1724, isto é quarenta annos depois da conclusão dos trabalhos, foi que a portentosa obra começou a dar algum rendimento aos herdeiros do emprezario.

Tal foi a carreira,—que apenas esboçamos rapidamente,— de um dos mais distinctos engenheiros que tem tido a França, homem de um genio verdadeiramente singular, de uma força de character pouco commum, e de uma aptidão para os negocios realmente maravilhosa.

IX.

Estas mesmas qualidades, mais ou menos desenvolvidas, são os distinctivos de todo aquelle que tem de reger, ou de dirigir a actividade de um grande numero de seus semelhantes. O general illustre, por exemplo, não é o

que se limita a ser um illustre guerreiro, serão o que é ao mesmo tempo consummado administrador; importa-lhe possuir uma sagacidade quasi infinita, o conhecimento das aptidões, dos temperamentos, dos caracteres diversos daquelles que tem de dirigir, e o talento não só de reger os movimentos de um grande numero de homens que operão em uma grande extensão de terreno, senão tambem de alimentar-os, de vestir-os, e de lhes ministrar absslutamente tudo quanto lhes é necessario para se conservarem em campo e acharem-se em estado de ganhar batalhas.

A todos estes respeitos, era Napoleão um admiravel administrador. Posto que elle gostasse muito de esmiuçar tudo, podia tambem, graças á sua ardente imaginação, abranger de uma só vista de olhos as longas linhas do campo aberto á sua actividade, e notar se cada cousa, por mais insignificante que fosse, se achava effectivamente no lugar que lhe convinha; ao passo que assim procedia, uma discreta rapidez se revelava em todas as suas acções, em todos os seus pensamentos. Napoleão possuia tambem profundo conhecimento dos homens, e tal era a razão por que descobria quasi constantemente os mais habilitados para lhes commetter a execução dos seus projectos; mas nos negocios de summa importancia, naquelles de que esperava grandes resultados, abstinha-se o mais possivel de descansar em quem quer que fosse. Eis o que se acha demonstrado de um modo mui notavel na sua *Correspondencia* (*), e particularmente no tomo decimo-quinto, que contém cartas, ordens e officios por elle escriptos em Finkenstein, castellino situado na fronteira da Polonia, no anno de 1807.

(*) *Correspondencia de Napoleão I*, publicada por ordem de Napoleão III. Pariz, 1864.

Era pouco depois da batalha d'Eylau; o exercito francez achava-se acampado ao longo do Passarge, tendo na frente os Russos, no flanco direito os Austriacos, e na retaguarda a Prussia conquistada; além disto, importava manter-se com a França uma longa linha de communicações, a qual tinha forçosamente de passar através de um paiz inimigo. Ora, Napoleão dispuzera tudo com tanto cuidado e providencia, que nenhum dos seus correios, segundo se diz, jamais deixou de chegar ao seu destino. Mil assumptos diversos occupavão-lhe incessantemente a attenção. Movimentos dos exercitos, reforços que devião vir dos pontos mais remotos da Allemanha, França, Italia e Hespanho, abertura de canaes, nivelamento de estradas: taes erão alguns dos negocios em que elle se occupava, regrando-lhes as mais miudas particularidades. Vemol-o indicar onde se poderá achar cavallos, e tomar medidas para que o fornecimento de sellins iguale ás necessidades da cavallaria. Faz tambem encommendas de sapatos para o exercito, e especifica o numero de rações de pão, de bolacha e de aguardente que deverá haver no acampamento ou nos depositos para uso das tropas. Ao mesmo tempo, escreve para Pariz, dá instrucções para a reorganisação do Collegio de França, prescreve o plano de um systema de educação publica, dicta boletins e artigos para o *Monitor*, examina minuciosamente os orçamentos, dá instrucções aos architectos acerca dos concertos que devem ser feitos no palacio das Tulherias e na igreja da Magdalena, lança de passagem alguns sarcasmos contra a Sra. de Staël e os jornaes de Pariz, intervém em uma discordia de bastidores que se suscitára no theatro da Opera, e dirige a correspondencia do governo francez com o sultão da Turquia e o *schah* da Persia; de maneira que só o seu corpo parece estar em Finkenstein, ao passo que o espirito lida a um tempo em cem lugares differentes. Escreve

elle a Ney para perguntar a este general se já recebeu as espingardas que lhe devêrão ter sido remetidas; dá instrucções ao principe Jeronymo a respeito dos capotes, camisas, fardas, sapatos, barretinas e armas que devem ser fornecidos aos regimentos wurtemberguezes; e insta com Cambacerès para que mande um duplo fornecimento de trigo. « Os *mas* e os *se*, » diz elle, são inadmissiveis neste caso; o que importa mais que tudo é fazerem-se as cousas^s de modo que o bom exito seja infallivel. » Escreve ao Sr. Daru ponderando-lhe que « o exercito se achará em breve sem camisas, e que ellas ainda não chegarão. » Escrevendo a Massena, diz-lhe: « Importa-me muito saber se os vossos fornecimentos de pão e de biscoutos já emfim começárão a ser feitos regularmente. » Dá instrucções ao grão-duque de Berg acerca do armamento dos couraceiros. « Queixão-se da falta de espadas para esses homens: mandai um official a Posen, com ordem de traze-las d'alli. Queixão-se de não terem elles capacetes: mandai fazel-os em Elbing... Não é dormindo que se consegue ter a tempo as cousas promptas e em ordem. » O que é factó é que elle attendia a tudo, até mesmo aos objectos menos importantes, e tinha um talento extraordinario para estimular a actividade dos seus subordinados. Posto que a maior parte das suas manhãs fosse consagrada á inspecção das tropas (inspecção que ás vezes o obrigava a percorrer a cavallo trinta e quarenta leguas por dia), a revistas, a recepções e a negocios de Estado, e quasi não lhe sobrasse tempo para os negocios administrativos, nem por isso se descuidava de cousa alguma, e, quando era preciso, levava até alta noute a examinar orçamentos, a dictar despachos e a estudar minuciosamente todos os assumptos da administração imperial, cujo machinismo se achava em grande parte concentrado na sua propria cabeça.

E' inutil insistirmos em um exemplo tão notavel, quão conhecido: tratemos agora de um homem que se distinguio pela sua grande habilidade no meneio de negocios de outra especie, de um homem notavel como negociante e manufactureiro; tratemos de Francisco Ricardo.

X.

Francisco Ricardo, cuja gloria consiste em ter elle sido o introductor do fabrico dos tecidos de algodão em França, era um destes homens que nobilitão a classe a que pertencem, por muito humilde que seja a sua posição na hierarchia social. Seu nascimento fôra muito obscuro; porquanto, seus pais não passavão de uns simples camponezes, rendeiros de uma herdadezinha, situada em Trélat, no actual departamento de Calvados. Deu elle demonstrações mui precoces da sua inclinação para o commercio; pois que, sendo ainda bem criança, lembrou-se de criar pombos para vender. Mas achando o senhor do lugar que era grande ousadia da parte de Ricardo o facto deste ter um pombal, o componezinho vio-se obrigado a desfazer-se dos seus pombos, em cuja venda apurou uns quarenta e dous francos. Empregou parte desta somma na compra de um par de sapatos grossos, grande luxo para um rapazinho que até então só andára de tamancos! e com o resto pôz-se a criar cães para vendê-los, assim como já havia vendido pombos. Tendo ganhado desta maneira algum dinheiro, comprou roupa, e desde então pôde passar por um dos rapazes mais bem alinhados que frequentavão a escola da aldêa. Como elle era estudante assiduo e applicado, bem depressa aprendeu a ler e a es-

crever, e foi escolhido para escripturar o registro da venda do gado na feira de Villers-le-Bocage. Voltando um dia dessa feira com seu pai que se tinha embriagado, Ricardo salvou-lhe a vida, tirando-o de dentro de um regato mui fundo, onde elle cahira. « Aquelle exemplo, » dizia posteriormente Ricardo, « preservou-me para sempre da embriaguez. »

Tendo completado dezoito annos, rogou elle a seus pais que o deixassem ir buscar fortuna. Ricardo economisára sessenta francos, cujo deposito confiára a seu pai; mas este só lhe pôde restituir doze. Todavia, o adolescente partio, e, tendo por unica fortuna aquella modica quantia e uma mala bem fornida, foi buscar emprego em Ruão. Alli conseguiu ser admittido em casa de um negociante como criado para todo o serviço; mas bem depressa se descontentou do amo. Tendo este exigido um dia que elle sahisse na trazeira do seu carro como lacaio, Ricardo respondeu-lhe com uma negativa formal e foi-se embora. Depois disto, empregou-se como caixeiro em um botequim; e assim que ajuntou algum dinheiro, partio para Pariz, onde servio em outro botequim, o da *Victoria*, situado na rua de S. Diniz. Tendo conseguido economisar alli uns mil francos, Ricardo tomou a resolução de negociar, fez-se vendedor ambulante de fustões inglezes, e foi tão feliz nas suas transacções, que aos vinte e tres annos de idade já possuia a somma de 25,000 francos. Mas, victima da perfidia de um individuo com quem tivera negocios, foi preso por dividas e mettido na Force. « Eu bem podia pagar os 15,000 francos que de mim exigião, » diz elle nas suas memorias, « mas não havia consideração alguma que me decidisse a deixar-me roubar tão escandalosamente. » Posto finalmente em liberdade, foi-lhe forçoso voltar á vida de vendedor ambulante, tendo apenas de seu alguns escudos. Mas bem depressa restaurou o seu

credito, pagou todas as suas dividas, e achou-se em breve em estado de abrir uma loja na rua Franceza, onde tudo lhe correu tão bom, que em pouco tempo pôde elle comprar a bella herdade de Fayt, situada perto de Nemours.

Estendendo successivamente as suas operações a diversos ramos de negocio, Ricardo começou a comprar e a revender brilhantes e outros objectos de luxo destinados aos mimosos da fortuna, mas continuou ao mesmo tempo com o trafego de mercadorias mais communs e geralmente procuradas. Entre estas ultimas achavão-se os tecidos de algodão que elle vendia a toda a França. Nessa época a Inglaterra tinha o monopolio quasi exclusivo do fabrico daquelles tecidos, monopolio que ella devia, já á abundancia da materia prima, já ás suas machinas, já, finalmente, á muito maior força de que dispunhão os seus manufactureiros com a applicação da machina de vapor aos trabalhos da industria. Ricardo concebeu o projecto de introduzir em França o fabrico daquelles tecidos, contribuindo assim para que a sua patria se opulentasse com um novo ramo de industria, de que a Inglaterra colhia tão avultados lucros. Notára elle que em uma peça de tecido vendida por 80 francos, só se empregavão 12 francos de algodão. Como deixaria aquella differença de 68 francos de tentar um homem empreehedor, se, deduzindo-se della os salarios dos obreiros, todo o resto vinha a constituir os lucros do dono da fabrica!? Ricardo determinou-se logo a empreehender por sua conta o fabrico dos tecidos de algodão, e, sem mais demora, pôz-se a estudar o segredo daquella industria. Nisto foi elle admiravelmente auxiliado pelo seu socio Lenoir, o qual, considerando nas difficuldades e nos riscos provaveis do negocio, não mostrou, é certo, a principio, grande confiança no bom exito da empreza; mas, com o andar do tempo, communicou-se-lhe o enthusiasmo de Ricardo, e

a mais perfeita solidariedade se estabeleceu entre os dous socios.

Ricardo começou por comprar cem libras de algodão em rama, e, ajudado por dous operarios inglezes, chamados Brown e Gibson, conseguiu perfeitamente fazer do seu algodão, primeiro fio, e depois morim. Mas isto não era bastante: tinha elle ainda de formar fiandeiros e tecelões; todavia, foi tão bem succedido nesta nova empresa, que ao cabo de tres mezes, pouco mais ou menos, já se achava com vinte *mult-jennies* montadas e funcionando. O campo das suas operações não tardou a alargar-se consideravelmente. Como as duas casinhas que alugára na rua Bellefond para nellas montar a fabrica já não lhe offerecessem commodos sufficientes, Ricardo ajuntou ao seu estabelecimento um espaçoso palacio da rua de Thorigny, no Marais; e, carecendo ainda de maior espaço, requereu ao governo pedindo lhe fosse cedido o grande convento do Bom-Socorro, sito na rua de Charonne, e então abandonado. Não tendo sido o seu requerimento deferido com a presteza que tanto lhe convinha, Ricardo, á testa dos seus operarios, foi ousadamente tomar posse do velho convento, cujas abobadas silenciosas entrárão bem depressa a resoar com a bulha das machinas. O ministro, ao saber da audaz invasão do convento, ordenou a um commissario que fosse expellir Ricardo daquelle proprio nacional. Mas o agente da autoridade ficou tão enlevado ante o espectaculo de industriosa actividade que alli se offereceu aos seus olhos, notou uma tão admiravel organização em todas as officinas, que por seu turno se atreveu a retirar-se sem ter executado a ordem do ministro. Referio este o caso a Napoleão, então primeiro consul, o qual se deu pressa em ir ver com os seus proprios olhos, em companhia da Sra. Bonaparte, a fabrica do Bom-Socorro; e, longe de expulsar ou de punir os invasores, não

só lhes garantio a posse daquelle convento, como lhes deu outro, o de Grenelle, para serem alli estabelecidas novas officinas. Desde então concedeu Napoleão, solicita e constantemente, aos dous socios, todos os favores e auxilio de que elles carecêrão.

Ricardo e Lenoir continuárão a ampliar successivamente as suas operações, e, com os lucros consideraveis que auferirão dos productos de que havião sido os primeiros fabricantes no paiz, estabelecêrão novas manufacturas em diversos pantos da França, montando nomeadamente 300 teares na Picardia, 400 em Alençon e 200 em S. Martinho, perto de Lusarches. Na primeira exposição da industria, em 1805, a primeira cousa que Napoleão fez foi examinar os bellos productos da casa Ricardo-Lenoir. Pouco tempo depois, a morte roubou a Ricardo o seu estimavel amigo e socio Lenoir; mas nem por isso proseguio elle na empreza menos energicamente do que a principio. Graças aos seus esforços, o fabrico dos tecidos de algodão se propagou rapidamente em França. Ricardo montou em Caen, em Aigle, em Chantilly, novas fabricas nas quaes trabalhavão nada menos de 20,000 operarios. Durante o bloqueio continental, virão-o contribuir por todos os meios ao seu alcance para introduzir na Italia o plantio e o cultivo do algodão. Uma porção de sementes achadas nos fardos, vindos da America, forão por elle mandadas para Napoles, e semeadas nos arredores daquelle cidade; e, d'alli a dous annos, pôde Ricardo importar em França 50,000 libras de algodão cultivado na Italia. Mas aquella quantidade de materia prima bem longe estava de ser sufficiente para assegurar trabalho aos seus operarios, e elle começou a sentir profundamente as difficuldades da situação.

As guerras de continuo renascentes daquelle época erão nimiamente prejudiciaes a Ricardo e a todos

os outros fabricantes francezes. Por outra parte, a união da Hollanda á França foi para elle um golpe terrivel; e a fortuna, que por tanto tempo lhe fôra favoravel, mostrou-se pouco a pouco contrária ás suas vastas emprezas. Napoleão auxiliou-o, é certo, com um empréstimo de 1,500,000 francos; mas os seus apuros pecuniarios crescião de dia em dia, e cada vez se lhe tornava mais difficil remedial-os. Seus operarios, que a falta de materia prima condemnava á inacção, morrião á fome. Lembrou-se Ricardo de empregar nas suas fabricas linho, em vez de algodão; mas todos os esforços por elle tentados neste intuito forão baldados. As calamidades de 1813 quasi consummárão a sua ruina. Todavia, continuava elle a lutar energicamente, esperando sempre que os negocios melhorassem. Quando os alliados, em 1814, ameaçárão Pariz, Ricardo, nomeado commandante de batalhão, pôz-se á testa do seu corpo para defender a capital: mas Pariz capitulou; e o decreto de 20 de Abril, eximindo de direitos os tecidos de algodão, consummou a sua ruina. Daquelle dia em diante Ricardo, perdidos todos os seus bens, recolheu-se á obscuridade, mas conservou sempre o que nenhum vai-vem da fortuna lhe podia tirar, — a estima de quantos o haviam conhecido. Sua empreza, comquanto não lhe tivesse sido proveitosa, servio ao menos de exemplo a alguns dos seus concidadãos. Com effeito, estabelecêrão-se pouco a pouco diversas fabricas para o cultivo do ramo de industria de que Ricardo fôra o primeiro e unico introductor em França; e todas essas novas manufacturas, favorecidas pelas circumstancias, proseguirão com bom exito nos seus trabalhos.

O imperador actual praticou um acto digno do mais alto louvor, honrando a memoria deste grande artezão, com o facto de dar o seu nome ao *boulevard*, em cuja visinhança haviam funcionado alguns dos seus estabelecimentos. Ti-

nha-se resolvido dar áquelle *boulevard* o nome da rainha Hortensia; e o imperador, alludindo á essa circumstancia, pronunciou na cerimonia da inauguração as palavras seguintes: « A honra de ver o seu nome gravado no marmore não deve ser o privilegio exclusivo de minha familia. Muito me penhora o espontaneo accordo com que se deu o nome de minha mãe a uma grande via proxima a esta, mas não posso aceitar essa denominação. O *boulevard da rainha Hortensia*, chamar-se-á *boulevard de Richard-Lenoir*, o qual, de simples obreiro do suburbio de Santo Antonio, veio a ser um dos primeiros manufactureiros de França.»

XI.

Pelos diversos exemplos que acabamos de citar, ter-se-ha reconhecido que as qualidades do homem apto para o meneio dos negocios não se desenvolvem sómente no commercio, como em geral se suppõe, mas em quasi todos os ramos da actividade humana. A boa dona de casa, por exemplo, é uma mulher dotada de aptidão para os negocios. Tem ella de resolver os casos imprevistos e de regular e dirigir as cousas em sua casa de modo que nada deixe de marchar na melhor ordem, agradavelmente e sem estrepito. Tudo isto exige prevideucia, juizo e um certo talento de organização. Assim tambem o artista, o medico, o homem de letras, serão de necessidade bem succedidos, se tiverem verdadeira aptidão para os negocios: com effeito, só attinge a excellencia aquelle que trabalha indefessamente em aperfeiçoar-se, economisando o seu tempo com o maior cuidado, e empregando ordem e methodo em todos os actos da vida.

A carreira de Walter Scott nos offerece uma prova

mui frisante do que estamos dizendo. A admiravel aptidão de Scott para o trabalho formou-se e desenvolveu-se em um escriptorio de advogado, onde elle, por muitos annos, teve de empregar-se em uma tarefa rotineira e insipida, mui pouco superior a de um simples copista. A aridez do seu trabalho diurno fe-lo achar ainda mais gostosas as noutes, que, ao menos, lhe pertencião; e elle as consagrou geralmente á leitura e ao estudo. Scott attribuia á prosaica disciplina a que estivera sujeito no escriptorio do seu advogado o habito da applicação séria e continua que havia contrahido, e que nem sempre se nota nos que são simplesmente homens de letras. Como copista, ganhava elle seis soldos por pagina de um certo numero de palavras; ás vezes, fazendo algum esforço, conseguia copiar cento e vinte paginas em vinte e quatro horas, e assim ganhava uns 36 francos, dos quaes tirava, de quando em quando, o dinheiro preciso para comprar alguma obra, mas truncada, bem entendido, porque as outras erão de preço superior aos seus recursos. E pois, posteriormente, costumava Scott gloriar-se da sua aptidão para os negocios, e affirmava, contrariando os que elle chamava *fazedores de son-tos*, que o genio não é de necessidade incompativel com o cumprimento dos deveres ordinarios da vida. Até sustentava que, tudo bem considera-lo, era bom para o desenvolvimento das nossas mais altas faculdades consagrarmos uma certa parte do dia a alguma occupação material. Quando, posteriormente, empregou-se como escrivão do *Tribunal das sessões* de Edimburgo, foi principalmente de manhã, antes de almoçar, que elle se entregou aos seus trabalhos litterarios. Passava todo o dia no Tribunal desempenhando os deveres de sua profissão, os quaes consistião especialmente em legalizar contratos e outras escripturas que tinham de ser registradas. « Em summa, » diz Lokart, seu

biographo, «a maior singularidade que se póde mencionar na sua historia, é a de elle ter sempre consagrado, durante o período mais activo da sua carreira litteraria, grande parte do seu tempo, pelo menos metade do anno, ao consciencioso cumprimento de algum dever profissional. » Tinha Scott por lei tirar meios de subsistencia dos negocios e não da litteratura. «Decidi,» dizia elle, «que a litteratura seria para mim uma bengala e não uma muleta; e comquanto bem longe esteja de desdenhal-os, já-mais contarei com os lucros dos meus trabalhos litterarios para pagar as minhas despesas usuaes. »

A pontualidade era um dos habitos que Scott cultivava com o maior cuidado; e se assim não fosse, nunca teria elle conseguido levar ao cabo os enormes trabalhos que emprehendeu. Recebida qualquer carta, respondia-lhe immediatamente, salvo quando tinha de pensar no assumpto ou de colher informações. Era por tal meio que elle conseguia dar vasão á prodigiosa quantidade de communicações que lhe remettião e que provavão-lhe bem duramente o bondadoso character. Scott dividia o seu tempo d'esta maneira: levantava-se ás cinco horas, acendia o fogo, barbeava-se e vestia-se, sem se apressar, e ás seis horas ia assentar-se á meza, tendo todos os seus papeis dispostos diante de si na mais perfeita ordem, e todos os livros de que carecia collocados no assoalho em redor da cadeira; da parte dalém dos livros, o seu cão, deitado sobre o tapete, observava todos os gestos e seguia com os olhos os menores movimentos que elle fazia. D'esta fórma, quando a familia, das nove para as dez horas, se reunia para almoçar, já Scott, —servimos-nos das suas proprias expressões, — *havia dado garrote no trabalho do dia*. Não obstante os seus cuidados diligentes, o seu ardor infatigavel, o seu saber immenso, fructo de muitos

annos de paciente labor, Scott, quando lhe acontecia fallar de si mesmo e de suas proprias faculdades, empregava sempre a maior modestia. « Não ha em toda a minha carreira, » dizia elle em certa occasião, « epocha alguma em que não me visse tolhido e perplexo em razão da minha propria ignorancia. »

E' assim que devem fallar a verdadeira sabedoria e a sincera humildade; porque quanto maior é o saber real de um homem, tanto menor é a sua propensão para a vaidade. Nunca imitemos o estudante do collegio da Trindade, de Oxford, que indo despedir-se do seu professor, disse-lhe « que se retirava por já ter concluido sua educação, » e expoz-se assim a ouvir do mestre este justo remoque: « Deveras ! concluistes a vossa educação? pois eu só agora é que começo a minha. »

O espirito superficial que sabe um pouco de tudo, mas nunca estudou a fundo cousa alguma, póde ensoberbecer-se dos seus talentos; quanto ao sabio, esse confessa que *a unica cousa que sabe é que nada sabe*, ou declara, repetindo as palavras de Newton, « que apenas tem apanhado algumas conchas na praia, vendo estender-se inexplorado diante de si o grande oceano da verdade. »

CAPITULO VIII.

O DINHEIRO.—SEUS USOS E ABUSOS.

« Entendo que a melhor fonte de riqueza, tanto na familia como no Estado é a economia. »

(CICERO.)

« Devemos ter o dinheiro na cabeça e não no coração. »

(SWIFT.)

I.

A maneira por que um homem se serve do dinheiro, ganha-o, economisa-o e gasta-o, é talvez a pedra de toque da cordura do seu procedimento. Comquanto não devamos considerar o dinheiro como um fim de nossa vida, contudo mui longe está elle de ser uma cousa indifferente ou a que possamos votar desdém philosophico, poisque representa, e em mui subido gráo, os primeiros elementos do conforto physico e do bemestar social. Algumas das mais bellas qualidades da natureza humana achão-se iatamente ligadas ao bom uso que se pode fazer do dinheiro. Taes são a generosidade, a honradez, a justiça e a abnegação; taes são tambem as virtudes prácticas da economia e da previdencia. Por outra parte, estas virtudes teem a sua contraposição na avareza, na fraude, na injustiça e no egoísmo, que vemos deshonnar a exis-

tencia dos que amão immoderadamente o lucro, e na prodigalidade e imprevidencia, de que dão provas os que abusão dos recursos que teem á sua disposição. « De maneira que, » conforme pondera Henry Taylor, « uma justa medida no modo de adquirir, de economisar, de gastar, de dar, de emprestar, de tomar emprestado e de testar, seria, pouco mais ou menos, o indício da perfeição humana. »

E' a abastança um estado a que cada qual neste mundo tem o direito de buscar attingir, por todos os meios licitos. E' o unico estado que póde garantir ao homem a situação commoda e feliz, indispensavel ao desenvolvimento da parte mais nobre da sua natureza, e que o habilita a prover as necessidades de sua familia, condição *sem a qual*, diz o Apostolo, *o homem é peor do que um infiel*. Ora, esta obrigação deveria ser-nos tanto menos indifferente, quanto o respeito com que os nossos concidadãos nos tratão não pouco depende da maneira por que aproveitamos as occasiões que se nos podem offerecer de trabalharmos honestamente pelos nossos augmentos. O proprio esforço que o homem tem de fazer para conseguir um tal fim neste mundo é por si só uma educação que nelle estimula o respeito de si mesmo, e põe em relevo as suas qualidades práticas, disciplinando-o ao mesmo tempo por meio de exercicio da paciencia, da perseverança e de outras virtudes analogas. O homem providente e cuidadoso é necessariamente um homem reflectido; porquanto não vive só para o presente, mas antes, com bem entendida providencia, toma as suas medidas considerando no futuro. Deve elle tambem ser sobrio, e capaz de praticar a abnegação, que, mais do que nenhuma outra virtude, é a prova de uma grande força de character. João Sterling diz mui judiciosamente que « a peor educação, uma

vez que ensine a abnegação, é preferível á melhor das que ensinão tudo o mais, menos aquella virtude.» Os Romanos empregavão com razão esta mesma palavra (*virtus*) para designar não só a virtude, senão também o esforço, que é no sentido physico o que é a abnegação no sentido moral, porquanto a mais alta de todas as virtudes é aquella que nos assegura a victoria contra nós mesmos.

As qualidades de que ha maior falta nas classes operarias é a abnegação, ou a força de sacrificar uma pequenina satisfação presente com a mira em um mais consideravel bem futuro. Poder-se-hia crêr que as classes mais laboriosas são as que aprecião melhor o valor do dinheiro. Todavia, a facilidade com que tantos operarios se acostumão a gastar imprevidentemente tudo quanto ganhão é a causa de elles se acharem pela maior parte absolutamente baldos de recursos e na dependencia dos que hão contrahido o habito da frugalidade. Ha um grande numero de pessoas que, comquanto possuão meios sufficientes para viverem folgadoamente e sem estarem na dependencia de ninguem, se achão muitas vezes, quando dá-se uma crise, em estado de não poderem prover por um ou dous dias as suas proprias necessidades; e isto é uma das maiores causas de soffrimento e de fraqueza social. De todas as magnas questões sociaes, é esta talvez a mais importante; e nenhuma ha em que a falta de propagandistas dedicados seja tão imperiosamente sentida. Mas, devemos reconhecer-o, a *abnegação e o aperfeiçoamento individual* serião uma bem mesquinha senha nas lutas eleitoraes, e é muito de receiar que o patriotismo de nossos dias queira attender seriamente a cousas tão vulgares como a previdencia e a economia individuaes, comquanto tudo bem pesado, se torne manifesto que só por meio

da pratica destas virtudes poderão as classes operarias nutrir a esperanza de conquistar um dia uma verdadeira independencia. Socrates dizia: « Aquelle que quizer mover o mundo, aprenda primeiro a mover o seu proprio individuo; » e nós repetiremos a velha cantiga:

*« If every one would see
To his own reformation,
How very easily
You might reform a nation ! (*) »*

Mas, em geral, não ha quem não julgue ser cousa infinitamente mais facil reformar a Igreja e o Estado do que corrigir o menor dos seus máos habitos; e em tal materia cada qual acha mais conforme ao seu proprio gosto, assim como o é inquestionavelmente ao habito commum, começar pelo seu proximo, que não por si mesmo.

II.

Toda a classe de homens que viver aos dias será sempre uma classe inferior, e os seus membros ficarão necessariamente, sem força e sem defesa, agarrados ao seio da sociedade como naufragos a um navio lançado á costa, á mercê dos acontecimentos e das estações. Como elles não se respeitão a si mesmos, tambem os seus semelhantes não os respeitão. Si se dá uma crise commercial, ficão inevitavelmente esmagados. Privados da accumulção de recursos que toda a economia, por pequena que seja, garante invariavelmente, achão-se á

(*) Se cada qual cuidasse de corrigir os seus proprios defeitos quão facil não seria corrigir os da nação !

mercê de todo o mundo, e, se têm bons sentimentos, só tremendo e afflicto pensarão na sorte que o futuro reserva para sua mulher e seus filhos. « O mundo, » dizia em certa occasião o Sr. Cobden dirigindo-se aos operarios de Huddersfield, « tem sempre estado dividido em duas classes, a dos que poupão e a dos que gastão, a dos economicos e a dos prodigos. A construcção de todas as casas, de todas as officinas, de todas as pontes, de todos os navios, e bem assim o remate de todas as grandes obras que hão contribuido para o bem-estar e a civilisação, são devidos aos que sabem economisar, e que por isso mesmo têm sempre tido por escravos os que só sabem malbaratar estultamente os seus recursos. As leis da natureza e da Providencia assim o determinão, e eu seria um embusteiro se fizesse os membros de uma classe qualquer conceberem a esperança de melhorar a sua sorte perseverando na imprevidencia, no deleixo e na preguiça. » Um conselho deste mesmo genero, e tão judicioso como o precedente, deu-o o Sr. Bright, no anno de 1847, em uma reunião de operarios em Rochdale. Depois de ter affirmado que a honradez se acha em proporções quasi iguaes em todas as classes da sociedade, o orador continuou assim: « Tanto para o homem, como para uma classe de homens qualquer, só ha uma maneira de manter a posição presente, quando ella é boa, ou de buscar outra melhor, — é a pratica do trabalho, a frugalidade, a honradez. O unico meio que têm os homens para sahir de uma posição em que as suas necessidades physicas ou intellectuaes não achão conforto nem satisfação, é, repito, a prática das virtudes que ajudão quotidianamente um tão consideravel numero dos seus semelhantes a elevarem-se e a melhorarem a sua sorte. »

Não ha a menor razão para que a condição dos ope-

rarios deixe de ser a um tempo util, honrosa, respeitavel e feliz. O grosso das classes laboriosas poderia, com poucas excepções, ser tão frugal, tão virtuoso, tão instruido, e fruir um bem-estar tão satisfactorio como os membros da mesma classe que conseguirão obter todos estes bens. O que alguns são, todos poderiam sê-lo sem difficuldade. Empregai os mesmos meios, obtereis os mesmos resultados. Quiz Deos (e este seu decreto é sem duvida tão justo quanto sabio) que em toda a sociedade houvesse uma classe de homens que vivesse do trabalho de cada dia; mas que essa classe viva em outro estado que não no de frugalidade, de satisfação, de intelligencia e de felicidade, é o que não se compadece com os designios da Providencia, mas provém unicamente da fraqueza, da intemperança e da perversidade do proprio homem. Se a idéa salutar do aperfeiçoamento individual fosse alguma vez propagada entre os operarios, contribuiria mais do que qualquer outra cousa para os elevar como classe, e elles se elevariam, não rebaixando as outras classes, mas subindo progressivamente a um estado mais satisfactorio de religião, de intelligencia e de virtude.

III.

Quando um homem considera no futuro, reconhece que os tres principaes eventos para os quaes lhe importa preparar-se são: a falta de trabalho, a doença e a morte. Para os dous primeiros não lhe é difficil achar remedio, mas o terceiro é ineluctavel. Todavia, é do dever do homem prudente viver e portar-se de maneira que o peso dos soffrimentos, quando um ou outro destes

casos venha a dar-se, se torne, tanto quanto fôr possível, menos affrontoso, não só para elle mesmo, senão tambem para as pessoas cujas lhe incumbe garantir o conforto e a subsistencia. Este dever póde parecer menos obrigatorio para o celibatario do que para o homem casado; mas ainda assim não fica aquelle dispensado do cuidado de se limitar aos seus recursos e de economisar alguma cousa com que lhe seja possível manter-se nos casos de doença, de falta de trabalho, e durante a velhice. Não ha espectáculo mais triste do que o de um homem que, tendo trabalhado muito e ganhado bons salarios, gastou todo o seu dinheiro á medida que o foi recebendo, e, chegado á velhice, se vê condemnado a ser um fardo para seus parentes, ou a subsistir por meio das taxas cobradas da frugalidade de seus concidadãos. Se o homem é casado e ha contrahido as responsabilidades de pai de familia, não só é obrigado moralmente a esforçar-se por prover durante a sua vida as necessidades de sua mulher e de seus filhos; como tambem lhe incumbe, tanto quanto fôr possível, dispôr as cousas de maneira que elles não fiquem reduzidos á miseria, no caso de lhes roubar inopinadamente a morte o seu unico arrimo; e o chefe de familia não póde descuidar-se deste dever sem se expôr ao desprezo, condemnando ao mesmo tempo á penuria sua mulher e seus filhos.

Considerados sob este ponto de vista, o ganho honesto e o judicioso emprego do dinheiro são da maior importancia. O dinheiro bem ganhado é com effeito a representação da industria paciente, do esforço perseverante, da tentação vencida, da esperança realizada, e o dinheiro judiciosamente empregado é o indicio da prudencia, da previdencia e da abnegação, verdadeiras bases de um character viril. Comquanto represente o

dinheiro uma infinidade de objectos que não têm a menor utilidade ou valor real, é certo que elle tambem representa cousas de summa importancia, como sejam o sustento, a roupa, o bem-estar, e, o que é igualmente precioso, o respeito de nós mesmos e a nossa independencia pessoal. E' assim que as economias, por pequenas que sejam, livrão o operario da penuria, assegurão-lhe meios de subsistencia e o habilitão a aguardar, com esperança, e até alegremente, a volta de dias melhores. Na simples tentativa de um homem para conquistar na sociedade uma posição mais firme ha uma certa dignidade que tende a tornal-o mais forte e melhor. Em todo o caso, obtém elle assim maior liberdade de acção e fica em estado de poupar os seus recursos para ultteriores esforços.

Mas o homem para quem a necessidade é como um abysmo de continuo aberto a seus pés acha-se verdadeiramente em um estado que bem pouco differe do da escravidão. Não é senhor de si mesmo, porquanto vê-se constantemente em risco de cahir sob o dominio de outrem e de ser obrigado a submeter-se á lei que lhe fôr imposta; ser-lhe-ha forçoso mostrar-se até certo ponto servil, pois que não ousa encarar de frente erguida o mundo, sabendo que na adversidade terá forçosamente de mendigar ou de recorrer ás sociedades de beneficencia. Emfim, dado o caso de absoluta falta de trabalho, acha-se sem meios para ir buscal-o em outro lugar: está agarrado á sua parochia como a ostra ao rochedo, e não póde viajar nem emigrar.

IV.

Ora, para o homem adquirir a independencia, bastahe apenas cingir-se á pratica da mais simples economia, e a economia não exige esforço superior nem virtudes eminentes: para realizal-a, faz-se somente mister uma mediocre dose de energia e aptidão regular. Em summa, a economia se resume no espirito de ordem applicado á administração dos negocios domesticos, isto é no bom comportamento, na prudencia, e no cuidado de evitar toda a especie de desperdicio. O espirito de economia foi formulado n'estes termos por nosso divino Mestre: « Ajuntai as migalhas que sobejárão, para que nada se perca (*) » A sua omnipotencia não desprezava a mais insignificante conveniencia da vida; e no momento em que elle revelava ás turbas o seu poder infinito, dava-lhes a lição fecunda da economia, de que todos teem tanta necessidade.

Releva accrescentarmos que a economia tambem dá ao homem o poder de privar-se de uma satisfação presente no intuito de conseguir maior bem futuro, e, sob este ponto de vista, representa ella o predominio da razão sobre os instinctos brataes. Importa não confundil-a com a parcimonia; porquanto é sobretudo a economia que nos constitue em estado de podermos ser generosos. A economia não faz do dinheiro um idolo; considera-o simplesmente como um instrumento util. Conforme dizia Swift: « Devemos ter o dinheiro na cabeça e não no coração. » A economia pode ser considerada como filha da prudencia, irmã da temperança e mãe da liberdade. Ella aquieta os animos irritados e produz o contentamento. Torna os homens amigos da ordem e da segurança publi-

(*) *Ev. de S. João*, VI, 11.

ca. Põe termo aos soffrimentos de todas as classes da sociedade, e priva assim os agitadores dos pretextos com que elles especulavão, tornando comparativamente inoffensivos os seus esforços para fomentar odios entre cidadãos. Quando os operarios, por meio da industria e da frugalidade, conquistarem um dia a sua independencia, cessaráõ desde logo de considerar o espectáculo do bemestar alheio como uma injustiça de que são victimas, e os seus imaginarios infortunios deixarão de ser convertidos pelos ambiciosos em capital politico.

Economisa pelo simples gosto de amontoar dinheiro é cousa vilissima ; mas economisar no intuito de obter os resultados que acima enumerámos é um dos mais certos indicios de força de character ; e quando cultivamos esta virtude com o proposito de prover as necessidades das pessoas que dependem de nós, então assume ella um aspecto verdadeiramente nobre : é o desenvolvimento do esforço individual sob uma das suas melhores fórmas. Quando Francisco Horner se achou prompto para estrear no mundo, seu pai deu-lhe este conselho, que julgou ser o melhor de todos : « Comquanto deseje que vivas na abastança, nem por isso deixarei de recommendar-te mui particularmente a economia. Esta virtude é indispensavel a todo e qualquer homem ; e a despeito do desdém que lhe votão os espiritos superficiaes, é por intermedio d'ella que se alcança seguramente a independencia, a qual constitue um dos importantes objectos que todo o verdadeiro homem deve ter em vistas. »

V.

Cada qual deveria regular sempre a sua despesa pela

sua renda: este habito constitue a propria essencia da probidade. Com effeito, todo aquelle que não cuida de viver honestamente do fructo de seu trabalho, vem por força a viver deshonestamente do fructo do trabalho alheio. Ora, os que nunca pensão em regrar as suas despesas e só attendem á sua propria satisfação, embora com prejuizo do bem estar dos mais, só mui tarde chegão geralmente a conhecer a verdadeira utilidade do dinheiro. Postoque naturalmente generosos, estes prodigos achão-se afinal reduzidos muitas vezes a fazer cousas bem mesquinhas: desperdição dinheiro e tempo, descon-tão o futuro, consommem antecipadamente as suas rendas, e condemnão-se assim a supportar um fardo de dividas e de obrigações que prejudicão seriamente a sua acção de homens livres e independentes.

O dinheiro miúdo que tanta gente gasta inutilmente, senão de um modo mais pernicioso, poderia muitas vezes constituir o principio de uma fortuna e da independencia que della resulta; e os dissipadores, comquanto se achem em geral nas fileiras dos que bradão contra a injustiça do mundo, não teem peiores inimigos do que elles mesmos: porquanto se um homem não quer ser amigo de si proprio, como póde esperar que os mais o sejam? Os homens regrados, por mui modestos que sejam os seus recursos, teem sempre meios de auxiliar os seus semelhantes, ao passo que os prodigos, malbaratando tudo de-leixadamente, nunca achão occasião de prestar o menor auxilio a quem quer que seja. Todavia, não ha economia mais triste do que a dos a varentos. A mesquinhez de espirito na vida e nos negocios é geralmente myope e conduz ao máo exito. *A alma de um penny*, diz um proverbio inglez, *nunca chegou a valer dous*. A generosidade e a liberalidade são pois, juntamente com a probidade, o modo de proceder mais judicioso. Posto que Jenkinson,

no *Vigario de Wakefield*, engenhasse mil meios para enganar todos os annos Flamborough, « nem por isso, » dizia elle, « deixava Flamborough de enriquecer cada vez mais, ao passo que eu empobrecia e me via afinal mettido na cadeia. » E a experiencia da vida nos mostra quão magnificos resultados são quotidianamente obtidos por meio de um procedimento honesto e generoso.

VI

Saco vasio, diz o proverbio, *não se tem em pé*; e o mesmo acontece com o homem endividado. O credito faz de tudo uma tentação; e é tambem muito difficil ver-se um homem endividado que seja veridico: tal é a razão por que diz o proverbio que *a mentira viaja de garupa com as dividas*. O devedor vê-se com effeito obrigado a buscar desculpas, e talvez tambem a inventar mentiras, para adiar o pagamento do seu debito. Todo aquelle que quizer cumprir a sua resolução de não se endividar, ponha muito cuidado em não contrahir o primeiro compromisso; porque a facilidade com que foi contrahido o primeiro é muitas vezes uma tentação para o misero devedor contrahir segundo, terceiro, e assim por diante, até ver-se em taes apuros, que nenhum esforço tardio da sua energia já o não possa valer. O primeiro passo nas dividas é como o primeiro passo na mentira: obriga-nos quasi invariavelmente a ir por diante, porquanto cada divida é seguida de uma nova divida, assim como cada mentira de uma nova mentira. O pintor Haidon dizia que a sua decadencia datava do dia em que, pela primeira vez, tomára dinheiro emprestado. Reconhece-a Haidon a verdade do proverbio: *Quem tem dividas, tem cuidados*; e eis a nota significativa que elle consignou no seu diario: « Aqui começaõ as dividas e os compromissos que até hoje ainda não pude nem poderei jamais

satisfazer. » A sua autobiographia mostra de um modo bem doloroso como os apuros pecuniarios lanção o espirito em um estado de angustia pungente, tornão o homem incapaz de qualquer trabalho e o expõem a numerosas e reiteradas humiliações. Eis o conselho que Haidon deu, por escripto, a um moço que ia entrar para a marinha : « Nunca busqueis prazer algum, se não o puderdes obter sem contrahir nma divida. Nunca tomeis dinheiro emprestado ; é cousa degradante. Não digo que nunca o empresteis a outrem ; o que digo é que não deveis emprestar quantia alguma, por muito insignificante que seja, se, emprestando-a, vierdes a ficar na impossibilidade de pagar o que deveis ; mas sobretudo não tomeis dinheiro emprestado em circumstancia alguma. »

Fichte, quando ainda era apenas um pobre estudante, recusava até mesmo os mimos que seus parentes, mais pobres do que elle, é verdade, estavam sempre a lhe mandar.

O Dr. Johnson era de opinião que as dividas contrahidas na mocidade são a ruina da idade madura. Pronunciou elle, sobre este assumpto, palavras mui judiciosas e dignas de memoria. « Não vos acortumeis, » dizia Johnson, « a considerar as dividas como um simples inconveniente ; bem depressa reconhecereis que ellas são uma calamidade. A pobreza nos priva de tantos meios de fazer bem e torna-nos a tal ponto incapazes de resistir ao mal, physico e moral, que devemos evital-a por todos os meios honestos... Seja pois o vosso primeiro cuidado não dever a menor quantia a pessoa alguma. Tomai a resolução de não ser pobre ; e para o conseguirdes, por muito ayultada ou modesta que seja a vossa fortuna, gastai menos. A pobreza é a maior inimiga da felicidade, destróe infallivelmente a liberdade, inhabilita-nos para a pratica de certas virtudes, e nos

torna summamente difficil o exercicio de outras. A frugalidade é a base não só da tranquillidade, senão tambem da beneficencia: aquelle que carece de soccorro não pôde soccorrer os seus semelhantes; se não tendes com que prover as vossas proprias necessidades, como podeis poupar para outrem? »

VII

E' dever formal de todo o homem pôr o maior cuidado nos seus negocios e fazer a conta exacta do que ganha e do que gasta. Sob este ponto de vista, a prática dos principios mais simples da arithmetica é da maior importancia. A prudencia exige que o nosso tratamento esteja antes um pouco abaixo dos meios de que dispomos, do que exactamente no mesmo nivel; mas só podemos conseguir isto adoptando uma norma de vida que nos ajude a equilibrar primeiro a receita com a despeza. « O melhor meio de um homem se manter nos justes limites, » dizia Loke, « consiste em elle trazer constantemente em ordem os seus negocios. » O duquo de Wellington notava exacta e minuciosamente todo o dinheiro que gastava ou recebia. « Tenho por lei, » dizia elle ao Sr. Gleig, « pagar em pessoa as minhas contas, e aconselho a todos que fação o mesmo. Outr'ora, costumava eu encarrregar disto um criado de confiança; mas curei-me desta loucura, desde que certa manhã, com grande admiração da minha parte, me vierão reclamar directamente o importe de umas contas que já tinham um ou dous annos de data. O maroto especulara com o dinheiro que eu lhe dera e deixara de pagar as minhas contas. » A proposito de dividas, costumava elle dizer: « As di-

vidas fazem do homem um verdadeiro escravo. Aprendi á minha propria custa o que é ter necessidade de dinheiro; mas nunca me endividei. » Washington, a este respeito, era tão escrupuloso como Wellington; e é um acto notavel nunca ter elle considerado como cousa indigna da sua attenção o examinar rigorosamente as menores despesas de sua casa, resolvido como estava a viver honestamente segundo as suas posses, mesmo quando exercia o eminente cargo de presidente da União Norte-Americana.

O almirante Jervis, conde de S. Vicente, narrou a historia das lutas de sua mocidade, e, entre outras, a da resolução que tomou de nunca contrahir dividas. « Meu pai, » diz elle, « tinha uma familia muito numerosa, e pouca fortuna. Deu-me, pois, 500 francos para eu começar a minha vida, e foi tudo quanto recebi delle. Depois de ter levado muito tempo a viajar, saquei sobre elle outros 500 francos, mas a letra voltou protestada. Isto me mortificou tanto, que tomei a resolução, com a qual me hei até hoje conformado, de nunca assignar uma letra sem ter a certeza de que ella será paga. Mudei immediatamente de vida, deixei a meza dos officiaes, isolei-me, e me limitei á ração de bordo, que achei mais que sufficiente. Lavei e concertei a minha propria roupa, fiz de um lençol da minha cama um par de calças, e tendo assim ajuntado dinheiro para satisfazer o meu compromisso, paguei a letra. Desde então hei sempre posto o maior cuidado em que as minhas despesas não excedão aos meus rendimentos. » Jervis sujeitou-se, pois, por espaço de seis annos, ás mais duras privações; mas conservou a sua integridade, estudou com bom exito a sua profissão, e, pelo seu merecimento e bravura, subio, gradualmente mas com segurança, ao mais elevado posto da armada.

Para os moços, tudo está em começar bem; pois é na mocidade que se deve adoptar a norma de vida de que acabamos de fallar, si se quizer que ella adquira a força do habito. Conseguído isto, reconhecer-se-ha que a prática do bem não é mais difficil do que a do mal. *A tarefa bem começada*, diz o proverbio, *está quasi acabada*; e a batalha bem principiada está quasi ganha. Quantos moços que davão as mais lisongeiras esperanças não se hão deitado irreparavelmente a perder em razão de um erro, o primeiro, commettido logo no principio da sua carreira; ao passo que outros, cujos talentos inspiravão muito menor confiança, teem sido felizes nos seus esforços, simplesmente porque havendo começado bem, souberão trilhar constantemente o caminho escolhido! Um bom principio é até certo ponto um compromisso, uma promessa de triumpho ulterior. Quantos infelizes cuja existencia é para elles mesmos uma calamidade, e para os mais uma fonte perenne de desgosto, não andarião de frente erguida e se acharião no mais prospero estado, se, em vez de se limitarem a engenhar excellentes projectos, tivessem posto resolutamente mãos à obra e trabalhado com energia!

VIII.

Ha infelizmente muitos homens que não sabem aguardar com paciencia o bom exito; estes taes jamais se decidirião a começar como seus pais começarão, mas antes querem principiar por onde elles acabárão; julgão poder gozar dos fructos da industria, sem nunca haverem feito o menor esforço para adquiri-los; e, não podendo aguardar o resultado do trabalho e da applicação, descontão o futuro no intuito de satisfazerem precocemente as suas

dezarrazoadas vontades. Nas classes médias, sobretudo, é manifesta a tendencia de cada qual para gastar todo o seu rendimento, senão ainda mais, e para preferir uma norma de vida cujos effeitos são altamente nocivos á sociedade em geral. Todos, na educação de seus filhos, buscão fazer delles, não homens polidos, mas personagens da alta classe, embora as mais das vezes só consigão transformal-os em caricaturas de cavalheiros. Estes infelizes, afeitos com cedo aos trajos apurados, ao luxo e aos prazeres, contraem gostos que, em caso nenhum, podem servir de base a um character nobre e viril; e o resultado de tudo isto é termos uma infinidade de jovens cavalheiros de papelão que frequentão, não se sabe como, a alta classe, onde fazem mui triste figura, porquanto assemelhão-se a esses cascos de navio abandonados que ás vezes se encontrão no mar arrastados pela corrente e tendo apenas a bordo.... um macaco.

A *cavalheiromania* grassa verdadeiramente no mundo de um modo terrivel. Todos buscão salvar as apparencias, mesmo á custa da honestidade; e quem não é rico, trata ao menos de parecel-o. Cada qual quer ser *respeitavel*, ainda mesmo que o seja sómente no sentido mais baixo desta palavra, no que se refere unicamente á noção vulgar da apparencia exterior. Ninguem tem animo bastante para avançar lenta e pacificamente na condição social em que Deos o collocou; todos querem absolutamente viver na classe dos opulentos casquilhos, onde, insensíveis ao ridiculo, tomão a liberdade de se entremetter; e tudo isto só para sacrificarem á vaidade daquella classe facticia, de que querem á fina força fazer parte. Eil-os que affluem de tropel, empurrando-se, pisando-se para alcançarem os primeiros lugares no amphitheatro social, e, no meio de um tal tumulto, toda a resolução nobre e generosa é calcada aos pés, ao passo que não

poucos infelizes, aliás dignos até então de toda a sympathia, alli são inexoravelmente esmagados. Achamos inutil referir os desastres, as miserias, as quebras fraudulentas, que se originão deste furor de deslumbrar os mais com o esplendor de uma mentida opulencia. O resultado funesto de tudo isto se manifesta, por toda a parte e sob mil fórmas, nas fraudes escandalosissimas commettidas por homens que têm a coragem de praticar infamias, mas não a de serem pobres, e na caça á fortuna, caça desesperada, na qual são menos para lastimar os que succumbem, do que as centenas de innocentes familias, quasi sempre reduzidas á miseria com a ruina delles. Sir Charles Napier, ao deixar o commando do exercito inglez nas Indias, praticou um acto de probidade e de audacia publicando, na sua ultima ordem do dia, um protesto contra a vida desregrada que levavão muitos jovens officiaes daquelle exercito, vida que os obrigava a contrahir compromissos ignominiosos. Nesse famoso documento, Sir Charles ponderava severamente « o que elles já tinham quasi de todo esquecido, — que a honestidade é inseparavel do character de um perfeito cavalheiro, e que beber champanha que nunca é pago, cerveja que nunca é paga, e montar cavallos que nunca são pagos, são acções proprias de um velhaco e não de um cavalheiro. » Com effeito, homens que gastavão mais do que ganhavão, e não se peijavão de ser chamados a miudo aos tribunaes, até pelos seus proprios criados, afim de pagarem dividas que havião contrahido para satisfazer um luxo extravagante, podião ser officiaes em virtude das suas patentes, mas não erão de certo perfeitos cavalheiros. O commandante em chefe acreditava que o habito de estar constantemente endividado tornava os homens indifferentes aos sentimentos por que se devem distinguir as pessoas bem educadas. Ora, não bastava que um official po-

desse combater; — qualquer cão de fila pôde fazer o mesmo; — conservava elle immaculada a sua palavra? pagava as suas dividas? taes erão alguns dos pontos de honra que, affirmava Sir Charles Napier, devião glorificar a carreira do perfeito cavalheiro soldado.

IX.

O mancebo, á medida que vai avançando na vida, passa pelo meio de uma longa e duplice fileira de demonios tentadores; e se elle cede, o seu aviltamento, mais ou menos completo, é o effeito inevitavel da fraqueza com que se houve. Todo o contacto com aquelles demonios tende a priva-lo insensivelmente de certa porção da electricidade divina de que a sua natureza está carregada; e só ha um meio de lhes resistir, é responder-lhes, tanto por palavras como por obras, com um *não* formal e absoluto. Deve o moço tomar em prompto uma resolução, e não se deter a pesar o pró e o contra; porque a mocidade, bem como a *mulher*, *perde-se emquanto delibera*. Muitos deliberão sem decidir cousa alguma; mas não *tomar resolução nenhuma, vem a ser o mesmo que tomar uma*. Ha perfeito conhecimento do homem nesta supplica: « Não nos deixeis cahir em tentação. » Todavia, importa que a tentação venha provar o esforço do mancebo; mas se elle succumbir uma vez, sua força de resistencia tornar-se-ha cada vez mais fraca: quem cede, perde parte da sua virtude; quem resiste animosamente, adquire, por meio desta primeira decisão, uma força que durará toda a vida, e virá a constituir um habito, sendo constantemente repetida. E' nas obras exteriores formadas, por assim dizer, pelos habitos contrahidos na mocidade, que reside a

força real da defesa; porquanto, foi sabiamente ordenado que o machinismo da existencia moral seria principalmente posto em movimento por meio dos habitos, e isto afim de impedir a deterioração dos grandes principios motores. São, pois, os bons habitos que, insinuando-se nos mil actos indifferentes da vida, chegam a constituir realmente a parte mais importante, e altamente importante, do comportamento moral do homem.

Hugo Miller refere como, por um acto de determinação, resistira, na sua mocidade, a uma dessas fortes tentações de que são particularmente acommettidos os que se empregão em trabalhos pesados. Os operarios da pedreira onde elle trabalhava costumavão tomar aguardente de quando em quando, e um dia chegou Miller a empinar dous calices que os camaradas lhe havião offerecido. Quando se retirou para casa e abriu o seu livro predilecto — os *Ensaios de Bacon*, — pareceu-lhe que as letras dansavão diante dos seus olhos, e era-lhe impossivel comprehender o que estava lendo. « O estado, » diz elle, « a que me vi assim reduzido era, eu o reconheci, em extremo ignobil. Descêra eu, por algum tempo, mas por minha propria vontade, a um grão de intelligencia muito inferior ao que me compete; e, comquanto o estado em que me achava bem longe estivesse de ser favoravel á formação de sãs resoluções, nem por isso deixei de me determinar desde logo a nunca mais sacrificar á embriaguez faculdades que me havião sido dadas para apreciar os gozos intellectuaes, e, com o favor de Deos, conservei-me fiel a esta determinação. » Taes decisões são, por assim dizer, as voltas da estrada na vida do homem; pois são ellas que, para o futuro, determinão o rodeio do seu character e a direcção da sua actividade. E o precipicio em que Hugo Miller teria cahido, se não houvesse promptamente usado de toda a sua força moral para delie se afas-

tar, é um dos que a mocidade, e até mesmo a idade madura, devem mais cuidadosamente evitar. E' uma das mais vis, das mais funestas, e ao mesmo tempo das mais extravagantes tentações a que se acha exposta a mocidade.

X.

Mas, para debellarmos com energia e bom exito um habito vicioso, não devemos nos limitar a travar simplesmente o combate no terreno vulgar da prudencia mundana, bem que haja nisto alguma utilidade; releva que nos colloquemos em mais elevada posição moral. Os soccorros artificiaes, taes como os juramentos, por exemplo, podem ser de alguma utilidade; mas o que importa é dar a todos um ideal elevado, e cuidar de purificar e fortificar os principios, corrigindo ao mesmo tempo os mais habitos. Neste intuito deve o mancebo estudar-se a si mesmo, vigiar o seu proprio comportamento, e comparar com aquelle ideal os seus pensamentos e acções. Quanto mais se conhecer a si mesmo, tanto mais modesto elle será, e menos confiará nas suas proprias forças. Mas a experiencia prova que a disciplina mais preciosa é a que adquirimos privando-nos de insignificantes satisfações actuaes para com maior segurança conseguirmos um dia outras mais completas e de ordem mais elevada. Nisto consiste toda a nobreza da educação que cada qual dá a si mesmo; porquanto, « a verdadeira gloria provém desta conquista silenciosa de nós mesmos, sem a qual o conquistador nada mais é do que o primeiro dos escravos. »

Numerosos livros para o povo hão sido escriptos com o

unico fim de communicar ao publico o grande segredo de fazer fortuna. Mas não ha tal segredo, como o provão superabundantemente os proverbios de todas as nações. — *Olhai pelas sommas pequeninas, que as grandes olharão por si mesmas*; — *A vigilancia é a mãe da felicidade*; — *Não ha lucro sem trabalho*; — *Quem não trabalha não folga*; — *Trabalha e virás a ter*; — *Quem espera sempre alcança*; — *Antes dormir sem ceiar do que acordar endividado*. — Taes são alguns dos apophthegmas da philosophia proverbial que resume para nós a experiencia dos seculos ácerca dos melhores meios de fazermos fortuna no mundo. Estes proverbios já erão sabidos do povo muito tempo antes de se ter inventado a arte de escrever, e constituirão, juntamente com os outros proverbios, os primeiros codigos de moral popular. Demais, hão sido provados pelo tempo, e a experiencia de cada dia confirma a sua exactidão, a sua força, a sua propriedade. Em tudo quanto diz respeito á efficacia do trabalho e ao bom ou máo uso do dinheiro, os proverbios de Salomão são cheios de sabedoria: — *Aquelle que afrouza na sua obra é irmão do que dissipa o que possui*. — *Vai ver a formiga, ó preguiçoso, considera a sua industria e emenda-te*. — *A necessidade, diz elle, se acercará do preguiçoso como um viandante, e a pobreza como um homem armado*; mas, fallando do industrioso, diz: *A mão dos diligentes enriquece*. — *O ebrio e o glotão ficarão pobres, e a força de muito dormir andarão cobertos de andrajos*. — *Viste um homem habil no seu trabalho? pois esse homem será chamado para o serviço dos reis*. — E emfim, mais vale adquirir sabedoria que ouro fino; porquanto a sabedoria é mais preciosa do que as perolas, e todas as cousas desejaveis são-lhe de todo ponto inferiores.

XI.

O trabalho e a economia bastariao por si sós para assegurar a qualquer pessoa possuidora de meios ordinarios uma posição relativamente independente. O proprio operario poderá elevar-se a esta posição, se tiver o cuidado de economisar os seus recursos e de abster-se de despesas inuteis. Um soldo é sem duvida bem pouca cousa; todavia, o bem-estar de milhares de familias depende unicamente da maneira por que se gasta ou se economisa essa pouca cousa: se um homem fôr desperdiçar, na taverna ou em outros lugares, a meia duzia de soldos que ganhou com o suor do seu rosto, bem depressa reconhecerá que a sua vida é mui pouco superior á de uma simples besta de carga; mas, por outra parte, se elle poupar essa meia duzia de soldos, se os utilizar todas as semanas, já pagando a sua contribuição em uma sociedade de soccorros ou de seguros, já pondo um bocado desse dinheiro na caixa economica, e entregando o resto a sua mulher para esta empregal-o nas despesas de casa e na educação dos filhos, em breve reconhecerá que a attenção dada ás cousas de pouca importancia o indemnisa amplamente do seu trabalho com o augmento dos recursos que põe á sua disposição, com a maior somma de bem-estar que proporciona a todos os seus, e com a liberdade e a tranquillidade de espirito que lhe assegura, livrando-o do temor do dia seguinte. Se qualquer operario tiver uma generosa ambição e robusta intelligencia, riquezas estas infinitamente mais preciosas que todas as posses materiaes, não só poderá ajudar-se a si mesmo, mas tambem achar-se habilitado para auxiliar efficazmente os que encontrar no seu caminho.

Honra, e não vergonha, é a companheira inseparavel de todo o trabalho honesto, quer consista esse trabalho no cultivo do solo, quer no fabrico de ferramentas, na manufactura de tecidos, ou na venda em partidas dos diversos productos da industria humana. Não ha a menor deshonra para um moço em viver a um balcão, de vara em punho, a medir fita, salvo se esse moço deixa o seu espirito elevar-se acima da vara e da fita, isto é salvo se tem o espirito tão curto como aquella e tão estreito como esta. « Os que devem corar, » dizia Fuller, « são os que não teem emprego honesto, e não os que o teem. » E o bispo Hall tambem dizia : « Feliz destino é o de todos que trabalhão, quer com o espirito, qner com o corpo ! » Os que hão sahido das classes inferiores, longe de se envergonharem, deverião com effeito orgulhar-se das difficuldades que tiverão de vencer : o operario em pé é mais nobre que o fidalgo prosternado. Um presidente dos Estados-Unidos, a quem perguntárão quaes erão as suas armas, lembrando-se que fôra lenheiro na sua mocidade, respondeu : « Um par de mangas de camisa arregaçadas. » Lord Tenterden, chanceller de Inglaterra, tinha gosto em mostrar ao filho a loja onde seu pai fizera barbas por dous soldos. Tendo certo doutor francez escarnecido um dia da humildade da extracção de Fléchier, bispo de Nîmes, que, na sua mocidade, fôra fabricante de velas de sebo, o illustre prelado redarguiu-lhe : « E' verdade ; mas se houvesseis nascido na mesma condição que eu, ainda estarieis fabricando velas de sebo. »

XII

E' muitissimo commum a energia empregada em ganhar dinheiro independentemente de todo o intuito mais elevado do que a sua simples accumulção. O homem que se vota em corpo e alma a uma tal empreza vem necessariamente a enriquecer; para isto, é de sobejo qual-quer mediocre intelligencia: gastai simplesmente menos do que ganhais, ajuntai soldo a soldo, economisai, sujeitai-vos a mil privações, e pouco a pouco achar-se-ha formado um montão de escudos. O grande banqueiro pariziense Osterwald foi por muito tempo pobre. Costumava elle beber todas as noites meia canada de cerveja, em certa taverna onde cejava; e todas as noites ajuntava e levava para casa quantas rolhas podia apanhar. Ao cabo de oito annos, vendeu Osterwald por oito luizes todas as rolhas que havia ajuntado; e aquelle dinheiro foi a base da grande fortuna que elle conseguiu ganhar especulando em fundos. Quando morreu, deixou tres milhões de francos.

João Foster cita (*) um notavel exemplo do que pode produzir uma tal resolução quando se trata de accumulção de riquezas. Um moço que dissipára loucamente o seu patrimonio achou-se afinal reduzido á miseria e ao mais horrivel desespero. Tendo um dia sahido de casa decidido a suicidar-se, chegou ao alto de uma collina de onde podia ver as terras que lhe havião pertencido. Alli parou, asentou-se, ficou algum tempo a meditar, e por fim levantou-se com a firme resolução de reassumir por meio do trabalho a posse de todos aquelles bens. Voltou para

(*) *Ensaio sobre a energia de character.*

a cidade, e, tendo visto á porta de uma casa uma carrada de carvão que alli fôra despejada, offereceu-se para recolhê-la : a sua proposta foi aceita. Ganhôu assim o moço uma meia duzia de soldos, aos quaes ajuntárão, a seu pedido, alguns sobejos, com que elle pôde matar a fome, deixando intacto o dinheiro recebido. Empregando-se assiduamente em serviços domesticos daquelle genero, ganhou algum dinheiro, ajuntou-o escrupulosamente e veio por fim a achar-se senhor de uma somma sufficiente para comprar diversas cabeças de gado, de cujo preço entendia, e que vendeu com consideravel lucro. Desde então, proseguiu elle na sua marcha para a conquista da fortuna a passos tão regulares e indefessos como o do tempo, e com uma voracidade tão formidavel como a da morte ; ampliou gradualmente o circulo das suas operações, e veio a possuir uma fortuna avultadissima. Todavia, comquanto lhe sobejassem enormes cabedae depois de reassumida a posse dos bens que outr'ora alienára, a avaricia fêl-o arrastar o resto dos seus dias na mais ignobil avareza. Quando o sepultário, nada mais fizeram do que pôr na terra um pouco de estrume. Animado de espirito mais nobre, esse homem teria levado ao cabo a sua empreza, não só com proveito para os seus semelhantes, como para elle mesmo ; mas sua vida e sua morte forão igualmente sórdidas.

XIII.

Ajuntar dinheiro pelo simples gosto de o ajuntar é cousa mui desprezivel, ainda mesmo quando ganho honestamente ; mas o que diremos dos que accumulão sommas agadanhadas nas mezas de jogo ou nas aguas

turvas da especulação | Cuidar nos meios de assegurar o bem-estar e a independencia da nossa velhice e da dos nossos é cousa honrosa e digna de ser altamente recomendada ; mas amontoar um homem dinheiro pelo simples prazer de ser rico éo signal caracteristico de uma intelligencia acanhada e de uma alma vil. Toda a pessoa cordata porá sempre o maior cuidado em repellir as invasões deste habito exagerado de poupar : do contrario o que na mocidade era apenas economia muda-se na velhice em avareza, e o que no primeiro caso era um dever difficil vem a ser, no segundo, um vicio hediondo. A *origem do mal* não está no dinheiro, senão *no excessivo amor* que se lhe tem ; é este excessivo amor que acanha a alma e a faz contrahir-se até ficar de todo incapaz de qualquer aspiração ou acção generosas. E eis tambem a razão por que Walter Scott diz, pela boca de um de seus heroes, que « o numero das almas mortas pelo dinheiro é maior do que o dos corpos mortos pelo ferro. »

Um dos principaes defeitos do meneio demasiadamente exclusivo dos negocios consiste em tender elle a dar á vida do homem um character sobremodo machinal. O individuo que entra em uma tal trilha, torna-se de ordinario inapto para tudo mais, vem a ser presa do egoismo, e só cuida nos seus semelhantes emquanto elles lhe podem ser de algum prestimo para a consecução dos seus designios. Arrancaí uma folha do livro mestre destes homens, e tereis toda a sua vida.

O triumpho material medido pela quantidade de dinheiro que se conseguiu accumular é sem duvida uma cousa deslumbrante e que sedúz o mundo onde todos são mais ou menos admiradores deste genero de triumphos. Mas, posto que os homens que estão sempre á espreita das occasiões, e para quem a perseverança, a finura, a habilidade e a ausencia de escrupulo são habitos, possam ser

e com effeito sejam bem succedidos no mundo, nem por isso é raro mostrarem-se elles destituídos de toda a nobreza de character, e não possuirem um unico atomo de grandeza real. Aquelle que só admittre uma logica, — a do dinheiro, — póde vir a ser riquissimo, mas durante o resto de seus dias nunca passará de um miseravel: porquanto os avultados cabedaes não são prova de grandeza moral; e o seu esplendor, como os lampos que no vagalume revelão o verme, só serve as mais das vezes para chamar a attenção sobre a indignidade de quem os possue. Consiga o homem ser o que quizer, é o espirito e o coração que contribuem para que elle seja rico ou pobre, feliz ou miseravel; e aquellas qualidades são sempre superiores á fortuna: *Mais vale a boa fama que grossos cabedaes.*

A maneira por que tanta gente se vota em holocausto á sua paixão pela riqueza traz á memoria a cupidez do macaco, que é a caricatura da nossa especie. Em Argel, os camponezes indigenas costumão atar bem a uma arvore uma cabaça, dentro da qual deitão um bocado de arroz. A cabaça tem uma abertura de tamanho sufficiente para deixar passar a custo a mão do macaco. Durante a noite, sobe este á arvore, estende bem a mão e a introduz dentro da cabaça, toma um punhado de arroz e quer retirar-se; mas a mão fechada já não pode sahir, e elle é incapaz de comprehendere a necessidade de abri-la: fica pois alli até ao romper do dia, e é então apanhado, fazendo a mais ridicula figura que se possa ver, porquanto conserva teimosamente na mão a presa que cobijava. A moralidade desta historia é susceptivel de milhares de applicações.

XIV.

Todavia, exagera-se realmente muito o poder do dinheiro. Os grandes commettimentos, os que hão redundado em maior copia de beneficios para toda a humanidade, não forão realizados por homens ricos nem por meio de subscrições, senão por individuos cujos recursos pecuniarios erão em geral limitadissimos.

O christianismo foi propagado no mundo por homens pauperrimos; e os pensadores, exploradores, inventores e artistas mais afamados, hão sido em todas as epochas homens sem fortuna, e que pela maior parte até se achavão, quanto á posição material, pouco acima dos que se empregão em trabalhos manuaes. E isto ha de sempre ser assim: porquanto a riqueza, não poucas vezes, é antes um freio do que um incentivo, e em muitos casos seria difficil dizer-se se ella é um bem ou um mal. O mancebo que herda uma fortuna está sujeito a achar nimiamente facil a vida que lhe prepararão, e bem depressa se aborrece de nada ter que desejar. Como não é obrigado a lutar para obter algum objecto particular, o tempo se lhe torna horrivelmente enfadonho: fica elle, pois, moral e intellectualmente amodorrado; e a sua posição na sociedade é muitas vezes bem semelhante á do polypo batido pelas ondas.

Todavia o homem rico que for dotado de espirito cordato desprezará a preguiça como um vicio ignobil, e se reflectir na responsabilidade que anda unida á posse da riqueza, reconhecerá que está mais imperiosamente obri-

gado a trabalhar do que muitos homens mais pobres do que elle. Devemos, porém, confessar que não é isto o que se vê de ordinario na vida. A mediania que Agar implorava na sua admiravel oração, « Não me deis pobreza nem riqueza, dai-me sómente o sustento que julgardes convir-me. » seria talvez a melhor das sortes, se tivéssemos bastante sabedoria para o reconhecer. José Brotherton, membro do parlamento inglez, deixou, para ser gravado no seu tumulo, em Peel Park, na cidade de Manchester, um epitaphio tanto mais bello quanto a declaração n'elle contida era, n'aquelle caso, perfeitamente verdadeira : « A minha riqueza não consistia na immensidade das minhas posses, mas no diminuto numero das minhas necessidades. » Subira Brotherton da humilissima condição de servente de fabrica á posição eminente que occupava pelo simples exercicio da probidade, do trabalho e da abnegação. Até ao fim da sua vida, officiou, no intervallo das sessões do parlamento, como ministro do culto em uma capellinha de Manchester; e em tudo e por tudo provou aos que sabião da sua vida privada que a gloria que buscava não era a que attrahe as vistas dos homens ou excita os seus louvores, senão a que consiste na consciencia de termos cumprido todos os deveres da existencia de cada dia, segundo as prescripções da honra, do amor e da justiça.

A *respeitabilidade*, na melhor accepção da palavra, é uma boa cousa, porque o homem respeitavel é verdadeiramente digno de *respeito*, ou por outra, litteralmente, *merece que todos se coltem para ve-lo*. Mas a respeitabilidade que só consiste em salvar as apparencias é absolutamente indigna da menor consideração. Mil vezes melhor e mais respeitavel que o máo rico é o homem pobre e honesto; assim tambem mil vezes melhor que o prazenteiro e opulento velhaco que tem carro e cavallo, é o homem mo-

desto e silencioso que passa sem fazer os mais voltarem-se para seguil-o com os olhos. Um espirito bem ornado e convenientemente equilibrado, uma vida cheia de designios uteis, são, em toda e qualquer posição social, muito, muitissimo mais importantes do que tudo quanto o mundo considera de ordinario como digno de respeito. Pela nossa parte, cremos que não ha na vida tarefa mais relevante do que a que consiste em cada qual adquirir um character viril e em attingir o mais alto gráo possível de aperfeiçoamento do corpo, da intelligencia e da consciencia: eis o fim, e tudo mais só devêra ser considerado como meios. A vida mais bem empregada não é pois aquella em que o homem obtem mais gozos, mais dinheiro, mais poder, mais honras ou reputação: senão aquella em que elle se torna cada vez mais *homem* e executa maior somma de trabalhos uteis e de deveres humanos. O dinheiro é uma potencia a seu modo, reconhecemol-o; mas a intelligencia, a dedicação ao bem publico e a moralidade são tambem potencias, e muitissimo mais nobres. « Requeirão outros pensões, » escrevia Lord Collingwood a um amigo; « pela minha parte posso ser rico sem dinheiro, esforçando-me por me elevar acima de tudo quanto é mesquinho. Quero que os serviços por mim prestados á minha patria se conservem tanto quanto for possível estremes de todo e qualquer motivo interesseiro; demais o velho Scott (*) e eu podemos contiunar a cultivar as nossas couves sem fazermos maior despesa que outr'ora. » Em outra occasião exprimia-se elle assim: « Os motivos que me guiárão no meu procedimento são taes que não os trocaria por uma centena de pensões. »

(*) Assim se chamava o seu hortelão.

XV.

A aquisição de uma fortuna pôde sem duvida proporcionar a certas pessoas os meios de serem recebidas na sociedade; mas para alli gozarem de estima, devem ellas possuir, além da delicadeza de maneiras, espirito recto e coração bem formado, pois do contrario nunca passarão de gente que tem dinheiro. Ora, de presente, ha na sociedade individuos tão ricos como Cresco, e que nem por isso gozão da menor consideração, do menor respeito. E como deixaria de ser assim? esses homens são uns sacos de escudos, e todo o seu poder reside na sua burra. Os homens eminentes na sociedade, aquelles que guião e dominão a opinião, aquelles cujos uteis trabalhos hão tido bom exito, não são necessariamente homens ricos; mas homens que se distinguem pela integridade do seu character, pela solidez da sua experiencia e por sua alta moralidade. O proprio pobre, comquanto só possua uma parte infinitamente pequena dos bens d'este mundo, pôde olhar sem o menor sentimento de inveja para aquelle que se recommenda tão sómente pelos seus triumphos materiaes, para o homem dos terrenos e dos escudos; e até d'elle se commiserará, se tiver consciencia de se haver esmerado na cultura dos seus proprios talentos naturaes, de ter usado e não abusado das occasiões, e empregado o tempo da melhor maneira possivel.

XVI.

Cumpra tambem reconhecer que o commercio prova o caracter do homem mais severamente talvez do que qualquer outra occupação: porquanto lhes tenteia com o maior rigor a honradez, a abnegação, o amor da justiça e a veracidade; e os homens de negocio que sahem-se bem de taes experiencias são dignos talvez de tão subidas honras como os soldados que ostentão a sua intrepidez no meio do fogo e dos perigos do combate. Ora (seja isto dito em honra do grande numero dos que exercem a sua actividade nos differentes ramos do commercio), devemos confessar que feitas as contas elles se sahem nobremente de todas estas provas. Se reflectirmos um só instante na immensidade de riquezas confiadas todos os dias a subordinados que provavelmente apenas ganhão o indispensavel para a sua subsistencia, no dinheiro que passa de contiuuo pelas mãos dos agentes, dos corretores, dos caixeiros de armazem e dos empregados subalternos dos bancos, e se considerarmos quão pouco frequentes são os abusos de confiança que se dão no meio de tantas tentações incessantes, confessaremos de certo, e não sem algum orgulho, que esta honestidade regular e perseverante é summamente honrosa para a natureza humana. Por outra parte, o gráo de confiança que resulta, entre homens de negocio, de um systema de credito baseado principalmente no principio da honra, causaria estranheza, se não fosse uma cousa tão ordinaria na pratica dos negocios que já por fim se ha constituido em habito. O Dr. Chalmers mui judiciosamente ponderou que a confiança que os negociantes costumão depositar em agentes estabelecidos longe

delles, e até mesmo em remotissimos paizes estrangeiros, consignando riquezas consideraveis a pessoas que só lhes são recommendadas pelo seu character, e que muitas vezes nunca virão, é talvez a mais bella homenagem que podem homens tributar a homens.

A verdade desta velha e excellente maxima que *a melhor politica consiste na probidade* é confirmada pela experiencia de cada dia, a qual nos mostra que a rectidão e a integridade assegurão o bom exito nos negocios como em tudo mais. Conforme o conselho que o digno tio de Hugo Miller costumava repetir a miudo, « em todas as vossas transacções, dai aos vossos freguezes medida bem cheia, cheia a trasbordar, e por fim reconhecereis que nada se perde com isto. » A honestidade nas palavra, e nas acções deveria ser a pedra angular de todos os negocios. Para o negociante, para o mercador e o manufactureiro, a honestidade deveria ser o que é a honra para o soldado, a caridade para o christão. Por muito humilde que seja uma profissão, não nos inibe ella de exercermos esta rectidão de character. Hugo Miller, fallando do pedreiro com quem aprendêra o officio, diz que elle *punha um bocado da sua consciencia em cada uma das pedras que assentava*. Assim o bom operario se ufana da solidez e da perfeição das suas obras, e o empresario liberal da inteireza com que executou o seu contracto em todas as suas partes. O manufactureiro integro, não só ganha honra e fama, senão tambem consideravel lucro material, quando se esmera na pureza dos seus productos; e a mesma honra, a mesma fama, e lucros materiaes não menos consideraveis ganhará o mercador, se vender generos bons e que sejam realmente o que parecem ser.

Posto que o nivel da probidade tenda quotidianamente a elevar-se, infelizmente não são raros os exemplos de homens que buscão enriquecer mais depressa, por meio da

velhacaria e da fraude: negociantes que falsificão os seus generos, depositarios que fogem da noute para o dia, manufactureiros que vendem borra em vez de lã ou algodão, ferro velho fundido em vez de ferro virgem, agulhas sem fundo, navalhas que nunca servirão para a barba, e uma infinidade de productos aladroados. Até ha mercadores de vinho que pela ganancia de alguns francos, não hesitão em sacrificar a boa reputação commercial de seu paiz, diminuindo artificiosamente a capacidade das garrafas e vendendo aos freguezes estrangeiros vacuo em vez de vinho.

E' a esta gente que quadrão as palavras emphaticas pronunciadas pelo barão Dupin, ha quarenta annos, quando fallava na probidade commercial dos negociantes de Liverpool: « Os triumphos obtidos no governo das artes, » dizia elle, « são semelhantes aos que se obtêm no governo dos homens. A fraude, a surpresa e a violencia podem contribuir para a conquista; mas, para que qualquer conquista se torne perduravel, é de força empregarem-se meios inteiramente oppostos. Não basta que haja intelligencia, energia, actividade; importa que o homem indus- trioso seja tambem cordato, economico, e *sobretudo* *probo*, se quizer que se mantenha a superioridade dos productos e do commercio de seu paiz. Se o util cidadão, nas ilhas Britannicas, viesse a perder uma dia estas virtudes, crêde que não só a Inglaterra (e a França?), como outro qualquer paiz, a despeito da protecção das mais formidaveis esquadras, a despeito da providencia e dos soccorros dos seus numerosos diplomatas e dos seus mais profundos politicos, veria em breve os navios de um commercio degenerado, repellidos de todos os portos, desaparecerem dos mares que hoje coalhão transportando os thesouros do universo, recebidos em troca dos thesouros da industria dos tres reinos. »

E' possível que o homem escrupulosamente probo não enriqueça tão depressa como o que não tem escrupulos nem probidade; mas a fortuna adquirida sem fraude nem injustiça, ainda mais preciosa se torna; e embora tenhamos de constituil-a lentamente, releva sermos probos. Perca-se tudo, comtanto que se salve a honra; pois a honra é por si só uma fortuna; e se o homem honrado proseguir intrepidamente na sua marcha, póde ficar certo que não deixará de obter a alta recompensa a que tem jus.

CAPITULO NONO.

EDUCAÇÃO DE SI MESMO. — FACILIDADES E DIFFICULDADES
QUE ELLA APRESENTA.

Todo homem recebe duas sortes de educação, uma que lhe é dada pelos seus semelhantes, e outra, muito mais importante, que elle proprio dá a si mesmo.

(CICERO.)

E' das difficuldades que nascem os milagres.

(LABRUYÈRE.)

I.

A educação que podemos adquirir, por meio dos nossos proprios esforços, comprehende a cultura ou o desenvolvimento de todas as faculdades da nossa natureza, physica, moral e intellectual. Importa, pois, que cada uma destas faculdades seja desenvolvida, e que cada uma, por outra parte, contribua até certo ponto para o desenvolvimento das outras. Com effeito, se cultivarmos exclusivamente as forças physicas de um homem, obteremos um athleta ou um selvagem; se exclusivamente as moraes, um entusiasta ou um maniaco; se exclusivamente as intellectuaes, um portento doentio, um monstro talvez. Se quizermos ter um homem completo, devemos pôr

muito cuidado em que a mais perfeita harmonia presida á cultura destas tres ordens de faculdades.

Os antigos davão muita importancia á educação physica, e *um espirito são em um corpo são* era o fim que elles tinham constantemente em vistas nos seus melhores estabelecimentos de educação. Os mestres gregos erão *peripateticos*, e estes tinham por artigo de fe que a sciencia dos moços devia consistir no que elles pudessem aprender caminhando. Os Inglezes da velha escola tambem erão desta opinião, e a exprimião por esta maxima: *De verão nos campos de inverno nas classes*. Milton diz que costumava levantar-se muito cedo, — « de inverno, antes do sino ter chamado o homem ao trabalho ou á oração, de verão, assim que cantava o passarinho mais madrugador, ou poucos minutos depois, para ler ou ouvir ler bons autores até a sua attenção achar-se sufficientemente preparada ou a sua memoria sufficientemente fornida, e prestar depois, por meio de um trabalho lucido e generoso, excellente para conservar a saude e o vigor corporal, não uma obediencia passiva e grosseira, mas uma obediencia activa e leda ao espirito, á causa da religião e da liberdade de seu paiz. »

Hoje em dia a educação tem-se tornado quasi exclusivamente intellectual, e a saude do corpo ha soffrido com isto. Cultivado o cerebro com prejuizo dos membros, o appetite physico acha-se de ordinario na razão inversa do appetite intellectual. Não é só a saude que se arruina em consequencia deste desprezo das condições da vida physica e desta falta de exercicio dos órgãos corporaes: o proprio espirito cahe em estado morbido e marasmodico, a pesquisa da sciencia é embaraçada, e a natureza humana, exinanida e enfezada, pára em seu desenvolvimento. E' sem duvida em razão desta falta de exercicio physico que se nota nos homens que se dedicão ao estudo tão frequente tendencia para o aborrecimento, para a misan-

tropia, para a inacção e o devaneio, tendencia que se revela pelo desprezo prematuro da vida real e pela aversão a toda e qualquer usança: destes dous sestros resultarão, em Inglaterra, o *Byronismo*, e, na Allemauha, o *Wertherismo*. O Dr. Channing, observando tambem na America este phenomeno, não hesito: em asseverar que « um grande numero de mancebos se educação realmente na escola do desespero. » Só ha um remedio para esta especie de chlorose moral, e é a abundancia de exercicio physico, de acção, de trabalho, de occupações corporaes de toda a sorte.

Daniel Malthus, tendo um filho no collegio, recomendava-lhe que cultivasse sollicitamente a sua intelligencia, mas sem desprezar os jogos athleticos, os quaes, dizia elle, erão o melhor meio que se podia empregar para manter no mais alto gráo de vigor as forças do espirito e a faculdade de gozar os prazeres da intelligencia. « Toda a especie de saber, » dizia elle, « toda a communhão com a natureza e a arte vos divertirá e fortificará o vosso espirito; muito estimarei que do jogo do *cricket* (*) resulte o mesmo beneficio para os vossos braços e pernas. E'-me grato ver que vos distinguis nos exercicios corporaes, pois sempre hei sido de opinião que a melhor e mais agradavel parte dos prazeres do espirito é a que podemos gozar passeiando. » Mas um dos maiores beneficios da constante actividade é o que o bispo Jeremias Taylor encarece tão judiosamente: « Evitai a preguiça, » diz elle, « e ponde muito cuidado em empregar os vossos menores instantes em occupações laboriosas e uteis; porquanto a luxuria se introduz facilmente pelas brechas que em nós fazem a inacção e o bemestar do corpo, e não nos consta que homem algum, gozando de boa saude e de grande bemestar, se haja conservado casto, a despeito das tentações

(*) Jogo inglez que consiste em dar com um páo em uma pella.

que acompanhão a ociosidade: sobretudo não esqueçais que de todas as maneiras de afugentar o espirito do mal, a mais util e efficaz consiste no trabalho manual. »

II.

O bom exito na vida activa depende muito mais do que se pensa da saude physica. Hodson, official do regimento deste mesmo nome, nas Indias, escrevendo a um amigo residente em Inglaterra, dizia: « Se eu fôr feliz na minha carreira, devel-o-hei, creio eu, para não fallar se não no physico, ás minhas boas digestões. » A faculdade de nos applicarmos de continuo ao trabalho, seja qual fôr a nossa profissão, deve com effeito depender em grande parte do factio, apparentemente prosaico, da digestão; donde se segue que nos importa cuidar da nossa saude, ainda quando a consideramos sómente como uma das condições do labor intellectual. Póde-se sem duvida exaggerar a importancia da educação physica; mas nem por isso é menos incontestavel a transcendente vantagem que ha para os moços em aprender com cedo a servirem-se livremente de todos os seus membros. Todavia, este principio elementar é do numero dos que vemos tão a miudo desprezados na educação moderna. Eis a razão por que todos os dias estão a sahir das escolas e dos collegios moços que, eruditos na sciencia grega e romana, mal sabem para o que servem os seus proprios pés e mãos: cada um delles é sem duvida profundo no conhecimento dos gerundios e participios, mas nenhum sabe servir-se dos seus olhos, e, em tudo quanto diz respeito á faculdade tão commum da observação, não ha servente de charrua que lhes não leve a palma.

Quando os mestres forem um pouco mais instruidos, talvez venhão a possuir a sabedoria prática, e então reconhecerão sem duvida que um dos principaes objectos da educação é preparar homens para a vida activa, de fôrma que elles possam achar interesse em tomar parte nas lidas quotidianas da maioria dos seus semelhantes. De resto, não ha incompatibilidade alguma entre a educação que dêsse aos moços uma idéa dos conhecimentos usuaes mais indispensaveis e a que os eleva ao mais alto gráo de cultura intellectual; desconhecer esta verdade é querer persistir no erro. Aprender, por exemplo, a manejar iustumentos n'uma officina, seria um excellente complemento de educação; pois que, por este meio, os moços adquirirão o habito de servir-se dos seus braços e mãos; familiarizar-se-hião com um trabalho salutar, empregarião a sua actividade em cousas visiveis e tangiveis, adquiririão algumas noções de mechanica prática, ternar-se-hião, em summa, com grande satisfação sua ulterior, capazes de trabalhos uteis e aptos para qualquer esforço physico paciente e aturado. As classes chamadas laboriosas levão incontestavelmente vantagem ás abastadas, pelo facto de se verem com cedo na necessidade de applicar-se indefessamente a um trabalho mechanico qualquer, graças ao qual adquirem a destreza manual e o pleno uso das suas faculdades physicas. Tudo bem considerado, a inferioridade das classes laboriosas não provém da necessidade do trabalho physico, mas sim do abuso deste trabalho em que ellas são empregadas tão exclusivamente, com prejuizo das suas faculdades moraes e intellectuaes. Ao passo que os filhos das classes ricas aprendião a considerar o trabalho como cousa servil, e por conseguinte a desprezal-o, a evital-o, crescendo em uma ignorancia completa de toda a especie de conhecimentos uteis, tolerou-se que as classes pobres, encerradas no circulo das suas laborio-

sas lidas, ficassem, em um grande numero de casos, sem a menor cultura intellectual. Todavia, parece-nos que ambos estes males podem ser evitados combinando-se judiciosamente a educação physica com a intellectual, e por toda a parte já se notão signaes que indicão a adopção gradual de um melhor systema de educação.

III.

A infancia de Newton nos offerece um excellente exemplo da utilidade que ha em exercermos com cedo um trabalho manual voluntariamente escolhido. Estudante mediocre, era elle em compensação muito assiduo no manejo da serra, da enxó e da plaina. O seu maior prazer consistia em fazer modelos de moinhos, de carros e de machinas de toda a especie; e de tal fórma se lhe enraizou no animo este habito, que mesmo na idade madura ainda elle se divertia fazendo mesas e armarios para os seus amigos. Smeaton, Watt e Stephenson não forão menos habéis, na sua infancia, em servirem-se de ferramentas; e, se não fosse esta especie de educação que elles derão a si mesmos, é bem provavel que nunca conseguissem levar ao cabo o que emprehenderão na idade madura. Tal foi tambem a educação primeira dos grandes inventores e artistas de que fallámos nas paginas precedentes, homens cuja intelligencia e espirito se exercitavão, de combinação e activamente, por meio da prática constante de labor manual na sua adolescencia. De resto, os operarios que se elevão acima da classe a que pertencião pelo seu nascimento e vão figurar entre os trabalhadores da categoria mais puramente intellectual, achão em geral que, mesmo no ponto de vista das suas occupações ulteriores, a sua edu-

cação primeira fôra-lhes sobremodo proveitosa. Burritt, por exemplo, era de opinião que um arduo labor physico torna agradável o estudo, e não poucas vezes largou elle os livros e deixou de ir á aula, para cingir de novo o avental de couro e voltar á forja e á bigorna, curando assim tanto da saude do espirito como da do corpo.

O vigor organico e o desenvolvimento das forças physicas contribuem não pouco para o bom exito dos que se consagrão ás profissões liberaes. E' assim, por exemplo, que se considera um thorax bem desenvolvido tão indispensavel como uma intelligencia bem cultivada para os triumphos a que aspira o advogado ou o homem politico. O perfeito arejo do sangue, pela sua livre exposição em uma larga superficie respiratoria nos pulmões, é necessaria para manter em sua plenitude a força vital de que depende em tão subido gráo a vigorosa acção do cerebro. Com effeito, só depois de haver passado os melhores annos de sua vida em salas fechadas e aquecidas a ponto de o ar tornar-se quasi irrespiravel, é que o advogado consegue abalizar-se na sua profissão, ao passo que o chefe politico, pela sua parte, tem de supportar a extrema fadiga e a super-excitação enervadora que occasio-não os longos e calorosos debates das assembléas parlamentares; de maneira que o advogado e o chefe de partido têm realmente de desenvolver, durante os annos activos da sua carreira, uma força de perseverança e de actividade physica ainda mais extraordinaria do que a robustez de espirito de que devem dar provas.

O maravilhoso vigor de lord Palmerston, vigor que resiste á fadiga e á velhice, é de ha muito objecto de admiração para todos. Mas não esqueçamos que lord Palmerston, na sua mocidade, deleitava-se nos exercicios corporaes e se ufanava de ser o melhor remador, o melhor saltador, o melhor corredor, em summa, o primeiro nos

jogos athleticos, assim como foi posteriormente o primeiro no senado; e ainda hoje consagra elle com prazer as suas horas vagas á equitação e á caça (*).

Quanto á lord Brougham, as suas proezas como trabalhador e os seus triumphos sobre o debil physico do homem hão feito d'elle o horóe de uma lenda herculea; e fallando deste personagem e de alguns outros da sua classe, mui judiciosamente ponderou um escriptor da imprensa que « a grandeza dos estadistas inglezes provém igualmente do corpo e do espirito. » Com effeito, o homem physico é o envoltorio do homem moral e intellectual; e é por meio dos órgãos corporaes que a propria alma vive e se manifesta. Conforme diz o velho Burton: « O corpo é *domicilium animæ*, o seu lar, a sua morada, a sua casa; e assim como uma tocha dá luz mais viva e exhala cheiro mais suave, segundo a materia de que é feita, assim tambem a nossa alma exerce mais ou menos cabalmente todas as suas funcções, segundo a disposição mais ou menos favoravel dos seus órgãos; ou, para nos servirmos de outra comparação, assim como o vinho conserva o gosto da pipa em que esteve, assim tambem a alma conserva a impressão do corpo, instrumento da sua actividade, o qual, por assim dizer, communica-lhe o seu geito. »

IV.

Quando Walter Scott estudava na Universidade de Edimburgo, puzerão-lhe a alcunha de *Asno-grego*; mas, posto que côxo, tinha elle notavel robustez, e podia fisgar um salmão tão déstramente como o melhor pescador do Tweed, e cavalgar um cavallo arisco tão intrepidamente

(*) Quando o autor escrevia este livro, ainda era vivo Lord Palmerston.

como qualquer caçador de Yarrow. Os trabalhos litterarios a que Scott posteriormente se votou nunca o fizeram perder o gosto dos exercicios athleticos; e, na época em que elle escrevia *Waverley*, costumava recrear-se, depois de ter trabalhado toda a manhã, caçando lebres de tarde. O professor Wilson era um verdadeiro athleta, tão notavel pela maneira por que manejava o martello como o foi posteriormente pelos rasgos sublimes da sua eloquencia e da sua poesia; e Burns, quando moço, tornou-se sobretudo notavel pela sua força e habilidade em saltar, lutar e arremessar pesos. Alguns dos mais illustres theologos inglezes se distinguirão, na adolescencia, pelo vigor physico. Isaac Barrow adquirio na escola a reputação de intrepido jogador de socco, reputação de que lhe resultarão não poucos murros bem no meio do rosto e perda de sangue pelo nariz. André Fuller, quando trabalhava como servente em uma herdade de Soham, era sobretudo afamado pela sua pericia no pugilato. E Adão Clarke, quando menino, só era notavel pela força com que carregava pedras enormes: nisso consistia talvez o segredo de parte da valentia com que elle, na idade madura, aventava grandes idéas.

Eis a razão por que, reconhecendo quanto importa dar, primeiro que tudo, solidas bases á saude physica, não devemos por outra parte perder de vista a conveniencia de cultivar o habito da applicação mental, pois isto constitue tambem um ponto indispensavel na educação da mocidade. A maxima *Omnia vincit labor improbus* (*) é verdadeira, sobretudo quando se trata da conquista do saber; porquanto os campos da sciencia estão francos a todos que quizerem tomar o trabalho de nelles ceifar; e o estudante, por maiores que sejam as difficuldades que se lhe suscitem, suparal-as-ha perfeitamente por meio de uma firme determinação: *Querer, é poder*. Chatterton nunca se cansava

(*) O arduo trabalho tudo vence.

de repetir que Deos, pondo na terra as suas criaturas, de-lhes braços bastante compridos para alcançar tudo, se quizessem tomar apenas o trabalho de servir-se delles. Mas, tanto no estudo, como nos negocios, a energia é o grande meio: importa que haja o *Fervet opus*; importa que não nos limitemos a malhar o ferro enquanto elle está quente, senão que o façamos aquecer á força de malhar-o: *Quem tem coração (*) tem tudo*. E' na verdade maravilhoso o que podem realizar, em materia de desenvolvimento individual, aquelles que são dotados de esforço e perseverança e sabem aproveitar as occasiões, empregando mesmo os mais curtos instantes de descanso, que os vadios, pelo contrario, sempre deixão passar desaproveitados. Assim Ferguson aprendeu a astronomia contemplando o céo do alto de uma collina da Escossia, embrulhado n'uma pelle de carneiro; assim Stone aprendeu a mathematica trabalhando ao mesmo tempo de dia como hortelão; assim Drew estudou a mais alta philosophia nos momentos de folga do seu officio de remendão; assim Miller sorprende os segredos da geologia na propria pedreira onde trabalhava como operario. Applicando successivamente a sua attenção aos diversos aspectos da sciencia, e empregando com cuidado instantes que, se assim não fôra, ter-se-hião perdido, estes homens, que pertencião pelo nascimento ás classes mais pobres da sociedade, adquirirão a mais alta educação e tornarão-se honrosamente distinctos entre os seus concidadãos.

Sir Joshua Reynolds, conforme já dissemos, cria tão firmemente na efficacia do trabalho, que affirmava ser possivel tornar-se qualquer homem excellente na sua profissão, sempre que se dispuzesse a trabalhar assidua e pacientemente na proporção das suas forças. Sustentava que

(*) *He who has hearth has everything*.—A palavra coração significa, neste caso, *esforço, energia*.

só o trabalho e a fadiga conduzem ao genio, e que os únicos limites da carreira de um artista são os da sua propria paciencia e os da sua propria energia. Não podia crer no que se chama inspiração, e só lhe merecião confiança o estudo e o trabalho. « A excellencia, dizia elle, « nunca é concedida ao homem senão como recompensa do trabalho. » — « Se tiverdes grande talento, o trabalho vo-lo aperfeiçoará; se só tiverdes mediocre aptidão, o trabalho vos subministrará o que vos faltar neste particular. Não ha tarefa, por mais improba que seja, que a energia bem dirigida não consiga consummar; sem ella, porém, nada, absolutamente nada se fará. » Sir Fowell Buxton, cuja actividade se exercia em uma carreira mui diversa, tambem cria firmemente na efficacia do estudo; e a idéa modesta e fecunda, a cujo imperio sempre se submettia, era que, para conseguir fazer as cousas tão perfeitamente como as pessoas mais bem dotadas do que elle, só lhe era preciso consagrar ao que emprehendia dobrado tempo e trabalho: de resto, Buxton confiava quasi exclusivamente nas faculdades ordinarias fortificadas por constante applicação. E' incontestavel que o genio sem o trabalho não passa de um oraculo mudo, e que os homens de maior genio sempre se hão achado entre os que podião empregar no trabalho mais paciencia, mais resolução, mais tenacidade, em uma palavra, entre os que se distinguão principalmente dos seus semelhantes pela sua maior aptidão para o trabalho.

V.

O essencial, em materia de estudo, é comprehendermos bem o nosso assumpto, de fórma que o possuamos a fun-

do e em todas as suas partes. Francisco Horner, quando quiz estabelecer regras para a sua propria educação, não deixou de collocar em primeiro lugar a necessidade de se applicar exclusiva e assiduamente ao assumpto em cujo estudo se achasse empenhado; para este fim contentava-se elle com um diminuto numero de livros e oppunha a mais inabalavel firmeza a toda a tentação que o pudesse habituar a leituras sem nexos nem methodo. E' certo que o valor do saber consiste antes no bom uso que d'elle se póde fazer, do que na amplidão do que se sabe. Donde se segue que uma modesta dóse de sciencia exacta e de bom quilate é, sob o ponto de vista práctico, mil vezes mais preciosa do que os mais amplos conhecimentos superficiaes. Quanto ao dictado trivial que affirma achar-se *a sciencia hoje em dia tão vulgarizada como o espirito*, ha nelle de certo alguma verdade; mas cumpriria accrescentar que essa vulgarização da sciencia se faz sobre uma superficie mui extensa, que a camada por ella penetrada bem longe está de ser profunda, e que o resultado disto é revelar-se a crassa ignorancia que lhe fica por baixo. Nunca se leu tanto, é verdade, mas tambem nunca se estudou tão pouco; de maneira que vemos crescer todos os dias o numero dos que sabem um pouquinho de tudo, mas nada completamente. E, pois, já houve quem com toda a razão comparasse os leitores desta especie a essas facas que, além da folha ordinaria, têm uma lima, uma serra, uma verruma, uma chave de parafuso, uma tesoura e um saca-rolhas, mas tudo de dimensões tão pequenas, que quando nos queremos servir de alguma dessas ferramentas, logo reconhecemos a sua inutilidade.

Uma das maximas que Ignacio de Loyola repetia a miudo era que «ninguém trabalha mais do que aquelle que faz uma unica cousa de cada vez, mas com toda a perfeição.» Exercendo os nossos esforços em um campo

demasiadamente extenso, debilitamos inevitavelmente as nossas forças, retardamos o nosso progresso, e adquirimos o habito de trabalhar atabalhoadamente e mal. O moço que se decide a aprender, seja o que fôr, nunca deve abandonar o que está aprendendo sem ter primeiro adquirido a maior somma possível de pericia: é só assim que ulteriormente se consegue fazer as cousas com perfeição. Lord Saint-Leonards, communicando um dia a Sir Fowell Buxton o methodo que seguira nos estudos, explicou-lhe assim o segredo dos seus triumphos: « Quando comecei a estudar direito, «diz elle, » tomei a resolução de ficar bem senhor de tudo quanto aprendesse, e de nunca passar a nova materia antes de me achar prompto na precedente. Muitos dos meus competidores lião mais em um dia do que eu em uma semana; mas, no fim do anno, eu sabia o que tinha aprendido tão bem como no primeiro dia, ao passo que elles havião esquecido quasi tudo. » Sir E. B. Lytton explicou assim um dia como pudera escrever tantos livros, tomando ao mesmo tempo parte activa na vida publica: « Se consigo compôr tantas obras, «disse elle, » é porquenunca trabalho em mais de uma de cada vez. Regra geral, não consagro ao estudo mais de tres horas por dia, e ás vezes ainda menos quando o parlamento está aberto. Mas por isso mesmo, durante essas poucas horas, dou ao que faço toda a attenção de que sou capaz. »

VI.

A instrucção real não depende da quantidade de materia que vemos ou do numero de paginas que aprendemos, mas sim da coherencia do assumpto com o objecto que temos em vistas estudando, da concentração de espi-

rito que empregamos nos nossos estudos, e da disciplina habitual que preside á applicação systematica de todas as nossas forças intellectuaes. Abernethy dizia que tinha no seu intellecto um ponto de saturação, passado o qual tudo quanto elle buscava introduzir no espirito só servia para faze-lo perder algum dos conhecimentos já adquiridos. A proposito do estudo da medicina, dizia: « Todo aquelle que tiver uma idéa perfeitamente clara do que quer fazer, raras vezes deixará de acertar na escolha dos meios convenientes para a execução do que houver apprehendido. » O estudo mais proveitoso é o que tem um objecto especial e definido, para o qual convergem a um tempo todas as nossas observações, todas as nossas reflexões, todas as nossas leituras. Só tornando-nos peritos no ramo dos conhecimentos humanos a que nos applicamos é que adquirimos o poder de utilizal-o, sempre que assim nos convier. Não basta, pois, termos livros e sabermos onde acharemos as explicações de que possamos carecer; o que importa é trazermos com nosco, para qualquer evento, os nossos conhecimentos práticos e te-los á nossa disposição quando nos quizermos servir delles. Não basta, em uma palavra, termos um thesouro em casa e sahirmos á rua com as algibeiras vasias; o que importa é andarmos sempre munidos de moeda corrente, queremos dizer, de uma porção do nosso saber para emprega-lo em toda e qualquer occasião; do contrario, se nos virmos de repente obrigados a mostrar o que sabemos, teremos de fazer tristissima figura.

VII.

A decisão e a diligencia são, por outra parte, tão necessarias na educação como nos negocios; e pôde-se fomen-

tar o desenvolvimento destas qualidades habituando os moços a contar com os seus proprios recursos, e deixando-os, com cedo, gozar de toda a liberdade de acção compativel com a sua segurança. Querer guial-os e contel-os de mais, é condemnal-os a nunca poderem fazer cousa alguma por si mesmos: tanto monta pôr-lhes bexigas debaixo dos braços, em vez de ensinal-os a nadar. A falta de confiança impede o progresso talvez mais do que geralmente se pensa. Comtudo, a verdadeira modestia é mui compativel com a justa apreciação da nossa propria valia, e não exige que renunciemos o merito. Bem que haja incontestavelmente muitos homens presumidos que de bom grado se enganão a si mesmos pondo, na avaliação que fazem das suas proprias forças, um algarismo demasiadamente elevado á esquerda dos seus zeros, nem por isso é menos certo que a falta de confiança, a duvida de nós mesmos, e a ausencia de presteza que disto resulta na acção, são defeitos mui nocivos ao progresso individual. E pois, com muita razão já alguém disse, que metade dos máos exitos na vida provém de encurtar-se a redea ao cavallo no momento em que elle vai saltar. O Dr. Johnson costumava attribuir os seus triumphos á sua confiança em si mesmo. E é bem certo que a razão por que alguns homens fazem muitas vezes menos do que podião fazer, está em elles não empregarem o necessario esforço; e se são mal succedidos, é porque põem obstaculos a si mesmos. Um passo para a direita ou para a esquerda poderia assegurar o bom exito; mas justamente no que menos se cuida é em dar esse passo.

Bem sabemos que não pouca gente deseja obter os fructos que produz infallivelmente a educação de si proprio; mas nem todos estão dispostos a preencher a condição inevitavel desta educação, isto é, a entregarem-se a um trabalho arduo e indefesso. O Dr. Johnson dizia que « a

falta de paciência para o estudo era a doença mental da geração presente; » e esta observação é ainda hoje perfeitamente justa. Podemos com effeito não crer que haja um estrada *real* que vá ter á sciencia, mas parecemos estar firmemente convencidos da existencia de um caminho *popular*. Em educação, engenhamos meios de economisar o trabalho; buscamos chegar á sciencia por atalhos, aprender o francez e o latim em *doze lições*, ou *sem mestre*, imitando assim a casquilha que contratava um mestre de linguas, com a condição de elle nunca lhe fallar em verbos nem em participios. Adquirimos, por este mesmo methodo, uma ligeira tintura de todas as sciencias; aprendemos chimica assistindo a algumas lições acompanhadas de experiencias; e, depois de havermos respirado gaz hilariante, depois de termos visto um liquido verde tornar-se vermelho, e um pouco de phosphoro arder no oxygeneo, possuímos a nossa tinturazinha de chimica, a qual, comquanto sempre seja melhor do que a absoluta ignorancia, nem por isso offerece a minima utilidade prática. E é assim que muitas vezes cremos trabalhar na nossa instrução, quando na realidade nada mais fizemos do que divertir-nos.

E' isto um mal crescente, e que opera de diversas maneiras: o seu menor inconveniente é produzir intelligencias sem profundeza; o seu mais pernicioso resultado é inspirar uma aversão extrema para todo o trabalho assiduo, e tornar o espirito deploravelmente acanhado e tibio. Se quizermos realmente ser sabios e instruidos, devemos tomar a resolução de nos votarmos ao trabalho com o mesmo indefesso ardor de que dêrão provas os nossos predecessores; porquanto o trabalho é e será sempre indispensavel para se obter tudo quanto tem algum valor. Convém, pois, que saibamos, não só trabalhar com energia e resolução, senão tambem esperar com paciência

os resultados do trabalho. Buffon chegou a afirmar que a paciencia constitue o genio: querendo com isto dizer que, na sua opinião, o poder dos grandes homens provinha principalmente da faculdade que elles têm de trabalhar com ordem e de esperar. Todo progresso serio é lento; mas quem trabalhar com consciencia e firmeza, de proposito verá infallivelmente coroados de bom exito os seus esforços. Pouco a pouco o espirito de industria, que aprende a exercitar-se primeiro nos ramos elementares da educação, passará naturalmente a objectos de mais subida dignidade e muitissimo mais uteis. Mas nem por isso devemos deixar de trabalhar, porque a nossa educação nunca se conclue. « Estar occupado, » dizia o poeta Gray, « é ser feliz. » — « Mais vale o homem gastar-se do enferrujar-se, » dizia o bispo Cumberland. — « Pois não temos a eternidade para descansar! » exclamava Arnaldo. E o energico Mornix de Santa-Aldegonda tinha por divisa: « Descanso, no outro mundo! »

Dá mostras de grande curteza de engenho o trabalhador que não sabe aguardar com paciencia o resultado do seu labor. Por seu gôsto, deveria elle manifestar-se sob uma fórma tangivel, e, por assim dizer, immediatamente. Como as crianças que querem ver brotar da noute para o dia as sementes que deitão na terra, o nosso insoffrido arrancaria de bom grado as suas plantas, com risco de matal-as, para ver se ellas vão em crescente desenvolvimento. Todavia, quem planta ou semêa, deve saber esperar pacientemente e com confiança, na certeza de que não deixarão de vir a primavera, e o verão, e o outono, e as flôres e os fructos que elles trazem consigo. A's vezes até nos devemos contentar com a idéa de que estes fructos serão saboreados por nossos filhos. Um octogenario, diz La Fontaine n'uma das suas mais lindas fabulas, estava a plantar arvores, quando tres moços que ião pas-

sando, admirados de vel-o empregar assim as poucas forças que lhe restavão, disserão-lhe: « Por que razão vos dais a tão arduo trabalho, se, já no ultimo quartel da vida não vereis de certo estas arvores crescidas? » E o velho, confutando a sabedoria dos seus imberbes criticos: « Meus bisnetos, » replicou-lhes, « dever-me-hão um dia a sombra destas arvores que estou plantando: achais então que o homem cordato não deve esforçar-se por ser util aos seus semelhantes? Pelo contrario, a simples lembrança de que lhes preparo assim um beneficio já é por si mesma um fructo que saboreio de presente. »

VIII.

A mais transcendente e util de todas as educações é a que cada qual dá a si mesmo. A que recebemos na escola ou no collegio é apenas um principio de educação que só tem valor porque nos faz adquirir o habito da applicação constante, e nos dá os meios de continuarmos mais tarde a nossa propria educação segundo um plano e systema definidos. Para que o espirito possa exercer as suas faculdades, é conveniente, até mesmo no systema de educação mais perfeito, deixar alguns espaços livres á sua actividade espontanea. Assim, entregue a si mesmo, e forçado, até certo ponto, a reconhecer o que póde e o que não póde, a força e a actividade se lhe augmentarão, e os males que resultão da excessiva dependencia da parte do discipulo e da demasiada autoridade da parte do mestre serão quasi de todo evitados. Em muitos casos, a melhor educação possivel é a que adquirimos applicando-nos ao mesmo tempo laboriosamente ás occupações da vida activa. Adquirir idéas sem o espirito rea-

gir sobre ellas, sem ficar bem senhor de todas, de maneira que possa utilizal-as, é tão inutil ao homem como metter dentro de um sacco uma infinidade de cousas de que não pretende servir-se. « Não basta, diz Locke, introduzirmos no espirito um montão indigesto de lições; para que ellas nos alimentem e fortaleção, devemos ruminal-as com vagar. » Nunca comprehendemos tão perfeitamente o que outrem nos faz entrar na cabeça como o que devemos á espontaneidade e á perseverança dos nossos proprios esforços. O saber conquistado á força de trabalho torna-se uma possessão, uma propriedade inteiramente pessoal. As impressões adquirem então mais vivacidade, mais durabilidade, e os factos se gravão no espirito com uma força que a instrucção dada não poderia em caso algum produzir. Esta especie de educação desperta outrosim as nossas faculdades e lhes desenvolve a energia. O problema, cuja solução foi achada por nós mesmos, nos ajuda a resolver outro; e assim o saber torna-se por seu turno uma faculdade. Esforço pessoal, activo, espontaneo, eis o essencial; e não ha facilidades, nem livros, nem mestres, nem lições aprendidas rotineiramente, que possam supprir a sua falta. Este espirito de actividade espontanea, quando é a fonte da educação que cada qual adquire por si mesmo, faz desta educação uma cousa viva, dá um alvo a todos os nossos esforços, um character distinctivo a todas as nossas faculdades, e favorece de todas as maneiras a formação de justos principios e de bons habitos de comportamento.

Os melhores professores hão reconhecido á porfia a importancia da educação que cada qual dá a si mesmo, e prégado aos estudantes a necessidade de se acostumarem com cedo a adquirir o saber por meio do exercicio espontaneo das suas proprias faculdades. Têm ligado muito maior importancia á cultura das proprias faculdades

do que ao ensino oral, esforçando-se sempre por que os seus discipulos tomassem de sua cabeça a parte mais activa possível no estudo em que se achavão empenhados, e mostrando assim que, na sua opinião, a educação era cousa mui diversa da recepção passiva de algumas migalhas de saber. Tal era o espirito que animava o grande doutor Arnold. O que elle buscava com maior empenho ensinar aos seus discipulos — era a confiança em si mesmos e o habito de cultivarem as suas proprias faculdades; pela sua parte, limitava-se a mostrar-lhes o caminho, dirigindo-os, estimulando-os. animando-os. « Na minha opinião, » dizia elle, « é mil vezes melhor mandar um moço ganhar o seu pão com o suor do seu rosto na ilha de Van Diemen, do que fazel-o viver em Oxford no seio de um Juxo improprio para lhe inspirar o desejo de utilizar-se dos recursos que lhe são alli proporcionados. » — « Não ha no mundo cousa tão admiravel, » ponderava elle em outra occasião, « como ver a sabedoria divina abençoar talentos naturaes mediocres que forão cultivados com zelo, consciencia e integridade. » Fallando de um discipulo assim dotado, dizia: « Eu me descobriria com todo o acatamento na sua presença. » Um dia, em Laleham, aconteceu-lhe reprehender severamente um moço a quem dava lições e que era algum tanto rude; o discipulo, fitando nelle os olhos: « Porque vos agastais assim comigo, senhor? Eu faço o mais que posso, crêde-me. » Depois de passados muitos annos, Arnold, quando fallava a seus filhos neste episodio, accrescentava: « Nunca senti em minha vida um abalo tão profundo; parece-me ainda hoje que estou ouvindo aquellas palavras e vendo aquelle olhar. »

O merito de possuirmos uma intelligencia naturalmente superior é, por fim de contas, perfeitamente igual ao do homem que enriqueceu por haver herdado uma fortuna

consideravel. O uso que fizermos da nossa intelligencia ou da nossa riqueza é que nos dará jus ao respeito dos nossos concidadãos. Não seria caso inaudito o de um homem accumular thesouros de sciencia sem ter em vistas o menor objecto util; mas, comquanto isto possa ser uma fonte perenne de satisfação para o feliz possuidor de tão preciosos bens, póde tambem não ser da menor utilidade para pessoa alguma, á excepção do nosso *avaro de sciencia*. Não é a simples cultura litteraria que fórma o homem: bem póde um individuo ter lido muitos livros e estudado muitas sciencias, e ser, não obstante, absolutamente incapaz de uma sã actividade intellectual; ao passo que outros que não tiverão educação escolastica regular, mas que exercitirão vigilantemente o seu juizo e o seu talento de observação, conseguem tornar-se notaveis pelo vigor da intelligencia.

IX.

Hoje em dia repette-se muito a miudo que *saber é poder*; mas isto não é sómente verdade emquanto ao saber: o mesmo se poderia dizer do fanatismo, do despotismo, da ambição. O saber por si só, se não fosse discretamente dirigido, contribuiria sem a menor duvida para tornar os perversos ainda mais perigosos, e para fazer da sociedade onde o considerassem como o supremo bem um verdadeiro *pandemonium*. Nada vale o saber quando não o acompanha a bondade e a cordura, e não se lhe allia a rectidão de character. Pestalozzi até chegava a dizer que a educação intellectual, quando isolada, era perniciosa; na sua opinião, o saber devia estribar-se e haurir forças em uma vontade sujeita ao imperio da religião e da justiça. O sa-

ber pôde até certo ponto impedir [que homem pratique crimes abominaveis, mas só o libertará dos seus vicios egoisticos se bons principios e habitos são o houverem fortalecido. Eis a razão por que vemos todos os dias na sociedade pessoas que, não obstante serem admiravelmente dotadas emquanto á intelligencia, só servem para nos inspirar asco, pelo lado do character. Cheias do saber das escolas, mas destituidas de sabedoria prática, offerecem-nos ellas exemplos do genero daquelles que não só não devemos seguir, mas até detestar.

Parece que a época actual exagera a importancia da educação litteraria. Como temos numerosos institutos, bibliothecas e museus, cremos de boamente que o nosso progresso vai em consideravel augmento. Mas é mui provavel que estas facilidades, fomentando em muitos casos o mais alto desenvolvimento individual, só sirvão em muitos outros casos para tolhel-o. Crer que um homem fica sendo sabio pelo simples factó de possuir uma livraria, ou de poder utilizar-se de um grande numero de livros, é o mesmo que suppôr que alguém se torna generoso com a simples posse de avultados cabedaes. Posto que os recursos proporcionados aos individuos para a sua propria instrucção sejam hoje numerosissimos, nem por isso é menos certo que hoje, bem como outr'ora, só adquiram intelligencia e sabedoria os que seguem o antigo methodo, isto é, os que se ajudão principalmente da observação, da attenção, da perseverança e do trabalho. A méra posse dos materiaes do saber é cousa mui differente da sabedoria e da intelligencia, porquanto estas são o fructo de um desenvolvimento muito superior ao que podem produzir simples leituras, que no maior numero de casos só servem para nos pôr no habito de recebermos passivamente e sem grande esforço, para não dizer sem o menor esforço intellectual, as idéas de outrem. Por outra parte,

quantas vezes não são os nossos estudos a satisfação de um *epicurismo* litterario, especie de intemperança intellectual, que produz, é certo, momentaneamente, uma excitação agradável, mas que não contribue de maneira alguma, quer para melhorar e opulentar o espirito, quer para formar o character! Comtudo, muita gente se illude suppondo que cultiva o seu espirito, quando na realidade só se entrega á occupação mais humilde de *matar o tempo*, occupação de que o menos que se póde dizer é que ella, tudo bem considerado, sempre serve para impedir o homem de fazer cousa peor.

Importa tambem ter em consideração que a experiencia adquirida nos livros, por mui preciosa que seja, é sempre da natureza do *saber*; ao passo que a experiencia restante das vicissitudes da propria vida é da natureza da *sabedoria*; e que um grão desta tem infinitamente mais valor do que uma montanha daquelle. « Todo e qualquer estudo, » diz mui judiciosamente lord Bolingbroke, que não tende directa ou indirectamente a tornar-nos melhores como homens e como cidadãos, nada mais é, quando muito, do que uma especie de engenhosa e agradável preguiça, e assim tambem o saber que d'elle resulta nunca passará de uma especie de polida ignorancia, e nada mais. »

X.

Devemos, pois, reconhecer que o fim principal da educação não é pejar-nos o espirito com as idéas de outrém e fazer de nós meros recipientes de impressões que nos são mais ou menos estranhas, mas sim desenvolver a nossa intelligencia individual, e preparar-nos para que

venhamos a ser, tanto quanto fôr possível, na esfera a que nos destinamos, activos e uteis trabalhadores. Fôra-nos facil citar, entre os mais energicos lidadores e aquelles cujos trabalhos hão sido mais uteis á humanidade, um grande numero de individuos que mui pouco lêrão em toda a sua vida. Brindley e Stephenson só aprendêrão a ler e a escrever na idade madura, mas nem por isso deixárão de executar importantissimos trabalhos e de percorrer uma carreira cheia de honra. João Hunter, aos vinte annos de idade, ainda não sabia ler nem escrever ; mas, em compensação, não havia marceneiro algum que fizesse mesas e cadeiras melhor do que elle. « Por minha parte. nunca leio, » dizia um dia o grande physiologista em uma das suas lições ; « eis o livro (e mostrava aos discipulos o cadaver estendido diante de si), eis o livro que deveis estudar, se quizerdes ser eminentes na vossa profissão. » Tendo-lhe alguem dito que um dos seus contemporaneos o accusava de não saber as linguas mortas, Hunter replicou : « Pois eu lhe ensinarei, dissecando qualquer cadaver, o que elle nunca soube em lingua alguma, morta ou viva. »

O que mais importa não é o que um homem póde saber, senão o fim, o alvo que elle attingirá ajudado do seu saber. A sciencia devêra ter por fim dar mais madureza á sabedoria, mais grandeza ao character, e tornar-nos melhores, mais felizes, mais uteis, mais benevolos, mais aptos para nos dedicarmos a todos os grandes interesses da vida. Cada um de nós deve *ser e fazer*, e não se contenta com *ler e meditar* no que forão e fizerã o os nossos semelhantes. Importa que a melhor parte da s nosss luzas se transforme em movimento e a melhor parte das n ossas ideias em acção, afim de ao menos podermos dizer, como Rich-ter : « Fiz de mim o que melhor pude, segundo as forças da minha natureza ; e ninguem de certo achará que fiz pouco. » Todo homem tem o dever de governar-se e de

dirigir-se por si mesmo, com o favor de Deos, segundo o gráo de responsabilidade que lhe cabe e as faculdades de que é dotado. Tome elle por guia, se quizer, os bons exemplos e as boas obras de outrem; mas confie sobretudo nos seus proprios esforços, e edifique sobre alicerces que privamente lhe pertencão.

XI.

A disciplina e a censura que cada um exerce sobre si proprio são, pois, o principio da sabedoria prática; e é no respeito de nós mesmos que estas virtudes devem ter as suas raizes. A esperança se deriva igualmente dellas, a esperança! companheira da força e mãe do bom exito; pois todo aquelle que espera esforçadamente, possui o dom dos milagres. O mais humilde dos homens pôde e deve dizer: « Respeitar-me e aperfeiçoar-me, tal é nesta vida o meu verdadeiro dever. Parte integral e responsavel do grande systema da sociedade, estou obrigado para com ella e para com o seu autor a não perverter nem destruir, quer o meu corpo, quer a minha intelligencia, quer os meus instinctos. Pelo contrario, devo empregar todos os esferços para que estas diversas partes da minha natureza attinção o maior gráo de perfeição possivel. Tenho obrigação, não só de extirpar os meus máos instinctos, senão tambem de cultivar os bons; e o respeito que voto a mim mesmo, devo-o do mesmo modo aos meus semelhantes, que por seu turno m'o devem em gráo igual. » Daqui provém o respeito mutuo, a justiça e a ordem, cujos a lei vem a ser depois o monumento e a garantia.

« O respeito de si mesmo é o mais bello manto com que se pôde cobrir um homem, o sentimento mais elevado que pôde esforçar-lhe e espirito. Uma das mais sabias maxi-

mas de Pythagoras, nos *Versos dourados*, é a que recomenda ao discípulo que se *se respeite a si mesmo*. Fortalecido por este nobre sentimento, nunca elle tolerará que a sensualidade lhe manche o corpo ou que o servilismo lhe avilte o espirito. Este sentimento, posto em prática, será a origem de todas as virtudes, — sobriedade, castidade, moralidade, religião. « Póde-se considerar, » diz Milton, « o justo e pio respeito que votamos a nós mesmos como a fonte donde se derivão as aguas vivas necessarias para a fecundação de toda a empreza digna e louvavel. » Com effeito, ninguém póde ter-se em pouca conta sem descer muito na sua propria estima e na dos seus semelhantes. De resto, os actos revelão os pensamentos. Não é abaixando humildemente os olhos para o chão que o homem se eleva; mas sim levantando-os bem e fitando-os no céo. A pessoa mais humilde póde achar neste sentimento um sustentaculo e uma consolação, pois que elle até serve para illuminar e ennobrecer a pobreza. Não ha de certo espectaculo mais sublime do que o do justo resistindo a todas as sordidas e pungentes tentações da pobreza, e seguindo altivo o seu caminho, sem se deixar aviltar pela minima acção vergonhosa.

XII.

Quanto á utilidade do saber como meio de conseguirmos os nossos intuitos, assumpto é este em que julgamos inutil insistir. Em materia de ensino deste genero podemos nos louvar na perspicacia do interesse pessoal, que já vai fazendo generalizar-se a convicção de ser a educação que cada qual busca adquirir por si mesmo um dos melhores empregos que o homem póde dar ao seu tempo

e ao seu trabalho. Com effeito, não ha carreira alguma em que a intelligencia não seja da maior utilidade, quer para ensinar o homem a amoldar-se mais facilmente ás circumstancias, quer para lhe suggerir novos methodos, para augmentar de todas as maneiras a sua aptidão, a sua habilidade e a efficacia dos seus esforços. Aquelle que trabalha a um tempo com a cabeça e com as mãos tem sempre uma idéa mais elevada da sua tarefa do que o individuo que trabalha sómente com as mãos. Além disto, augmenta-se-lhe de continuo a consciencia das suas proprias forças,—facto etes que constitue de certo a ideia mais consoladora a que póde ater-se o espirito humano. O trabalhador, dotado de intelligencia cultivada, torna-se tambem cada vez mais capaz de ajudar-se a si mesmo; e quanto mais respeita elle os seus novos meritos, tanto melhor resiste á tentação de entregar-se aos gozos vulgares. Contempla então com um novo interesse a sociedade e a sua acção; suas sympathias se amplião e elevão-se; e mais evidente emfim se lhe torna a necessidade de trabalhar para os seus semelhantes da mesma sorte que para si proprio.

Todavia, por mais que cada qual se esmere na sua propria educação, nem sempre attingirá a eminencia de que os illustres *filhos das suas proprias obras*, que já citámos, nos hão dado tantos exemplos. Sempre e de necessidade, a grande maioria dos homens, por muito esclarecida que seja, terá de dar-se ás occupações ordinarias da industria, e nenhum gráo de cultura a que a communiidade possa elevar-se o habilitará,—ainda quando isto fosse desejavel, que o não é,—a libertar-se da rotina diaria dos trabalhos indispensaveis á existencia material da sociedade. Eis, na nossa opinião, os resultados que se poderão colher: conseguir-se-ha elevar o trabalho na estima dos homens, alliando-o ás nobres idéas que têm para

as classes mais humildes o mesmo esplendor que para as mais elevadas; pois que, por mais pobre e obscuro que seja o homem, isto não obstará que o mais illustre pensador do tempo presente ou dos tempos passados venha assentar-se em sua casa e fazer-lhe companhia, embora more elle na mais miseravel cabana. E' deste modo que o habito das leituras bem escolhidas póde vir a ser a fonte do maior prazer e do mais proveitoso progresso, e dar resultados preciosissimos, exercendo suave refreamento no character e comportamento do homem. De resto, ainda quando a educação de nós mesmos não nos conduza á fortuna, dar-nos-ha ao menos a excellente companhia das ideias elevadas. Tendo um fidalgo perguntado um dia desdenhosamente a um sabio: « De que vos tem servido a vossa philosophia? » o sabio respondeu: « Tem me servido ao menos para uma cousa, que é andar eu sempre em boa companhia. »

XIII.

Muitas pessoas, porém, se entregão facilmente ao desespero e ao desanimo, por não serem bem *sucedidas* no mundo tão depressa como crêm merecel-o. Tendo plantado a sua bolota, querem vel-a em prompto mudada em carvalho. Considerarão sem duvida o saber como uma mercadoria de rapida extracção, e mortificão-se por elle não ter a sahida vantajosa que havião esperado. Esta baixa idéa do saber é de continuo alimentada pelo juizo erroneo que cada qual mais ou menos sempre fórma a respeito da vida na sociedade. Todavia, estima em bem pouco o saber quem o considera como uma escada para se elevar acima dos mais no mundo, ou como uma fonte

de dissipação e divertimento intellectual, e não como um meio de ennobrecer o seu proprio character e de abrir mais vastos horizontes ao seu espirito. E' por certo mui honroso buscar o homem elevar-se e melhorar a sua condição social, comtanto que a consecução deste intuito não exija o sacrificio da sua propria dignidade. Fazer do espirito um mero escravo do corpo é condemnal-o a um papel ignobil; e levar uma pessoa constantemente a aborrecer-se e a queixar-se da sua desditosa sorte, porque não consegue findar os seus dias na posse dos bens que, feitas as contas, dependem muito mais do habito do trabalho diligente e da attenção empregada em tudo quanto diz respeito ao meneio dos negocios do que propriamente do saber, é signal de um espirito apoucado, senão atrabilia-rio. A' gente desta especie, é que conviria repetir as palavras dirigidas pelo historiador Roberto Southey a um amigo que lhe pedia conselhos: « Eu vol-os daria de bom grado, se elles vos podessem servir para alguma cousa; mas como se ha de curar uma pessoa que tem gôsto em estar doente? O homem discreto e bom póde sem duvida irar-se ás vezes contra o mundo e outras vezes affligir-se ao ver o que nelle se passa; mas vou indubitavelmente sobre certo affirmando que ninguem vive absolutamente descontente do mundo, quando nelle cumpre todos os seus deveres. Se um homem de educação, possuindo fortuna, podendo dispôr livremente do seu tempo, e tendo todos os seus membros em perfeito estado, não acha objecto algum digno dos seus esforços, é simplesmente porque approuve á Providencia conceder todos estes dons a um homem que não os merece.»

XIV.

Na obra da sua propria educação, o estudante serio encontrará de certo difficuldades de toda a sorte; mas nunca esqueça elle que não ha mestre algum cujo ensino seja mais proveitoso do que o da difficuldade vencida, assim como não ha experiencia que iguale á que adquirimos á nossa propria custa. O celebre Fox costumava dizer que havia mais que esperar de um homem que era ás vezes mal succedido nas suas empresas, mas não se deixava abater por nenhum revez, do que de outro cujos constantes triumphos não lhe provavão o character. E certo que muitas vezes achamos o que *não serve*, primeiro que descobramos o que *serve*; e eis a razão por que aquelle que nunca erra, parece ser o menos proprio para fazer qualquer descoberta. Um sabio que se distinguiu pelas suas investigações nas sciencias phisicas affirmava que nunca fizera uma nova descoberta, no longo decurso das suas laboriosas pesquisas, sem ter primeiro vencido algum obstaculo que a principio parecia insuperavel. De resto, foi no seio das difficuldades e das afflicções de toda a sorte que as mais sublimes idéas, as mais portentosas descobertas, as mais admiraveis invenções nascêrão e se desenvolvêrão; e só a muito custo foi que vierão a triumphar.

Tudo quanto aprendemos é o segredo de uma difficuldade; e o segredo de uma nos ajuda a descobrir o de uma infinidade de outras. Muitas materias que na educação podem parecer de pouca importancia,—o estudo das linguas mortas, por exemplo, ou o das razões das linhas e das superficies que chamamos mathematicas,—teem realmente um valor pratico enorme, não tanto pelo que nos

ensinão. [como pelo desenvolvimento que occasionão. O bom exito destes estudos exige esforços e uma energia de applicação que, se assim não fosse, bem poderião ficar para sempre em estado latente. Deste modo uma cousa conduz á outra, e, como o trabalho entrétem o trabalho, a luta com as difficuldades só finda quando cessa a vida ou o progresso. Mui judicioso foi pois o conselho dado por Alembert ao estudante que se lhe queixava do seu pouco aproveitamento no estudo dos rudimentos da mathematica : « Continuai a estudar ; a força e a fé vos virão ajudar. »

As cousas que achamos mui faceis, inclusive a mais simples e primitiva das acções, a de andar, forão a principio difficeis. A dansarina que faz uma piroeta, o rabequista que executa uma sonata, devem a sua habilidade á repetição perpetua dos mesmos ensaios e ás numerosas difficuldades vencidas. Carissimi, sendo um dia elogiado por uma pessoa que exaltava a facilidade e graça das suas melodias, exclamou : « Ah ! se soubesseis quanto custa a adquirir esta facilidade ! » Quanto tempo gastastes para pintar este quadro ? » perguntarão um dia a Reynolds. « Toda minha vida » respondeu elle. « O orador que, com tanta facilidade apparente, esparge sobre os ouvintes enlevados as ondas da sua eloquencia, só adquire tão portentoso poder á força de trabalho, de paciencia, de ensaios, e muitas vezes de crueis contrariedades. O orador americano Henrique Clay, a quem uns mancebos havião pedido conselhos, explicou-lhes assim o segredo dos seus triumphos : « A posição que consegui conquistar é devida sobretudo ao facto de eu haver começado na idade de vinte e sete annos, e de ter continuado, durante um bom numero de annos, a ler todos os dias, em voz alta, um trecho de historia ou de sciencia, sobre o qual discorria depois sem preparo. Entregava-me a estes improvisos, ora nos campos, ora nos bosques, e até ás vezes em algu-

ma granja isolada onde tinha por auditorio o boi e o cavallo. A esta prática, precoce da mais transcendente de todas as artes devo os primeiros e irresistíveis impulsos que me arrastarão e dêrão ao meu destino direcção e character definitivos. »

XV.

Os homens cuja educação fôra esmeradissima tambem se hão mostrado capazes de lutar esforçadamente com toda a sorte de difficuldades. A propria pobreza por maior que fosse, nunca constituiu um obstaculo insuperavel para os que se havião determinado a elevar-se por meio do seu proprio esforço. O professor de linguistica Alexandre Murray aprendeu a escrever rabiscando as suas letras em um papelão com um páozinho queimado. O unico livro que havia em casa de seu pai, pobre pagueiro, era um catechismo de dous soldos; mas como este livro fosse sobremodo precioso para servir todos os dias, estava cuidadosamente guardado em um armario, de onde só sahia aos domingos. O professor Moor, na sua mocidade, não podendo, por causa da sua extrema pobreza, comprar os *Principia* de Newton, tomou emprestado um exemplar d'aquella obra e o copiou todo com o seu proprio punho. Uma infinidade de pobres estudantes que, em razão da suamiseria, se vião obrigados a ganhar a vida por meio de um trabalho quotidiano qualquer, tiveram, como os passarinhos no hiverno, quando a terra está coberta de neve, de andar respigando, aqui e alli e com largos intervallos, algumas migalhas de saber.

Guilherme Cobbett referiu as immensas difficuldades que teve de vencer quando aprendeu grammatica; e,

para que o leitor possa fazer ideia do grande esforço de que era dotado este excellente homem, citaremos aqui a sua interessante historia. « Aprendi grammatica, » diz elle, « quando era simples soldado, ganhando apenas doze soldos por dia. A beira da minha cama no meu alojamento, ou da tarimba no corpo da guarda, foi a unica cadeira que tive para me assentar quando estudava; a minha moxila servia-me de livraria; escrevia em cima de um pedaço de taboa posto sobre os meus joelhos; e nesta tarefa empreguei seguramente mais de um anno de minha vida. Não tinha com que comprar azeite nem velas; e no inverno era raro ter eu outra luz a não ser a do fogo, e ainda assim, só quando me tocava a minha vez. Se, em taes circumstancias, e sem parentes nem amigos que me guiassem ou animassem, consegui levar ao cabo a minha empresa, poderá por ventura haver desculpa para o moço que não cuida de intruir-se, a despeito da sua pobreza, a despeito de todo o trabalho de que se veja sobrecarregado e das mil circumstancias exteriores que lhe difficultem a aquisição do saber? Posto que eu sempre andasse morrendo de fome, não podia comprar uma penna ou uma folha de papel sem me privar de parte do meu sustento. Não tinha um unico momento de meu; e via-me obrigado a ler e a escrever no meio das conversações, das rixadas, das cantigas e da algazarra de uma duzia de homens pelo menos, os quaes, longe de se conterem para não me serem incommodos, só tratavão, pelo contrario, de aproveitar aquelles instantes de plena liberdade. Muito vos enganarieis se suppuzesseis que eu não fazia grande sacrificio empregando de quando em quando alguns centimos na compra de pennas, papel e tinta. Ah! um centimo era então dinheiro para mim! Tinha eu nessa época a mesma estatura que hoje. Gozava de muita saude e fazia muito exercicio. Do dinheiro que sobejava

das compras feitas para nós no mercado tocavão todas as semanas quatro soldos a cada homem. Lembra-me, e como poderia esquecel-o! que um dia (era por signal uma sexta-feira), tomei minhas medidas para que, pagas todas as despezas, me restasse um soldo: tencionava comprar, no dia seguinte, com esse soldo, um arenque salgado. De noite, ao despir-me, — a fome que eu curtia era tal que a vida quasi se me tornava insupportavel, — vi que tinha perdido o meu unico soldo... Cobri a cabeça com o lençol e puz-me a chorar como uma criança! Ora, repito, se em taes circumstancias, pude apprehender e levar ao cabo esta tarefa, haverá, será possivel que haja em todo o-mundo um moço que possa justificar a sua falta do applicação? »

XVI.

Referirão-nos não ha muito tempo um exemplo de perseverança e applicação não menos notavel, dado por um operario francez, que se achava em Londres. Depois de ter trabalhado algum tempo como pedreiro nesta cidade e nos arredores, faltou-lhe de repente o trabalho e elle se viu em luta com a pobreza. Em tão critica situação, foi o triste operario visitar um seu compatriota, que ganhava bem bom dinheiro dando lições de francez, e consultou-o sobre o expediente que lhe conviria adoptar. « Fazei-vos professor, » disse o mestre de francez sem hesitar. — « Eu, professor! » respondeu o pedreiro, « eu que sou um simples operario e fallo tão mal a minha lingua! Estais zombando. — « Não, fallo-vos com toda a seriedade, e repito que tereis um excellente meio de vida fazendo-vos professor. Tomai-me para vosso mestre, que eu me faço cargo de por-vos

em muito pouco tempo prompto na arte de ensinar. »— «Não, não,» replicou o pedreiro, «é impossível; «estou muito velho para aprender; não tenho instrucção alguma; não posso ser professor.» E, despedindo-se do seu compatriota, poz-se de novo a buscar trabalho. Nessa época era mui limitado o numero das obras em Londres, e o pobre operario, não achando onde se empregar, resolveu ver se seria mais feliz fóra da capital. Partiu, caminhou algumas centenas de milhas, mas debalde se cansou, porquanto não achou occupação em parte alguma. Quando voltou para Londres, foi logo direito á casa do amigo cujo conselho não quizera seguir da primeira vez, e disse-lhe: «Tenho buscado trabalho em toda a parte, mas nada consegui até ao presente; agora estou determinado a ser professor.» E submittendo-se immediatamente á direcção do seu compatriota, conseguiu, graças incessante applicação, á sua vivacidade de concepção e á sua vigorosa intelligencia, tornar-se em pouco tempo perito nos elementos da grammatica, nas regras da construcção e da composição, faltando-lhe apenas aperfeiçoar-se na pronuncia do francez classico. Quando o seu amigo e mestre viu que elle já se achava sufficientemente habilitado para ensinar, tratou de buscar-lhe emprego, e o nosso pedreiro foi afinal admittido como professor em um collegio que annunciara precisar de um mestre de francez. O mais curioso é que esse collegio ficava n'um dos suburbios de Londres onde elle exercêra outr'ora o seu officio; e todas as manhãs avistava o novo professor, das janellas do seu quarto, as chaminés de tres casinhas de campo feitas por elle mesmo. Durante algum tempo, todo o seu receio foi que alguém da vizinhança o reconhecesse, e que disso resultasse descredito para o collegio, que era um estabelecimento de primeira ordem. Mas não havia motivo para elle nutrir taes receios; a sua reputação de professor era

excellente, e seus discipulos já tinham sido muitas vezes elogiados publicamente em razão do grande aproveitamento que mostravão. Além disto, todas as pessoas com quem elle se achava em contacto, collegas e discipulos, tinham-lhe amizade e respeito; e quando souberão a historia do seu passado, das suas lutas, das suas difficuldades, ainda mais o ficarão estimando.

Quantos nomes illustres não poderíamos citar, se houvesse necessidade provar a verdade do proverbio que diz que *nunca é tarde para aprender!* Até mesmo em uma idade avançada pôde o homem fazer muito, si se applicar com afinco ao que houver apprehendido. Sir Henrique Spelman tinha mais de cincoenta annos quando começou os seus estudos scientificos. Franklin era tambem maior de cincoenta annos quando se decidiu a estudar seriamente physica. Dryden e Scott só forão conhecidos como autores quando já tinham mais de quarenta annos. Boccacio contava mais de trinta e cinco annos quando estreou na carreira litteraria; e Alfieri tinha quarenta e seis quando começou o estudo do grego. O Dr. Arnold aprendeu o allemão em uma idade avançada, afim de ler Niebuhr no original; e para ler as obras sobre mechnica, escriptas nas linguas franceza, allemã e italiana, foi que James Watt, na idade de quarenta annos, se decidiu a aprender aquelles tres idiomas, trabalhando ao mesmo tempo como fabricante de instrumentos de mathematica em Glasgow. Roberto Hall, velho e doente, foi um dia achado estendido no assoalho, onde, a despeito das dores que o atormentavão, estudava com ardor o italiano, que elle tomara a resolução de aprender afim de apreciar com perfeito conhecimento de causa o parallelo estabelecido por Macaulay entre Milton e Dante. Handel, aos quarenta e oito annos de idade, ainda não havia publicado nenhuma das suas grandes obras. Na verdade,

fora-nos facil citar centenas de homens eminentes que seguirão uma nova carreira e começarão e concluirão novos estudos em idade relativamente avançada. Hoje só o imbecil e o preguiçoso podem dizer : « Já não estou em idade de aprender. »

XVII.

De resto, é bom repetirmos aqui o que já dissemos, isto é que não são os homens de genio que dirigem o mundo, mas sim aquelles que a uma tenaz resolução unem indefeço ardor. A despeito das numerosas e singulares historias que todos os dias ouvimos contar acerca da infancia dos homens de genio, o que é certo é que a habilidade precoce não pode em caso algum dar a medida exacta da grandeza a que o homem feito se elevará. A precocidade é tambem em muitos casos symptoma de doença, e não indicio de vigor intellectual. Que fim levão tantos portentozinhos ? Qual é o destino dos eximios em themas, dos recompensados com os primeiros premios ? Segui-os na vida, e muitas vezes vereis que os collegas que elles punhão tão facilmente abaixo de si na escola os hão por seu turno desbancado. Todas as recompensas são para os discipulos intelligentes ; mas é bem raro que os premios concedidos á vivacidade da sua intelligencia e á sua facilidade de percepção lhes venhão a servir para o que quer que seja. O que se deveria principalmente recompensar é o esforço, a perseverança, a obediencia ; pois aquelle que, comquanto dotado de talentos naturaes inferiores, esforça-se por se esmerar, é que mais do que qualquer outro tem necessidade de ser, e deveria ser com effeito animado.

Que capítulo interessante não se poderia escrever acerca dos imbecis illustres, pessimos estudantes na adolescencia, homens notaveis na idade madura! O pintor Pietro di Cortona tinha na sua infancia tal fama de estupidéz, que todos os chamavão *cabeça d'asno*; e Tomaso Guidi, na mesma época da sua vida, era geralmente conhecido pela alcunha de *Thomas o bronco* (*Massaccio Tommassaccio*), o que não o impediu de elevar-se depois á mais alta eminencia. O lugar de Newton, na escola, era na extremidade do penultimo banco. O alumno que ficava acima delle deu-lhe um dia um pontapé; o nosso futuro sabio que ao menos era corajoso, desafiou-o immediatamente o venceu; depois, não contente de haver mostrado ao seu antagonista quanto era perito em materia de murros, tomou a resolução de lhe provar que tinha capacidade para ser bom estudante, e, pondo-se a trabalhar com ardor, passou bem depressa do penultimo banco para o primeiro lugar da classe. Muitos dos grandes theologos inglezes bem longe estiverão de recomendar-se por precoces talentos. Isaac Barrow distinguuiu-se na escola pelo seu character assomado, pelas seus habitos de violencia, pela sua incorrigivel preguiça; e taes desgostos causou á familia, que seu pai ás vezes dizia que se approvesse ao céu tirar-lhe algum de seus filhos, só pedia a Deos que fosse Isaac, porque de todos era o que menos premettia. Adão Clarke, quando era menino, podia, é certo, rolar pedras enormes; mas parecia tão estúpido, que o proprio pai confessava nunca ter visto um rapaz tão *insupportavelmente bronqueirão*. Dean Swift foi reprovado nos exames que fez na Universidade de Dublin e só pôde ser admiitido na de Oxford *speciali gratiá*. Os celebres Drs. Chalmers e Cook forão collegas na escola provincial de Santo André; e ambos se mostrarão alli tão estúpidos e malfazejos que o mestre, já não podendo atura-los, expulsou-os como garôtos incorrigiveis.

O espirituoso Sheridan mostrou na infancia tão pouco talento, que sua mãe, apresentando-o a um professor, asseverou ser elle *um radio incorrigivel*. Walter Scott, quando estudante, era mais notavel pelas travessuras e pelo seu gôsto para a luta, do que pelo proveitamento. O professor Dalzell, da universidade de Edimburgo, emittio a respeito delle um juizo, que, felizmente, não era definitivo: « Este rapaz, » disse o professor, « é um asno, e asno morrerá. » Chatterton foi recambiado a sua mãe como *um estúpido, que nunca seria cousa alguma*. Burns, que depois veio a ser tão eminente poeta, só se distinguia em sua infancia nos exercicios athleticos. Quanto a Goldsmith, elle mesmo se comparou a uma planta tardia. Alfieri, ao sahir do collegio, não se achava mais adiantado do que quando para elle entrára; e só começou os estudos que o tornárão celebre depois de haver percorrido metade da Europa. O philanthropo João Howard tambem foi um asno illustre, e durante ossete annos que passou na escola nada aprendeu, por assim dizer. O afamado engenheiro Stephenson tornou-se sobretudo notavel na mocidade pela sua habilidade nos jogos athleticos, e bem assim, cumpre dizel-o, pela attenção que dava ao que fazia. O preclaro Humphry Davy tambem não se distinguio dos collegas pela sua intelligencia. O Dr. Cardew, seu professor, disse a respeito delle: « Durante todo o tempo que o tive como discipulo, nunca pude discernir no seu espirito as faculdades por que elle se ha tornado tão distincto. » E o proprio Humphry declarou posteriormente que considerava como uma grande felicidade o terem-o deixado gozar da *liberdade de estudar tão pouco* quando esteve na escola. Apezar de todas as lindas historias que hão sido inventadas ácerca da sua precocidade, Watt bem longe esteve de ser bom estudante; mas, o que era muito melhor, distinguia-se pela sua paciencia e perseverança; e foi por

este meio e graças ao cuidado com que cultivou o seu gôsto pelas invenções que elle conseguiu aperfeiçoar a sua machina de vapor.

Alguns generaes mui distinctos tambem forão perfeitas nullidades nos seus primeiros annos. Lord Clive, o grande general anglo-indio, era na mocidade um terrivel garôto que só tinha a energia para o mal. A familia, contentissima por achar um meio de descartar-se delle, mandou-o para Madrasta; e, não obstante, tal foi o homem que lançou nas Indias, os alicerces do poder britannico. Napoleão e Wellington fizerão triste figura como estudantes; nunca se distinguirão em nenhuma das materias que estudarão. A duqueza de Abrantes, fallando do primeiro, dizia que elle gozára de excellente saude na mocidade, mas que nunca fôra notavel por talento algum. Um dos generaes do partido federal americano, Ulysses Grant, tinha entre os seus collegas a alcunha de *Useless Grant*, — o inutil, o incapaz Grant; — e o mais distincto dos ajudantes do general Lee, Stonewall Jackson, só se tornava notavel na mocidade pela sua lentidão. Todavia, distinguio-se na escola militar de West-Point pela sua tenaz applicação e infatigavel perseverança. Fosse qual fosse a sua tarefa, só a deixava depois de acabada; além disto, nunca fingia possuir conhecimentos que não houvesse realmente adquirido. «Muitas e muitas vezes,» disse uma pessoa que o conhecia bem, «chamado a responder ás perguntas feitas pelo mestre sobre a lição do dia, virão-o desculpar-se dizendo: *Ainda não estudei isto; estive a recordar a lição de hontem ou a de ante-hontem.* O resultado destes esforços foi elle vir a occupar o decimo-setimo lugar em uma classe que contava setenta alumnos. Não havia provavelmente em toda a classe um unico moço que não fosse no principio superior a Jackson em saber e em talentos; mas no fim do curso só dezeseis o havião

desbancado, e elle deixára cincoenta e tres abaixo de si. Os collegas dizião que se o curso fosse de dez annos e não de quatro, vê-lo-hião de certo conquistar o primeiro lugar da classe. »

XVIII.

O que o Dr. Arnold dizia dos adolescentes tambem se póde dizer dos homens: a differença entre elles provém, não tanto do talento, como da energia. Havendo perseverança, a energia muda-se bem depressa em habito. Se o bronco tiver persistencia e applicação, virá de certo a desbancar o estudante talentoso que não possuir aquellas duas qualidades. O premio da corrida toca áquelle que, sem se apressar, vai por diante e não pára. E' a perseverança que explica como as posições respectivas que alguns moços occupavão na escola se invertem tantas vezes na vida real; e vale bem a pena observar como os que forão tão habeis se tornão tão obscuros, ao passo que outros que passavão por imbecis, e de quem nada se esperava, conseguem, com as suas tardias faculdades e o seu passo inflexivel, tomar a posição de chefes e conductores de homens.

O autor deste livro teve por collega, na infancia, um rapazinho estúpido a mais não poder ser. Os mestres mais habeis tinhão successivamente emprehendido desbatal-o, e havião desistido da empreza. Castigos corporaes, orelhas de burro, caricias, rogos, tudo era baldado. Mais de uma vez fez-se a experiencia de pô-lo á testa da classe; e era summamente curioso ver a rapidez com que elle descia ao inevitavel ultimo lugar, qual pedaço de

chumbo passando através do azougue. Os mestres o abandonarão, dizendo que o mesquinho nunca passaria de um asno de albarda, e um delles até chegou a affirmar que o pobre rapaz era « phenomenalmente estúpido. » Todavia, assim mesmo moroso como se mostrava, o bronqueirão possuia uma especie de surdo esforço e de tenacidade que se desenvolvêrão com os annos e as forças do corpo; e, cousa singular! quando finalmente tomou parte nos trabalhos da vida, virão-o pouco a pouco avantajarse a muitos dos seus collegas de classe e deixar com o andar do tempo o maior numero delles abaixo de si. A ultima vez que o autor ouviu fallar neste individuo, achava-se elle á testa da magistratura na sua cidade natal.

Pouco importa que um rapazinho seja tardo de engenho, comtanto que seja diligente. A tartaruga, seguindo direito o seu caminho, avanta-se á lebre que se diverte avançando e retrocedendo, e dando saltos para aqui e para alli. A grande facilidade até pôde em muitos casos ser um defeito: em primeiro lugar porque aquelle que aprende com muita facilidade tambem esquece de ordinario com a mesma facilidade, e em segundo lugar porque não sente necessidade alguma de cultivar estas preciosas qualidades, a applicação e a perseverança, que o moço menos bem dotado se vê obrigado a exercitar e que são sempre um dos elementos mais importantes para a formação do character. Davy dizia: « O que eu sou, devo-o sómente aos meus proprios esforços; » e todos podem com verdade dizer o mesmo.

Em resumo, a mais alta educação não é tanto a que os mestres dão, como a que o proprio individuo adquire por si mesmo, depois de homem feito. E pois, não deverião os pais desejar a florescencia precoce dos talentos de seus filhos. Limitem-se antes a vigiar e a esperar, deixando que o bom exemplo e as influencias suaves produzão os

seus effeitos, e confiando quanto ao mais na Providencia; tenham todo o cuidado em que seus filhos, por meio do livre exercicio das forças corporaes, gozem sempre de excellente saude; acostumem-os com cedo a cuidar do seu aperfeiçoamento individual, a cultivar esmerada e constantemente o habito da applicação e da perseverança; e, á medida que elles forem crescendo em idade, vêl-os-hão, se a natureza os ajudar, tornarem-se cada vez mais aptos para trabalhar com vigor e efficacia na obra do seu proprio desenvolvimento.

E
ra
to
ac
pe
qu
u.
re
da

CAPITULO DECIMO.

NOBREZA DE CHARACTER. — CAVALHEIRISMO.

« Não ha acção alguma nesta vida que não seja o principio de uma cadeia de consequencias de tal sorte longa, que nenhuma providencia humana é bastante elevada para nos mostrar a sua perspectiva até ao fim. »

(THOMAS DE MALMESBURY.)

« O talento se fórma no silencio da vida privada, e o caracter no tumulto da vida publica. »

(GOETHE.)

I.

A nobreza de caracter é a perfeição e a gloria da vida. E' o mais precioso dos bens; o unico que, no conceito geral, supprime a posição e a fortuna; o unico que ennobrece toda e qualquer carreira e exalta todo e qualquer posto aos olhos da sociedade. A nobreza de caracter exerce maior poder que a riqueza, e, sem excitar as mesmas rivalidades que a fama, confere-nos as mesmas honras. Della resulta uma influencia sempre vivaz e sensivel, e com todo o direito; porquanto é a influencia da rectidão, da constancia, da honra provada: qualidades estas que, talvez mais do

que nenhuma outra, concilião a estima e a confiança dos homens.

A nobreza de character é a propria natureza do homem no que ella tem de melhor: é a ordem moral constituida em homem. Com effeito, os grandes caracteres não são sómente a consciencia da sociedade; são tambem, pelo menos em todo o Estado sabiamente regido, a sua força motriz por excellencia: porquanto, tudo bem considerado, são as qualidades moraes que governão o mundo. Até mesmo na guerra, segundo dizia o proprio Napoleão, o moral está para o physico assim como dez para um. Força, industria, civilisação, tudo para as nações depende da energia dos caracteres individuaes. Esta força de character é a verdadeira base da segurança publica; as leis e as instituições são simplesmente o reflexo e a consagração della. Na recta balança da natureza, individuos, nações, raças, obtêm todos exactamente a parte que merecem; e assim como é impossivel não seguir-se o effeito á causa, assim tambem as qualidades do character popular hão-de necessariamente manifestar-se em actos correspondentes á natureza da sua origem.

Por mais modesta que houvesse sido a sua educação, por mais mediocres que sejam os seus talentos, todo homem, pobre ou rico, se fôr grande pelo character, exercerá sempre, na officina, na loja, na praça, no senado, uma influencia preponderante. « Só quero subir ao poder, » escrevia Canning em 1801, « pela força de meu character; não buscarei nenhum outro meio de me elevar; e é-me grato nutrir a esperanza de que este meio, se não fôr o mais prompto, será pelo menos o mais seguro. » Todos nós nos sentimos facilmente dispostos a votar admiração ao homem intelligente; mas a nossa confiança, esta só a obterá elle se provar que possui outras qualidades além da intelligencia. Franklin attribuia todos os seus trium-

phos na vida publica, não á sua eloquencia ou aos seus talentos, que bem longe estavão de ser esplendidos, mas á notoria integridade de seu character. « Eis o que me dava, » dizia elle, « tanta influencia sobre os meus concidadãos. Eu era fraco orador, hesitava na escolha das palavras, apenas fallava correctamente, nunca me elevava á eloquencia; e, não obstante, fazia geralmente prevalecer a minha opinião. »

Quer nas altas posições, quer nas inferiores, é pela inteireza de character que o homem inspira confiança. Do imperador Alexandre I da Russia, houve quem dissesse que o seu character valia uma constituição. Durante as guerras da *Funda*, Montaigne foi o unico entre os fidalgos francezes que não se vio obrigado a trancar-se no seu castello; e dizia-se a este respeito que a veneração infundida pelo seu character pessoal guardava-o melhor que um regimento de cavallaria.

II.

Têm sem duvida razão os que dizem que o saber é uma força; mas a nobreza de character é tambem uma força, e muito maior, e de ordem muito mais elevada. O espirito sem o coração, a intelligencia sem o bom procedimento, a habilidade sem a benevolencia, são forças a seu modo, mas forças que podem muito bem servir sómente para o mal; e ainda quando nos proporcionem instrucção ou recreio, ás vezes nos é tão difficil admirar-as, quão difficil nos seria admirar a destreza de mão em um gatuno ou a pericia com que um salteador maneja o seu cavallo.

A veracidade, a integridade, a bondade, — qualidades que não podem ser barateadas como as condecorações, —

fôrma a essencia do character viril, ou para nos servirmos da expressão de um dos nossos velhos escriptores, « a fidelidade encarnada na virtude, que, para servir a esta, não carece de trajar a sua libré. » O homem que une estas qualidades á firmeza de proposito possui um poder irresistivel: é poderoso para praticar o bem, poderoso para lutar com o mal, poderoso emfim para arrostar com a miseria e triumphar da sorte. Estevão Colonna, tendo sido aprisionado pelos seus covardes aggressores, estes lhe perguntarão ironicamente: « Onde está agora a tua fortaleza? » — « Aqui, » respondeu elle com toda a altivez, pondo a mão sobre o coração. E' na adversidade que o character do justo brilha com dobrado esplendor; e quando tudo mais lhe vem a faltar, tem elle ainda um terreno em que é invencivel, — a sua integridade e o seu esforço.

As regras de comportamento seguidas por lord Erskine, — homem tão notavel pela alta independencia dos seus principios como pelo seu profundo amor á verdade, — são dignas da mais séria meditação dos moços. « Um dos primeiros mandamentos, um dos primeiros conselhos que recebi na minha mocidade, » dizia elle, « foi que sempre fizesse o que a minha consciencia me prescrevesse, e deixasse as consequencias ao arbitrio de Deos. Descerei ao tumulto, não só com a lembrança desta lição paterna, mas tambem com a convicção de a ter constantemente observado. Esta fidelidade, porém, não me tem imposto até ao presente o menor sacrificio temporal. Servio-me ella, pelo contrario, de meio para obter a prosperidade e a riqueza, e não deixarei de recommendar a meus filhos que nunca basquem outro. »

III.

A educação do character é em grande parte uma questão de exemplo; porquanto todos nós nos imbuimos insensivelmente no character, nos costumes, nos habitos e opiniões das pessoas que frequentamos. Os bons principios podem exercer grande influencia, mais muito maior é a que exercem os bons modelos; pois estes nos mostram a instrucção em acção, a sabedoria em exercicio. O que os bons conselhos edificão é logo destruido pelos máos exemplos; e eis a razão por que deve haver o maior cuidado na escolha dos companheiros, sobretudo na mocidade. Ha entre os moços uma affinidade magnetica que tende insensivelmente a faze-los parecerem-se uns com os outros. Edgworth estava intimamente convencido de que elles imitão ou contraem involuntariamente, pelo simples effeito da sympathia, o tom das pessoas com quem acompanhão; e pois, considerava como um ponto da mais essencial importancia ensinal-os a escolher os seus melhores modelos. « Ou boa companhia ou nenhuma, » tal era a sua divisa. Lord Collingwood, escrevendo a um mancebo seu amigo, dizia-lhe: « Seja vossa regra que *mais vale andar só que mal acompanhado*. Escolhei os vossos companheiros entre as pessoas que vos são iguaes ou superiores: o merito de um homem se reconhece sempre pelo da gente com que elle acompanha. » Assim como Sir Peter Lely punha constantemente o maior cuidado em não olhar para quadros ruins, por acreditar que o seu pincel se resentiria da imperfeição que nelles notasse; assim tambem deve cada um de nós abster-se de contemplar a miudo ou de frequentar individuos indignos e torpes, afim de não ser insensivelmente contaminado por taes modelos. « Não ha pessoa alguma, » costumava di-

zer o famoso Dr. Sydenham, « sobre quem o simples facto de haver fallado a um homem honrado ou a um improbo não possa, em um momento dado, exercer boa ou má influencia. »

O exemplo, comquanto seja mudo, instrue mais effizamente que os melhores mestres do mundo. Sua escola é a da vida prática, onde o ensino se dá por meio da acção, sempre muito mais convincente do que a palavra. O ensino oral pôde com effeito indicar-nos o caminho; mas é a força persistente e silenciosa do exemplo que, dominando-nos por meio dos habitos e combinando-se com a nossa propria natureza, nos arrasta consigo. Os bons conselhos são certamente valiosos; mas sempre que não forem acompanhados de bons exemplos, a sua influencia será relativamente insignificante; e se considerarmos bem, reconheceremos que a experiencia da vida nos mostra de ordinario os termos do adagio « Faze o que digo e não o que faço » invertidos e restabelecidos na sua ordem logica.

O exemplo, até mesmo nas cousas aparentemente triviaes, tem pois uma importancia tanto maior quanto se insinua de continuo na vida dos mais, e contribue forçosamente, quer no ponto de vista do bem, quer do mal, para a formação do seu character. E' assim que vemos o character dos pais reproduzir-se nos filhos, e os exemplos de affeição, de disciplina, de trabalho e de imperio sobre si mesmo que elles lhes dão quotidianamente perdurarem e continuarem a ter influencia, mesmo depois de achar-se de ha muito esquecido o que se aprendeu de cór. E eis porque certo sabio dizia que seus filhos erão « a sua vida futura. » O pai ou a mãe, pela simples maneira natural de viver e de exercer a sua influencia, vêm a imprimir no character do filho um cunho que nunca mais se apaga. E quem poderia dizer quantos mancebos, já em

ponto de se precipitarem no abysmo, hão parado e fugido da senda fatal, ao pensarem em algum parente muito amado cuja memoria não querião deshonrar, commettendo uma acção indigna ou entregando-se libentemente a pensamentos impuros? As cousas de nonada adquirem assim importancia e tornão-se susceptiveis de exercer influencia sobre o character dos homens. « Um beijo de minha mãe, » dizia West, « fez de mim um pintor. » E' da direcção dada á infancia por cousas aparentemente tão insignificantes que dependem principalmente a felicidade e a honra futura do homem feito. Na verdade, a influencia que os pais exercem quotidiamente sobre os filhos pela maneira por que se portão na presença delles é tamanha, que o melhor systema de educação paternal poderia quasi resumir-se nestas palavras: « Aperfeiçoa-te a ti mesmo. »

IV.

E' com effeito terrivel e solemne a idéa de não haver na vida do homem uma unica acção, um unico pensamento, de que não resulte uma serie de consequencias, cujos vestigios nos é impossivel investigar até ao fim; uma unica acção, um unico pensamento que, até certo ponto, não se reflecta em nossa vida, e não exerça insensivelmente influencia sobre as pessoas com quem acompanhamos. Um bom pensamento e uma boa acção nunca deixão de produzir os seus fructos, embora já não existamos para goza-los; mas o mesmo succede com as acções e os pensamentos detestaveis; e por mais obscura e insignificante que seja a nossa existencia, nem por isso podemos ter a certeza de que o nosso exemplo não produ-

zirá algum effeito, quer em bem, quer em mal. A vida do homem, mesmo neste mundo, participa verdadeiramente da immortalidade. Nenhum individuo no universo existe só e para si proprio; cada um de nós é parte constituinte de um todo solidario; e, por seus actos, augmenta ou diminue, emquanto ao presente e para sempre, a somma do mal ou do bem na humanidade. Assim como o presente tem as suas raizes no passado e a vida e os exemplos de nossos avós continuão a exercer sobre nós sua poderosa influencia, assim tambem todos nós, por nossos actos quotidianos, contribuímos para formar as condições de existencia e o character das gerações futuras. O homem vivo é um fructo desenvolvido e amadurecido pela cultura de todos os seculos precedentes. Gerações sem conto, cuja origem se perde em uma noute de mais de seis mil annos, se concatenão atrás de nós, cada uma com as mãos postas sobre os hombros da que lhe succeden, e a geração viva continúa a receber e a transmittir a corrente magnetica destinada a ligar, por uma série não interrompida de acções e de exemplos, o passado mais remoto á posteridade mais longingua. Não morrem completamente os actos de homem algum; seu corpo póde resolver-se em ar e pó, mas as suas boas ou más acções continuarão a dar fructos segundo a sua especie, e a exercer influencia sobre as gerações humanas em todos os tempos por vir: é neste facto grave e solemne que consiste o maior perigo e a grande responsabilidade da existencia humana.

Assim, todo acto que praticamos ou de que somos testemunhas, toda palavra que pronunciamos ou ouvimos, exerce uma influencia que fica dominando para sempre sobre nossa vida, e vai ao mesmo tempo affectar a propria constituição da sociedade em peso. Nem sempre é facil, e muitas vezes é até impossivel investigar em todas as suas ramificações os vestigios desta influencia entre nossos fi-

lhos, amigos e conhecidos; mas nem por isso é menos certo que ella existe, e quer a notemos ou não, a sua obra se consumma. Isto demonstra a immensa importancia do bom exemplo, ensino mudo que, em todos os dias da vida, o mais pobre e humilde dos homens póde dar. Ninguem, com effeito, pelo facto de ser humilissima a sua posição, fica dispensado de proporcionar aos seus semelhantes este simples e precioso ensino; e não ha condição miseravel que não possa deste modo tornar-se util; porquanto, a luz brilha tão fielmente no valle como no alto da collina. Sempre e em toda a parte, por mais desfavoraveis que sejam as circumstancias exteriores, nas choupanas perdidas no meio das charneças incultas, nas aldêas, nas travessas estreitas das grandes cidades, póde achar-se o perfeito homem de bem. Aquelle que cultiva um pedaço de terra pouco maior do que o preciso para a sepultura onde um dia descansará, póde trabalhar com tanta fé e esperanza e para um fim tão elevado, como o individuo que deve herdar uma grande fortuna. A officina mais humilde póde tornar-se, segundo a escolha de quem nella trabalha, uma escola de industria, de sciencia e de moralidade, ou uma escola de preguiça, de perversidade e de depravação. Tudo depende dos individuos, e do uso que elles fazem das occasiões que se lhes depáráo.

Uma vida sabiamente empregada, a honra do character escrupulosamente mantida, são uma herança, e bem valiosa, que legamos a nossos filhos e ao mundo; porquanto constituem a mais eloquente lição de virtude e a mais severa critica do vicio, e offerecem uma fonte perenne de riquezas incomparavelmente preciosas. Felizes os que podem dizer como Pope, rebatendo um sarcasmo de lord Hervey: « O que é certo é que meus pais, taes quaes erão, nunca me dérão motivos de envergonhar-me delles, e que seu filho, tal qual é, nunca os obrigou a derramar uma unica lagrima. »

V.

E', pois, essencial que os moços busquem a boa companhia e se esforcem sempre para realizar um ideal superior. Francisco Horner, fallando no proveito que colhera das suas relações pessoaes com homens de alta intelligencia e nobre character, dizia: « Não hesito em declarar que, relativamente ao progresso intellectual, lhes devo mais do que a todos os livros que tenho lido. » Lord Shelburne (marquez de Lansdowne) fez, na sua mocidade, uma visita ao veneravel Malesherbes, cuja presença o impressionou tão vivamente, que elle, passados annos, dizia: « Tenho viajado muito, mas nunca senti igual abalo á vista de nenhum outro homem; e se no decurso de minha vida eu praticar algum bem, estou certo que será por inspiração da lembrança do Sr. de Malesherbes. »

Com effeito, o trato com homens de bem nunca deixa de nos ser benefico, e ganhamos parte da graça de que elles estão cheios, assim como os passeadores conservão na roupa o aroma das flôres e dos arbustos por entre os quaes andarão a espairecer. Todos que conhecêrão intimamente John Stirling são unanimes em confessar a influencia benefica por elle exercida sobre as pessoas com quem tratava. Muitos lhe deverão o sentir pela primeira vez despertadas as suas mentes para uma vida mais elevada, e aprendêrão com elle o que erão e o que lhes cumpria ter sido. « Quem se achava em contacto com elle, » disse o Sr. Trench, « sentia-se de alguma sorte *ennobrecido* e, conforme sempre o experimentei quando deixava a sua companhia, *elevado* a uma esphera superior áquella em que de ordinario nos deixamos voluntariamente fi-

car. » Eis o genero de influencia que um nobre character nunca deixa de exercer : somos sublimados e esclarecidos por elle ; cedemos de força ao seu ascendente e nos habituamos a considerar as cousas como elle as considera : tão portentoso é o mysterio da acção e reacção dos espiritos uns sobre os outros !

VI.

Os artistas tambem se sentem elevados quando frequentão artistas que lhes são superiores. O genio de Haydn, por exemplo, accendeu-se pela primeira vez ao achar-se em contacto com Handel. Foi ouvindo este tocar que Haydn se apaixonou pela composição musical ; e elle mesmo cria que, se não se tivesse dado essa circumstancia, nunca houvera escripto *A Creação*. Fallando a respeito de Handel, Haydn costumava dizer : « Quando elle quer, fere como o raio, » ou senão : « Não ha uma só das suas notas que não produza effeito. » Scarlatti era outro fervoroso admirador de Handel. Viajou com elle por toda a Italia, e tamanho era o seu enthusiasmo pelo grande artista que, posteriormente, nunca fallava nelle sem persignar-se. Os verdadeiros artistas estão sempre dispostos a reconhecer generosamente a grandeza de seus collegas. Beethoven, por exemplo, votava a maior admiração a Cherubini, e saudou com enthusiasmo o genio nascente de Schubert : « Na verdade, » dizia elle, « Schubert bem mostra ser dotado do fogo sagrado. » Northcote, desde sua adolescencia, votou tamanha admiração a Reynolds, que achando-se um dia em uma reunião publica a qu assistia o grande pintor, rompeu pelo meio da multidão até chegar junto do artista, e conseguiu tocar-lhe na aba

da casaca; « isto, » dizia elle com um enthusiasmo juvenil que bem mostrava a sinceridade da sua admiração pelo genio de Reynolds, « causou-me a mais viva satisfação. »

VII.

Uma das provas mais notaveis da força do exemplo é a que nos dão os bravos com o seu poder de esforçar os pusillanimes, de lhes communicar a sua intrepidez e de arrastal-os por meio da sua simples presença. Tal é a razão dos portentosos rasgos de valor que tantas vezes vemos serem praticados por homens aliás muito mediocres, mas guiados por chefes heroicos. A simples memoria dos altos feitos de valor é como um tambor que toca a avançar, como um clarim que manda a cavallaria carregar sobre o inimigo. João Ziska, para continuar mesmo depois de morto a inflammam o valor dos Bohemios, não se contenta com lhes legar a memoria das suas façanhas; deixa-lhes tambem a sua pelle e ordena que fação della um tambor. Morto Scanderbeg, os Turcos dividem entre si os seus ossos; cada um quer trazer um pedaço delles sobre o coração, afim de se sentir pêntrado de parte da coragem de que fôra dotado o guerreiro, e de que lhes déra tantas provas nos combates. Quando o bravo Douglas levava para a Palestina o coração de Bruce, vio de repente um dos seus cavalleiros cercado pelos Sarracenos, que o atacvão por todos os lados: n'um rasgo de generosa intrepidez, tira elle do pescoço a urna de prata que continha o coração do heróe, e, arremessando-a no ponto em que mais renhida estava a peleja, exclama: « Sê hoje como sempre o primeiro no combate, e que Douglas te siga ou morra! » Dito isto, penetra no esquadrão inimigo, e, traspassado de golpes, vai cahir justamente junto do coração do seu amigo.

VIII.

A principal utilidade das biographias consiste em ellas nos offerecerem grande cópia de nobres exemplos que nos podem servir de modelos. Nossos gloriosos maiores continuão a viver, não só na nossa lembrança, senão tambem na memoria dos altos feitos por elles praticados, e que por seu turno são impereciveis; assentão-se com nosco á mesa; servem-nos de guia e de auxilio, e nos ministrão, para maior beneficio nosso, exemplos que podemos todos os dias estudar, admirar e imitar. Na realidade, todo aquelle que deixa memoria de uma nobre vida, lega á posteridade uma fonte de bens inexaurivel: porquanto essa vida é para os seus semelhantes um modelo por que elles poderão em todos os tempos guiar-se, que sempre lhes infundirá novo ardor e os ajudará a reproduzil-a, sob outras fórmãs, sim, mas com todas as bellas qualidades do varão que della foi o heróe. Eis a razão por que o livro que contém a vida de um homem virtuoso encerra sementes de subida valia. « E', » para nos servirmos das palavras de Milton, « a parte mais pura e preciosa do sangue de um espirito preclaro, embalsamado e conservado para uma segunda vida. » A's vezes, reconhece-se um moço em uma biographia, como Corregio, que, sentindo o primeiro assomo do seu genio ao contemplar as obras de Miguel Angelo, exclamou: « Tambem eu sou pintor! » Sir Samuel Romilly confessa, na sua auto-biographia, a poderosa influencia que sobre elle exercera a vida do grande e generoso chanceller francez d'Aguesseau. « Tendo comprado as obras de Thomaz, » diz Sir Romilly, « li com admiração o seu *Elogio de d'Aguesseau*; e a honra de que elle mostrava ter-se coberto este illustre magistrado

excitou-nos no mais alto gráo a ambição e o ardor e abriu á minha imaginação uma nova perspectiva de gloria. »

Franklin costumava attribuir a utilidade e a eminencia do papel que representára ao facto de ter lido na sua mocidade os *Ensaíos sobre a arte de praticar o bem*, de Cotton Mather, livro em que Mather nada mais fizera do que escrever a sua propria vida. E (vêde como um bom exemplo produz outro e se propaga no mundo inteiro através das gerações!) Samuel Drew declarou que tomára para modelo de sua propria vida, sobretudo nos negocios, o typo de Benjamin Franklin. Assim que é impossivel dizermos até onde se estenderá um bom exemplo e onde findará, se é que com effeito elle pôde ter fim. Isto nos mostra a conveniencia que ha, tanto na vida como em litteratura, de preferirmos a melhor companhia, de lermos os melhores livros, e de admirarmos e imitarmos discretamente o que nelles houver de mais perfeito. « Em materia de litteratura, » dizia lord Dudley, « prefiro sempre a melhor companhia, que se compõe sobretudo para mim de antigos conhecidos, com os quaes desejo familiarizar-me cada vez mais; e me parece que no maior numero de casos ha mais proveito, e até mesmo divertimento, em reler um livro velho do que em ler um novo pela primeira vez.

IX.

Tem-se visto ás vezes livros que continhão nobres exemplos, colligidos ao acaso e com o unico fim de distrahir o leitor, despertarem faculdades a respeito de cuja existencia não se formára até então a menor conjectura. Alfieri apaixonou-se pelas letras ao ler a *Vida dos varões illustres*, de Plutarcho. Loyola, bravo e gentil official, combatendo

no cerco de Pampeluna, foi gravemente ferido em uma perna. Durante a sua convalescença pediu um livro para se distrahir. Derão a *Vida dos Santos*, e, lendo-a, sentio elle encender-se de tal sorte o seu espirito, que resolveu immediatamente votar-se á fundação de uma ordem religiosa. Luthero tambem se determinou a emprehender os trabalhos que tornárão a sua vida para sempre memoravel, ao ler a *Vida e os escriptos de João Huss*. O Dr. Wolff reconheceu-se com vocação para missionario quando leu a *Vida de S. Francisco Xavier*; desde então sua alma se sentio dominada da mais sincera e ardente paixão pela empreza á que elle devia consagrar toda a sua vida. Emfim, foi lendo as *Viagens do capitão Cook* que Guilherme Carey concebeu a idéa de emprehender os sublimes trabalhos por meio dos quaes tanto se distinguio como missionario.

Francisco Horner costumava tomar nota dos livros que haviam exercido sobre elle mais grata e duravel influencia. Entre esses livros achavão-se o *Elogio de Haller*, por Condorcet, os *Discursos de Sir Joshua Reynolds*, as *Obras de Bacon* e a *Vida de Sir Matheus Hale*, por Burnet. Horner diz que a leitura deste ultimo livro, — pintura de um prodigio de trabalho, — o encheu de enthiasmo. A respeito do *Elogio de Haller* por Condorcet, diz: « Nunca largo este livro sem sentir em todo o meu ser um intimo abalo que nem mesmo sei definir, porquanto participa elle a um tempo da admiração, da ambição e do desespero. » Quanto aos *Discursos de Sir Joshua Reynolds*, eis o que elle diz: « Depois dos escriptos de Bacon, não ha livro que mais poderosamente contribuisse para a resolução que tomei de me instruir. Reynolds é um dos primeiros homens de genio que se dignárão de revelar ao mundo o caminho por onde podemos chegar á excellencia; graças á convicção com que elle préga a omnipoten-

cia do trabalho, vem o leitor a familiarizar-se com a ideia de que o genio é antes uma aquisição do que um dom da natureza; e a tudo isto se ajunta tão natural e eloquentemente tamanha e tão fervorosa admiração pelo bello, que, tudo bem pesado, não ha leitura mais *seductora*. » O proprio Reynolds (cousa notavel!) dizia que o entusiastico ardor com que se havia applicado ao estudo da sua arte proviera de elle ter lido a biographia de um pintor illustre, escripta pelo novellista Richardson; e posteriormente Haydn, por seu turno, sentiu irresistivel inclinação para a mesma carreira ao lêr a biographia de Reynolds. Assim a vida de um unico homem que se distingue pela energia e persistencia de suas aspirações basta para acender o fogo sagrado em todos aquelles que teem os mesmos gostos e as mesmas aptidões, e para garantir a mesma distincção e a mesma gloria a todos aquelles cujos esforços são igualmente vigorosos. A cadeia do exemplo abrange d'esta sorte todas as idades na successão infinita dos seus anneis, e a admiração, mãi da imitação, perpetua através dos seculos a verdadeira aristocracia, a do genio.

X.

Um dos mais preciosos e efficazes exemplos que podem ser dados á mocidade é o da alegria no trabalho; e pois, mui judiciosamente ponderou um homem de bem que o bom humor constitue os nove decimos do christianismo, e que a leda assiduidade com que nos votamos ao trabalho está n'aquella mesma razão para a sabedoria prática. A alegria dá com effeito elasticidade ao espirito, afugenta os espectros, e obsta a que o sentimento das difficuldades

chegue alguma vez a degenerar em desespero; e isto assim succede porque o espirito, acommettendo as difficuldades com a animação da esperança, adquire o invejavel habito de aproveitar as circumstancias, habito que de raro deixa de garantir o bom exito. Um espirito fervoroso é sempre feliz e robusto: trabalhando com leda diligencia, estimula os mais no trabalho, e reveste de dignidade as mais vulgares occupações. De resto, o trabalho mais productivo é sempre o que se faz com amor, o que sahe das mãos ou da cabeça do homem em cujo coração está de assento a alegria. Eis a razão porque Hume dizia que ter por unica fortuna um character prazenteiro, sempre disposto a vêr as cousas pelo lado mais seductor, era incomparavelmente melhor do que ter um character sorumbatico e dez mil libras de renda.

E cabe ponderarmos aqui quanto o character póde ser fortalecido e mantido pela cultura dos bons habitos. Se o habito, conforme se diz, é uma outra natureza, tambem o proprio homem nada mais é do que uma amontoação de habitos. Metastasio tinha tão intima convicção da effiacia da repetição dos mesmos actos e pensamentos, que costumava dizer: « Tudo no homem é habito, até mesmo a virtude. » Butler, na sua *Analogia*, affirma que o imperio que exercemos sobre nós mesmos e a firme resistencia que oppomos á tentação tendem a fazer da virtude um habito; de maneira que, segundo elle, torna-se-nos com o andar do tempo mais facil praticar o bem do que ceder ao peccado. « Assim como os habitos do corpo, diz Butler, são produzidos pelos actos exteriores, assim tambem os do espirito são produzidos pela execução das resoluções internas, isto é, pela realização pratica dos principios de obediencia, de veracidade, de justiça, de charidade. » E Lord Brougham, por seu turno, fallando na immensa importancia que ha em dar uma boa educação

e bons exemplos á mocidade, diz: « Em tudo e para tudo n'este mundo, confio no habito, com o qual sempre hão particularmente contado tanto o legislador como o pedagogo; no habito, que torna tudo facil, e graças ao qual só achamos difficuldade no que se desvia da regra de comportamento por nós adoptado. » Assim que, se tivermos adquirido o habito da sobriedade, aborreceremos a intemperança, e se nos tivermos habituado á prudencia, consideraremos a incuria do prodigo como uma cousa indigna e que não póde de maneira alguma coadunar-se com os principios por que se rege o nosso comportamento individual. D'onde se conclue que muito nos importa estar sempre alerta, afim de repellirmos com toda a energia as invasões de qualquer máo habito: pois o ponto mais fraco do character é sempre aquelle em que já fomos vencidos uma vez; e immenso tempo se passará primeiro que um principio restaurado se torne tão firme como o que nunca foi abalado. « Os habitos, diz tão judiciosa quão engraçadamente um escriptor russo, são como um collar de perolas; desatai o nó, e vereis logo todo o collar desmanchado. »

Seja qual fôr a maneira por que se haja formado, o habito, logo que de nós se apodera, exerce a sua influencia ás surdas e sem esforço, e só reconhecemos a força por elle adquirida quando nos determinamos seriamente a extirpal-o. A repetição frequente de um acto qualquer creá bem depressa a aptidão e a inclinação; e o habito que a principio nos parece não ser mais forte que uma teia de aranha, em chegando a formar-se, acaba por mudar-se em uma corrente de ferro. Os acontecimentos ordinarios da vida, considerados isoladamente, tambem podem parecer pouco importantes; mas elles são como a neve que cahe silenciosamente, froco por froco, e que de todos esses frocos accumulados fórma por fim a temerosa mole que se despenha do alto das montanhas.

XI.

O respeito de si mesmo, a iniciativa individual, a applicação, a industria, a integridade dependem da natureza dos habitos e não da das crenças. Os principios, na realidade, nada mais são do que os nomes que damos aos habitos; porquanto os principios são palavras, mas os habitos são as proprias cousas: nossos bemfeitores ou nossos tyrannos, conforme forem bons ou máos. D'esta maneira, á medida que envelhecemos, parte de nossa individualidade e de nossa livre actividade se muda em habito; nossas acções vêm assim a participar da natureza do destino; e com o andar do tempo nos chamamos carregados de grilhões, por nós mesmos forjados.

Na verdade, fôra impossivel fazer-se uma idéa bastante elevada da importancia que ha em constituirem os habitos virtuosos a base da educação dos moços. É na mocidade que os habitos se formão mais facilmente, e, depois de formados, durão por toda a vida: como as letras gravadas na casca de uma arvore, elles crescem e alargão-se com o tempo. O homem maduro continúa a ceder ao habito que contrahio na sua mocidade. O principio, na realidade, contém o fim. *O primeiro passo é que custa*; e deste primeiro passo dependem a direcção e o fim da viagem. « Não esqueçais, dizia lord Collingwood a um mancebo seu amigo, que, antes de completardes os vinte e cinco annos, deveis estar com o vosso character já formado, e para toda a vida. » Como os habitos se fortalecem com a idade, e é tambem com a idade que se fixa o character, torna-se-nos cada vez mais difficil, á medida que envelhecemos, a escolha de uma nova carreira. Eis a razão por que muitas vezes é mais difficil desaprender do que apren-

der; e nenhuma injustiça praticava, á vista disto, o flautista grego, quando exigia dobrada paga dos discipulos que já haviam estudado com outro mestre, seu inferior. A extracção de um máo habito é infinitamente mais dolorosa e immensamente mais difficil que a de um dente bem arraigado. Tentai converter um homem em quem a preguiça, a intemperança e a prodigalidade se hajão mudado em habitos, e na immensa maioria dos casos serão baldados os vossos esforços; porquanto nesta hypothese o habito, confundido com a propria vida, constituindo uma parte integrante della, já não pôde ser extirpado. Mui judiciosamente disse, pois, o Sr. Lynch que o melhor dos habitos é o que consiste em nos esforçarmos por adquirir sómente os bons.

Até a felicidade pôde mudar-se em habito. Com effeito, podemos nos acostumar a ver tudo côr de rosa, da mesma maneira que outros se acostumão a só ver as cousas pelo lado mais triste. O Dr. Johnson, fallando a este respeito, chegou a dizer que o habito de ver as cousas pelo lado risonho valia muito mais para o homem que vinte e cinco mil francos de renda. Ora, como possuímos em alto gráo a faculdade de fazer que os nossos pensamentos tenham por fim objectos que redundem em prazer e progresso para nós, evitando tudo quanto nos possa penalisar ou abater o animo, segue-se que, deste modo, podemos cultivar o habito dos pensamentos prazenteiros, com a mesma facilidade com que cultivariamos qualquer outro; e cultivar em todos, homens e mulheres, um genio alegre, um character franco, uma grata disposição de espirito, talvez fosse muito mais importante do que aperfeçoal-os em qualquer sciencia ou arte que constituão meras prendas.

XII.

Assim como a luz do dia penetra pela mais pequenina fenda, assim tambem o character do homem se revela nos actos apparentemente insignificantes que elle pratica. Na verdade, o character individual nada mais é do que o resultado de uma infinidade de actosinhos justa e honrosamente praticados; e a vida de cada dia é a pedreira donde tiramos os materiaes que, depois de aperfeiçoados e polidos, terão de formar os nossos habitos. Uma das mais infalliveis pedras de toque do character é o modo por que nos portamos no trato social. Maneiras affaveis tanto para os nossos superiores, como para os nossos inferiores e iguaes, são uma fonte perenne de satisfação. Agradão ellas necessariamente a todos, porquanto indicão um certo respeito tributado á sua personalidade, mas causão dez vezes mais prazer a nós mesmos. Todo homem póde adquirir boas maneiras, e esta aquisição, como qualquer outra, depende de nós em grande parte. Com effeito, para sermos polidos e attenciosos, basta que o queiramos ser: tanto póde ser polido e attencioso o millionario, como o individuo que nada tem de seu. Muito mais efficaz que a da fama e a da força e tambem muito mais fecunda, a influencia da affabilidade no mundo é como a da luz que, comquanto opere em silencio, nem por isso deixa de jubilar toda a natureza. Abre ella caminho lenta e tranquillamente, como a abratea que, pela simples persistencia do seu crescimento, vem por fim a levantar e a lançar para um lado a terra que a cobre.

XIII.

Os usos e os costumes, que dão á vida um aspecto peculiar, são muito mais importantes que as leis, as quaes apenas constituem uma das manifestações da propria vida. A lei, com effeito, só exerce sobre nós uma influencia relativa, mas os usos e os costumes nos dom inão absolutamente, e penetrão no seio da sociedade com o o ar ambiente que respiramos. As boas maneiras, como as chamamos, nada mais nem menos são que a affabilidade do comportamento. Por meio dellas é que se manifestão a cortezia e a benevolencia; e a benevolencia é o elemento preponderante em todas as relações sociaes em que os homens podem mutuamente achar prazer ou proveito. « A polidez, dizia Lady Montagne, nada custa, e com ella obtemos tudo. » A cousa menos dispendiosa que ha no mundo é a bondade; não exige ella trabalho algum nem sacrificios. « Captivai os corações, dizia Burleigh á rainha Isabel, e bolsas e corações serão vossos. » Se deixassemos a natureza operar com a sua genuina bondade, livre de affectação e de artificio, os thesouros de contentamento e de ventura que ella proporcionaria á sociedade serião incalculaveis. As attencoesinhas que formão, por assim dizer, os trócos da vida, podem ter isoladamente mui pouco valor intrinseco; mas com a frequencia e a accumulção se tornão importantes. É o mesmo caso das economias de moedinhas insignificantes ou de minutos, que, no fim do anno ou da vida de um homem, produzem, segundo a opinião geral, incriveis resultados.

As maneiras são o ornato da acção; e ha um modo de dizer uma palavra agradavel ou de fazer um obzequio que lhes augmenta enormemente o valor. O que parece feito

contra a vontade ou por méra condescendencia é de raro aceito como um favor. Todavia, ha homens que se gabão da sua rispidez; não obstante os seus talentos e virtudes, achão elles meios de tornarem-se, pelos seus modos, quasi insupportaveis. E' difficil amarmos um homem que se abstem, é certo, de nos esbofetear, mas para quem é um prazer sem igual o offender-nos na nossa consciencia ou dizer-nos causas desagradaveis. Outros tomão ares horriveis de protecção, e não perdem a occasião, por mais insignificante que ella seja, de ostentar a sua grandeza e a sua consciencia. Quando Abernethy quiz se empregar como cirurgião no hospital de S. Bartholomeu, foi fallar a um personagem desta especie, rico tendeiro e um dos administradores do hospital. O grande homem, — fallamos do tendeiro, — ao ver o cirurgião entrar na loja, revestio-se de um ar magestoso para receber o candidato que, julgava elle, lhe vinha pedir o voto. « Presumo, senhor, disse-lhe, que, nesta época critica de vossa vida, careceis do meu voto e da minha influencia. » Abernethy, que não podia supportar nullidades apavonadas, ficou ardendo ao ouvir aquellas palavras insolentes, e exclamou: « Não, não ha tal! entrei aqui para comprar dous soldos de figos; eia, embrulhai-os quanto antes; estou com muita pressa! »

XIV.

O requinte das maneiras, que se torna summamente ridiculo quando degenera em excesso, é, não obstante, indispensavel aos que se achão encarregados de negocios importantes. Póde-se até considerar a affabilidade e a polidez como essenciaes aos triumphos dos que occupão

uma posição eminente e vivem nas altas regiões da sociedade; e tem-se visto mui frequentemente a falta desta virtude social neutralisar em grande parte os resultados que se podião esperar do amor do trabalho, da integridade, da honradez do character. Ha sem duvida no mundo um certo numero de espiritos a um tempo superiores e tolerantes que se desculpão os defeitos e as angulosidades das maneiras e prêferem achar nos individuos qualidades mais solidas; mas a sociedade em geral não é tão tolerante, e, muitas vezes, até nem pôde deixar de tomar o comportamento do homem para base dos seus juizos e preferencias.

O respeito para com as opiniões alheias é outra maneira de mostrarmos verdadeira polidez. Já alguém disse que o dogmatismo era a fatuidade em estado de madurez; e por certo, de todas as fórmulas que esta qualidade pôde revestir, a peor é a da obstinação e da arrogancia. Concedão, pois, os homens uns aos outros, de uma vez para sempre, a liberdade de não serem perfeitamente semelhantes, e, dada esta inevitavel differença, aprendão a supportar-se e a tolerar-se taes quaes são. Cada qual pôde sustentar os seus principios e opiniões com perfeita brandura, sem empregar palavras virulentas nem vias de facto; e casos ha em que as palavras são pancadas, e causão feridas de muito mais difficil cura. A este respeito citaremos uma parabola mui instructiva de que se servio ha algum tempo um prégador itinerante da Alliança Evangelica, que se achava então nos confins do paiz de Galles: — « Caminhando um dia para as montanhas, pouco antes de amanhecer e no meio de densa cerração, avistei, disse elle, na encosta de uma collina uma cousa que se movia e parecia tão estranha, que a tomei por um monstro. Quando me achei mais perto daquelle vulto, vi que era um homem. Parei por fim diante, e vi que era meu irmão. »

A polidez innata que se deriva da rectidão do coração e da benevolencia dos sentimentos não é privativa de nenhuma classe, de nenhuma posição social. O operario póde possuil-a do mesmo modo que o ecclesiastico ou o senador. A incivilidade e os modos asselvajados nunca foram nem podem ser uma das condições necessarias do trabalho. A polidez e a amenidade por que se distinguem todas as classes da sociedade entre muitos povos do continente bem provão que aquellas qualidades podem ser adquiridas por todos os homens em geral, — como de certo o serão um dia, graças ao progresso da educação e á extensão das relações sociaes, — sem que para isso se torne indispensavel o sacrificio de qualquer das qualidades solidas por que nos podemos distinguir como homens ou como povos. Desde a mais elevada até a mais humilde, desde a mais rica até a mais pobre, não ha classe alguma, nem condição alguma social a que a natureza haja negado o mais precioso dos seus dons, um coração magnanimo. E, pois, nunca tereis de certo visto um perfeito cavalheiro que não possuísse um nobre coração; e este nobre coração tanto póde pulsar sob a japonsa grosseira do campones como sob a farda bordada do fidalgo.

XV.

O verdadeiro cavalheiro (assim designamos tanto o que é fidalgo dos quatro costados, como o que descende de pais obscuros) é aquelle cujo character se ha formado em conformidade com os mais sublimes modelos. E' um antigo e grande nome o de cavalheiro, e um nome a que sempre se ha associado a idéa de alta posição e do poder. « O cavalheiro nunca se desmente, dizia o velho general

francez ao seu regimento de cavalheiros escossezes no Russilhão, e é no momento da necessidade e do perigo que elle mostra invariavelmente o que é. » Um tal character está sempre revestido de uma dignidade que concilia o respeito instinctivo de todos os espiritos generosos; e até mesmo aquelles que menos deslumbrados podem ser por titulos ou pela importancia das posições acatão de bom grado o verdadeiro fidalgo. Suas qualidades não são devidas á moda ou aos costumes da época, têm um valor real; não dependem de possessões, mas de qualidades pessoaes. O Psalmista o define em poucas palavras, quando falla no varão que « observa a integridade, faz o que é justo, e diz a verdade conforme a tem no coração. »

O cavalheiro se distingue eminentemente pelo respeito que vota a si mesmo. Prêza elle no mais subido gráo o seu character, não tanto por se preoccupar com o que a sociedade possa pensar a seu respeito, como pelo que elle proprio pensa a respeito de si mesmo, e para merecer a approvação da sua consciencia. E assim como se respeita a si, assim tambem, e pela mesma razão, respeita os seus semelhantes. A humanidade é sagrada para elle; e é deste sentimento que procede a sua polidez e a sua tolerancia, a sua benevolencia e a sua caridade. Dizem que lord Eduardo Fitzgerald, viajando um dia em companhia de alguns Indios no Canadá, ficou profundamente commovido ao ver uma misera mulher arrastar-se á custo carregando a bagagem de seu marido, ao passo que este caminhava altivamente, sem levar a minima carga. Lord Eduardo não pôde conter-se, e para alliviar a triste mulher, pôz aos seus proprios hombros a carga com que ella mal podia: admiravel exemplo daquella *polidez de coração* que é a civilidade de todo homem verdadeiramente nobre.

O verdadeiro cavalheiro tem um vivo sentimento da honra e evita escrupulosamente toda a acção ignobil. O

seu modelo, tanto nas acções como nas palavras, é um alto ideal de probidade. Nunca o vereis empregar ardis nem tergiversar, e nem tão pouco recorrer á fraude ou á dissimulação: é honesto, justo, integro. Sua lei é a rectidão, — a acção em linha recta. Quando elle diz *sim*, este seu *sim* tem força de lei; e, quando fôr preciso, tambem não hesitará em dizer resolutamente *não*. Inaccessível á corrupção, deixa que as almas vis e sem principios commettão a infamia de se venderem áquelles que têm interesse em compra-las. E' como o integro Jonas Hanwey que, exercendo o emprego de intendente dos viveres, nunca aceitava presentes dos fornecedores: premunindo-se assim contra a influencia que poderião, máo grado seu, desvia-lo do recto cumprimento dos seus deveres publicos. O mesmo se póde dizer do que de Wellington. Pouco tempo depois da batalha de Assaye, o primeiro ministro da côrte de Hyderabad foi uma manhã visital-o, afim de saber d'elle, em particular, que territorio e vantagens haviam sido concedidos ao rei seu amo no tratado de paz celebrado entre os principes Marates e o Nizam. Para obter esta informação, o ministro ousou offerecer ao general uma quantia avultadissima, mais de 2,500,000 francos. Sir Arthur pôz-se a olhar para elle mui tranquillamente, e, ao cabo de alguns minutos, disse-lhe: — « Creio que sois capaz de guardar um segredo? » — « Oh! de certo, respondeu o ministro, » — « Pois eu sou tão discreto como vós, » disse o general; e, sorrindo-se, despedio o ministro envergonhado e confuso. Para se fazer idéa da integridade de Wellington, basta dizer-se que, não obstante seus constantes triumphos na India, e máo grado os numerosissimos ensejos que se lhe offerecêrão para adquirir uma immensa fortuna, achou-se elle relativamente pobre, quando voltou para Inglaterra. A mesma susceptibilidade e o mesmo desinteresse caracterisavão seu no-

bre parente, o marquez de Wellesley, que um dia tambem recusou um dom de 2,500,000 francos que lhe que-rião fazer os directores da companhia das Indias orientaes, por occasião da conquista do Mysore. « Não se trata, respondeu elle, de fallar agora na independencia de meu character, nem na dignidade particular do meu cargo; estas importantes considerações não são as unicas que me determinão a recusar um presente que não convem-me de modo algum. *Primeiro que tudo cumpre-me assegurar o bem-estar do nosso exercito*; e muito me affligiria ficar com a minima parte do que toca aos nossos bravos soldados.» E o marquez se manteve inabalavel na sua resolução.

XVI.

As riquezas e o nascimento não têm connexão alguma necessaria com as qualidades que constituem o verdadeiro cavalheiro. O pobre pôde ser, sob todos os pontos de vista, um verdadeiro cavalheiro. Pôde ser honrado, veridico, justo, polido, sobrio, energico, independente, cheio de respeito para consigo mesmo, em uma palavra, um verdadeiro cavalheiro. O homem pobre de fortuna, mas rico de coração, é a todos os respeitos superior ao homem rico de fortuna mas pobre de coração. Para fallarmos como S. Paulo, aquelle « parece não ter cousa alguma de seu, e não obstante possui todas as cousas, » ao passo que este parece possuir todas as cousas, e na realidade nada tem. O primeiro espera tudo e nada teme; o segundo nada espera e teme tudo. Os unicos pobres são os pobres de coração. O homem que, tendo perdido tudo, conserva a energia, a igualdade de alma, a esperança, a virtude e o respeito de si mesmo, é ainda rico. Para este, o mundo,

por assim dizer, está guardado em deposito; seu espirito alça-se acima dos cuidados mesquinhos, e nada o impede de trazer a frente erguida, como verdadeiro cavalheiro que é.

Não é raro vemos pulsar no peito do homem mais pobre e obscuro um coração esforçado e bondadoso. Citaremos a este respeito uma anecdota um tanto velha, mas lindissima. Um dia, n'uma cheia repentina do Adige, a ponte de Verona foi levada pela agua, á excepção do arco central sobre o qual havia uma casa cujos habitantes, debruçados nas janellas, bradavão por soccorro. O arco abria-se insensivelmente. « Cem luizes, bradou o conde Spolverini, a quem se quizer arriscar para salvar aquella familia! » Um joven camponez sahio d'entre a multidão, metteu-se n'um batel e pôz-se a remar para o meio do rio. Tendo conseguido chegar, não sem difficuldade, ao lugar do perigo, recebeu toda a familia na sua embarcação e tornou para terra, onde os miseros desembarcárão sãos e salvos. « Aqui tendes o vosso dinheiro, meu bravo, disse então o conde ao camponez. » Mas este respondeu: « Não arrisco a minha vida por dinheiro; dai isso a esta pobre familia que se acha reduzida a tamanha miseria. » O espirito do verdadeiro cavalheiro fallava pela boca do joven camponez.

O Sr. Turnbull, referindo na sua obra sobre a Austria, as qualidades pessoas por que os principes daquelle paiz se fazem amar do povo, conta uma linda anecdota do fallecido imperador Francisco. Na época em que o cholera grassava em Vienna, o imperador, passando nas ruas da cidade e dos arrabaldes, seguido de um ajudante de campo, encontrou um cadaver que levavão para o cemiterio em uma padiola; não se via pessoa alguma acompanhando o defunto. Admirado de uma circumstancia tão extraordinaria, o imperador pediu explicações, e soube que

aquelle cadaver era o de um pobre que morrêra do cholera; os parentes não o acompanhavão ao cemiterio porque naquella quadra considerava-se como perigosissimo o cumprimento desse pio dever. — *Pois bem*, disse Francisco, *nós os substituiremos, porque não quero que os meus pobres subditos sejam assim enterrados sem a menor demonstração de respeito*; e acompanhou o cadaver até um cemiterio distante, onde, descoberta a cabeça, se demorou até ao fim das ceremonias religiosas. »

XVII.

O verdadeiro cavalleiro tem sobretudo horror á mentira. Sente que a verdade é o coroamento da vida e a alma da justiça nos negocios humanos. Lord Chesterfield, tendo de definir um cavalleiro, disse « que era aquelle que devia os seus triumphos á verdade; » e nunca pronunciou elle palavrás que mais merecessem os sympathicos applausos dos seus compatriotas. O duque de Wellington, que tinha profundo horror á mentira, escreveu a Kellermann, que commandava então as forças francezas na Hespanha, para lhe dizer que os officiaes inglezes prezavão duas cousas mais que tudo neste mundo, a sua veracidade e o seu valor. « Quando officiaes inglezes, dizia elle, devem a sua palavra promettendo não fugir, ficai certo que elles a cumprirão. Crêde-me, confiai nelles a palavra de um official inglez é uma garantia mais infallivel que a vigilancia das sentinellas. »

XVIII.

A verdadeira coragem e a bondade andão juntas de ordinario. O homem verdadeiramente bravo é generoso e paciente, nunca implacavel nem cruel. E isto é tão certo, que, para elogiá-lo o celebre navegante Sir João Franklin, seu amigo Parry dizia: «Era um homem que nunca virava as costas ao perigo, comquanto fosse dotado de tal brandura de coração, nem tinha animo de matar um mosquito.

Um bello rasgo, verdadeiramente nobre e digno do espirito heroico de Bayard, foi o que praticou um official francez, no combate de cavallaria d'El Bodon, na Hespanha. Lançara-se elle de espada levantada sobre Sir Fulton Harvey, e já o ia ferir, quando notou que o seu antagonista só tinha um braço: parou immediatamente, abaixou a espada diante de Sir Fulton, e, saudando-o, partio a galope.

Ha uma infinidade de signaes que nos ajudão a reconhecer o verdadeiro cavalheiro; mas, d'entre todos, é este o infallivel: como exerce elle a sua autoridade para com os seus subordinados? qual é o seu procedimento para com as mulheres e as crianças? como trata os seus soldados, se é official; seus operarios, se é dono de fabrica; seus discipulos, se é mestre; e, como homem, os que são mais fracos do que elle? A discrição, a paciência, a bondade com que usamos da nossa autoridade em certas circumstancias, são na verdade a mais rigorosa prova por que pôde passar um nobre character. O homem que abusa da sua autoridade para com aquelles que não se achão em posição de lhe resistir, pôde ter-se em conta de grande personagem, mas nunca será um cavalheiro; e se tyrannisa o fraco e o humilde, não é um homem, senão um co-

varde. O tyranno, conforme já alguém disse mui judiciosamente, nada mais é que o avesso de um escravo. A força e a confiança que elle inspira dão uma grande nobreza ao character do homem, quando este é dotado de coração bem formado; mas importa que o justo saiba usar da sua força de gigante, mas é tyrannia servirmos-nos della como um gigante. »

A brandura é na verdade a melhor prova da nobreza do character. O verdadeiro cavalheiro mostrar-se-ha, pois, no seu comportamento, cheio de atenções para com os sentimentos dos seus semelhantes; será affavel, quer para com os inferiores e subordinados, quer para com os seus iguaes, e lhes respeitará sempre a dignidade pessoal; preferirá mil vezes soffrer um leve prejuizo, só para não correr o risco de commetter uma grande injustiça interpretando desfavoravelmente o procedimento de outrem; tolerará as fraquezas, os erros, os defeitos dos que na vida não forão tão bem aquinhoados como elle; será compassivo até mesmo para com os animaes; não se gabará das suas riquezas, nem dos seus talentos; saberá fazer um obsequio sem a menor demonstração de arrogancia; será daquelles a quem se poderá applicar este dito de Walter Scott a respeito de lord Lothian: « E' um homem de quem se póde receber um favor, e isto, na actualidade, já não é pouco. »

O velho Fuller, com a originalidade que o caracteriza, resumio em algumas palavras o character do verdadeiro cavalheiro e do homem de acção, quando representou o almirante Sir Francisco Drake como « um homem de vida pura, justo no commando e fiel á sua palavra; benigno para com os seus subordinados e inimigo e encarniçado da preguiço; affeito a nunca descansar, principalmente nos negocios importantes, sobre o zelo de pessoa alguma, por mais habil e digna de confiança que ella fosse; des-

preza
em fi
hom
prova

prezador do perigo e de toda e qualquer fadiga; resolvido enfim a mostrar-se (ajudado ou não) tal qual deve ser o homem em todas as conjecturas em que lhe incumbe dar provas de energia, de habilidade ou de intrepidez. »

FIM.

